

ROBIN

Atitor de *Cromossomo 6* e *Coma*

COOK

VÍRUS

Consagrado pela crítica americana como o
melhor romance de Robin Cook desde *Coma*





ROBIN COOK

VÍRUS

Tradução de
CRISTINA MAGALHÃES MACHADO

2ª EDIÇÃO



EDITORIA RECORD

Título original norte-americano
OUTBREAK

Copyright © 1988 by Robin Cook
Todos os direitos reservados pelo autor em todo o mundo.

Ilustração da capa:
Copyright © 1987 by Don Brautigarn

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa no Brasil
adquiridos pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 — 20921 Rio de Janeiro, RJ — Tel.: 580-3668 que
se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil
ISBN 85-1-031773-9

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 231.052 - Rio de Janeiro, RJ - 20922

Contracapa

Robin Cook, o autor consagrado de *Coma*, *Febre*, *Médico ou semideus* e *Servidão Mental*, volta à cena com um romance assustador. Crime e mistério atingem proporções epidêmicas quando uma peste devastadora varre o país, matando todos que encontra pelo caminho. A Dra. Marissa Blumenthal, do Centro de Controle de Doenças de Atlanta, chefia as investigações — e logo descobre o segredo mais palpitante do mundo médico.

Assustador, angustiante e terrivelmente real.

Vírus mostra Robin Cook no melhor de sua forma.

Orelhas

Seu mais angustiante e oportuno romance de horror médico desde *Coma*, em *Vírus* Robin Cook surge em sua melhor e mais arrepiante forma. Fundindo uma premissa de consumada preocupação social com um enredo de suspense galvanizante, criou talvez a obra que mais o notabiliza como escritor.

Quando o diretor de uma clínica de recuperação sucumbe, junto com sete outros pacientes, a um vírus incurável — e extremamente contagioso —, o Centro de Controle de Doenças de Atlanta fica em estado de alerta vermelho. Se o vírus não for isolado e pesquisado, a humanidade pode estar frente a frente com sua crise mais grave desde a Peste Negra.

Designada pelo CCD para investigar a doença, a Dra. Marissa Blumenthal logo se vê mergulhada no pior dos pesadelos. O caso da Califórnia é simplesmente o primeiro de uma série de surtos que ocorrem em áreas geográficas não relacionadas mas com intrigantes características em comum: os locais são sempre instalações hospitalares, e as vítimas são apenas médicos e seus pacientes.

À medida que a investigação toma rumos cada vez mais bizarros, Marissa descobre que por trás da ameaça natural espreita uma possibilidade bem mais sinistra: sabotagem.

Antes que descubra a verdade, Marissa precisa sobrepujar a fúria dos seus superiores, as dúvidas dos colegas... e a ira de uma cabala poderosa, que jura atingir seus objetivos, a despeito do que isso custasse em termos de vidas humanas — inclusive a de Marissa.

Concebida com brilhantismo, diabolicamente arrebatadora, *Vírus* é a obra mais extraordinária de Robin Cook, o tipo de romance de horror especulativo que vai reverberar na consciência do leitor muito tempo depois de ele ter virado a última página.

Prólogo

Zaire, África 7 de setembro de 1976

John Nordyke, 21 anos, estudante de biologia da Universidade de Yale, acordou ao amanhecer na periferia de uma aldeia ao norte de Bumba, Zaire. Virando-se em seu saco de dormir ensopado de suor, espreitou através da borda da malha de sua barraca de náilon e ouviu o som da chuva na floresta tropical misturado aos rumores da aldeia que começava a despertar. Uma brisa leve trazia o odor quente, pungente, de estrume de vaca permeado com o aroma acre das chaminés das cozinhas. Muito acima, pôde perceber macacos espantadiços saltitando, aqui e ali, através da vegetação densa que formava um escudo entre seu olhar e o céu.

Ele havia dormido mal e, ao colocar-se de pé, estava oscilante e fraco. Sentia-se bem pior do que na noite anterior, quando fora acometido de calafrios e febre, cerca de uma hora após o jantar. Achava que estava com malária, mesmo tendo sido bastante cuidadoso a ponto de tomar fosfato de cloroquina como profilaxia contra a doença. O problema é que lhe havia sido impossível evitar as nuvens de mosquitos que emanavam todas as tardes dos charcos escondidos na floresta pantanosa.

Com o andar hesitante, ele caminhou para a aldeia e indagou sobre a clínica mais próxima. Um missionário o informou de que

havia o Hospital da Missão Belga, em Yambuku, uma pequena cidade localizada poucos quilômetros a leste. Doente e assustado, John rapidamente levantou acampamento, socou a barraca e o saco de dormir em sua mochila e partiu para Yambuku.

John havia se afastado por seis meses da universidade para fotografar animais africanos, como o gorila-das-montanhas, ameaçado de extinção. Tinha sido seu sonho de infância imitar os famosos exploradores do século XIX, que haviam desbravado o Continente Negro.

Yambuku era pouco maior do que a aldeia que acabara de deixar, e o Hospital da Missão não inspirava confiança. Não passava de um mero aglomerado de construções cinzentas, todas em estado deplorável, necessitando de reforma. Os telhados ou eram de metal corrugado enferrujado ou uma cobertura de sapé como as cabanas nativas, e não havia sinal de eletricidade.

Depois de registrar-se com uma freira, que se trajava como tal e só falava francês, mandaram John aguardar em meio a uma multidão de nativos, portadores de todos os tipos de enfermidade. Olhando para os outros pacientes, ele imaginava se não pegaria algo mais grave do que o que já tinha. Finalmente, foi atendido por um atabalhado médico belga que falava um pouco de inglês. O exame transcorreu rápido e, como John já suspeitava, o diagnóstico foi de um "ligeiro ataque" de malária. O médico receitou uma injeção de cloroquina e aconselhou-o a voltar, caso não melhorasse em poucos dias.

Terminado o exame, John foi encaminhado para a sala de medicação, onde teve que aguardar na fila para tomar sua injeção. Foi a essa altura que ele percebeu a ausência de procedimentos assépticos. A enfermeira não dispunha de agulhas descartáveis, mas apenas fazia um rodízio entre as três seringas disponíveis. John tinha certeza de que a curta permanência destas na solução esterilizada estava muito aquém do necessário para livrá-las dos germes. Além

disso, a enfermeira as pescava do líquido com os dedos. Quando chegou a sua vez, teve vontade de dizer alguma coisa, mas seu francês não era fluente o bastante e ele sabia que precisava do medicamento.

No decorrer dos dias subsequentes, John ficou feliz por ter-se mantido calado, já que havia melhorado prontamente. Ele permaneceu na região de Yambuku, ocupando-se em fotografar os membros da tribo budza, caçadores vorazes e ansiosos para demonstrar sua habilidade ao estrangeiro louro. No terceiro dia, preparava-se para recomeçar a subir o rio Zaire, seguindo as pegadas de Henry Stanley, quando sua saúde piorou repentinamente. O primeiro sintoma que observou foi uma forte dor de cabeça, seguida, numa progressão muito rápida, de calafrios, febre, enjoo e diarreia. Torcendo para que passasse logo, ele se meteu em sua barraca e tiritou durante toda a noite, sonhando com sua casa, com lençóis limpos e o banheiro no fim do corredor. Pela manhã, sentia-se fraco e desidratado, tendo vomitado várias vezes na escuridão. Com muita dificuldade, juntou suas coisas e encaminhou-se vagarosamente para o Hospital da Missão. Quando lá chegou, vomitou sangue de um vermelho vivo e desfaleceu no chão da clínica.

Uma hora depois acordou em um quarto ocupado por mais dois pacientes, ambos sofrendo de um tipo de malária que apresentava resistência a medicamentos.

O médico, o mesmo que havia examinado John quando de sua visita anterior, estava surpreso com a gravidade de seu estado, e observou alguns outros sintomas peculiares: uma estranha erupção sobre o peito e pequenas hemorragias superficiais nos olhos. Embora ainda sustentasse o diagnóstico de malária, o médico estava confuso. Não era um caso típico. Como precaução adicional, ele decidiu incluir uma dosagem de cloranfenicol, para o caso de o rapaz estar com febre tifoide.

16 de setembro de 1976

O dr. Lugasa, comissário distrital de saúde para a região de Bumba, deu uma olhada pela janela aberta de seu escritório e observou a extensão do rio Zaire e seu brilho sob o sol da manhã. Ele gostaria que o nome do rio ainda fosse Congo, com todo o mistério e encantamento que este nome evoca. Então, forçando a mente, olhou mais uma vez para a carta que acabara de receber do Hospital da Missão de Yambuku, relatando as mortes de um homem americano, um certo John Nordyke, e de um fazendeiro visitante que viera de uma plantação perto do rio Ebola. O médico da missão declarou que suas mortes haviam sido causadas por uma infecção desconhecida que se alastrara rapidamente; dois pacientes internados com o americano, quatro membros da família do camponês que cuidara do fazendeiro e dez dos pacientes não internos da clínica adoeceram gravemente vitimados pelo mesmo mal.

O dr. Lugasa sabia que tinha duas escolhas. A primeira era não fazer nada, que, sem sombra de dúvida, era a mais sábia. Só Deus sabia que tipo de moléstia endêmica desenfreada estava para eclodir. Sua segunda opção era preencher os confusos formulários oficiais relatando o incidente a Kinshasa, onde alguém como ele, mas numa posição superior na engrenagem burocrática, provavelmente decidiria que o mais prudente era não fazer coisa alguma. Naturalmente, o Dr. Lugasa sabia que, se escolhesse preencher os formulários, seria obrigado a viajar para Yambuku, uma ideia que lhe era particularmente desagradável, especialmente naquela época do ano, tão úmida e quente.

Sentindo o remorso de um criminoso, o dr. Lugasa deixou que a repulsiva carta escorregasse de suas mãos para a cesta de papéis.

23 de setembro de 1976

Uma semana depois, o dr. Lugasa estava nervoso, apoiando o corpo ora num pé, ora noutro, enquanto observava o ultrapassado DC-3 aterrissar no aeroporto de Bumba. O primeiro a desembarcar foi o dr. Bouchard, o superior do dr. Luwgasa em Kinshasa. Na véspera, o dr. Lugasa telefonara ao dr. Bouchard para informá-lo de que acabara de ser notificado que o vírus de uma enfermidade grave e desconhecida alastrava-se na região próxima ao Hospital da Missão de Yambuku. Não estava contaminando apenas os habitantes da região, mas também o pessoal do hospital. Ele não mencionara a carta que recebera havia cerca de uma semana.

Os dois médicos cumprimentaram-se na pista e depois entraram no Toyota Corolla do dr. Lugasa. O dr. Bouchard perguntou se havia mais notícias sobre Yambuku. O dr. Lugasa pigarreou, ainda preocupado com o que ficara sabendo naquela manhã pelo radiograma. Aparentemente, 11 membros do corpo médico, de um total de 17, já haviam morrido, juntamente com 114 aldeões. O hospital estava fechado, já que não havia pessoa alguma em condições de administrá-lo.

O dr. Bouchard decidiu que toda a região de Bumba deveria ficar de quarentena. Rapidamente fez as chamadas necessárias para Kinshasa e então mandou o relutante dr. Lugasa providenciar transporte para a manhã seguinte, de modo a que pudesse visitar Yambuku e avaliar a situação no próprio local.

24 de setembro de 1976

No dia seguinte, quando os dois médicos chegaram ao pátio deserto do Hospital da Missão de Yambuku, foram recebidos por uma calma assustadora. Uma ratazana esgueirou-se pela balaustrada de um vestíbulo vazio e um cheiro pútrido impregnou-lhes as narinas. Cobrindo os narizes com lenços de algodão, relutantes, desceram do Land Rover e cautelosamente investigaram a edificação mais próxima. Havia dois cadáveres, ambos entrando em estado de decomposição, devido ao calor. Somente ao examinarem o terceiro prédio é que encontraram sinal de vida, uma enfermeira delirando de febre. Os médicos entraram na deserta sala de cirurgia e calçaram suas luvas, túnicas e máscaras, numa tentativa tardia de se protegerem. Ainda temendo por sua própria saúde, atenderam a enfermeira doente e então procuraram outros membros da equipe. No meio de cerca de trinta mortos encontraram outros quatro pacientes com a vida por um fio.

O dr. Bouchard radiografou para Kinshasa e solicitou auxílio de emergência à Força Aérea do Zaire, a fim de transportar, via aérea, vários pacientes do Hospital da Missão de volta à capital. Mas, no momento em que o departamento de doenças contagiosas do hospital universitário foi consultado acerca do melhor modo de isolar os pacientes durante o traslado, apenas a enfermeira ainda vivia. As técnicas de isolamento teriam de ser excelentes, observou Bouchard, porque era evidente que estavam lidando com uma enfermidade extremamente contagiosa e mortal.

30 de setembro de 1976

A enfermeira belga, transportada para Kinshasa, morreu às três horas da manhã, apesar do maciço tratamento de apoio, durante seis dias. Não foi feito um diagnóstico, mas, após a autópsia, amostras de

seu sangue, fígado, baço e cérebro foram enviadas para o Institut de Médecine Tropical em Antuérpia, na Bélgica, para o Centro de Controle para Doenças em Atlanta, EUA, e para a Fundação de Pesquisa Microbiológica em Porton Down, Inglaterra. Na região de Yambuku havia no momento 294 casos conhecidos da enfermidade, com uma taxa de mortalidade de aproximadamente 90%.

13 de outubro de 1976

O vírus de Yambuku foi isolado quase que simultaneamente nos três laboratórios internacionais. Notou-se que era similar, em sua estrutura, ao vírus Marburg, encontrado pela primeira vez em 1967, numa epidemia fatal que atingiu os trabalhadores de laboratório que lidavam com macacos-de-sabá em Uganda. O novo vírus, consideravelmente mais violento do que o Marburg, foi denominado Ebola, em razão do nome do rio ao norte de Bumba.

Foi considerado o microrganismo mais mortal já visto desde a peste bubônica.

16 de novembro de 1976

Dois meses após a epidemia inicial, a enfermidade desconhecida de Yambuku foi considerada controlada com sucesso, visto que não houve notícia de novos casos na área por diversas semanas.

3 de dezembro de 1976

A quarentena da região de Bumba foi suspensa e reinstalado o serviço aéreo. O vírus Ebola, com certeza, havia retornado a sua origem. Onde se encontrava esta origem continuava a ser um mistério absoluto. Uma equipe internacional de profissionais, incluindo o dr. Cyrill Dubchek, do Centro para Controle de Doenças, que desempenhara um papel de destaque na localização do vírus da febre de Lassa, havia explorado a região, à procura de um depósito para o vírus Ebola, entre mamíferos, aves e insetos. Os virologistas não lograram sucesso com qualquer um deles. Nem ao menos uma pista.

Los Angeles, Califórnia

14 de janeiro

Dias Atuais

O dr. Rudolph Richter, um homem alto, renomado oftalmologista nascido na Alemanha Ocidental e cofundador da Clínica Richter, em Los Angeles, ajeitou os óculos e deu uma olhada nas provas do material de propaganda espalhado sobre a mesa circular na sala de conferências da clínica. À sua direita estava seu irmão e sócio William, formado em administração, que também examinava as provas com a mesma atenção. O material destinava-se à campanha do próximo trimestre, que objetivava novos sócios para o plano de saúde da clínica, com pagamento adiantado. Era endereçado a pessoas jovens, que, como um grupo, eram pessoas saudáveis. Era nessa faixa de usuários que realmente estava o dinheiro, quando se tratava de planos de saúde com pagamento adiantado, William ressaltara mais do que depressa.

Rudolph gostou das provas. Era a primeira coisa boa que lhe acontecia naquela dia. Dia que começara mal, com uma batida na

entrada da autoestrada para San Diego, que resultara numa droga de uma moosa em seu BMW novinho. Em seguida fora a cirurgia de emergência que tumultuara bastante a clínica. Depois tinha havido o caso trágico do paciente portador de AIDS com complicações misteriosas, e que tossira em seu rosto enquanto ele tentava examinar-lhe a retina. E, para culminar, fora mordido por um dos macacos utilizados em seu projeto de herpes ocular. Que dia!

Rudolph apanhou um anúncio programado para o *Times Sunday Magazine* de Los Angeles. Era perfeito. Ele sinalizou com a cabeça para William, que fez um gesto para o agente de publicidade prosseguir.

A parte seguinte da apresentação era um filme de trinta segundos, programado para os intervalos do noticiário noturno da TV. Mostrava alegres moças de biquíni numa praia de Malibu, jogando voleibol com alguns rapazes bonitos. Fez Rudolph lembrar-se de um anúncio da Pepsi bastante caro, embora ressaltasse o conceito de manutenção de planos de saúde com pagamento adiantado, tais como os oferecidos por uma organização como a Clínica Richter, em oposição aos planos de saúde convencionais.

Acompanhando Rudolph e William havia vários outros médicos da equipe, inclusive o dr. Navarre, chefe da Clínica Médica. Todos eram diretores da Clínica Richter e possuíam pequena quantidade de ações.

William pigarreou e indagou à equipe se havia alguma pergunta. Não havia. Depois que o pessoal de propaganda saíra, o grupo expressara aprovação unânime ao que tinha sido apresentado. Então, após uma rápida discussão acerca da construção de uma nova clínica satélite para atender ao crescente número de associados na região de Newport Beach, a reunião foi suspensa.

O dr. Richter voltou ao seu consultório e, animado, jogou as provas do anúncio em sua pasta. O consultório era uma sala suntuosa, considerando-se o salário relativamente baixo que recebia

como médico do grupo. Mas seu salário era apenas uma remuneração casual, comparado aos lucros advindos de suas ações ao portador.

Tanto a Clínica Richter como o dr. Richter estavam em ótima situação econômica.

Depois de atender às suas chamadas, o dr. Richter fez a ronda entre seus pacientes internos recém-operados: dois deslocamentos de retina com histórico médico complicado. Ambos estavam indo bem. Em seu caminho de volta ao consultório, começou a pensar no pequeno número de cirurgias que vinha realizando, sendo ele o único oftalmologista da clínica. Era perturbador, mas com tantos oftalmologistas na cidade, podia considerar-se feliz pelo seu quinhão. Ele era agradecido ao irmão por tê-lo convencido quanto à ideia da clínica, oito anos atrás.

Após trocar o jaleco por um paletó azul e pegar a pasta, o dr. Richter deixou a clínica. Passava das nove da noite e a garagem-estacionamento de dois andares estava quase vazia. Durante o dia ficava sempre cheia e William já falava na necessidade de aumentá-la, não só por causa de sua capacidade, mas também por sua desvalorização; assuntos como este Rudolph realmente não entendia, e nem queria entender.

Abstraído com os problemas econômicos da clínica, o dr. Richter não se deu conta de dois homens que aguardavam na penumbra da garagem. E continuou sem percebê-los, mesmo quando começaram a segui-lo. Os homens vestiam ternos escuros de executivo. O mais alto tinha um braço que parecia permanentemente imobilizado em posição flexionada. Em sua mão havia uma pasta bojuda que ele segurava no alto, devido à imobilidade da junta do cotovelo.

Ao aproximar-se de seu carro, o dr. Richter sentiu as passadas atrás de si, passos cada vez mais rápidos. Uma sensação de desconforto oprimiu-lhe a garganta. Ele engoliu em seco e, nervoso, deu uma olhada por sobre o ombro. Avistou os dois homens, que

pareciam vir exatamente em sua direção. Quando passaram embaixo de uma luz, o dr. Richter pôde perceber que estavam bem vestidos, com camisas finas e gravatas de seda. Isto o fez sentir-se melhor.

Mesmo assim, moveu-se mais rapidamente, contornando a traseira do carro. Tateou à procura das chaves, destrancou a porta do motorista, atirou a pasta para dentro e afundou-se no cheiro convidativo do assento de couro. Ia fechando a porta quando uma mão o impediu. Ergueu os olhos, relutantes, e deparou com o rosto calmo e pálido de um dos homens que o haviam seguido. A intenção de um sorriso assomou o semblante do homem quando o dr. Richter dirigiu-lhe um olhar indagador.

O médico tentou fechar a porta mais uma vez, mas o homem a segurou firmemente pelo lado de fora, perguntando de modo educado:

— Poderia informar-me as horas, doutor?

— Naturalmente — respondeu, feliz em encontrar uma boa explicação para a presença do estranho.

Deu uma olhada no relógio, mas, antes que pudesse falar, sentiu-se puxado rudemente para fora do carro. Ainda esboçou uma hesitante tentativa de luta, mas foi rapidamente abatido por um golpe de mão aberta no lado do rosto, que o deixou surdo. Mãos ávidas procuraram por sua pasta e ele ouviu o rasgar de tecido.

— Homem de negócios — um dos homens disse, em um tom que lhe pareceu reprovador.

— Pegue a pasta — o outro falou.

O dr. Richter sentiu seu relógio ser arrancado do pulso.

Tudo acabou tão rápido quanto começara. O dr. Richter ouviu passos afastando-se e uma porta de carro batendo, depois o cantar de pneus no concreto liso.

Ficou imóvel por alguns minutos, feliz por estar vivo. Encontrou seus óculos e colocou-os, reparando que a lente esquerda estava rachada. Como cirurgião, sua primeira preocupação era com as

mãos, ele examinou-as mesmo antes de levantar-se do chão. Pondo-se de pé, começou a examinar o resto do corpo. A camisa branca e a gravata estavam lambuzadas de graxa. Faltava um botão no paletó e em seu lugar havia um rasgo do feitio de uma ferradura. As calças tinham sido rasgadas desde o bolso da frente até o joelho.

— Meu Deus, que dia! — exclamou para si mesmo e pensou que ter sido vítima de um ataque como este fazia a batida de carro ocorrida pela manhã parecer algo trivial. Depois de um momento de hesitação, recuperou as chaves e voltou à clínica, indo direto para seu consultório. Chamou a segurança e então travou um conflito interno para resolver se notificava ou não a polícia de Los Angeles. A ideia da propaganda negativa para a clínica fê-lo vacilar; e, afinal, o que a polícia teria feito? Enquanto ponderava sobre a melhor atitude a tomar, telefonou para a esposa e explicou que chegaria um pouco mais tarde do que pretendia. Depois foi ao banheiro examinar o rosto ao espelho. Havia uma contusão sobre o osso zigomático, que estava salpicado com pedrinhas de saibro do chão da garagem. Enquanto limpava cuidadosamente o machucado com antisséptico, tentava calcular até que ponto contribuíra para o sucesso dos assaltantes. Ele imaginava que tinha cerca de cem dólares na pasta, bem como todos os seus cartões de crédito e identidade, incluindo a licença médica da Califórnia. Mas o relógio era o que ele mais odiava perder; tinha sido um presente da esposa. Bem, poderia substituí-lo, pensava, quando ouviu alguém batendo à porta.

O segurança gesticulava de modo servil, desculpando-se, afirmando que um problema de tal natureza jamais havia ocorrido e que gostaria de ter estado lá na hora. Contou ao dr. Richter que havia passado pela garagem apenas meia hora antes do ocorrido, em sua ronda regular. O dr. Richter assegurou ao homem que ele não era culpado e que a única preocupação dele, Ritcher, era que fossem tomadas providências para que incidentes semelhantes não

tornassem a acontecer. E então explicou suas razões para não chamar a polícia.

No dia seguinte, o dr. Richter não estava se sentindo bem, mas atribuiu os sintomas ao choque e ao fato de ter dormido pessimamente. Lá pelas cinco e meia, entretanto, sentia-se tão mal que chegou a pensar em cancelar o encontro que tinha com sua amante, uma secretária do departamento de registros médicos. Afinal, acabou indo ao apartamento dela, mas saiu cedo pensando em descansar, e só o que conseguiu foi passar o resto da noite sem descanso, tossindo em sua cama.

No outro dia, o dr. Richter estava doente de fato. Quando se levantou, sentiu-se aéreo e atordoado. Tentou não pensar na mordida do macaco ou na tossida que levara no rosto, do aidético. Ele estava bem informado sobre AIDS e sabia que não era transmissível por um contato tão casual: era a superinfecção, ainda não diagnosticada, que realmente o preocupava. Por volta de três e meia teve um calafrio e começou a sentir uma dor de cabeça bastante intensa. Sentindo-se febril, cancelou o resto das consultas daquela tarde e foi embora da clínica. A essa altura estava praticamente certo de que pegara uma forte gripe. Quando chegou em casa, a esposa deu uma olhada em seu rosto pálido e nos olhos congestionados e o mandou para a cama. As oito horas sua cabeça doía tanto que tomou um Percodan. Às nove teve câibras estomacais e diarreia. Sua esposa queria chamar o dr. Navarre, mas o dr. Richter disse que ela estava exagerando e que ele logo estaria bem. Tomou uma dose de Dalmane e dormiu. Às quatro da manhã acordou e arrastou-se até o banheiro, onde vomitou sangue. Aterrorizada, sua esposa só o deixou para chamar uma ambulância que o levasse para a clínica. O dr. Richter não reclamou. Não tinha forças para isso. Ele sabia que estava doente como jamais estivera em toda a sua vida.

1

20 de janeiro

Algo perturbou Marissa Blumenthal. Se o estímulo viera de dentro de si mesma ou de algum movimento externo, ela não sabia. De qualquer modo, sua concentração havia sido interrompida. Ao levantar os olhos do livro que tinha no colo, percebeu que a luz lá fora havia mudado de um branco imaculado para um preto retinto. Olhou o relógio. Não era para menos: quase sete horas.

— Santo Toledo! — resmungou Marissa, utilizando uma de suas expressões guardadas da infância.

Levantou-se rápido e sentiu-se momentaneamente tonta. Estivera esparramada sobre duas poltronas baixas de vinil, localizadas no canto da biblioteca do Centro para Controle de Doenças, em Atlanta, por mais tempo do que podia imaginar. Havia marcado um encontro para aquela noite e planejava estar em casa às seis e meia para aprontar-se.

Erguendo o pesado Virologia, de Fields, encaminhou-se para a prateleira de reservas, esticando os músculos contraídos das pernas. Havia corrido aquela manhã, mas apenas três quilômetros, não os seis que costumava correr.

— Precisa de ajuda para colocar o monstro na prateleira? — perguntou, gracejando, a sra. Campbell, a bibliotecária de ar

maternal, abotoando seu eterno cardigã cinzento. Não fazia tanto calor assim na biblioteca.

Havia um fundo de verdade no comentário sussurrado pela sra. Campbell. O compêndio de virologia pesava quatro quilos e meio — um décimo do que pesava Marissa. Ela media apenas 1,55m, embora, quando lhe perguntavam, dissesse ter 1,60m; mas os centímetros a mais só apareciam quando usava salto alto. Para recolocar o livro no lugar, tinha que incliná-lo para trás e depois quase que arremessá-lo em direção à prateleira.

— A ajuda de que preciso com este livro — disse Marissa — é para meter o conteúdo dele em minha cabeça.

A sra. Campbell riu, com seu jeito suave. Ela era uma pessoa carinhosa, amistosa, como quase todos no CCD. No entender de Marissa, a organização parecia mais uma instituição acadêmica do que uma agência federal, o que se tornara oficialmente em 1973. Havia uma atmosfera envolvente de dedicação e compromisso. Embora as secretárias e o pessoal da manutenção deixassem o serviço às quatro e meia, a equipe de profissionais sempre permanecia até mais tarde, muitas vezes trabalhando até as primeiras horas da manhã. As pessoas acreditavam no que faziam.

Marissa saiu da biblioteca, que era irremediavelmente inadequada em matéria de espaço. Metade dos livros e publicações do CCD estavam armazenados de qualquer maneira, em salas por todo o Centro, que neste sentido era uma típica agência de saúde regulada pelo governo federal, forçada a pechinchar para obter verba em um clima de redução de orçamento. Marissa reparou que o espaço físico do Centro também se parecia com o de uma repartição federal. O corredor era pintado de um verde monótono, institucional, e o piso revestido por um vinil cinzento, que já estava gasto até a metade. Perto do elevador havia a inevitável foto de um sorridente Ronald Reagan. Logo abaixo do retrato, alguém, irreverentemente, havia pregado uma ficha de arquivo que dizia: "Se

você não gosta da taxa orçamentária deste ano, espere só até o ano que vem!"

Marissa subiu um lance de escada. Seu escritório — só com boa vontade poder-se-ia chamá-lo assim; era mais um cubículo do que um escritório — ficava no andar logo acima da biblioteca. Era um depósito sem janelas, que bem poderia ter sido um armário de vassouras algum dia. As paredes eram pintadas de cinzento-escuro e havia espaço apenas para uma mesa de metal, um arquivo, uma luminária e uma cadeira giratória. Tinha sorte em possuí-lo. A competição por um espaço no Centro era acirrada.

Contudo, apesar das dificuldades, Marissa tinha plena consciência de que o CCD funcionava. Havia prestado um serviço médico excepcional através dos anos, não somente nos Estados Unidos, mas também em países estrangeiros. Ela lembrava-se bem de como o Centro solucionara o mistério da "enfermidade dos legionários", havia alguns anos.

Aconteceram centenas de casos similares desde a criação da organização, em 1942, como Posto para o Controle da Malária, com o intuito de erradicar esta doença no sul da América. Em 1946, o nome foi mudado para Centro de Enfermidades Transmissíveis, com laboratórios separados para bactérias, fungos, parasitas, viroses e raquitismo. No ano seguinte, foi criado mais um laboratório, para moléstias transmitidas ao homem por animais, como peste, raiva e antraz. Em 1970, a organização recebeu um novo nome, desta vez Centro para Controle de Doenças.

Enquanto Marissa organizava alguns artigos em sua pasta de publicações oficiais, pensava na história de sucessos do CCD, consciente de que esta história havia sido uma das razões determinantes de sua vinda para o Centro. Após completar uma residência em pediatria, em Boston, fora admitida no Serviço de Investigação em Epidemiologia (SIE) para um estágio de dois anos como funcionária. Era como ser um detetive médico. Fazia apenas

três semanas e meia, um pouco antes do Natal, que ela completara seu curso preparatório, o qual, teoricamente, a havia tornado apta para a nova função. O curso versava sobre administração de saúde pública, bioestatística e epidemiologia — o estudo e controle da saúde e da doença em uma determinada população.

Um sorriso forçado apareceu em seu rosto, enquanto vestia o sobretudo azul-marinho. Era certo que ela havia completado o curso preparatório, mas, como lhe acontecera várias vezes em sua formação médica, sentia-se totalmente despreparada para lidar com uma situação real de emergência. Haveria de existir uma enorme lacuna entre a sala de aula e o campo de trabalho, se e quando ela fosse enviada para atender um chamado. Saber como referir-se a casos de uma enfermidade específica em uma narrativa coerente, que revelasse os fatores de causa, transmissão e instalação de um vírus, era diferente de ter que decidir como controlar uma epidemia autêntica, envolvendo pessoas de carne e osso e uma enfermidade real. Na verdade, não era uma questão de "se", mas somente de "quando".

Pegando sua pasta, Marissa apagou a luz e caminhou pelo corredor até o elevador. Ela havia frequentado o curso preparatórios de epidemiologia com mais 48 homens e mulheres, a maioria, como ela própria, médicos e médicas formados. Havia alguns microbiologistas, algumas enfermeiras e até mesmo um dentista. Ela imaginava se todos eles estariam compartilhando de sua atual crise de confiança. Nos meios médicos, as pessoas geralmente não falavam sobre tais assuntos; era desfavorável à "imagem".

Na complementação de sua formação, ela fora designada para o Departamento de Virologia, Seção de Patogenias Especiais, sua primeira escolha dentre as colocações disponíveis. A vaga fora-lhe concedida porque ela havia sido a primeira de sua turma. Embora Marissa tivesse pouca vivência em virologia, e este era o motivo que a fazia passar tanto tempo na biblioteca, ela pedira para ser

designada para este departamento porque a atual epidemia de AIDS havia arremessado a virologia, que sempre desempenhara um papel secundário em relação à bacteriologia, para uma posição de proa no campo da pesquisa. Agora, era na virologia que se encontrava a "ação", e Marissa queria fazer parte da ação.

No saguão dos elevadores, ela disse alô ao pequeno grupo de pessoas que aguardava. Já havia cruzado com algumas delas, principalmente com aquelas do Departamento de Virologia, cujo escritório administrativo ficava no final do corredor onde se localizava seu cubículo. Outras eram estranhas, mas todas a conheciam. Ela podia estar atravessando uma crise de confiança quanto à sua competência profissional, mas, ao menos, sentia-se benquista.

No térreo, Marissa deteve-se na fila para assinar o ponto, uma exigência depois de cinco das tarde; em seguida encaminhou-se para o estacionamento. Embora fosse inverno, não era nem um pouco parecido com o que passara em Boston nos últimos quatro anos, e ela não se importava em ter que abotoar o casaco. Seu carro esporte, um Honda Prelude vermelho, estava tal e qual o havia deixado pela manhã: empoeirado, sujo e descuidado. Continuava com a placa de Massachusetts; trocá-la era uma das muitas tarefas que Marissa ainda não havia encontrado tempo para executar.

A distância entre o CCD e a casa alugada de Marissa era curta. A área que circundava o Centro era dominada pela Universidade Emory, que havia doado o terreno para o CCD no início da década de 40. Uma vizinhança de residências agradáveis instalara-se em volta da universidade, percorrendo uma escala desde a classe média baixa até a classe dos proeminentemente ricos. Foi na primeira, na região de Druid Hills, que Marissa encontrou uma casa para alugar. Pertencia a um casal que fora transferido para Mali, na África, engajado num amplo projeto de controle de natalidade.

Marissa dobrou em Peachtree Place. Parecia-lhe que tudo em Atlanta chamava-se "peachtree". Ela passou por sua casa, à esquerda. Era um prédio pequeno, de dois andares e fachada de madeira, em estado razoável com exceção do jardim. O estilo arquitetônico era indeterminado, a não ser por duas colunas jônicas no saguão da frente. Todas as janelas tinham postigos, cada um com um recorte no centro, em feitiço de coração. Quando Marissa descreveu a casa para seus pais, usou o termo "engraçadinha".

Ela dobrou à esquerda na rua seguinte e novamente à esquerda. A propriedade na qual a casa se situava abrangia todo o quarteirão, e para que Marissa pudesse chegar à garagem, tinha que entrar por trás. Havia uma entrada de carro circular na frente da casa, que não tinha conexão nem com a entrada de carro de trás, nem com a garagem. Aparentemente, outrora as duas pistas haviam sido ligadas, mas alguém construía uma quadra de tênis, o que acabara com a conexão. Atualmente, a quadra de tênis estava tão coberta de ervas daninhas, que mal se podia percebê-la.

Sabendo que ia sair à noite, Marissa não guardou o carro na garagem, mas apenas fez o contorno e estacionou. Enquanto subia correndo as escadas dos fundos, ouviu o cocker spaniel, que lhe fora presenteado por uma de suas colegas pediatras, latindo-lhe as boas-vindas.

Marissa nunca planejava possuir um cachorro, mas, seis meses atrás, uma relação amorosa duradoura, que segundo pensava estava caminhando para o casamento, acabara abruptamente. O homem, Roger Shulman, um residente em neurocirurgia no Hospital Geral de Massachusetts, surpreendera Marissa com a notícia de que aceitara uma bolsa na Universidade da Califórnia em Los Angeles, e que tencionava ir sozinho.

Até aquela data, eles haviam concordado que Marissa iria aonde quer que Roger fosse para terminar sua formação, e, realmente, ela

se inscrevera para a função de pediatra em São Francisco e em Houston. Roger nunca havia sequer mencionado Los Angeles.

Como caçula da família, com três irmãos mais velhos e um neurocirurgião frio e dominador como pai, Marissa nunca tivera muita autoconfiança. Havia assimilado pessimamente o rompimento com Roger, e mal fora capaz de arrastar-se para fora da cama, a cada manhã, a fim de ir para o hospital. No meio da consequente depressão que a abatera, sua amiga Nancy a presenteara com o cachorro. No princípio, Marissa se irritara, mas Taffy — o cachorrinho ostentava o nome encantador em um enorme laço que envolvia seu pescoço — rapidamente conquistara seu coração e, como Nancy presumira, ajudara a amiga a ocupar-se de algo que não fosse a sua dor. Atualmente, Marissa era doida pelo cachorro, desfrutando com prazer da "vida" que havia em seu lar, e que agora recebia e retribuía seu amor. Ao vir para o CCD, a única preocupação de Marissa era o que fazer com Taffy, quando fosse enviada para algum trabalho. O assunto causou-lhe enorme preocupação até que os Judsons, seus vizinhos da direita, apaixonaram-se pelo cachorro e ofereceram — não, exigiram — ficar com ele a qualquer momento que Marissa precisasse sair da cidade. Parecia uma dádiva divina.

Ao abrir a porta, Marissa teve que se proteger dos saltos excitados de Taffy, até que conseguisse desligar o alarme. Quando os proprietários lhe haviam explicado o sistema, ela os ouvira sem prestar muita atenção. Mas agora estava feliz em possuí-lo. Mesmo sendo os subúrbios bem mais seguros do que o centro da cidade, ela se sentia muito mais sozinha à noite do que quando morava em Boston. E gostava do controle remoto que carregava no bolso do casaco e que podia utilizar para disparar o alarme, estando ainda na pista, lá fora, caso visse alguma luz ou movimento inesperados dentro da casa.

Enquanto examinava a correspondência, deixou Taffy gastar um pouco de sua energia reprimida, correndo em grandes círculos ao redor do abeto azul, no pátio da frente. Religiosamente, os Judsons levavam o cachorro à rua por volta do meio-dia; mas, entre esta hora e a hora em que Marissa chegava em casa à noitinha, passava-se um período muito longo para um cachorrinho de oito meses ficar aprisionado na cozinha.

Infelizmente, Marissa teve que interromper os animados exercícios de Taffy. Já passava das sete e ela estava sendo esperada para jantar às oito. Ralph Hempston, um próspero oftalmologista, a levava para sair diversas vezes, e, embora ainda não tivesse esquecido Roger completamente, ela apreciava a companhia sofisticada de Ralph e o fato de ele parecer satisfeito em levá-la para jantar, ao teatro ou a um concerto, sem pressioná-la a ir para a cama. Na verdade, esta era a primeira vez que ele a convidara para ir à sua casa, e deixara bem claro que seria uma grande festa, não um jantar a dois.

Ele parecia satisfeito em deixar o relacionamento evoluir normalmente, e Marissa sentia-se gratificada, mesmo quando se questionava se o motivo não poderia ser a diferença de 22 anos entre suas idades; ela estava com 31 e ele com 53.

Por mais estranho que possa parecer, o único outro homem com quem Marissa havia mantido encontros, em Atlanta, era quatro anos mais novo do que ela. Tad Schockley, um doutor em microbiologia que trabalhava no mesmo departamento para onde, finalmente, fora designada, havia-se encantado com ela no momento em que a observara na lanchonete, durante a primeira semana de Marissa no Centro. Ele era exatamente o oposto de Ralph Hempston: socialmente, penosamente tímido, mesmo quando apenas a convidava para uma ida ao cinema. Eles haviam saído uma meia dúzia de vezes, e ela dava graças a Deus por ele, assim como Ralph, não a ter pressionado, no que diz respeito a sexo.

Após tomar, um rápido banho de chuveiro, Marissa enxugou-se e maquiou-se quase que automaticamente. Correndo contra o relógio, examinou seu guarda-roupa, rapidamente descartando diversas combinações de trajes. Ela não era fanática por andar na moda, mas gostava de apresentar-se da melhor maneira possível. Resolveu-se por uma saia de seda e um suéter que ganhara no Natal. O suéter ia até o meio da coxa e ela achava que a fazia parecer mais alta. Enfiando-se num escarpim preto, olhou-se no espelho que abrangia toda a parede.

A não ser pela altura, Marissa sentia-se bastante feliz com sua aparência. Tinha feições miúdas mas delicadas, e seu pai havia até utilizado o termo "primorosa" anos atrás, quando lhe perguntara se ele a achava bonita. Seus olhos eram castanho-escuros, com pestanas espessas, e o cabelo, grosso e ondulado, tinha a cor de um caro xerez. Ela conservava o mesmo penteado desde os 16 anos: na altura do ombro, puxado para trás e preso por uma travessa de tartaruga.

A casa de Ralph ficava a apenas cinco minutos da de Marissa, mas a vizinhança ia mudando, de modo significativo, para melhor. As casas tornavam-se maiores e estavam instaladas em gramados bem cuidados. A de Ralph situava-se em uma grande propriedade, com a entrada para carros descrevendo uma graciosa curva que ia da rua até a porta da frente. Em toda a extensão desta pista de entrada havia azaleias e rododendros que, na primavera, era preciso ver para crer, de acordo com Ralph.

A casa, propriamente, era uma construção vitoriana de três andares, com uma torre octogonal que dava para a frente, do lado direito. Uma grande varanda, circundada por uma ornamentação complicada, começava na torre, estendia-se pela frente da casa e descrevia uma curva para o lado esquerdo. Sobre a entrada principal, cuja porta era dupla, e apoiado no telhado da varanda, havia um balcão circular, encimado por um cone que complementava um outro existente no alto da torre.

A aparência era bastante festiva. Todas as janelas da casa brilhavam iluminadas. Marissa contornou à esquerda, seguindo as instruções de Ralph. Pensou que estava um pouco atrasada, mas não havia outros carros.

Ao passar pela casa, olhou para a escada de incêndio que descia do terceiro andar. Ela a havia notado uma noite, quando Ralph parara para pegar o bip, que havia esquecido. Na ocasião, ele lhe explicara que o proprietário anterior fizera dependências para empregados lá em cima, e o Departamento de Edificações Urbanas o obrigara a construir a escada de incêndio. O ferro preto sobressaía grotescamente contra a madeira branca.

Marissa estacionou em frente à garagem, cujo ornamento complicado combinava com o da casa, e bateu à porta dos fundos, que ficava numa ala moderna, invisível para quem estivesse na frente. Ninguém pareceu ouvi-la. Olhando pela janela, pôde ver grande atividade na cozinha. Decidindo não tentar experimentar a porta, para ver se estava destrancada, deu a volta até a frente da casa e tocou a campainha.

Ralph abriu a porta prontamente e acolheu-a com um abraço apertado.

— Obrigado por ter chegado cedo — ele disse, ajudando-a a tirar o casaco.

— Cedo? Pensei que estivesse atrasada.

— Não, nem um pouco — disse Ralph. — Os convidados só devem chegar depois de oito e meia. — Ele pendurou seu casaco no armário do corredor.

Marissa ficou surpresa ao ver que Ralph estava usando um dinner jacket. Embora tivesse consciência do quanto ele era bonito, sentiu-se perturbada.

— Espero estar vestida de modo apropriado — ela disse. — Não mencionou que seria uma ocasião formal.

— Você está atordoante, como sempre. E eu estou apenas aproveitando a ocasião como desculpa para usar meu dinner jacket. Venha, deixe-me mostrar-lhe a casa.

Marissa o seguiu, pensando novamente que Ralph era a imagem do médico ideal: forte, feições agradáveis e o cabelo tornando-se grisalho apenas nos lugares certos. Os dois entraram na sala de visitas, Ralph mostrando o caminho. A decoração era atraente, mas um pouco fria. Uma criada de uniforme preto servia hors-d'oeuvres.

— Começaremos aqui. Os aperitivos serão preparados no bar, na sala de estar — falou Ralph.

Ele abriu um par de portas de correr e entraram na sala de estar. Havia um bar à esquerda. Um rapaz de colete vermelho polia os copos. Atravessando-se a sala de estar e passando-se através de um arco, chegava-se à sala de jantar formal. Marissa observou que a mesa estava posta para pelo menos uma dúzia de pessoas.

Ela acompanhou Ralph através da sala de jantar e até a nova ala, que era composta de uma sala íntima e uma enorme cozinha moderna. O jantar estava sendo aprontado e três ou quatro pessoas cuidavam dos preparativos.

Após assegurar-se de que tudo estava sob controle, Ralph conduziu Marissa de volta à sala de visitas e explicou que lhe pedira para chegar cedo na esperança de que ela fizesse o papel de anfitriã. Um pouco surpresa — afinal, só saíra com Ralph umas cinco ou seis vezes —, Marissa concordou.

A campainha tocou. Os primeiros convidados haviam chegado.

Infelizmente, Marissa nunca fora boa em memorizar nomes de pessoas, mas recordava-se de um casal, dr. e sra. Hayward, devido ao admirável cabelo prateado dele. Depois chegou um outro dr. e sra. Jackson, ela ostentando um diamante do tamanho de uma bola de golfe. Os únicos outros nomes que Marissa pôde lembrar mais tarde foram os do dr. e sra. Sandberg, ambos psiquiatras.

Quando quase todos estavam na sala de estar com seu aperitivo na mão, a campainha da porta tocou novamente. Como Ralph não se achava por perto, Marissa foi abrir. Para sua total surpresa deparou com o dr. Cyrill Dubchek, seu chefe na Seção de Patogenias Especiais do Departamento de Virologia.

— Olá, dra. Blumenthal — disse Dubchek, à vontade.

Marissa estava visivelmente perturbada. Ela não esperava encontrar qualquer pessoa do CCD. Dubchek entregou seu casaco à empregada, deixando à mostra um terno azul-marinho de corte italiano. Era um homem admirável, com olhos inteligentes, pretos como carvão, e cútis morena. Suas feições eram angulosas e aristocráticas. Passando uma das mãos pelo cabelo, que estava penteado todo para trás, ele disse sorrindo:

— Nos encontramos outra vez.

Marissa retribuiu com um débil sorriso e indicou, com a cabeça, a sala de visitas.

— O bar fica lá.

— Onde está Ralph? — perguntou Dubchek, dando uma olhada pela sala de visitas lotada.

— Provavelmente na cozinha — disse Marissa.

Dubchek agradeceu e retirou-se, enquanto a campainha tocava de novo. Desta vez Marissa ficou mais espantada ainda: à sua frente estava Tad Schockley!

— Marissa! — disse Tad, verdadeiramente surpreso.

Marissa recuperou-se e fez Tad entrar. Enquanto ela lhe tirava o casaco, perguntou:

— De onde você conhece o dr. Hempston?

— De alguns encontros, apenas. Fiquei surpreso quando recebi o convite. — Tad sorriu. — Mas quem sou eu para recusar uma boca-livre, com o salário que ganho?

— Você sabia que Dubchek estaria aqui? — perguntou Marissa. Seu tom era quase de censura.

Tad negou com a cabeça.

— Mas que diferença faz? — Ele olhou a sala de jantar e depois a escada principal. — Que casa! Uau!

Marissa sorriu contra a própria vontade. Tad, com seu cabelo curto e avermelhado e aparência jovial, parecia muito novo para um Ph.D. Vestia um paletó de veludo cotelê, gravata de tricô e calças de flanela, estas tão usadas que era o mesmo que estar vestindo jeans.

— Ei — perguntou Tad —, de onde você conhece o dr. Hempston?

— É apenas um amigo — respondeu Marissa evasiva, apontando a sala de visitas, para que Tad tomasse um aperitivo.

Já que todos os convidados haviam chegado, ela sentiu-se à vontade para afastar-se da porta da frente. No bar, serviu-se de vinho branco e tentou misturar-se às pessoas. Um pouco antes de o grupo ser convidado para a sala de jantar, Marissa descobriu-se conversando com o dr. Sandberg e com o dr. e sra. Jackson.

— Bem-vinda a Atlanta, minha jovem — disse o dr. Sandberg.

— Obrigada.

Marissa tentou não fixar o olhar no anel da sra. Jackson.

— Como foi que você veio para o CCD? — perguntou o dr. Jackson.

Seu tom de voz era profundo e ressonante, Ele não apenas se assemelhava a Charlton Heston; na verdade, parecia o próprio Ben Hur falando.

Mantendo o olhar naqueles olhos profundamente azuis, ela imaginava como responder à sua pergunta, que aparentemente era sincera. Certamente não mencionaria coisa alguma sobre o voo para Los Angeles de seu namorado anterior e sua necessidade de mudança de ares. Não era esse o tipo de envolvimento que as pessoas esperavam no CCD. — Sempre tive interesse por saúde pública. — Era uma mentirinha inofensiva.

— Sempre fui fascinada pelas histórias sobre o trabalho de médicos investigadores. — Ela sorriu. Pelo menos isto era a verdade.
— Acho que enjoei de examinar narizes escorrendo e ouvidos purgando.

— Formada em pediatria — disse o dr. Sandberg.

Era uma afirmação, não uma indagação.

— Hospital Infantil, em Boston — disse Marissa.

Sempre se sentia pouco à vontade quando conversava com psiquiatras. Ela não podia deixar de imaginar se eles conseguiriam analisar suas intenções melhor do que ela própria. Tinha consciência de que uma das razões de sua opção por medicina era capacitar-se para a competição que travava com os irmãos no relacionamento com o pai.

— O que você acha de clínica médica? — perguntou o dr. Jackson. — Alguma vez interessou-se em praticá-la?

— Bom, naturalmente — respondeu Marissa.

— Como? — continuou o dr. Jackson, inconscientemente fazendo com que Marissa se sentisse cada vez menos à vontade. — Você se imagina trabalhando sozinha, em grupo ou em uma clínica?

— O jantar está servido — chamou Ralph, por sobre o burburinho da conversa.

Marissa sentiu-se aliviada quando o dr. Jackson e o dr. Sandberg afastaram-se para procurar suas esposas. Por um momento, sentiu-se como em um interrogatório.

Na sala de jantar, Marissa descobriu que Ralph havia colocado seu lugar em uma cabeceira da mesa e o dela na outra. Logo à sua direita estava o dr. Jackson, que, graças a Deus, esquecera as perguntas sobre clínica médica. A sua esquerda achava-se o dr. Hayward, com seu cabelo prateado.

Com o desenrolar do jantar, ficou mais claro ainda que Marissa estava jantando com a nata da comunidade médica de Atlanta. Os que ali se encontravam não eram apenas médicos, eram os médicos

particulares mais bem-sucedidos da cidade. Os únicos que não se incluíam neste rol eram Cyrill Dubchek, Tad e ela própria. Após vários copos de bom vinho, Marissa estava mais falante do que o normal. Sentiu uma ponta de embaraço quando reparou que toda a mesa prestava atenção à descrição que fazia de sua infância na Virgínia. Disse a si mesma para calar-se e sorrir, e ficou satisfeita quando a conversa se desviou para a situação deplorável da medicina americana e como os grupos de planos de saúde com pagamento adiantado estavam desgastando os estabelecimentos de atendimento particular. Lembrando-se das peles e das joias, Marissa sentiu que os ali presentes não estavam sendo muito atingidos.

— E lá no CCD? — perguntou o dr. Hayward, olhando na direção de Cyrill. — Estão convivendo com reduções orçamentárias?

Cyrill riu cinicamente, o sorriso formando vincos profundos na face.

— Todos os anos temos que travar uma verdadeira guerra com a Secretaria de Administração e Orçamento, bem como com a Comissão de Verbas Orçamentárias da Câmara. Perdemos quinhentos empregados devido a cortes no orçamento.

O dr. Jackson pigarreou e disse:

— Imagine se ocorresse uma grave epidemia de gripe, como a de 1917-18. Supondo-se que seu departamento estivesse envolvido, vocês possuem os recursos humanos necessários a uma tal eventualidade?

Cyrill deu de ombros.

— Depende de muitas variáveis. Caso a linhagem não mude seus antígenos aparentes e possamos desenvolvê-la imediatamente em cultura de tecido, poderíamos produzir uma vacina bem rápido. Com que rapidez, não estou bem certo... Tad?

— Mais ou menos um mês — disse Tad —, se tivermos sorte. Mais tempo, para produzir o suficiente que cause uma diferença significativa.

— Faz-me recordar o fracasso da gripe suína, há alguns anos — interveio o dr. Hayward.

— Não foi culpa do CCD — disse Cyrill defensivamente. — Não há dúvida a respeito da linhagem que apareceu em Forte Dix. A razão de não se ter alastrado fica por conta da imaginação de cada um.

Marissa sentiu alguém pôr a mão no seu ombro. Ao virar-se, deparou com uma das criadas de uniforme preto.

— Dra. Blumenthal? — sussurrou a moça.

— Sim.

— Há uma chamada telefônica para a senhora. Marissa deu uma olhada na direção de Ralph, do outro lado da mesa, mas ele estava ocupado, conversando com a sra. Jackson.

Pediu licença e seguiu a moça até a cozinha. De repente ela caiu em si, e sentiu uma excitação medrosa, como da primeira vez que fora chamada durante a noite, quando era ainda residente: só podia ser o CCD. Afinal, estava de serviço e, como boa profissional, deixara o telefone de Ralph. Ninguém mais sabia que ela estava lá.

— Dra. Blumenthal? — perguntou a telefonista do CCD, quando Marissa levantou o fone.

A chamada foi transferida para o funcionário de serviço.

— Parabéns — ele disse jovialmente. — Houve um pedido de socorro para uma epidemia. Recebemos uma chamada do Serviço de Epidemiologia do Estado da Califórnia, que gostaria de contar com a ajuda do CCD em um problema surgido em Los Angeles. É uma epidemia de uma doença desconhecida, mas aparentemente grave, em um hospital chamado Clínica Richter. Nós nos antecipamos e fizemos uma reserva para você no voo da Delta para a costa, que parte à uma e dez da manhã. Providenciamos acomodações num hotel chamado Tropic Motel. Parece ótimo. De qualquer modo, boa sorte!

Recolocando o fone no gancho, Marissa deixou que sua mão permanecesse sobre o fone por um instante, enquanto recuperava a respiração. Não se sentia absolutamente preparada. Aquele pobre, ingênuo pessoal da Califórnia chamara o CCD na esperança de conseguir um perito em epidemiologia, e, em vez disso, conseguiria ela, Marissa Blumenthal. Todo o seu metro e meio. Ela encaminhou-se de volta à sala de jantar, para se desculpar e se despedir.

2

21 de janeiro

Enquanto Marissa apanhava sua maleta na esteira rolante, esperava pelo carro de aluguel, pegava o segundo, já que o primeiro não funcionara, e, de alguma maneira, conseguia encontrar o Tropic Motel, o céu começara a clarear.

Enquanto fazia o registro, não conseguia deixar de pensar em Roger. Mas ela não lhe telefonaria. Já havia prometido isto a si mesma, várias vezes, durante o voo.

O motel era desanimador, mas não tinha importância. Marissa não tencionava passar muito tempo ali. Lavou as mãos e o rosto, penteou o cabelo e recolocou a travessa. Sem qualquer outro motivo plausível para demora, retornou ao carro de aluguel e partiu para a Clínica Richter. As palmas de suas mãos estavam úmidas sobre o volante.

A clínica ficava convenientemente situada numa grande avenida. Havia poucos carros àquela hora da manhã, Marissa entrou no estacionamento, pegou o bilhete e achou uma vaga perto da entrada. Todo o complexo era moderno, incluindo a garagem, a clínica e o que Marissa supunha ser o hospital, que parecia ter sete andares. Ao sair do carro, espreguiçou-se e pegou a pasta. Nela estavam as anotações que fizera durante as aulas de epidemiologia no curso

preparatório — como se pudessem ser de alguma ajuda! —, um bloco de papel, alguns lápis, um pequeno compêndio sobre diagnósticos em virologia, um batom reserva e um pacote de goma de mascar. Que piada!

Uma vez lá dentro, Marissa sentiu o cheiro familiar de desinfetante — um odor que, de alguma maneira, acalmou-a e fê-la sentir-se, imediatamente, em casa. Havia um balcão de informações, mas estava vazio. Ela perguntou a um servente, que limpava o chão, como chegar à ala do hospital, e ele apontou para uma faixa vermelha no chão. Marissa a seguiu até a sala de emergência. Havia pouca atividade, com poucos pacientes na sala de espera e apenas duas enfermeiras atrás da mesa principal. Marissa procurou o médico de plantão e explicou quem era.

— Ah! Ótimo! — disse, entusiasmado, o médico da emergência.
— Estamos contentes que esteja aqui! O dr. Navarre a esperou a noite toda. Deixe-me chamá-lo.

Marissa, distraída, brincava com alguns cliques de papel. Quando levantou o olhar, notou que as duas enfermeiras a olhavam. Ela sorriu e as enfermeiras retribuíram o sorriso.

— Posso trazer-lhe um café? — perguntou a mais alta delas.

— Seria ótimo — respondeu Marissa.

Além de sua ansiedade básica, estava sentindo os efeitos de apenas duas horas de um sono agitado, no voo desde Atlanta.

Sorvendo o líquido quente, recordou-se das histórias de investigação médica de Berton Roueche, publicadas no *The New Yorker*. Ela gostaria de poder envolver-se em um caso como o que fora solucionado por John Snow, o pai da moderna epidemiologia. Uma epidemia de cólera, em Londres, tinha sido debelada quando Snow, dedutivamente, isolara o problema em uma determinada bomba de água da cidade. A verdadeira maravilha do trabalho de Snow foi ele tê-lo realizado antes da aceitação da teoria do germe na

enfermidade. Não seria maravilhoso fazer parte de uma situação tão destacada?

A porta da sala de plantão abriu-se e um homem bonito, de cabelos pretos, apareceu. Iluminado pela forte luz da sala de emergência, ele dirigiu-se diretamente para Marissa. Os cantos de sua boca contraíram-se em um largo sorriso.

— Dra. Blumenthal, não faz ideia do quanto estamos contentes em vê-la!

Enquanto trocavam um aperto de mão, o dr. Navarre fixou o olhar em Marissa. De pé, a seu lado, ele ficou momentaneamente surpreso com seu tamanho diminuto e aparência jovem. Para ser educado, perguntou-lhe sobre o voo e se estava com fome.

— Acho melhor começarmos imediatamente o trabalho — disse Marissa.

O dr. Navarre concordou prontamente. Enquanto conduzia Marissa à sala de conferências do hospital, ele se apresentou como chefe da Clínica Médica. Esta novidade não ajudou Marissa a sentir-se mais segura. Ela reconheceu que o dr. Navarre, sem dúvida alguma, sabia cem vezes mais do que ela sobre doenças contagiosas.

Fazendo um sinal para Marissa sentar-se à mesa de conferências, o dr. Navarre pegou o fone e discou. Enquanto a ligação se completava, explicou que o dr. Spencer Cox, encarregado do Serviço de Epidemiologia do Estado da Califórnia, estava bastante ansioso para falar com ela.

Maravilha!, pensou Marissa, forçando um débil sorriso.

O dr. Cox parecia tão contente quanto o dr. Navarre com a chegada de Marissa. Explicou a ela que, infelizmente, no momento estava embaraçado com um problema na região da baía de São Francisco. Uma epidemia de hepatite B que poderia estar relacionada com a AIDS, segundo pensavam.

— Suponho — continuou o dr. Cox — que o dr. Navarre lhe tenha contado que o problema na Clínica Richter envolve apenas

sete pacientes, no momento.

— Ele ainda não me relatou coisa alguma — disse Marissa.

— Estou certo de que está prestes a fazê-lo — assegurou o dr. Cox. — Temos aqui quinhentos casos de hepatite B, de modo que pode entender por que não posso ir até aí imediatamente.

— Claro — disse Marissa.

— Boa sorte — desejou o dr. Cox. — A propósito, há quanto tempo está no CCD?

— Não muito — admitiu Marissa.

Houve uma pequena pausa.

— Bem, mantenha-me informado — finalizou o dr. Cox. Marissa passou o fone de volta ao dr. Navarre, que desligou.

— Deixe-me colocá-la a par da situação — falou, mudando para um tom profissional e caracteristicamente médico, enquanto tirava do bolso algumas pequenas fichas. — Temos sete casos de uma enfermidade febril, sem diagnóstico mas obviamente grave, caracterizada por prostração e complicações multiorgânicas. O primeiro paciente a ser hospitalizado foi, justamente, um dos cofundadores da clínica, o próprio dr. Richter. O seguinte, uma moça do departamento de registro médicos.

O dr. Navarre começou a colocar suas fichas sobre a mesa. Cada uma representava um paciente. Ele as organizou na ordem em que os casos haviam acontecido.

Abrindo sua pasta discretamente, sem permitir que o dr. Navarre pudesse ver o conteúdo, Marissa pegou o bloco de anotações e um lápis. Sua mente voltou rápido aos cursos que acabara de terminar, recordando-se de que era preciso classificar a informação em categorias compreensíveis. Primeiro a enfermidade: era realmente algo novo?, existia mesmo um problema? Esta era uma etapa tão simples quanto a tabuada de dois e alguma estatística rudimentar. Marissa sabia que precisava caracterizar a enfermidade, mesmo que não pudesse fazer um diagnóstico específico. A próxima etapa seria

determinar os fatores que haviam permitido a instalação do vírus nas vítimas, tais como idade, sexo, estado de saúde, hábitos alimentares, hobbies etc., depois determinar o período, o local e as circunstâncias nas quais cada paciente manifestou os sintomas iniciais, a fim de que se pudesse conhecer quais os elementos comuns existentes. Então haveria o problema da transmissão da enfermidade, que poderia levar ao agente contaminador. Finalmente, o hospedeiro ou depósito teria que ser erradicado. Parecia bem fácil, mas ela sabia que seria um problema difícil, até mesmo para alguém experiente como Dubchek.

Marissa enxugou a mão úmida na saia e pegou o lápis mais uma vez.

— Bem — disse ela, olhando para a página em branco. — Já que não foi feito qualquer diagnóstico, quais são as suposições?

— Todas as possíveis — disse o dr. Navarre.

— Gripe? — perguntou Marissa, esperando não parecer exageradamente simplista.

— Pouco provável — disse o dr. Navarre. Os pacientes apresentam sintomas respiratórios, mas estes não são predominantes. Além disso, o teste sorológico foi negativo para o vírus da gripe nos sete pacientes. Não sabemos do que se trata, mas não é gripe.

— Alguma hipótese? — perguntou Marissa.

— Quase todas negativas — disse o dr. Navarre. — Tudo o que testamos deu negativo: culturas sanguíneas, culturas de urina, de saliva, de fezes, até mesmo do líquido da medula óssea. Pensamos em malária e, na realidade, tratamos como se fosse, embora as placas sanguíneas não acusassem os parasitas. Tratamos até de tifoide, tanto com tetraciclina como com cloranfenicol, apesar das culturas negativas. Mas, tal e qual ocorreu com a medicação contra malária, não houve resposta positiva alguma. Os pacientes estão em franco declínio, independentemente do que se faça.

— Vocês devem ter feito algum tipo de diagnóstico diferencial — disse Marissa.

— Naturalmente — respondeu o dr. Navarre. — Fizemos diversas reuniões sobre doenças contagiosas. O consenso é de que se trata de um problema virótico, embora leptospirose ainda seja um adversário fraco.

O dr. Navarre procurou entre suas fichas, então retirou uma.

— Ah! Eis aqui o diagnóstico diferencial atual: leptospirose, como mencionei; febre amarela, dengue, mononucleose; ou, apenas para complementar a fundamentação, alguma outra infecção enterovirótica, arbovirótica ou adenovirótica. Torna-se desnecessário dizer que fizemos quase tanto progresso no campo da diagnose quanto no terapêutico.

— Há quanto tempo o dr. Richter está hospitalizado? — perguntou Marissa.

— Hoje é o quinto dia. Acho que deve ver os pacientes para avaliar com o que estamos lidando.

O dr. Navarre levantou-se sem esperar pela resposta de Marissa, e ela descobriu que tinha quase que correr para conseguir acompanhá-lo. Passaram por portas de vaivém e entraram no setor hospitalar propriamente dito. Apesar de estar nervosa, Marissa não pôde deixar de impressionar-se com os tapetes luxuosos e a decoração que parecia quase com a de um hotel.

Entrou no elevador atrás do dr. Navarre, que a apresentou a um anestesilogista. Marissa retribuiu o cumprimento do rapaz, mas seu pensamento estava longe dali. Ela tinha certeza de que observar os pacientes naquele momento não iria acrescentar nada, a não ser fazê-la sentir-se "exposta". Tal situação não lhe ocorrera enquanto frequentava o curso preparatório, lá em Atlanta. Subitamente, apresentava-se como um grande problema. Contudo, o que ela poderia dizer?

Chegaram ao posto de enfermagem no quinto andar. O dr. Navarre aguardou para apresentar Marissa à equipe da noite, que estava começando a se preparar para a troca de turno.

— Todos os sete pacientes estão neste andar — disse ele. — Aqui estão alguns de nossos mais experientes funcionários. Os dois pacientes que se encontram em estado crítico estão em compartimentos separados, na unidade de tratamento intensivo, no outro lado do corredor. Os outros se acham em quartos particulares. Aqui estão os prontuários — com a mão aberta ele bateu em uma pilha que estava no canto, na cabeceira do balcão. — Suponho que gostaria de ver primeiro o dr. Richter. — Estendeu o prontuário do dr. Richter para Marissa.

A primeira coisa que ela procurou foi a folha de "Sinais Vitais". Começando o quinto dia de internação do paciente no hospital, Marissa observou que a pressão sanguínea dele estava caindo e a temperatura aumentando. Não era um bom sinal. Rapidamente, examinou o restante do prontuário. Sabia que depois teria de examiná-lo mais minuciosamente, mas mesmo uma rápida olhada a convenceu de que o levantamento executado havia sido soberbo, melhor do que ela própria teria feito. O trabalho de laboratório fora completo. Novamente, ela tentava imaginar o que, em nome de Deus, estava fazendo ali, fingindo ser uma autoridade no assunto.

Voltando ao começo do prontuário, Marissa leu a seção intitulada "Histórico da Enfermidade Atual". Algo lhe saltou à vista, repentinamente. Seis semanas antes de os sintomas se instalarem, o dr. Richter havia comparecido a uma convenção oftalmológica em Nairóbi, Quênia.

À medida que ia lendo, seu interesse tornava-se mais aguçado. Uma semana antes de ficar doente, o dr. Richter comparecera a uma conferência sobre cirurgia de pálpebra, em San Diego. Dois dias antes de dar entrada no hospital, fora mordido por um

Cercopithecus aethiops, seja lá que diabos fosse isso. Ela mostrou ao dr. Navarre.

— É um tipo de macaco — disse o dr. Navarre. — O dr. Richter sempre tem alguns à mão, para sua pesquisa de herpes ocular.

Marissa balançou a cabeça afirmativamente. Olhou de novo para os resultados do laboratório e observou que o paciente tinha uma contagem baixa de glóbulos brancos, baixo ESR e baixa trombocitose. Outros resultados do laboratório indicavam o mal funcionamento do fígado e dos rins. Até mesmo o eletro demonstrava pequenas anormalidades. O sujeito estava mesmo muito doente.

Marissa colocou o prontuário no balcão.

— Está pronta? — perguntou o dr. Navarre.

Embora Marissa tenha balançado a cabeça afirmativamente, teria preferido adiar este confronto com os pacientes. Ela não alimentava nenhuma ilusão de que fosse descobrir algum dado físico significativo que até então não tivesse sido detectado, e, desta forma, solucionar o mistério. O fato de ir ver os pacientes, àquela altura, era puro teatro, e, infelizmente, um negócio arriscado. Foi com relutância que ela acompanhou o dr. Navarre.

Eles entraram na unidade de tratamento intensivo, com o familiar cenário de aparelhagem eletrônica complicada. Os pacientes eram vítimas imóveis, presos por nós de arame e tubos de plástico. Havia o cheiro de álcool, o ruído de respiradores e monitores cardíacos. Havia também o habitual alto nível de atendimento por parte das enfermeiras.

— Isolamos o dr. Richter neste quarto lateral — disse o dr. Navarro, parando à entrada, cuja porta estava fechada.

À esquerda da porta havia uma janela, e Marissa podia ver o paciente lá dentro do quarto. Como os outros que se achavam na UTI, o dr. Richter também estava estendido sob um dossel de frascos com soro intravenoso. Por trás dele havia um tubo de raios catódicos

com um eletrocardiograma contínuo, emitindo sinais sobre a respectiva tela.

— Acho que você deve vestir uma máscara e uma túnica — disse o dr. Navarre. — Estamos observando medidas de precaução para todos os pacientes, por motivos óbvios.

— Certamente — disse Marissa.

Tentava não parecer muito ansiosa, mas, se dependesse dela, entraria em uma bolha plástica. Vestiu a túnica e colocou um gorro, máscara, botas e, até mesmo, luvas de borracha. O dr. Navarre agiu da mesma forma.

Sem se dar conta do que estava fazendo, Marissa respirou suavemente ao olhar para o paciente, que, em linguagem irreverente, parecia estar prestes a "abotoar o paletó". A cor era cinzenta, os olhos fundos, a pele flácida. Tinha uma mancha roxa sobre o osso zigomático direito; os lábios estavam ressecados e havia sangue coagulado nos dentes da frente.

Olhando para o homem ali prostrado, ela não sabia o que fazer; sentia-se, contudo, na obrigação de fazer alguma coisa, com o dr. Navarre grudado nela, observando todos os seus movimentos. Os olhos do dr. Richter abriram-se, trêmulos. Marissa notou pequenas hemorragias na esclerótica.

— Nada bem — admitiu o dr. Richter, emitindo um murmúrio rouco.

— É verdade que o senhor esteve na África há um mês? — perguntou Marissa.

Tinha de inclinar-se sobre ele para poder ouvi-lo, e seu coração quase saiu pela boca.

— Há seis semanas — disse o dr. Richter.

— Esteve em contato com algum animal?

— Não — o paciente conseguiu responder, após uma pausa. — Vi muitos, mas não peguei em um sequer.

— Examinou alguém que estivesse doente?

O dr. Richter fez que não com a cabeça. Falar era, obviamente, muito difícil para ele.

Marissa apertou os olhos, apontou para a contusão sob o olho direito do paciente e perguntou ao dr. Navarre:

— Tem alguma ideia do que seja isto?

O dr. Navarre balançou a cabeça afirmativamente.

— Ele foi assaltado dois dias antes de ficar doente. Bateu com o rosto no chão.

— Coitado — disse Marissa, angustiada com a infelicidade do dr. Richter. Então, após um instante, acrescentou: — Acho que já vi o bastante, por ora.

Logo atrás da porta que dava passagem de volta para a UTI propriamente dita, havia um grande esqueleto segurando um saco plástico. Tanto Marissa quanto o dr. Navarro desfizeram-se de suas indumentárias de isolamento e voltaram para o posto de enfermagem do quinto andar.

Compulsivamente, Marissa lavou as mãos na pia.

— E o macaco que mordeu o dr. Richter? — ela perguntou.

— Foi colocado de quarentena — disse o dr. Navarre. — Também fizemos todas as culturas possíveis. Ele aparenta estar saudável.

Eles pareciam haver pensado em tudo. Marissa pegou o prontuário do dr. Richter para averiguar se suas hemorragias conjuntivais haviam sido observadas. Positivo.

Respirou profundamente e olhou para o dr. Navarre, que a observava com expectativa.

— Bem, tenho muito trabalho a fazer com estes prontuários — disse ela, de modo impreciso.

De repente, lembrou-se de ter lido acerca de uma categoria de enfermidade denominada "febre hemorrágica viral". Eram febres extremamente raras, mas mortais, e diversas delas originavam-se na África. Na esperança de acrescentar algo às hipóteses diagnosticas já registradas pelos médicos da clínica, ela mencionou a possibilidade.

— Já aventamos a hipótese de se tratar de uma febre hemorrágica viral — disse o dr. Navarre. — Foi uma das razões para chamarmos o CCD tão rápido.

Tanto pior para este diagnóstico "zebra", pensou Marissa, referindo-se a uma máxima médica que diz que, quando se ouve ruído de cascos, deve-se pensar em cavalo, não em zebras.

Para seu grande alívio, o dr. Navarre foi chamado para uma emergência.

— Sinto muito — ele disse —, mas tenho de ir para a sala de emergência. Há alguma coisa que eu possa fazer antes de ir?

— Bem, acho que seria conveniente melhorar as condições de isolamento dos pacientes. Os senhores já os transferiram para a mesma área do hospital. Acho, porém, que deveriam colocá-los numa ala totalmente isolada e iniciar precauções para uma completa incomunicabilidade, pelo menos até termos alguma ideia quanto ao grau de contágio da enfermidade.

O dr. Navarre olhou Marissa fixamente, e por um instante ela tentou imaginar o que o homem estava pensando. Logo ele disse:

— Está absolutamente certa.

Marissa levou os sete prontuários para uma pequena sala situada atrás do posto de enfermagem. Abrindo um por um, ficou sabendo que, além do dr. Richter, havia quatro mulheres e dois homens que, ao que tudo indicava, sofriam da mesma enfermidade. De alguma forma, todos tinham que haver mantido contato direto entre si ou sido expostos à mesma fonte de contaminação.

Marissa não deixava de lembrar a si própria que seu método de investida em um trabalho de campo, particularmente o seu primeiro, era reunir o maior número possível de informações e então transmiti-las para Atlanta. Voltando ao prontuário do dr. Richter, leu tudo, até as anotações das enfermeiras. Em uma folha à parte de seu bloco de anotações, relacionou cada fragmento de informação que, de alguma forma, pudesse fazer sentido, incluindo o fato de que o

homem se apresentara com um quadro de hematêmese, vomitando sangue. Isto com toda certeza, não parecia com gripe. Durante todo o tempo em que estava trabalhando, sua mente insistia em que o fato de o dr. Richter ter estado na África seis semanas antes tinha que significar algo, muito embora uma incubação de um mês fosse pouco provável, devido aos sintomas apresentados, a não ser que ele estivesse com malária, o que, aparentemente, não acontecia. Naturalmente, havia enfermidades viróticas, como a AIDS, com períodos de incubação mais longos, mas a AIDS não era uma enfermidade contagiosa aguda. O período de incubação para enfermidades contagiosas agudas era, normalmente, de cerca de uma semana, alguns dias a mais ou a menos.

Cuidadosamente, Marissa examinou todos os prontuários, juntando informações variadas quanto a idade, sexo, modo de vida, ocupação e meio ambiente onde cada um residia. Registrou suas descobertas no bloco de anotações, uma página para cada paciente, e logo chegou à conclusão de que estava lidando com um grupo de pessoas heterogêneo. Além do dr. Richter, havia uma secretária, que trabalhava nos registros médicos da Clínica Richter, duas donas de casa, um bombeiro hidráulico, um vendedor de seguros e um corretor de imóveis. A possibilidade de convivência comum parecia remota, com um grupo tão heterogêneo, embora todos tivessem que ter sido expostos à mesma fonte.

A leitura dos prontuários também deu a Marissa um quadro clínico melhor da enfermidade com a qual estava lidando. Aparentemente, começava de forma inesperada, com fortes dores de cabeça, dor muscular e febre alta. Num estágio imediato, o paciente experimentava uma mistura de cólica abdominal, diarreia, vômitos, dor de garganta, tosse e dor no peito. Um calafrio percorreu a espinha dorsal de Marissa, ao pensar que se expusera à enfermidade.

Esfregou os olhos. Devido à falta de sono, estavam ardendo como se houvesse areia neles. Era hora de visitar o restante dos pacientes,

quer ela quisesse, quer não. Havia uma série de lacunas, particularmente no que dizia respeito às atividades de cada paciente, nos dias imediatamente anteriores à enfermidade.

Ela começou com a secretária dos registros médicos, que estava instalada em um quarto perto do dr. Richter, na UTI, e fez um grande esforço para conseguir chegar até o último paciente que dera entrada no hospital. Antes de examinar cada caso, cuidadosamente vestia-se dos pés à cabeça com a roupa protetora. Todos os pacientes estavam gravemente doentes, e nenhum deles tinha muita vontade de falar. Contudo, Marissa desfiava seu rosário de perguntas, concentrando-se em esclarecer se cada paciente havia conhecido qualquer um dos outros. A resposta era sempre não, exceto o fato de todos conhecerem o dr. Richter e todos serem sócios do plano de saúde da Clínica Richter! A resposta era tão óbvia que ela ficou surpresa de que ninguém a tivesse observado ainda. O próprio dr. Richter poderia ter espalhado a enfermidade, já que era até possível ele ter estado em contato com a secretária dos registros médicos. Marissa pediu a um funcionário para ir buscar todos os registros de clientes do ambulatório da clínica.

Enquanto aguardava o rapaz, recebeu uma chamada do dr. Navarre:

— Sinto informar que temos mais um caso — disse ele. — É um dos técnicos de laboratório daqui da clínica. Ele está na sala de emergência Quer descer?

— Ele está isolado? — perguntou Marissa.

— Tanto quanto se consegue aqui embaixo — disse o dr Navarre.
— Estamos preparando uma ala de isolamento lá em cima, no quinto andar. Transferiremos para ela todos os casos, assim que ficar pronta.

— Quanto mais rápido, melhor — disse Marissa. — Por enquanto, aconselho o adiamento de todo o trabalho de laboratório que não seja essencial.

— Por mim, tudo bem — disse o dr. Navarre. — E este rapaz aqui embaixo? Quer vê-lo?

— Já estou indo — disse Marissa.

A caminho da sala de emergência, ela não conseguiu afastar a sensação de que estavam à beira de uma grande epidemia. Com relação ao técnico de laboratório, havia duas possibilidades igualmente perturbadoras: a primeira era que o rapaz contraíra a enfermidade da mesma forma que os outros, isto é, de uma fonte ativa de um vírus mortal na Clínica Richter; a segunda, e mais provável na estimativa de Marissa, era que o técnico de laboratório havia estado exposto ao agente, ao manipular material contaminado dos casos já existentes.

O pessoal da emergência tinha colocado o novo paciente em um dos boxes da psiquiatria. À porta havia uma tabuleta de "Favor Não Entrar". Marissa leu o prontuário do técnico. Era um rapaz de 24 anos, chamado Alan Moyers. Sua temperatura atingia 39,7°.

Após vestir capote protetor, máscara, gorro, luvas e botas, Marissa entrou no minúsculo quarto. O paciente a encarou com o olhar vidrado.

— Percebo que você não está se sentindo muito bem — disse Marissa.

— Sinto-me como se tivesse sido atropelado por um caminhão — lamentou-se Alan. — Nunca me senti tão mal, nem quando tive uma tremenda gripe no ano passado.

— Qual foi a primeira coisa que notou?

— A dor de cabeça. — Ele tamborilou os dedos sobre as têmporas. — Bem aqui, é onde sinto a dor. É terrível. Pode me dar alguma coisa que alivie?

— Sente calafrios?

— É, depois que a dor de cabeça começou, comecei a sentir.

— Aconteceu a você alguma coisa incomum no laboratório, na última semana?

— Como o quê? — perguntou Alan, fechando os olhos. — Bem, ganhei o bolo de apostas do último jogo dos Hawks.

— Estou mais interessada em alguma coisa profissional. Você foi mordido por algum animal?

— Não. Nunca lido com animais. O que há de errado comigo?

— E o dr. Richter? Você o conhece?

— Claro. Todo mundo conhece o dr. Richter. Ah, me lembro de uma coisa. Eu me espetei com a agulha de um coletor-recipientes. Isto nunca me havia acontecido antes.

— Você se lembra do nome do paciente que estava escrito no coletor?

— Não. Tudo o que me lembro é que o cara não tinha AIDS. Eu fiquei preocupado, então dei uma olhada no diagnóstico dele.

— Qual era?

— Não dizia. Mas sempre está escrito AIDS, se for AIDS. Eu não tenho AIDS, tenho?

— Não, Alan, você não tem AIDS — Marissa tranquilizou-o.

— Graças a Deus! Por um instante, tive medo.

Marissa saiu para procurar o dr. Navarre, mas ele estava ocupado com um caso de ataque cardíaco que acabara de ser trazido pela ambulância. Ela então pediu à enfermeira para informá-lo de que estava voltando para o quinto andar. Regressando aos elevadores, Marissa começou a organizar seus pensamentos, para depois telefonar ao dr. Dubchek.

— Com licença.

Marissa sentiu um tapinha em seu braço e virou-se. Deparou com um homem de barba e óculos de aro de metal.

— É a dra. Blumenthal, do CCD? — perguntou o homem.

Embaraçada em ser reconhecida, Marissa fez um sinal afirmativo com a cabeça. O homem estava bloqueando sua entrada no elevador.

— Eu sou Clarence Hearn, do Los Angeles Times. Minha esposa trabalha no turno da noite, na equipe médica da UTI. Ela me contou

que a senhorita estava aqui para ver o dr. Richter. O que é que o homem tem?

— Ninguém sabe, ainda — disse Marissa.

— É coisa séria?

— Acho que sua mulher pode lhe dar esta resposta tão bem quanto eu.

— Ela diz que o homem está morrendo e que há outros seis casos semelhantes, inclusive uma secretária dos registros médicos. Não está com jeito de ser o início de uma epidemia?

— Não estou bem certa de que "epidemia" seja a palavra adequada. Parece haver mais um caso hoje, mas foi o único em dois dias. Espero que seja o último, mas ninguém sabe.

— Parece alarmante.

— Concordo — disse Marissa. — Mas não posso falar mais. Estou com pressa.

Driblando o insistente sr. Herns, Marissa pegou o elevador seguinte, voltou ao cubículo atrás do posto de enfermagem do quinto andar e fez uma chamada a cobrar para o dr. Dubchek. Eram quinze para as três em Atlanta, e ela conseguiu completar a ligação imediatamente.

— E aí, como está o seu primeiro trabalho de campo? — ele perguntou.

— Um pouco sufocante — disse Marissa.

Depois, o mais sucintamente possível, descreveu os sete casos que examinara, admitindo não haver acrescentado coisa alguma que os médicos da Clínica Richter já não soubessem.

— Isso não deve perturbá-la — disse Dubchek. — Você precisa ter sempre em mente que um epidemiologista olha para os dados de um ângulo diferente do de um clínico. Assim, os mesmos dados podem ter significados diversos. O clínico examina cada caso em particular, enquanto que você está tendo uma visão geral de todo o quadro. Conte-me sobre a enfermidade.

Marissa descreveu a síndrome clínica, sempre consultando o seu bloco de anotações. Ela percebeu que Dubchek ficou particularmente interessado no fato de dois dos pacientes terem vomitado sangue, que um outro tinha evacuado sangue e que três deles haviam sido acometidos de hemorragias nos olhos! Quando Marissa relatou que o dr. Richter havia participado de um congresso de oftalmologia na África, Dubchek exclamou:

— Meu Deus! Você tem consciência do que está me descrevendo?

— Não exatamente — disse Marissa.

Era uma antiga artimanha entre os estudantes de medicina: tente permanecer em campo neutro, em vez de se fazer de tolo.

— Febre hemorrágica viral... — disse Dubchek. — E, se veio da África, seria a febre de Lassa. A não ser que fosse Marburg ou Ebola. Jesus Cristo!

— Mas a visita de Richter foi há mais de seis semanas.

— Droga! — disse Dubchek, quase que com raiva. — O maior período de incubação para este tipo de enfermidade fulminante é de cerca de duas semanas. Até mesmo quando o propósito é quarentena, vinte dias é um período considerado razoável.

— O médico também foi mordido por um macaco, dois dias antes de adoecer — acrescentou Marissa.

— Dois dias é um período de incubação muito pequeno. Deveria ser de cinco ou seis. Onde está o macaco agora?

— De quarentena — disse Marissa.

— Ótimo. Não deixe que aconteça nada a esse animal, principalmente se ele morrer. Temos que fazer com ele os exames de vírus. Caso o animal tenha algum envolvimento, precisamos considerar o vírus Marburg. De qualquer forma, a enfermidade certamente está parecendo uma febre hemorrágica viral, e, até prova em contrário, é melhor que a consideremos como tal. Já há algum tempo que estávamos preocupados que algo deste tipo acontecesse; o problema é que não há vacina e não existe tratamento.

— E qual é a taxa de mortalidade? — perguntou Marissa.

— Alta. Diga-me: por acaso o dr. Richter tem erupções na pele? Marissa não conseguia lembrar-se.

— Vou verificar.

— A primeira coisa que quero que faça é coleta de sangue, de amostras de urina e de material da garganta para a cultura de vírus em todos os sete casos, e quero que envie o material o mais rápido possível para o CCD. Utilize-se do serviço de entregas da Delta, é o método mais rápido. Quero que você faça a coleta de sangue pessoalmente e, pelo amor de Deus, que tome cuidado. Colete do macaco também, se puder. Embale as amostras em gelo-seco, antes de remetê-las.

— Acabo de examinar o que poderia ser mais um caso — disse Marissa. — Um dos técnicos de laboratório da clínica.

— Inclua-o também. Parece que está ficando cada vez mais grave. Assegure-se de que todos os pacientes estejam totalmente isolados, com rigorosas precauções para uma completa incomunicabilidade. E avise a todo aquele que esteja de serviço para não executar qualquer tipo de trabalho no laboratório até que eu chegue aí.

— Já fiz isso — disse Marissa. — Você vem pessoalmente?

— Pode apostar que sim. Este talvez seja um caso de emergência nacional. Mas levará algum tempo até que o laboratório móvel seja preparado. Enquanto isso, comece a organizar uma quarentena para os contatos e tente se comunicar com os organizadores daquele congresso oftalmológico na África; verifique também se algum dos outros médicos que compareceram está doente. E mais uma coisa: não diga nada à imprensa. Com toda esta publicidade sobre AIDS, acho que o público não conseguiria lidar com a ameaça de outra enfermidade virótica mortal. Poderia haver pânico generalizado. E, Marissa, quero que você use roupa protetora completa quando examinar os pacientes, inclusive óculos especiais, que o

Departamento de Patologia deve possuir, caso ninguém mais possua. Estarei aí o mais rápido que puder.

Quando desligou, Marissa experimentou uma torrente de ansiedade. Imaginava se já não se expusera ao vírus. Depois preocupou-se com o fato de já haver falado com Clarence Hearn, do Los Angeles Times. Bem, o que estava feito, paciência. Sentia-se feliz com a vinda de Dubchek. Ela sabia que tudo estivera acima de sua capacidade, desde o momento em que chegara a Los Angeles.

Após solicitar uma ligação para o dr. Navarre, Marissa conseguiu que uma das enfermeiras a auxiliasse a preparar o material necessário à coleta de sangue dos pacientes. Ela necessitava de coletores-recipientes com anticoagulantes, sacos plásticos e hipoclorito de sódio para descontaminar o lado externo dos sacos. Precisava também de recipientes para a coleta de urina e de material da garganta. Então telefonou para o microlaboratório e pediu que enviassem recipientes para o transporte de vírus, junto com embalagens para remessa e gelo-seco. Quando o dr. Navarre ligou, ela relatou o que Dubchek havia dito sobre cuidados para uma completa incomunicabilidade e sobre a não-execução de exames de laboratório até que ele chegasse com know-how especializado. Mencionou ainda que seria melhor se eles pudessem reunir-se para conversar sobre a adoção sistemática de quarentena para todos os contatos. O dr. Navarre concordou, surpreso em ouvir que Dubchek levantara a hipótese de estarem lidando com febre hemorrágica vital.

Seguindo o conselho de Dubchek, Marissa arranjou os óculos especiais na Patologia. Ela, em momento algum, pensou em contrair uma doença pelos olhos, mas estava a par de que a superfície deles era uma membrana mucosa, obviamente tão vulnerável a um ataque virótico quanto a mucosa nasal. Quando estava totalmente paramentada, com gorro, óculos especiais, máscara, luvas e botas, ela se dirigiu ao box do dr. Richter para iniciar a coleta de amostras.

Antes de começar, examinou-o à procura de erupções na pele. Seus braços estavam limpos, mas ele tinha, realmente, uma região vermelha, mais ou menos do tamanho de uma moeda, na coxa direita. Levantando-lhe a túnica hospitalar, Marissa notou uma pequena, porém bem definida, erupção maculopapular abrangendo a maior parte do tronco. Ela estava impressionada que Dubchek a houvesse previsto.

Primeiro Marissa colheu o sangue, em seguida encheu outro recipiente com a urina que havia na sonda vesical. Após lacrá-los, lavou-lhes o exterior com hipoclorito de sódio e então colocou-os em um segundo saco. Depois que o lado de fora do segundo saco havia sido lavado com desinfetante, ela permitiu que fosse retirado do quarto.

Desfazendo-se do gorro, máscara, capote, luvas e botas, e vestindo outros novos, Marissa prosseguiu com o próximo paciente, a secretária dos registros médicos, cujo nome era Helen Townsend. Marissa repetiu o mesmo procedimento que adotara com o dr. Richter, inclusive procurou por erupções na pele, Helen também estava com uma pequena erupção no tronco, mas não havia nenhum círculo vermelho em sua coxa ou em qualquer outra parte. Apresentava estar menos doente do que Richter, mas nenhum dos pacientes parecia bem o bastante para questionar Marissa, que continuava com suas coletas de amostras. Apenas Alan Moyers pôde reunir forças para oferecer alguma objeção. A princípio, recusou-se a permitir que Marissa colhesse o sangue, a não ser que ela lhe dissesse qual era o seu diagnóstico. O rapaz estava apavorado. Quando Marissa lhe disse a verdade, que não sabia o que ele tinha e que esta era a razão pela qual necessitava das amostras, finalmente deu-se por vencido.

Quanto ao macaco, Marissa nem mesmo tentou obter uma amostra do sangue. O tratador estava de folga e ela não tinha a menor intenção de lidar com o animal sozinha. O macaco parecia

bastante saudável, mas não era amistoso: atirou fezes em Marissa através da grade da gaiola.

Uma vez completado o condicionamento, ela se certificou de que todos os parafusos estavam firmes no lugar, de modo a que o dióxido de carbono do gelo-seco não pudesse penetrar nas amostras. Levou pessoalmente as caixas ao aeroporto, no carro que alugara, e despachou-as para Atlanta.

De volta à Clínica Richter, Marissa deu uma paradinha na pequena biblioteca da clínica. Havia poucos textos clássicos que incluíssem artigos sobre enfermidades viróticas. Ela rapidamente examinou os registros referentes ao vírus da febre de Lassa, ao Marburg e ao Ebola. Então pôde entender a reação exaltada de Dubchek, ao telefone. Estas eram as viroses mais mortais de que se tinha notícia.

Ao chegar ao quinto andar, Marissa descobriu que os oito pacientes haviam sido isolados numa ala separada. Também descobriu que os registros que solicitara, de doentes do ambulatório da clínica, haviam chegado. Depois de pedir uma ligação para o dr. Navarre, Marissa sentou-se e começou a examinar os prontuários.

O primeiro era o de Harold Stevens, o corretor de imóveis. Ela começou a examiná-lo de trás para a frente, e imediatamente descobriu que sua última entrada no ambulatório fora uma visita ao dr. Richter: Harold Stevens tinha glaucoma angular crônico e fazia consultas regulares com o dr. Richter. Seu último check-up havia sido feito em 15 de janeiro, quatro dias antes de dar entrada no hospital.

Com uma sensação de certeza cada vez maior, Marissa olhou a última visita em cada prontuário. Ali estava. Cada paciente havia estado com o dr. Richter, ou no dia 15 ou no dia 16 de janeiro. Todos, menos Helen Townsend, a secretária dos registros médicos, e Alan, o técnico de laboratório. A última entrada referente à srta. Townsend que constava no arquivo do ambulatório registrava uma consulta

com um obstetra, em decorrência de uma cistite. Alan consultara um ortopedista no ano anterior, por causa de um tornozelo que torcera jogando basquete. Com exceção da secretária e do técnico de laboratório, havia a hipótese, bastante provável, de que o dr. Richter fosse a fonte da enfermidade. O fato de ele ter dado consulta para cinco dos pacientes, imediatamente antes de desenvolver os sintomas, não podia deixar de ser significativo.

Marissa podia explicar que o técnico de laboratório tivesse contraído a doença ao espetar-se com uma agulha contaminada, mas não conseguia, ao menos por enquanto, explicar Helen Townsend. Tinha que presumir que Helen havia consultado o dr. Richter em algum outro dia daquela semana. Ela caíra doente apenas 48 horas depois do médico. Talvez ele tivesse estado durante muito tempo no departamento de registros médicos, naquela semana.

O pensamento de Marissa foi interrompido pelo funcionário da enfermaria, que lhe disse que o dr. Navarre telefonara para perguntar se ela podia fazer a gentileza de descer até a sala de conferências do hospital.

A volta ao local onde tinha começado o dia fez com que Marissa recordasse do grande período de tempo em que estivera trabalhando até agora.

Ela se sentia esgotada quando o dr. Navarre fechou a porta e apresentou a outra pessoa que se achava na sala. Era William Richter, irmão do dr. Richter.

— Eu queria agradecer-lhe pessoalmente a presença aqui — disse William.

Embora estivesse impecavelmente vestido num terno risca de giz, o rosto pálido era um testemunho silencioso de sua carência de sono.

— O dr. Navarre contou-me sua hipótese diagnóstica. Quero lhe assegurar que daremos todo o respaldo aos seus esforços para conter esta enfermidade, até o limite de nossos recursos. Mas também, estamos preocupados com o impacto negativo que a situação pode

trazer para a clínica Espero que concorde que ausência de publicidade seria a melhor publicidade.

Marissa sentiu-se um pouco irritada; afinal, havia várias vidas em jogo. Mas o próprio Dubchek tinha dito essencialmente o mesmo.

— Entendo sua preocupação — disse ela, incomodamente consciente de que já havia falado com um repórter. — Mas penso que devemos dar início a novas medidas de quarentena.

Marissa continuou explicando que teriam que separar os contatos possíveis em primários e secundários. Contatos primários seriam aqueles que houvessem falado com algum dos oito pacientes ou tocado em um deles. Contatos secundários seriam quaisquer pessoas que tivessem tido contato com um contato primário.

— Meu Deus... — lamentou o dr. Navarre. — Estamos falando de milhares de pessoas...

— Temo que sim — disse Marissa. Precisaremos de todo o potencial humano de que a clínica possa dispor. Também extrairemos os recursos do Departamento Estadual de Saúde.

— Providenciarei o contingente humano disse o sr. Richter. — Gostaria de manter tudo isso "em casa". Não acha que deveríamos esperar até que realmente tivéssemos um diagnóstico?

— Se esperarmos, pode ser tarde demais — disse Marissa —, e, caso a quarentena se torne desnecessária, podemos suspendê-la a qualquer momento.

— Não vai haver jeito de mantermos tudo isso longe da imprensa — lastimou o sr. Richter.

— Para ser sincera — disse Marissa —, acho que a imprensa pode desempenhar um papel positivo, ajudando-nos a nos comunicar com todos os contatos. Os contatos primários devem ser instruídos a ficarem o mais isolados possível, por uma semana, e a tirarem sua temperatura duas vezes ao dia. Se fizerem febre de 38° ou acima, terão que vir até a clínica. Contatos secundários podem continuar

levando uma vida normal, mas devem tirar a temperatura uma vez ao dia.

Marissa levantou-se e alongou os músculos.

— Quando o dr. Dubchek chegar, deve ter algumas outras sugestões. Mas acredito que o que esquematizei é o procedimento padrão do CCD. Deixarei sua implementação a cargo da Clínica Richter. Minha função é tentar descobrir a fonte de origem do vírus.

Deixando dois homens aturdidos atrás de si, Marissa saiu da sala de conferências. Passando do setor hospitalar para o prédio da clínica, aproximou-se do balcão de informações e perguntou como chegar ao consultório do dr. Richter. Ficava no segundo andar, e Marissa dirigiu-se imediatamente para lá.

A porta estava fechada mas destrancada. Marissa bateu e entrou. A recepcionista do dr. Richter encontrava-se atrás de sua mesa, cumprindo sua obrigação. Ao que parecia, ela não esperava companhia, porque rapidamente apagou o toco de cigarro e guardou o cinzeiro em uma das gavetas da mesa.

— Posso ser-lhe útil em alguma coisa? — perguntou.

Era uma cinquentona de cabelos grisalhos, com um belo permanente. Em seu crachá lia-se "srta. Cavanagh". Óculos para leitura assentavam-se na pontinha de seu nariz, as hastes ligadas por uma corrente de ouro que lhe circundava o pescoço. Marissa explicou quem era, acrescentando:

— É importante que eu tente determinar de que maneira o dr. Richter contraiu sua enfermidade. Para isso, quero reconstituir a agenda dele na última ou penúltima semana antes de ficar doente. Você pode fazer isso para mim? Vou pedir à esposa dele para fazer o mesmo.

— Acho que posso — disse a srta. Cavanagh.

— Aconteceu alguma coisa fora do normal de que possa recordar-se?

— Como o quê? — perguntou a srta. Cavanagh, com um rosto sem expressão.

— Como ter sido mordido por um macaco ou assaltado no estacionamento! A voz de Marissa tinha um tom áspero.

— Isto realmente aconteceu — concordou a srta. Cavanagh.

— Eu sei — disse Marissa. — Alguma outra coisa estranha ou diferente?

— Não consigo pensar em nada, no momento. Espere, ele bateu com o carro.

— Isso, é essa a ideia — encorajou Marissa. Continue pensando. E, a propósito, foi você que tomou as providências para o congresso médico na África?

— Sim.

— E para o de San Diego?

— Este também.

— Gostaria de ter o número do telefone dos organizadores. Se pudesse arranjá-los para mim, eu apreciaria muito. Também gostaria de conseguir uma relação de todos os pacientes que o dr. Richter atendeu durante as duas semanas que precederam sua enfermidade. E, para finalizar: você conhece Helen Townsend?

A srta. Cavanagh tirou os óculos do nariz e deixou-os pendurados pela corrente. Ela suspirou desaprovadamente.

— Helen Townsend está com a mesma doença do dr. Richter?

— Acreditamos que sim — disse Marissa, observando a expressão da srta. Cavanagh.

A recepcionista sabia de alguma coisa relacionada a Helen Townsend, mas parecia relutante em contar, brincando com as teclas de sua máquina de escrever.

— Helen Townsend era paciente do dr. Richter? — alfinetou Marissa.

A srta. Cavanagh levantou os olhos.

— Não, era sua amante. Eu o avisei sobre ela. E aí está: ela acabou por deixá-lo doente. Ele devia ter me dado ouvidos.

— Você sabe se ele a viu um pouco antes de ficar doente?

— Sim, na véspera.

Marissa lançou um olhar de espanto para a mulher. Helen Townsend não passara a doença para o dr. Richter; a coisa havia se processado de maneira inversa. Mas nada disse à mulher. Tudo se encaixava. Marissa já podia relacionar todos os casos conhecidos com o dr. Richter. Epidemiologicamente, isto era extremamente importante. Significava que o dr. Richter era o caso inicial e que ele, somente ele, havia sido exposto ao depósito desconhecido do vírus. Agora tornava-se mais importante ainda que ela reconstituísse a agenda do homem detalhadamente, minuto a minuto.

Marissa pediu à srta. Cavanagh que começasse a trabalhar num esboço do que o dr. Richter fizera nas últimas duas semanas. Disse à mulher que voltaria depois, mas, caso fosse necessário, poderia chamá-la pelo sistema de comunicação do hospital.

— Posso perguntar-lhe uma coisa? — indagou a srta. Cavanagh, timidamente.

— Claro disse Marissa, com uma das mãos na maçaneta da porta.

— Há alguma possibilidade de eu ficar doente?

Até então, Marissa havia afastado tal pensamento, pois não queria assustar a mulher, mas não podia mentir. Afinal de contas, a secretária teria de ser considerada um contato primário.

— É possível — disse Marissa. — Teremos de pedir-lhe para restringir algumas de suas atividades durante a próxima semana, e eu aconselharia a que verificasse sua temperatura duas vezes ao dia. Pessoalmente, contudo, acho que nada lhe acontecerá, já que até agora você não apresentou sintoma algum.

De volta ao hospital, Marissa expulsou seus próprios medos e sua fadiga, que aumentava cada vez mais. Havia muita coisa a fazer. Tinha que examinar os prontuários da clínica minuciosamente.

Esperava encontrar uma razão que explicasse o fato de alguns dos pacientes do dr. Richter terem contraído a enfermidade e outros não. Ela também queria telefonar para a esposa do dr. Richter. Entre a esposa e a secretária, esperava poder elaborar um diário razoavelmente completo das atividades do médico, durante as duas semanas que antecederam sua enfermidade.

Voltando ao quinto andar, Marissa esbarrou com o dr. Navarre. Ele parecia tão cansado quanto ela.

— O estado do dr. Richter está ficando cada vez pior — disse ele.
— Está sangrando de tudo o que é lado: no local das picadas das injeções, nas gengivas, no trato gastrintestinal. Os rins estão a ponto de parar e a pressão sanguínea cai vertiginosamente. O interferon que lhe foi ministrado não apresentou efeito algum, e nenhum de nós sabe mais o que tentar.

— E Helen Townsend? — perguntou Marissa.

— Ela também piorou. Também está começando a sangrar — disse o dr. Navarre, e deixou o corpo cair pesadamente sobre a cadeira.

Marissa hesitou por um momento, e então alcançou o telefone. Pediu outra ligação a cobrar para Atlanta, esperando que Dubchek já estivesse a caminho. Infelizmente, não estava. Ele próprio veio atender.

— As coisas estão ficando pretas por aqui — informou Marissa.
— Dois dos pacientes estão sofrendo sintomas hemorrágicos significativos. Clinicamente falando, está se tornando cada vez mais parecido com febre hemorrágica viral, e ninguém sabe o que fazer para ajudar estas pessoas.

— Há muito pouco que possa ser feito — disse Dubchek.

— Podem tentar heparinização. Ou, então, terapia de apoio ou coisa parecida. Quando fizermos um diagnóstico específico, seremos capazes de utilizar soro hiperimune, se houver disponível. Indo por

esse caminho, já recebemos suas amostras e Tad já começou a processá-las.

— Quando você vem? — perguntou Marissa.

— Sem demora — disse Dubchek. — Já estamos com o laboratório móvel para isolamento de vírus todo acondicionado.

Marissa acordou com um sobressalto. Ainda bem que ninguém havia entrado no cubículo atrás do posto de enfermagem. Ela olhou o relógio. Eram dez e quinze da noite. Estivera adormecida por cinco ou dez minutos.

Pondo-se de pé, sentiu-se tonta. Sua cabeça doía e ela estava com um início de dor de garganta. Rezou para que esses sintomas fossem apenas causados pela fadiga e não o início de uma febre hemorrágica viral.

Fora uma noite movimentada. Mais quatro casos haviam dado entrada na sala de emergência, todos queixando-se de forte dor de cabeça, febre alta e vômito. Uni já apresentava sinais hemorrágicos. Os pacientes eram todos parentes das primeiras vítimas, fato que ressaltava a necessidade de quarentena rigorosa. O vírus já estava em sua terceira geração. Marissa preparou amostras viróticas e as enviou para Atlanta por um portador noturno.

Reconhecendo estar no limite de suas forças, decidiu voltar para o motel. Ia saindo, quando a enfermeira do térreo a informou de que a esposa do dr. Richter estava pronta para vê-la. Imaginando que seria cruel adiar o encontro com a mulher, Marissa foi encontrá-la na sala de espera. Anna Richter, uma mulher bem vestida e atraente, quase quarentona, fez o possível para recordar-se da agenda cumprida pelo dr. Richter nas duas últimas semanas, mas estava desesperadamente perturbada, não apenas alarmada com relação ao marido, mas temerosa também pelos dois filhos do casal. Marissa relutava em pressioná-la para obter maiores detalhes. A sra. Richter prometeu fornecer uma cronologia mais completa no dia seguinte. Marissa caminhou com ela até o BMW do médico. Depois achou seu

próprio carro e guiou até o Tropic Motel, onde caiu na cama, imediatamente.

3

22 de janeiro

Ao chegar à clínica, na manhã seguinte, Marissa surpreendeu-se ao ver vários caminhões de TV estacionados na entrada do hospital, com suas antenas transmissoras rasgando o céu matutino. Quando tentou entrar pelo estacionamento, foi impedida por um policial e precisou mostrar sua identificação do CCD.

— Quarentena — explicou o policial, e disse-lhe para entrar pela entrada principal do hospital, onde estavam os caminhões de TV.

Marissa obedeceu, tentando imaginar o que havia acontecido durante as seis horas em que estivera fora. Cabos de TV estendiam-se pelo chão até a sala de conferências, e ela ficou espantada com o ritmo das atividades no corredor principal. Esbarrando no dr. Navarre, perguntou-lhe o que estava acontecendo. — Seu pessoal marcou uma entrevista coletiva — ele explicou.

Ele estava com o rosto macilento e sem barbear, e era óbvio que não havia pregado o olho. Pegou um jornal que trazia debaixo do braço e mostrou a Marissa: UMA NOVA EPIDEMIA DE AIDS, destacava o título da reportagem. O artigo estava ilustrado com uma foto de Marissa conversando com Clarence Hearn.

— O dr. Dubchek achou que tal mal-entendido não deveria continuar — disse o dr. Navarre.

Marissa suspirou: O repórter me pegou logo após a minha chegada. Na verdade, não lhe disse coisa alguma.

— Não tem importância — acalmou-a o dr. Navarre, dando-lhe um tapinha afetuoso nas costas. — O dr. Richter morreu durante a noite, e, com os quatro novos casos, não haveria jeito de mantermos os acontecimentos fora do alcance da imprensa.

— Quando o dr. Dubchek chegou? — perguntou Marissa, desviando-se da trajetória de um equipamento de filmagem de TV que era conduzido para a sala de conferências.

— Um pouco depois de meia-noite — disse o dr. Navarre.

— Por que a polícia? — perguntou Marissa, percebendo um segundo agente uniformizado parado junto à porta que dava acesso ao hospital.

— Após a morte do dr. Richter, pacientes começaram a suspender suas internações no hospital, até que o secretário estadual de Saúde emitiu uma ordem colocando todo o prédio sob quarentena.

Marissa desculpou-se e abriu caminho através da multidão de repórteres que se aglomerava do lado de fora da sala de conferências. Estava contente que Dubchek tivesse chegado para assumir o comando, mas tentava compreender por que ele não havia mantido contato com ela. Quando entrou na sala, Dubchek ia começar a falar.

Ele tinha autocontrole. Sua maneira tranquila, nem um pouco insensata, acalmou a sala imediatamente. Começou apresentando-se e aos outros médicos do CCD. Lá estavam o dr. Mark Vreeland, chefe da Epidemiologia Clínica; o dr. Pierre Abbott, diretor do Departamento de Virologia; o dr. Clark Layne, diretor do Programa de Doenças Contagiosas Hospitalares, e o dr. Paul Eckenstein, diretor do Centro de Doenças Contagiosas.

Após a apresentação, Dubchek passou a desfazer o mal-entendido, declarando que o problema não era "uma nova epidemia

de AIDS", que nem a imaginação mais fértil afirmaria tal coisa. Disse que o encarregado do Serviço de Epidemiologia do Estado da Califórnia solicitara o auxílio do CCD para examinar alguns casos de uma enfermidade desconhecida, que se pensava ser de origem virótica.

Olhando para os repórteres, ávidos por informações, Marissa podia afirmar que a tranquilidade de Dubchek não os havia contagiado. A ideia de uma enfermidade virótica, nova e desconhecida, contribuiu para botar mais lenha na fogueira.

Dubchek prosseguiu dizendo que apenas 16 casos haviam ocorrido e que ele achava que o problema estava sob controle. Apontou para o dr. Layne e anunciou que ele estaria revendo as medidas tomadas para a quarentena, e acrescentou que a experiência havia provado que este tipo de enfermidade poderia ser controlado através de um isolamento hospitalar rigoroso.

Neste momento, Clarence Hems deu um pulo, colocou-se de pé e perguntou:

— O dr. Richter trouxe este vírus da conferência que fez na África?

— Não sabemos — disse Dubchek. — É uma possibilidade, mas duvidosa. O período de incubação seria muito longo, já que o dr. Richter regressou da África há mais de um mês. O período de incubação para esse tipo de enfermidade é, normalmente, de cerca de uma semana.

Uma outra repórter também se levantou:

— Se o período de incubação para AIDS pode ser de cinco anos, como vocês podem limitá-lo, neste caso, para menos de um mês?

— É este, exatamente, o ponto — disse Dubchek, com a paciência já por um fio. — O vírus da AIDS é totalmente diferente do de nosso problema atual. É fundamental que os meios de comunicação entendam este ponto e passem isso para o público.

— Vocês já isolaram o novo vírus? — perguntou outro repórter.

— Ainda não — admitiu Dubchek. — Mas a nossa estimativa é de que não haverá dificuldade. A demora se deve ao fato de que este é um vírus bastante diferente do da AIDS. O prazo para fazermos sua cultura não deverá ultrapassar uma semana.

— Se o vírus ainda não foi isolado — continuou o mesmo repórter —, como vocês podem dizer que ele é diferente do vírus da AIDS?

Dubchek olhou para o homem fixamente. Marissa podia sentir a frustração do médico. Calmamente, ele disse:

— Através dos anos chegamos à conclusão que síndromes clínicas totalmente diferentes são causadas por microrganismos totalmente diferentes. Por hoje é só, mas manteremos os senhores informados. Obrigado por terem vindo assim tão cedo.

A sala de conferências entrou em ebulição, à medida que cada repórter tentava conseguir que mais uma de suas perguntas recebesse respostas. Dubchek os ignorou e, juntamente com os outros médicos, retirou-se. Marissa tentava abrir caminho em meio à multidão, sem êxito. Do lado de fora da sala de conferências, os policiais impediam a entrada dos repórteres no prédio do setor hospitalar. Após mostrar seu crachá do CCD, Marissa recebeu permissão para passar. Alcançou Dubchek nos elevadores.

— Aí está você! — disse Dubchek, com um brilho nos olhos escuros.

Seu tom de voz era amistoso, ao apresentar Marissa aos outros homens.

— Não sabia que vocês viriam em tão grande número — ela disse, ao entrarem no elevador.

— Não tínhamos escolha — falou o dr. Layne.

O dr. Abbott sinalizou afirmativamente com a cabeça:

— Apesar das declarações de Cyrill à imprensa, esta epidemia é extremamente grave. Uma manifestação de febre hemorrágica viral

africana no mundo civilizado vem sendo um pesadelo com o qual convivemos desde a primeira vez que a enfermidade apareceu.

— Se ficar provado que se trata de febre hemorrágica vital africana — acrescentou o dr. Eckenstein.

— Tenho certeza que sim — disse o dr. Vreeland. — E acho que o macaco vai acabar se revelando o culpado.

— Não colhi amostras do macaco — admitiu rapidamente Marissa.

— Tudo bem — disse Dubchek. — Sacrificamos o animal na noite passada e enviamos amostras para o Centro. Partes do fígado e do baço serão de uma utilidade bem maior do que sangue.

Chegaram ao quinto andar, onde dois técnicos do CCD estavam ocupados, processando amostras no laboratório móvel.

— Sinto muito sobre o artigo no Los Angeles Times — disse Marissa, quando conseguiu falar em particular com Dubchek. — O repórter me abordou assim que entrei no hospital pela primeira vez.

— Não tem importância — disse Dubchek. — Apenas não deixe que aconteça novamente.

Ele sorriu e deu uma piscadela.

Marissa não fazia a menor ideia do que significavam a piscadela e o sorriso, naquelas circunstâncias.

— Por que não me deu um telefonema quando chegou? — perguntou ela.

— Sabia que você estaria exausta — explicou Dubchek. — O fato é que não havia a menor necessidade. Passamos a maior parte da noite instalando o laboratório, autopsiando o macaco e nos adaptando. Também melhoramos as condições de isolamento, instalando ventiladores. De qualquer forma, você merece meus parabéns. Acho que executou um ótimo trabalho, controlando toda esta situação.

Após rápida pausa, ele prosseguiu:

— Por ora, estou até aqui com as minúcias administrativas. Mas eu realmente quero tomar conhecimento de tudo o que você ficou sabendo. Talvez possamos jantar juntos hoje. Arranjei-lhe um quarto no hotel em que estamos hospedados. Tenho certeza de que é melhor do que o Tropic Motel.

— Não há nada de errado com o Tropic — exclamou Marissa, sentindo uma estranha pontada de mal-estar, como se sua intuição estivesse tentando dizer-lhe algo.

Marissa voltou a sua salinha atrás do posto de enfermagem e começou a cuidar de seus próprios afazeres. Primeiro telefonou para os organizadores dos dois congressos médicos a que o dr. Richter comparecera. Explicou-lhes que precisava saber se algum dos outros médicos participantes dos congressos tinha ficado doente, com uma enfermidade virótica. Depois, aborrecida diante da crueldade de seu próximo telefonema, discou o número da casa do dr. Richter e perguntou se podia apanhar o material que a sra. Richter lhe havia prometido na noite anterior.

A vizinha que atendeu o telefone pareceu espantada com o seu pedido, mas, após verificar com a viúva, disse a Marissa que podia ir, dentro de meia hora.

Marissa pegou o carro e se dirigiu para a casa lindamente situada dos Richters. Nervosa, tocou a campainha. A mesma vizinha veio atender à porta e, demonstrando irritação, levou Marissa até a sala de visitas. Anna Richter surgiu logo em seguida. Parecia ter envelhecido dez anos de um dia para o outro. Seu rosto estava pálido, e o cabelo, de cacheado tão bonito na noite anterior, escorria-lhe agora liso pelas faces.

A vizinha ajudou-a a sentar-se, e Marissa espantou-se de ver que ela dobrava e desdobrava, ansiosamente, alguns papéis que pareciam conter o registro solicitado, das atividades do marido durante as últimas semanas. Sabendo sob que tensão a mulher

deveria estar, Marissa não encontrava as palavras, mas Anna simplesmente entregou-lhe as folhas, dizendo:

— De qualquer forma, não consegui mesmo dormir durante a noite, e talvez isto seja de alguma ajuda para outra pobre família. — Seus olhos ficaram marejados de lágrimas. — Ele era um homem tão bom... um bom pai... meus pobres filhos...

Apesar de saber sobre o caso do dr. Richter com Helen Townsend, Marissa chegou à conclusão de que ele deveria ter sido um bom marido. A dor de Anna parecia sincera, e Marissa deixou-a, assim que sua educação permitiu.

As anotações, que leu antes de dar a partida no carro, eram surpreendentemente detalhadas. Quando pudesse reuni-las a mais um encontro com a srta. Cavanagh e ao livro de consultas do médico, Marissa sentiu que conseguiria um quadro das últimas semanas do dr. Richter mais completo do que qualquer um poderia conseguir.

De volta ao hospital, Marissa separou uma folha do seu bloco para cada dia de janeiro e fez uma lista das atividades do dr. Richter. Um dos fatos que descobriu foi que ele havia se queixado à srta. Cavanagh sobre um paciente de AIDS, chamado Meterko, que sofria de um distúrbio na retina, sem diagnóstico. Este é um fato que merece atenção, pensou Marissa.

À tarde, o telefone no cubículo de Marissa tocou. Tirando o fone do gancho, surpreendeu-se ao ouvir a voz de Tad Schockley. A ligação estava tão boa que, por um instante, ela pensou que ele estava ali em Los Angeles.

— Não — disse Tad, respondendo à sua pergunta. - Ainda estou aqui em Atlanta. Mas preciso falar com Dubchek. A telefonista do hospital pensou que talvez você soubesse onde ele se encontra.

— Se ele não está na sala do CCD, então acho que foi para o hotel. Ao que parece, eles ficaram acordados durante toda a noite passada.

— Bem, vou tentar o hotel, mas caso eu não o encontre, você pode dar-lhe um recado?

— Claro — disse Marissa.

— Não são boas notícias.

Endireitando-se, Marissa apertou o fone contra a orelha e perguntou:

— É assunto particular?

— Não — respondeu Tad, com uma risada curta. — É sobre o vírus que vocês estão enfrentando. As amostras que enviaram foram ótimas, especialmente do dr. Richter. O sangue dele estava sobrecarregado com o vírus: mais de um bilhão por mililitro. Tudo que tive de fazer foi centrifugar, fixar e observar com o microscópio eletrônico.

— Você conseguiu descobrir de que tipo ele é? — perguntou Marissa.

— Certamente — disse Tad excitado. — Existem apenas duas viroses que têm esta aparência, e deu resultado positivo quando testado com anticorpo fluorescente indireto para Ebola. O dr. Richter está com febre hemorrágica Ebola.

— Estava — disse Marissa, ligeiramente ofendida pelo entusiasmo insensível de Tad.

— O homem morreu? — perguntou Tad.

— A noite passada — disse Marissa.

— Não é de surpreender. A enfermidade tem uma taxa de mortalidade de mais de 90%.

— Meu Deus! — exclamou Marissa. — Isto faz com que este talvez seja o vírus mais mortal de que se tem conhecimento.

— Alguns conferem ao vírus da hidrofobia esta honra dúbia — disse Tad —, mas, pessoalmente, acho que é o Ebola. Um dos problemas é que se conhece muito pouco sobre ele, porque quase não houve experiência. Com exceção de umas poucas epidemias na

África, é uma entidade desconhecida. Vocês vão ter que se superar para tentar explicar como este vírus apareceu em Los Angeles.

— Talvez não — disse Marissa. — O dr. Richter havia sido mordido, pouco antes de ficar doente, por um macaco que viera da África. O dr. Vreeland tem certeza de que o macaco é a fonte.

— Provavelmente ele está certo — concordou Tad. — Macacos foram responsáveis por uma epidemia de febre hemorrágica em 67, cujo vírus foi denominado Marburg, por causa da cidade na Alemanha onde ocorreu. É um vírus muito parecido com o Ebola.

— Logo saberemos — disse Marissa. — Agora, depende de você. Cortes hepáticos e esplênicos do macaco estão a caminho. Apreciaria muito se você examinasse o mais rápido possível e me informasse.

— Com todo o prazer — disse Tad. — Enquanto isso, vou começar a trabalhar no vírus Ebola e ver com que facilidade consigo fazer a sua cultura. Quero avaliar de que linhagem ele é. Avise Dubehek e os outros de que estão lidando com o Ebola. Pelo menos fará com que sejam supercuidadosos. Falarei com você em breve. Cuide-se.

Saindo do cubículo, Marissa atravessou o corredor e deu uma espiada na sala do CCD. Estava deserta. Dirigindo-se para a sala ao lado, perguntou aos técnicos onde estavam todos. Disseram-lhe que alguns dos médicos se achavam lá embaixo, na Patologia, já que mais dois pacientes haviam morrido, e outros estavam na sala de emergência recebendo vários novos casos. O dr. Dubchek voltara para o hotel. Marissa avisou aos técnicos que eles estavam lidando com o Ebola. Encarregou-se de transmitir a má notícia aos outros.

O Beverly Hilton era tal e qual Dubchek havia descrito. Sem dúvida, melhor do que o desanimador Tropic Motel, e ficava mais perto da Clínica Richter. Mesmo assim, Marissa continuava achando um esforço desnecessário, enquanto seguia o camareiro pelo corredor do oitavo andar, até seu quarto.

O camareiro acendeu todas as luzes enquanto Marissa aguardava à porta. Ela deu-lhe um dólar e ele saiu.

A mudança não foi difícil, já que não havia desfeito as malas no Tropic. Apesar disso, não se teria mudado se Dubchek não houvesse insistido. Ele lhe telefonara naquela tarde, várias horas depois que ela havia falado com Tad. Marissa tinha ficado temerosa de ligar para ele, achando que o acordaria. Assim que Dubchek telefonou, contou-lhe as notícias de Tad sobre a epidemia ser febre hemorrágica Ebola, mas ele não se abalou, quase como se já esperasse por isso. Depois, deu a ela o endereço do hotel e lhe disse que precisava apenas pegar a chave do 805, uma vez que já estava registrada. Também lhe falou que jantariam às sete e meia, se ela concordasse, e que só o que tinha a fazer era ir ao quarto dele, convenientemente localizado a algumas portas do dela. O dr. Dubchek disse que pediria o jantar no quarto, pois assim os dois poderiam examinar as anotações, enquanto comiam.

Ao olhar para a cama, seu corpo exausto implorou por um descanso, mas já passava das sete. Pegando sua bolsa de maquiagem na maleta, entrou no banheiro. Após lavar-se, pentear o cabelo e retocar a maquiagem, estava pronta. Retirou da pasta as folhas contendo as informações referentes às atividades do dr. Richter antes de ficar doente. Apertando as folhas contra o peito, andou até a porta de Dubchek e bateu.

Ele atendeu e, sorrindo, convidou-a a entrar. Estava ao telefone, aparentemente conversando com Tad. Marissa sentou-se e tentou acompanhar a conversa. Parecia que as amostras do macaco haviam chegado e os testes não indicavam coisa alguma.

— Você quer dizer que o microscópio eletrônico não mostrou sinal de vírus? — disse Dubchek.

Houve um longo silêncio, enquanto Tad relatava os detalhes dos resultados dos diversos testes. Olhando o relógio, Marissa calculou que já eram quase onze horas em Atlanta. Tad, com certeza, estava

fazendo hora extra. Ela observava Dubchek, admitindo que ele exercia um efeito perturbador sobre ela. Recordava-se o quanto fora desencorajadora quando ele aparecera na festa de Ralph, e sentia-se chateada por descobrir-se inexplicavelmente atraída por ele agora. De vez em quando, Dubchek levantava os olhos e o olhar de Marissa ficava preso na armadilha do brilho inesperado de seus olhos negros. Ele havia tirado o paletó e a gravata, e quando se virou ela pôde notar que um V de pele bronzeada ficava visível na base de seu pescoço.

Finalmente, ele desligou e dirigiu-se a ela, sorrindo:

— Você é, com certeza, a coisa mais agradável que minha vista pôde captar hoje. Aposto que seu amigo Tad concordaria. Ele parecia muito preocupado com o fato de você estar colocando sua vida em risco.

— Certamente eu não estou correndo um perigo maior do que os outros médicos do CCD — disse, um pouco aborrecida com o rumo que a conversa estava tomando.

Dubchek sorriu.

Acho que Tad não pensa que o resto da equipe seja tão gracioso.

Tentando conduzir a conversa para um assunto mais profissional, Marissa perguntou sobre as amostras do fígado e do baço do macaco.

— Até agora nada — disse Dubchek, sacudindo a mão. — Mas por enquanto só foi testado no microscópio eletrônico. Tad também implantou as culturas de vírus habituais. Dentro de uma semana conheceremos mais detalhes.

— Enquanto isso disse Marissa, acho melhor observarmos outras coisas.

— Também acho — disse Dubchek.

Ele parecia perturbado. Passou uma das mãos sobre os olhos.

Inclinando-se para a frente, Marissa entregou-lhe suas anotações.

— Pensei que você poderia estar interessado em dar uma olhada nisso.

Dubchek pegou os papéis e passou os olhos por eles, enquanto Marissa falava.

De modo cronológico, ela descreveu o que havia feito desde sua chegada a Los Angeles, Argumentou, de maneira conveniente, que o dr. Richter era o caso inicial, e que era a fonte do Ebola, espalhando a enfermidade entre alguns de seus pacientes. Explicou o relacionamento do médico com Helen Townsend e então descreveu os dois congressos médicos a que ele comparecera. As organizações que patrocinaram os eventos estavam enviando lista completa de todos os congressistas, com seus endereços e números de telefone, acrescentou Marissa.

Durante todo o tempo em que Marissa monologava, Dubchek assumiu uma postura de quem está ouvindo atentamente, mas, de alguma forma, ele parecia distraído, concentrando-se mais em sua fisionomia do que no que ela dizia. Com tão pouca vivência, Marissa perdeu o fio da meada e ficou imaginando se estava cometendo algum erro profissional básico. Dubchek deu um suspiro, sorriu e disse, simplesmente:

— Muito bom. É difícil acreditar que este seja o seu primeiro trabalho de campo.

Ele levantou-se ao ouvir uma batida na porta.

— Até que enfim, Deve ser o jantar. Estou faminto.

A refeição propriamente era medíocre; a carne e os legumes que Dubchek pedira estavam mornos. Marissa tentava compreender por que os dois não haviam descido até o salão de refeições. Ela pensara que a intenção de Dubchek era conversar sobre assuntos profissionais, mas, à medida que comiam, a conversa passou do jantar de Ralph, e como ela o conhecera, para o CCD, e se ela estava gostando do seu trabalho em Los Angeles ou não. Quase no final da refeição, Dubchek de repente declarou:

— Queria lhe dizer que sou viúvo.

— Sinto muito — disse Marissa sinceramente, imaginando o porquê de ele estar se incomodando em colocá-la a par de sua vida pessoal.

— Achei que você deveria saber — acrescentou ele, como se pudesse ler sua mente. — Minha mulher morreu há dois anos, em um acidente de carro.

Marissa fez um sinal com a cabeça, mais uma vez sem saber o que responder.

— E você? — perguntou Dubchek. — Está saindo com alguém?

Marissa hesitou, brincando com a asa de sua xícara de café. Ela não tinha a menor intenção de conversar sobre o seu rompimento com Roger. Conseguiu responder:

— Não, no momento não.

Imaginava se Dubchek sabia que ela havia tido encontros com Tad. Não era segredo, mas também não era do conhecimento público. Nem ela, nem Tad haviam comentado o assunto com o pessoal do laboratório. Subitamente, Marissa sentiu-se menos à vontade ainda. Sua política de não misturar a vida profissional com a particular estava sendo violada, podia sentir. Examinando Dubchek, não pôde deixar de reconhecer que o achava atraente. Talvez fosse esse o motivo de sentir-se tão pouco à vontade na sua presença. Mas de maneira alguma sentia-se interessada em uma relação mais pessoal com ele, se é que era para isto que as coisas estavam caminhando. De repente, tudo o que queria era sair daquele quarto e voltar ao trabalho.

Dubchek afastou a cadeira e levantou-se, dizendo:

— Se vamos voltar à clínica, talvez seja melhor irmos andando.

Isto pareceu ótimo a Marissa. Ela se levantou também e dirigiu-se à mesa do café para pegar seus papéis. Quando os apanhou, deu-se conta de que Dubchek estava bem atrás dela. Antes que pudesse esboçar qualquer reação, ele colocou as mãos em seus ombros e

virou-a para si. O movimento surpreendeu Marissa de tal forma que ela ficou paralisada. Por um breve instante seus lábios se tocaram. Então ela afastou-se, os papéis espalharam-se pelo chão.

— Desculpe-me — disse ele. — Não era minha intenção, mas, desde que você chegou ao CCD, sinto-me tentado a fazer isto. Deus sabe que eu não compartilho da ideia de manter encontros com pessoas com quem trabalho, mas esta é a primeira vez, desde a morte de minha esposa, que eu realmente me interessei por uma mulher. Você não se parece nem um pouco com ela, que era alta e loira, mas tem aquele mesmo entusiasmo por seu trabalho. Ela era musicista e, quando tocava bem, ostentava a mesma expressão de excitação que eu vi em você.

Marissa se mantinha calada. Sabia que estava sendo mesquinha, que Dubchek, com toda certeza, não tivera a intenção de molestá-la, mas sentia-se desconcertada e sem graça, e sem a mínima vontade de dizer algo que amenizasse a situação.

Marissa — disse ele delicadamente —, estou lhe dizendo que gostaria de sair com você quando estivermos de volta a Atlanta, mas se tem algum envolvimento com Ralph ou simplesmente não quer...

— Sua voz dissipou-se.

Marissa abaixou-se e juntou suas anotações.

— Se vamos voltar ao hospital, é melhor irmos andando — disse ela secamente.

Ele a seguiu, como um robô, para fora do quarto até o elevador. Mais tarde, sentada silenciosamente em seu carro de aluguel, Marissa repreendeu-se. Cyrill era o homem mais atraente que conhecera desde Roger. Por que ela havia se comportado de modo tão injustificável?

4

27 de fevereiro

Quase cinco semanas depois, quando o táxi que a trazia do aeroporto para casa virou em Peachtree Place, Marissa estava pensando se seria capaz de restabelecer uma relação profissional agradável com Dubchek, agora que ambos estavam de volta a Atlanta. Ele havia ido embora alguns dias após a conversa no Beverly Hilton, e os poucos encontros que tiveram na Clínica Richter haviam sido breves e sem graça.

Apreciando as janelas iluminadas á medida que o táxi ia descendo sua rua, vendo as acolhedoras cenas familiares por trás delas, sentiu-se invadida por uma onda de solidão.

Após pagar o táxi e desligar o alarme, Marissa dirigiu-se apressadamente para a casa dos Judsons, a fim de reaver Taffy e pegar a correspondência de cinco semanas. O cão ficou paralisado ao vê-la, e os Judsons não poderiam ter sido mais amáveis. Em vez de fazer com que Marissa se sentisse culpada por ter estado fora por um período tão longo, agiram como se estivessem realmente tristes em ver Taffy partir.

De volta à sua própria casa, Marissa regulou o aquecimento a um nível agradável. Possuir um cachorrinho em casa fazia a maior

diferença. O cachorro não saía de seu lado e exigia atenção quase ininterrupta.

Pensando em algo para comer, ela abriu a geladeira, mas só descobriu alguns alimentos estragados. Fechou a porta, decidindo deixar para o dia seguinte a tarefa de limpeza. Jantou frutas cristalizadas e Coca-Cola, e folheou a correspondência. Com exceção de um cartão-postal de um de seus irmãos e de uma carta dos pais, era quase tudo propaganda farmacêutica, sem a menor importância.

Marissa assustou-se quando o telefone tocou, mas ao atender ficou satisfeita em ouvir a voz de Tad dando-lhe as boas-vindas ao lar.

— Que tal sairmos para um drinque? — perguntou Tad. — Posso passar aí e pegar você.

A primeira reação de Marissa foi dizer que estava morta de cansaço da viagem, mas lembrou-se do último telefonema que dera de Los Angeles para Tad. Ele lhe havia dito que encerrara seu projeto atual sobre AIDS e que estava trabalhando a fundo no que chamava de "vírus Ebola de Marissa". Sentindo-se repentinamente menos cansada, perguntou como estavam indo os testes.

— Bem — disse Tad —, o troço se alastra como um incêndio nas culturas de tecido Vero 98. A parte morfológica do estudo já está completa, e iniciei a análise proteica.

— Estou muito interessada em ver o que você está fazendo — disse Marissa.

— Ficarei feliz em mostrar-lhe o que eu puder — disse Tad. — Infelizmente, a maior parte do trabalho é realizado dentro do laboratório de máxima restrição.

— Eu já presumia — disse Marissa.

Ela sabia que a única forma de se manipular um vírus tão mortal era em um laboratório que fazia exatamente o que o seu nome sugeria: continha os microrganismos. Até onde Marissa tinha conhecimento, havia apenas quatro laboratórios iguais a este em

todo o mundo — um no CCD, um na Inglaterra, um na Bélgica e um na União Soviética. Ela não sabia se o Instituto Pasteur, em Paris, possuía um ou não. Por medida de segurança, a entrada era restrita a algumas poucas pessoas autorizadas. Até aquela data, Marissa não era uma delas. Contudo, tendo testemunhado o potencial devastador do Ebola, ela disse a Tad que estava muito ansiosa para ver seus estudos.

— Você não tem autorização — disse Tad, surpreso com o que pareceu a ele ingenuidade da parte de Marissa.

— Eu sei — disse Marissa —, mas o que poderia haver de tão terrível em me mostrar o que você está fazendo com o Ebola no laboratório, rapidinho, e depois tomarmos uns drinques? Afinal de contas, já é tarde. Ninguém vai ficar sabendo, se você me levar lá agora.

Houve uma pausa.

— Mas a entrada é limitada — disse Tad de maneira queixosa.

Marissa tinha completa consciência de que estava sendo manipuladora, mas certamente não havia perigo para ninguém se ela entrasse com Tad.

— Quem vai saber? — perguntou, persuasiva. — Além do mais, eu faço parte da equipe.

— É... acho que sim — concordou Tad, relutantemente.

Era óbvio que ele estava em dúvida. O fato de que Marissa somente o veria se ele a levasse ao laboratório pareceu forçar sua decisão. Ele lhe disse que a pegaria dentro de meia hora e que ela não podia deixar escapar uma palavra sobre o fato para quem quer que fosse.

Marissa concordou prontamente.

— Não estou muito certo do que estamos fazendo — admitiu Tad, enquanto se dirigiam para o CCD.

— Relaxe, Tad. Afinal, eu sou uma funcionária do Serviço de Investigação em Epidemiologia designada para Patogenias Especiais,

pelo amor de Deus! — disse Marissa, intencionalmente fingindo estar um pouco irritada.

— Mas poderíamos pedir a sua autorização amanhã — sugeriu Tad.

Marissa virou-se de frente para o amigo.

— Você está querendo tirar o corpo fora? — perguntou.

Era verdade que Dubchek estaria de volta de uma viagem a Washington no dia seguinte e que uma solicitação formal poderia ser feita. Mas Marissa tinha suas dúvidas sobre qual seria a resposta. Ela sentia que Dubchek andava inexplicavelmente frio durante as últimas semanas, mesmo sendo a própria estupidez dela a causa. Por que ela não tivera a ousadia de desculpar-se ou mesmo de dizer que gostaria de vê-lo qualquer noite, ela não sabia. Mas, a cada dia que passava, a frieza entre eles aumentava, principalmente da parte dele.

Tad entrou no estacionamento e eles caminharam em silêncio até a entrada principal. Marissa meditava sobre o ego humano e quanta confusão ele causava.

Registraram-se sob o olhar observador do guarda de segurança e, como mandava o figurino, mostraram o seu cartão de identidade do CCD. Sob o título "Destino", Marissa escreveu "escritório". Esperaram o elevador e subiram três andares. Após andarem a extensão correspondente ao prédio principal, passaram por uma porta externa que dava para uma passarela de ferro que ligava o prédio principal ao laboratório de virologia. Todos os prédios do Centro eram ligados, na maioria dos andares, por passagens similares.

— No laboratório de máxima restrição, a segurança é mais rigorosa — disse Tad ao abrir a porta do prédio da Virologia. — Estocamos todo tipo de vírus patológicos de que o homem tem conhecimento.

— Todos eles? — perguntou Marissa, obviamente apavorada.

— Quase todos — disse Tad, como um pai orgulhoso.

— E o Ebola?

— Possuímos amostras do Ebola de cada pessoa, da última epidemia. Temos o Marburg, o da varíola, que aliás está extinta, pólio, febre amarela, dengue, AIDS. Escolha um, nós o temos.

— Deus! — exclamou Marissa. Uma exposição de horrores.

— Acho que se pode chamar assim.

— Como estão armazenados? ela perguntou.

— Congelados com nitrogênio líquido.

— E são contagiosos?

— Basta descongelá-los — disse Tad.

Estavam andando por um corredor comum, passando por uma miríade de pequenos e escuros escritórios. Marissa já estivera nesta parte do prédio antes, quando viera ao escritório de Dubchek.

Tad parou em frente a um frigorífico do tipo no qual se entra, como os de um açougue.

— Acho que você vai gostar disso — disse ele, enquanto abria a pesada porta. Havia uma luz no interior.

Timidamente, Marissa cruzou a soleira para o ar frio e úmido. Tad estava logo atrás. Ela sentiu um estremecimento de medo quando a porta se fechou e ela ouviu o clique da fechadura.

O interior do frigorífico era revestido de prateleiras onde repousavam pequenos frascos, centenas de milhares deles.

— O que é isto? — perguntou Marissa.

— Soro congelado — disse Tad, pegando um dos frascos, numerado e datado.

— Amostras de pacientes de todo o mundo, portadores de todas as enfermidades viróticas conhecidas e um grande número de desconhecidas. Estão aqui para estudos imunológicos, e obviamente não são contagiosas.

Mesmo assim, Marissa ficou feliz em voltar ao corredor.

Cerca de 15 metros adiante deste frigorífico, o corredor descrevia uma curva fechada para a direita, e, ao fazerem a curva,

defrontaram-se com uma porta de aço maciço. Logo acima da maçaneta da porta existia um painel com botões de chamada, parecido com o sistema de alarme de Marissa. Embaixo havia uma fenda, como as de uma caixa automática, para se inserir o cartão. Tad mostrou a Marissa um cartão que trazia em volta do pescoço, preso por um cordão de couro. Ele o inseriu na abertura, explicando:

— O computador está registrando a entrada.

Depois, ele digitou seu número de código no painel de botões: 43-23-39.

— Tudo para sua proteção — falou, com sarcasmo.

— Muito obrigada — disse Marissa, rindo, e Tad riu também.

Como o prédio da Virologia estava deserto, Tad parecia mais relaxado. Após uma pequena demora, houve um clique mecânico quando o ferrolho afrouxou. Tad abriu a porta. Marissa sentiu como se estivesse entrando em um outro mundo. Em vez do corredor pardacento e bagunçado do lado de fora, encontrou-se cercada por um complexo de tubos, medidores e uma verdadeira parafernália futurística que possuía códigos de cores e parecia ter sido construída recentemente. A iluminação estava fraca até Tad abrir a porta de uma cabine que deixava exposta uma fileira de chaves interruptoras de circuito. Ele as acionou em ordem. A primeira acendeu a luz da sala onde estavam, cujo teto ficava a uma altura de quase dois andares, e que se achava ocupada por todo tipo de equipamento. Havia um leve odor de desinfetante fenol, um cheiro que fazia Marissa recordar-se da sala de autópsia da faculdade de medicina.

A chave seguinte acendeu uma fileira de janelas tipo portinholas, que guarneciam as laterais de um cilindro de três metros de altura que se projetava sala adentro. Na extremidade do cilindro havia uma porta oval, similar à escotilha impermeável de um submarino.

A última chave produziu um zumbido parecido com o de uma enorme máquina elétrica que entrasse em funcionamento.

— Compressores — disse Tad, em resposta ao ar indagador de Marissa. Com um movimento das mãos, explicou: — Esta é a área de controle e a plataforma para o laboratório de máxima restrição. A partir daqui podemos monitorizar todos os ventiladores e filtros. Até mesmo o gerador de raios gama. Observe todas estas luzes verdes. Significa que tudo está funcionando como deveria. Pelo menos é um bom sinal!

— O que você quer dizer com "bom sinal"?

Marissa fizera a pergunta um tanto alarmada. Mas logo viu o sorriso de Tad e compreendeu que ele estava brincando com ela. Mesmo assim, de repente sentiu que não estava nem um pouco segura de querer continuar com a visita. Parecera uma boa ideia, quando estava em casa, em segurança. Agora, cercada de todo este equipamento alienígena e tendo conhecimento dos tipos de vírus que havia lá dentro, não estava tão convicta. Tad, porém, não lhe deu tempo de mudar de ideia. Abriu a porta estanque e convidou Marissa a entrar. Marissa teve que abaixar um pouco a cabeça, enquanto ultrapassava a soleira de 15 centímetros de altura. Tad seguiu-a, depois fechou e trancou a porta. Uma sensação de claustrofobia quase a sufocou, principalmente quando teve que engolir em seco para desobstruir os ouvidos, devido à mudança de pressão.

O cilindro era guarnecido com as janelas tipo portinholas que Marissa já vira da sala externa. Em toda a extensão, de ambos os lados, podia ver bancadas e armários verticais. Na outra extremidade havia prateleiras e outra porta oval, igualmente estanque.

— Surpresa! — disse Tad, arremessando uns macacões de algodão para Marissa. — Roupas contaminadas pela poeira não são permitidas.

Após um momento de hesitação, durante o qual olhou em volta, inutilmente, à procura de um mínimo de privacidade, ela começou a

desabotoar a blusa. Embaraçada quanto podia estar por despir-se em frente a Tad, ele aparentava uma autoconfiança maior do que a dela, e fez grande encenação, ao desviar o olhar enquanto Marissa se trocava.

Então passaram por uma segunda porta.

— Cada sala em que entramos, à medida que nos aproximamos do laboratório, é mais negativa em termos de pressão do que a anterior. Isto assegura que o único deslocamento de ar ocorrerá dentro do laboratório, não do lado de fora.

A segunda sala era mais ou menos do tamanho da primeira, mas sem janelas. O cheiro de fenol estava mais pronunciado. Diversos macacões largos, de plástico azul, pendiam de ganchos. Tad procurou até achar um que, segundo imaginava, ficaria bom em Marissa. Ela o pegou de sua mão estendida. Parecia um macacão de astronauta, sem a mochila nas costas nem o pesado capacete. Exatamente como um macacão espacial, cobria todo o corpo, complementado com luvas e botas. Era lacrado com um fecho que ia da região púbica até a base da garganta. Saindo das costas, como uma longa cauda, havia uma mangueira de ar.

Tad apontou para uma canalização verde que percorria as laterais da sala, na altura do peito, dizendo que todo o laboratório estava guarnecido com canos iguais a estes. A intervalos regulares havia conectores múltiplos verde-limão, com ajustadores para encaixar a mangueira de ar dos macacões. Tad explicou que os macacões estavam cheios de ar puro, com a pressão positiva, para que o ar do laboratório, propriamente, nunca fosse respirado. Ele ensaiou com Marissa o processo de prender e desprender a mangueira de ar, até estar convencido de que ela estava se sentindo segura.

— Muito bem, é hora de entrarmos nos macacões — disse Tad, enquanto mostrava a Marissa como começar a se enfiar no volumoso traje.

O processo era complicado, especialmente colocar a cabeça dentro do gorro fechado. Quando olhou para fora, através do visor de plástico transparente, este embaçou-se na mesma hora.

Tad lhe disse para encaixar sua mangueira de ar, e imediatamente Marissa sentiu o ar fresco refrescar seu corpo e desanuviar o visor do capuz. Tad fechou a frente do macacão dela e, com movimentos treinados, meteu-se dentro do seu. Inflou-o, desprendeceu a mangueira de ar e, carregando-a na mão, desceu até a distante porta. Marissa fez o mesmo. Tinha que requebrar-se toda para conseguir andar.

À direita da porta havia um painel.

— São as luzes internas do laboratório- explicou Tad, enquanto acionava as chaves.

Sua voz estava abafada pelo macacão; era difícil para Marissa entender o que ele falava, principalmente com o assobio provocado pelo ar que entrava pela parte traseira. Passaram por outra porta estanque, que Tad fechou após passarem.

A sala seguinte era, como a outra, da metade do tamanho das anteriores, com as paredes e a canalização cobertas, de cima a baixo, com uma substância branca semelhante a giz. O chão era revestido por uma grade plástica.

Eles encaixaram suas mangueiras de ar por um instante. Então passaram através de uma última porta para o laboratório propriamente. Marissa seguia Tad bem de perto, levando sua mangueira de ar aonde ele levava a dele.

Marissa deparou com uma sala retangular, ampla, com uma ilha central de bancadas de laboratório encimadas por coifas aspiradoras protetoras. As paredes eram revestidas de todo tipo de equipamento — centrífugas, incubadoras, diversos microscópios, terminais de computador e um monte de coisas que Marissa não identificou. À esquerda também havia uma porta isolada por ferrolhos.

Tad levou Marissa diretamente até uma das incubadoras e abriu as portas de vidro. Os tubos de cultura de tecido estavam acondicionados em uma bandeja giratória, que girava devagar. Tad ergueu um dos tubos e entregou-o a Marissa.

— Aqui está o seu Ebola — disse ele.

Além da pequena quantidade de fluido que o tubo continha, estava revestido (em um dos lados) com uma película fina — uma camada de células vivas contaminadas com o vírus. Dentro das células, o vírus forçava sua própria reprodução. Por mais inocente que o conteúdo pudesse parecer, Marissa entendeu que ali havia, provavelmente, vírus suficiente para matar toda a população de Atlanta, talvez dos Estados Unidos. Ela estremeceu e segurou o tubo de vidro com mais força.

Apanhando o tubo, Tad caminhou até um dos microscópios. Posicionou o espécime impermeável ao ar, ajustou o foco e deu um passo atrás, para que Marissa pudesse olhar.

— Está vendo esta massa informe escura, no citoplasma? — perguntou ele.

Marissa fez que sim. Mesmo através do visor de plástico, era-lhe fácil observar os corpos inclusos que Tad descrevia, bem como os núcleos de células irregulares.

— Este é o primeiro sinal de contaminação — disse Tad. — Acabei de plantar estas culturas. Este vírus é inacreditavelmente potente.

Depois que Marissa afastou-se do microscópio, Tad devolveu o tubo à incubadora. Começou então a explicar sua complicada pesquisa, ressaltando um ou outro equipamento sofisticado que estava utilizando e contando em detalhes suas diversas experiências. Marissa teve dificuldade para concentrar-se. Ela não viera ao laboratório aquela noite a fim de discutir o trabalho de Tad, mas não podia lhe dizer isto.

Finalmente, ele a conduziu por uma passagem que levava a um labirinto de gaiolas de animais, que quase tocavam o teto. Havia macacos, coelhos, porquinhos da índia, ratos e camundongos. Marissa podia ver centenas de olhos a encarando: alguns indiferentes, outros faiscando de ódio. Em uma parte afastada da sala, Tad puxou uma bandeja de algo que ele denominava "camundongos de gelo suíços". Ia mostrá-los a Marissa, mas parou:

— Palavra de honra! Acabei de inocular estes caras esta tarde, e a maioria já morreu! — Olhou para Marissa. — O seu Ebola é realmente mortal, tão ruim quanto a linhagem do Zaire 76!

Marissa, hesitante, deu uma olhada nos camundongos mortos.

— Há alguma maneira de compararmos as diversas linhagens?

— Certamente — disse Tad, retirando os camundongos mortos.

Voltaram ao laboratório principal, onde Tad colocou os pequeninos cadáveres em uma bandeja para serem autopsiados. Então, virou-se e tentou responder às perguntas de Marissa. Ela encontrava dificuldades para entendê-lo, quando ele não estava bem em frente a ela. O macacão plástico conferia à voz de Tad um tom cavernoso, como o do Darth Vader.

— Agora que comecei a caracterizar o seu Ebola — disse ele —, será fácil compará-lo com as linhagens anteriores. Na verdade, comecei com estes camundongos, mas os resultados terão de esperar por uma avaliação estatística.

Tad deteve-se diante da porta isolada por ferrolhos.

— Acho que você não vai querer entrar aqui.

Sem esperar resposta, ele abriu a porta e entrou com os camundongos mortos. Uma névoa pairou no ar, quando a porta voltou de encontro à mangueira dele.

Marissa observou a pequena abertura, determinada a seguir Tad, mas antes que pudesse passar do pensamento à ação, ele reapareceu, fechando a porta apressadamente atrás de si.

— Você sabe, também estou planejando comparar os polipéptidos estruturais e o RNA viral de seu vírus com a linhagem anterior do Ebola — disse ele.

— Já chega — Marissa riu. — Você está fazendo com que eu me sinta totalmente ignorante. Tenho de voltar ao meu compêndio de virologia antes de tentar entender tudo isto. Por que não nos damos por satisfeitos e vamos ao drinque que você me prometeu?

— Boa ideia — disse Tad ansioso.

Havia uma surpresa no caminho de volta. Quando retornaram à sala com paredes como que pintadas de giz, foram ensopados por uma chuva de desinfetante fenol. Olhando para a expressão espantada de Marissa, Tad sorriu.

— Agora você já sabe como se sente um vaso sanitário.

Quando estavam mudando de roupa, Marissa perguntou o que havia na sala para onde ele levara os camundongos mortos.

— Apenas um enorme frigorífico — disse ele, dando o assunto por encerrado.

Durante os quatro dias subsequentes, Marissa retomou sua vida em Atlanta, desfrutando de sua casa e de seu cachorro. No dia seguinte ao retorno, ela enfrentou todas as tarefas difíceis, como desfazer-se dos legumes podres que estavam na geladeira e pagar as contas atrasadas. No trabalho, lançou-se ao estudo das febres hemorrágicas virais, particularmente a Ebola. Utilizando-se da biblioteca do CCD, obteve material detalhado sobre as epidemias anteriores da Ebola: Zaire e Sudão em 1976, Zaire em 1977, e Sudão em 1979. Durante cada epidemia, o vírus surgira do nada e depois desaparecera. Despendera-se um esforço enorme tentando determinar que organismo servira de depósito para o vírus. Mais de duzentas espécies distintas de animais e insetos foram estudadas como hospedeiras em potencial. Tudo resultou negativo. A única descoberta positiva foram alguns anticorpos em um porquinho-da-índia doméstico eventual.

Marissa achou a descrição da primeira epidemia no Zaire particularmente interessante. A transmissão da doença havia sido relacionada com um estabelecimento que oferecia plano de saúde, chamado Hospital da Missão de Yambuku. Ela tentava imaginar quais os pontos comuns possíveis existentes entre a Missão de Yambuku e a Clínica Richter, ou, nestas circunstâncias, entre Yambuku e Los Angeles. Não poderia haver muitos.

Ela se achava sentada à mesa dos fundos da biblioteca, lendo outra vez o Virologia, de Fields. Estava estudando culturas em tecido como um auxílio para trabalhos práticos mais adiantados no laboratório principal de virologia. Tad havia sido útil ao colocá-la em contato com alguns vírus relativamente inofensivos, a fim de que ela pudesse familiarizar-se com o equipamento mais recente em virologia.

Marissa olhou as horas. Passava um pouco das duas. Às três e quinze ela tinha um encontro marcado com o dr. Dubchek. No dia anterior havia entregue à secretária dele um pedido formal de permissão para utilizar o laboratório de máxima restrição, ressaltando o trabalho experimental que queria efetuar sobre a transmissibilidade do vírus Ebola. Marissa não estava particularmente esperançosa sobre a resposta de Dubchek. Ele não fizera nada além de ignorá-la desde que ela havia retornado de Los Angeles.

Uma sombra desceu sobre a página do livro e Marissa, automaticamente, olhou para cima.

— Puxa! Ela ainda está viva! — falou uma voz familiar.

— Ralph — sussurrou Marissa, espantada tanto com a inesperada presença dele na biblioteca do CCD como com a sonoridade de sua voz. Várias cabeças se viraram em direção a eles.

— Havia rumores de que ela estava viva, mas eu tinha que ver pessoalmente — continuou Ralph, sem tomar conhecimento do olhar reprovador da sra. Campbell.

Marissa fez um sinal para Ralph calar a boca, pegou-o pela mão e conduziu-o até o corredor, onde poderiam conversar. Ela sentiu uma onda de carinho quando olhou o seu sorriso acolhedor.

— É bom ver você — disse Marissa, dando-lhe um abraço apertado.

Ela sentiu uma ponta de culpa por não o ter procurado desde que voltara para Atlanta. Eles falavam ao telefone mais ou menos uma vez por semana, durante o período em que ela permanecera em Los Angeles.

Como se lhe estivesse lendo a mente, Ralph disse:

— Por que não me ligou? Dubchek me disse que você já estava de volta há quatro dias.

— Eu ia ligar hoje à noite — disse ela, dando uma desculpa esfarrapada, chateada por Ralph ter pedido informações sobre ela justamente a Dubchek.

Desceram até a lanchonete do CCD para um café. Àquela hora da tarde, o lugar estava praticamente deserto e eles sentaram-se junto à janela que dava para o pátio. Ralph disse que estava a caminho de seu consultório, vindo do hospital, e quisera entrar em contato com ela antes que anoitecesse.

— Que tal jantarmos juntos? — ele perguntou, inclinando-se para a frente e colocando sua mão sobre a de Marissa. — Estou louco para ouvir os detalhes de sua vitória sobre o Ebola em Los Angeles.

— Não estou bem certa de que 21 mortes possam ser consideradas uma vitória — disse Marissa. — Pior ainda, de um ponto de vista epidemiológico, nós falhamos. Não conseguimos descobrir de onde o vírus surgiu. Tem de haver algum tipo de depósito. Já pensou a reação da imprensa se o CCD não tivesse sido capaz de descobrir a "bactéria dos legionários" no sistema de ar-condicionado?

— Acho que você está sendo muito exigente consigo mesma — disse Ralph.

— Mas não temos a menor ideia de se e quando o Ebola vai aparecer novamente — disse Marissa. — Infelizmente, tenho o pressentimento de que ele vai reaparecer. E é tão incrivelmente mortal!

Marissa podia lembrar-se perfeitamente de sua trajetória devastadora.

— Também não foram capazes de avaliar a fonte do Ebola lá na África — disse Ralph, ainda tentando fazê-la sentir-se melhor.

Marissa ficou impressionada por Ralph estar a par do fato, e expressou seu espanto.

Ele explicou:

— TV. Hoje em dia, quem assiste ao jornal da noite adquire uma formação médica e tanto: — Apertou a mão de Marissa. — A razão pela qual deve considerar sua temporada em Los Angeles bem-sucedida se prende ao fato de você ter sido capaz de conter o que poderia tornar-se uma epidemia de terríveis proporções.

Marissa sorriu. Entendeu que Ralph estava tentando fazer com que se sentisse melhor, e apreciava seu esforço.

— Obrigada — disse ela. — Você está certo. A epidemia poderia ter sido bem pior, e por um período pensamos que seria. Graças a Deus, a resposta à quarentena foi positiva. Ainda bem, porque resultou numa taxa de mortalidade superior a 94%, com apenas dois sobreviventes. Até mesmo a Clínica Richter parece ter-se tornado uma vítima. Agora ela adquiriu uma péssima reputação por causa do Ebola, tal e qual as casas de banho de São Francisco adquiriram por causa da AIDS.

Marissa deu uma olhada no relógio acima da máquina de café. Já passava das três.

— Tenho um encontro dentro de poucos minutos — desculpou-se. — Você foi um amor, passando por aqui; e jantarmos juntos esta noite me parece maravilhoso.

— Então até o jantar — disse Ralph, apanhando a bandeja com as xícaras vazias.

Marissa subiu correndo os três andares de escada e atravessou até o edifício da Virologia. À luz do dia, não parecia nem um pouco assustador, como parecera à noite. Dobrando em direção ao escritório de Dubchek, Marissa sabia que bem ali, depois da curva, no corredor, ficava a porta de aço que conduzia ao laboratório de máxima restrição. Eram três e dezessete quando ela chegou à presença da secretária de Dubchek.

Foi uma bobagem ter corrido tanto. Quando sentou em frente à secretária e começou a folhear o Virology Times com a matéria principal sobre o vírus do mês, Marissa se deu conta de que, com certeza, Dubchek a faria esperar. Olhou o relógio novamente. Vinte para as quatro. Atrás da porta ela podia ouvir Dubchek ao telefone. E podia ver as pequenas luzes piscando na mesa telefônica da secretária, quando ele desligava e fazia outra chamada. Já eram cinco para as quatro quando a porta se abriu e Dubchek convidou Marissa a entrar em seu escritório.

A sala era pequena e abarrotada de cópias de artigos amontoadas em sua escrivaninha, em cima do arquivo e pelo chão. Dubchek estava sem paletó, com a gravata enfiada entre o segundo e o terceiro botão da camisa. Não deu desculpa ou explicação para o fato de ter feito com que ela esperasse tanto tempo. Na verdade, havia em seu rosto a intenção de um sorriso, o que irritou Marissa especialmente.

— Acredito que você tenha recebido minha carta — disse ela, mantendo a voz num tom profissional estudado.

— Realmente, recebi — disse Dubchek.

— O que sugere? — perguntou Marissa.

— Que continue o que está fazendo no momento. Que prossiga trabalhando com vírus menos patogênicos até adquirir experiência suficiente.

— Como vou saber o momento em que já terei experiência suficiente?

Marissa concluiu que Dubchek tinha algo em mente, mas imaginava se sua resposta teria sido outra, caso eles estivessem mantendo um relacionamento extraprofissional. Aborrecia-a ainda mais o fato de não ter tido coragem bastante para afastar da mente sua recente recusa. Ele era um homem bonito, que a atraía muito mais do que Ralph, com quem ela estava bastante feliz por sair para jantar.

— Acredito que eu saberei, quando você já tiver conhecimento suficiente — disse Dubchek interrompendo-lhe os pensamentos — ... ou Tad Schockley saberá.

Marissa animou-se. Se dependia de Tad, tinha certeza de que conseguiria a autorização necessária.

— Enquanto isso — disse Dubchek, contornando a escrivaninha e sentando-se —, tenho algo mais importante para lhe dizer. Acabo de falar ao telefone com diversas pessoas, inclusive o encarregado do Serviço de Epidemiologia do Estado do Missouri. Eles têm um caso isolado de uma enfermidade virótica grave em St. Louis, e acham que pode ser febre Ebola. Quero que você parta imediatamente, faça uma avaliação clínica da situação, envie amostras para Tad e mantenha-nos informados. Aqui está a sua reserva aérea.

Ele entregou a Marissa uma folha de papel. Nela estava escrito: "Delta, voo 1.083, saída 17:34, chegada 18:06".

Marissa estava aturdida. Com o trânsito da hora do rush, iria ser uma correria. Ela sabia que como fiscal do Serviço de Investigação em Epidemiologia deveria ter sempre uma mala pronta para viajar, mas não tinha, e também precisava pensar em Taffy.

— Aprontaremos o laboratório móvel, se for necessário dizia Cyrill. — Mas esperemos que não seja.

Ele estendeu-lhe a mão para lhe desejar boa sorte, mas Marissa estava tão preocupada com a possibilidade de encarar o vírus mortal

Ebola dali a poucas horas, que saiu sem notar. Sentia-se atordoada. Ela havia entrado com a esperança de conseguir a permissão para usar o laboratório de máxima restrição e estava saindo com ordens de voar para St. Louis! Olhando o relógio, desandou a correr. Ia ser mesmo uma correria.

5

3 de março

Só quando o avião taxiou sobre a pista é que Marissa lembrou-se de seu encontro com Ralph. Bem, ela deveria desembarcar a tempo de alcançá-lo, assim que ele chegasse em casa. Seu único consolo é que se sentia mais à vontade profissionalmente do que se sentira a caminho de Los Angeles. Ao menos tinha alguma ideia do que lhe seria exigido. Pessoalmente, contudo, sabendo desta vez quão mortal o vírus podia ser, se realmente se tratasse do Ebola, Marissa estava mais amedrontada quando pensava no quanto se exporia. Embora não tivesse comentado com ninguém, ela ainda estava preocupada com a possibilidade de ter contraído a doença na primeira epidemia. Cada dia que passava sem o surgimento de sintomas suspeitos era um alívio, mas o medo nunca desaparecera de todo.

Outro pensamento que preocupava Marissa era a ideia do surgimento de outro caso de Ebola tão rápido. Se fosse realmente febre Ebola, como teria chegado a St. Louis? Seria uma epidemia distinta da de Los Angeles ou meramente uma extensão daquela? Será que um contato poderia tê-la trazido de Los Angeles? Ou haveria uma "Ebola Mary", como a infame "Typhoid Mary"?¹ Havia muitas perguntas e nenhuma animava Marissa.

— A senhora vai querer jantar? — perguntou a aeromoça, interrompendo a cadeia de pensamentos de Marissa.

— Quero, sim — disse Marissa, abaixando a mesa-bandeja.

Era melhor que comesse, quer estivesse com fome, quer não. Sabia que, uma vez chegando a St. Louis, possivelmente não teria tempo.

Quando Marissa desceu do táxi que a trouxera do aeroporto de St. Louis até o hospital, o Greater St. Louis Community Health Plan Hospital, ficou agradecida por ele possuir uma elaborada marquise de concreto. Caía uma chuva torrencial. Mesmo estando com um capuz protetor, ela suspendeu a lapela do casaco para evitar a chuva de vento, enquanto corria para a porta giratória. Trazia consigo sua maleta e sua pasta, já que não tivera tempo de parar no hotel.

O hospital tinha uma aparência solene, mesmo na noite escura e chuvosa. Sua construção era em estilo moderno, com fachada de mármore e uma réplica da altura de três andares do Gateway Arch na frente. O interior era quase todo de carvalho e acarpetado de vermelho vivo. Uma recepcionista ativa encaminhou Marissa ao escritório da administração, localizado atrás de uma porta de vaivém.

— Dra. Blumenthal! — gritou um diminuto oriental, dando um pulo de sua mesa de trabalho.

Ela deu um passo para trás, quando o homem a ajudou com a maleta e cumprimentou-a efusivamente.

— Sou o dr. Harold Taboso — disse ele. — Sou o diretor médico daqui. Este é o dr. Peter Austin, encarregado do Serviço de Epidemiologia do Estado do Missouri. Estávamos à sua espera.

Marissa apertou a mão do dr. Austin, um homem alto e magro, com a cútis avermelhada.

— Ficamos agradecidos por ter vindo tão rápido — disse dr. Taboso. — Quer algo para comer ou beber?

Marissa fez que não com a cabeça, agradecendo-lhe a hospitalidade.

— Eu comi no avião — explicou. — Além disso, gostaria de ir direto ao trabalho.

— Claro, claro — disse dr. Taboso.

Por um instante o homenzinho pareceu confuso. O dr. Austin aproveitou-se de seu silêncio para assumir o comando da situação.

— Estamos bem informados do que aconteceu em Los Angeles, e preocupados com a possibilidade de estarmos lidando com o mesmo problema por aqui. Como sabe, recebemos um caso suspeito esta manhã, e chegaram mais dois enquanto a senhorita estava a caminho.

Marissa mordeu o lábio. Ela tivera a esperança de que tudo não passasse apenas de um falso alarme, mas com mais dois casos potenciais, ficava difícil sustentar tal otimismo. Afundou-se na cadeira que o dr. Taboso lhe oferecera e disse:

— É melhor os senhores me contarem o que já sabem por aqui.

— Receio não ser muito — falou o dr. Austin. — O tempo tem sido curto. O primeiro caso deu entrada lá pelas quatro horas da manhã. O dr. Taboso merece um crédito por ter feito soar o alarme tão rápido. O paciente foi isolado imediatamente, deixando-nos esperançosos quanto à minimização da possibilidade de contatos aqui no hospital.

Marissa olhou para o dr. Taboso. Ele sorriu, nervoso, aceitando o elogio.

— Foi uma atitude providencial — disse Marissa. — Foi executado algum exame de laboratório?

— Certamente — disse dr. Taboso.

— Isto pode ser um problema — disse Marissa.

— Nós compreendemos — disse dr. Austin. — Mas o exame foi requisitado imediatamente após a entrada do paciente, antes de

termos qualquer suspeita do diagnóstico. No momento em que meu escritório foi alertado, chamamos o CCD.

— Foi possível fazer qualquer associação com a epidemia de Los Angeles? Algum dos pacientes veio de lá?

— Não — disse o dr. Austin. — Investigamos sobre tal possibilidade, mas não houve ligação alguma que pudéssemos detectar.

— Bem — disse Marissa, relutantemente pondo-se de pé —, vamos ver os pacientes. Presumo que o hospital possua toda a roupa protetora disponível.

— Certamente — disse o dr. Taboso, enquanto se retiravam da sala.

Cruzaram o saguão até os elevadores. Entrando em um deles, Marissa perguntou:

— Algum dos pacientes esteve na África recentemente?

Os outros dois médicos entreolharam-se. O dr. Taboso falou:

— Creio que não.

Marissa não esperava uma resposta positiva. Seria fácil demais. Ela observou o indicador dos andares. O elevador parou no oitavo.

Enquanto percorriam o corredor, Marissa notou que nenhum dos quartos se achava ocupado. Quando olhou mais de perto, viu que a maioria não estava nem mesmo mobiliada. E que as paredes do corredor tinham recebido apenas a primeira demão, não se achavam totalmente pintadas.

O dr. Taboso notou o semblante de Marissa.

— Desculpe — disse ele. — Eu deveria ter-lhe explicado. Quando o hospital foi construído, o planejamento era de um grande número de leitos. Consequentemente, o oitavo andar nunca foi completado. Mas decidimos utilizá-lo para esta emergência. É bom para isolamento, não acha?

Chegaram ao posto de enfermagem, que parecia concluído, a não ser pelos armários. Marissa pegou o prontuário do primeiro

paciente. Sentou-se à mesa de trabalho e abriu a capa de metal, reparando o nome do homem: Zabriski. A página de sinais vitais mostrava o já conhecido quadro de febre alta e baixa pressão sanguínea. A página seguinte continha o histórico do paciente. Enquanto seus olhos percorriam a folha, ela percebeu o nome completo do homem: dr. Carl M. Zabriski. Erguendo os olhos para o dr. Taboso, perguntou incrédula:

— O paciente é médico?

— Sinto lhe informar que sim — respondeu Taboso. — É um oftalmologista aqui do hospital.

Virando-se para o dr. Austin, ela perguntou:

O senhor sabia que o caso inicial em Los Angeles também era médico? Na verdade, um oftalmologista.

— Eu já tinha conhecimento da coincidência — disse o dr. Austin, franzindo as sobrancelhas.

— O dr. Zabriski está efetuando alguma pesquisa com macacos? — perguntou Marissa.

— Não, que eu saiba — respondeu o dr. Taboso. — Com toda certeza, não aqui no hospital.

— Não houve outros médicos envolvidos na epidemia de Los Angeles, que eu me lembre — disse dr. Austin.

— Não — disse Marissa. — Apenas o caso inicial. Os outros eram três técnicos de laboratório e uma enfermeira, mas nenhum outro médico.

Voltando a examinar o prontuário, Marissa percorreu-o rapidamente. O histórico não chegava nem perto do que fora feito sobre o dr. Richter na Clínica Richter. Não havia referências a viagens recentes ou contatos com animais. Mas o trabalho laboratorial era impressionante, e embora alguns exames ainda estivessem sendo feitos no laboratório, os resultados que ali estavam insinuavam grave comprometimento do fígado e dos rins. Até aqui tudo estava compatível com a febre hemorrágica Ebola.

Depois que terminou com os prontuários, Marissa reuniu o material necessário para colher e empacotar as amostras de vírus. Quando tudo estava pronto, ela, acompanhada de uma enfermeira, seguiu pelo corredor até a área de isolamento. Lá vestiu gorro, máscara, luvas, óculos e botas.

Dentro do quarto do dr. Zabriski havia duas mulheres vestidas do mesmo modo. Uma era enfermeira, a outra médica.

— Como está o paciente? — perguntou Marissa, enquanto se movia junto ao leito.

Tratava-se de uma pergunta retórica, pois o estado do paciente era evidente. A primeira coisa que Marissa notou foi uma erupção sobre o tronco do homem. A segunda, sinais de hemorragia; um tubo nasogástrico saía feito uma cobra da narina do paciente e estava cheio de sangue de um vermelho vivo. O dr. Zabriski estava consciente, mas muito pouco. Ele certamente não seria capaz de responder pergunta alguma.

Uma rápida conversa com a médica que o acompanhava confirmou as impressões de Marissa. O paciente havia piorado durante o dia, principalmente durante a última hora, quando eles começaram a perceber uma queda progressiva na pressão sanguínea. Marissa já vira o suficiente. Clinicamente, o paciente assemelhava-se ao dr. Richter em um grau aterrador. Até prova em contrário, tinha-se que aceitar que o dr. Zabriski e os dois outros casos subsequentes estavam com febre hemorrágica Ebola.

A enfermeira ajudou Marissa a coletar material das mucosas nasais, bem como amostras de sangue e urina, Marissa manipulou-os como já havia feito em Los Angeles, ensacando duplamente o material e desinfetando o exterior dos sacos com hipoclorito de sódio. Depois de se desfazer da roupa protetora e lavar as mãos, voltou ao posto de enfermagem para telefonar para Dubchek.

A conversa telefônica foi rápida e direta. Marissa disse que a sua impressão clínica era que estavam lidando com outra epidemia de

Ebola.

— E o isolamento?

— Fizeram um bom trabalho no que se refere a este ponto — informou Marissa.

— Estaremos aí assim que for possível — disse Dubchek.

— Provavelmente esta noite. Enquanto isso, quero que interrompa qualquer trabalho de laboratório e supervisione uma desinfecção total. Faça também com que estabeleçam o mesmo tipo de quarentena dos contatos que utilizamos em Los Angeles.

Marissa estava prestes a responder, quando percebeu que Dubchek havia desligado. Deu um suspiro, enquanto recolocava o fone no gancho; que belo relacionamento de trabalho!

— Bem — disse Marissa aos drs. Taboso e Austin. Vamos ao trabalho.

Rapidamente, eles puseram em andamento as medidas de quarentena, organizando a esterilização do laboratório e assegurando a Marissa que suas amostras seriam enviadas durante a noite para o CCD.

Depois que foram atender a seus compromissos, Marissa pediu os prontuários dos outros dois pacientes. A enfermeira, que se chamava Pat, entregou-os a ela, dizendo:

— Não sei se o dr. Taboso fez referência a isto, mas a sra. Zabriski está lá embaixo.

— Ela também é paciente? — perguntou Marissa, com espanto.

— Não, não — disse Pat. — Apenas insiste em permanecer no hospital. Ela queria ficar aqui em cima, mas o dr. Taboso não achou uma boa ideia. Aconselhou-a a permanecer na sala de espera do primeiro andar.

Marissa largou os dois novos prontuários, tentando decidir o que fazer em seguida. Decidiu ver a sra. Zabriski, já que tinha muito poucos detalhes relativos à agenda cumprida recentemente pelo médico. Além disso, precisava passar pelo laboratório para fiscalizar

a esterilização. Perguntando a Pat a localização e como chegar até lá, Marissa pegou o elevador. Olhou para os rostos que estavam perto dela e tentou adivinhar qual seria a reação destas pessoas quando ficassem sabendo que havia uma epidemia de Ebola no hospital. Quando as portas se abriram no segundo andar, ela foi a única a sair.

Marissa esperava encontrar o turno da noite no laboratório e surpreendeu-se ao ver que o diretor, um patologista chamado dr. Arthur Rand, ainda estava em seu consultório, muito embora já passasse das oito da noite. Ele era um senhor afetado, vestido com um colete xadrez completado por um relógio de algibeira dourado, que se projetava de um dos bolsos. Não estava nem um pouco impressionado com o fato de Marissa ter sido enviada pelo CCD, e sua expressão facial não se alterou quando ela disse que, na sua opinião clínica, havia uma epidemia de Ebola no hospital.

— Eu já estava a par de que esta era uma das hipóteses diagnosticas.

— O CCD solicitou que não sejam mais efetuados exames de laboratório com os pacientes envolvidos.

Marissa, que podia jurar que o homem não iria facilitar as coisas para ela, avisou:

— Será posto em funcionamento aqui um laboratório de isolamento, a qualquer hora desta noite.

— Sugiro que a senhorita comunique este fato ao dr. Taboso — disse o dr. Rand.

— Já fiz isso — disse Marissa. — Também é nossa opinião que este laboratório deva ser desinfetado. Na epidemia de Los Angeles, três casos ocorreram no laboratório. Estou pronta a ajudar, se o senhor assim quiser.

— Acredito que possamos cuidar da nossa própria limpeza — disse o dr. Rand com um ar de quem parecia dizer: "Você acha que eu nasci ontem? ..."

— Estou à disposição, caso seja necessário — falou Marissa, virando-se e saindo. Havia feito o que podia.

No primeiro andar encaminhou-se até uma agradável sala de espera, com sua própria capela anexa. Marissa não tinha certeza de como reconhecer a mulher, mas a sra. Zabriski acabou sendo a única pessoa na sala.

Marissa dirigiu-se a ela, dizendo suavemente:

— Sra. Zabriski...

A mulher levantou a cabeça. Aparentava estar em torno dos cinquenta anos, e tinha cabelos grisalhos. Seus olhos se achavam vermelhos; era evidente que estivera chorando.

— Sou a dra. Blumenthal — prosseguiu Marissa, delicadamente.
— Sinto importuná-la, mas preciso fazer-lhe algumas perguntas.

O pânico anuviou os olhos da mulher.

— Carl morreu?

— Não, é que...

— Ele vai morrer, não vai?

— Sra. Zabriski — disse Marissa, desejando evitar um assunto tão delicado, principalmente porque acreditava que a intuição da mulher era correta. Marissa sentou-se a seu lado —, não sou um dos médicos de seu marido. Estou aqui para ajudar a descobrir que tipo de enfermidade ele tem e como a contraiu. Ele fez alguma viagem nas últimas...

Marissa ia dizer três semanas, mas, lembrando-se da viagem do dr. Richter à África, disse, em vez disso:

— ...nos últimos dois meses?

— Sim — respondeu a sra. Zabriski, com a voz cansada. — Ele compareceu a um congresso médico em San Diego, no mês passado, e uma semana atrás em Boston.

"San Diego" fez com que Marissa se aprumasse.

— Em San Diego ele foi a uma conferência sobre cirurgia de pálpebra?

— Acho que sim — disse a sra. Zabriski. — Mas Judith, a secretária de Carl, deve saber, com toda a certeza.

A cabeça de Marissa entrou em parafuso. Zabriski havia comparecido ao mesmo congresso que o dr. Richter! Mais uma coincidência? O único problema era que a conferência em questão havia sido seis semanas antes, mais ou menos o mesmo intervalo de tempo que ocorrera entre a viagem do dr. Richter à África e o aparecimento dos sintomas.

— A senhora sabe em que hotel seu marido se hospedou durante a permanência em San Diego? perguntou Marissa. — Pode ter sido o Hotel Coronado?

— Acho que foi — disse a sra. Zabriski.

Enquanto a mente de Marissa estava ocupada recordando-se do papel principal desempenhado por um determinado hotel em Filadélfia, durante a epidemia da "enfermidade dos legionários", perguntou sobre a viagem do dr. Zabriski a Boston. Mas a sra. Zabriski não sabia o motivo da viagem. Em vez disso, deu a Marissa o número do telefone da secretária do marido, reafirmando que Judith saberia responder a todas as perguntas.

Marissa anotou o número e perguntou se o dr. Zabriski havia sido mordido por algum macaco ultimamente, ou se estivera em contato com algum.

A sra. Zabriski disse que não. Pelo menos, nenhum que ela soubesse.

Marissa agradeceu à mulher e desculpou-se por tê-la incomodado. Munida do número do telefone da casa da secretária, foi fazer a ligação para Judith.

Marissa teve que explicar duas vezes quem ela era e por que estava ligando tão tarde, antes que a secretária concordasse em cooperar. Então, Judith confirmou o que a sra. Zabriski lhe dissera. A saber: que o médico havia se hospedado no Hotel Coronado durante sua permanência em San Diego, que o dr. Zabriski não tinha sido

mordido, ultimamente, por qualquer animal, e, até onde sabia, não estivera em contato com macaco algum. Quando Marissa perguntou se o dr. Zabriski conhecia o dr. Richter, a resposta foi que tal nome jamais aparecera em sua correspondência ou em sua agenda telefônica. Judith contou que o motivo da viagem do dr. Zabriski a Boston fora auxiliar a planejar o futuro Encontro de Bacharéis de Hospitais Oftalmológicos e Otológicos em Massachusetts. Ela deu a Marissa o nome e o número do telefone dos colegas do dr. Zabriski de lá. Enquanto Marissa anotava, imaginava se o médico havia transportado, inconscientemente, o vírus para a região de Boston. Decidiu que teria que discutir esta possibilidade com Dubchek.

Quando desligou, lembrou-se, de repente, que não havia telefonado para Ralph do aeroporto. Ele atendeu sonolento e Marissa desculpou-se, tanto por acordá-lo como por não ter entrado em contato com ele antes de deixar Atlanta. Após explicar o que ocorrera, Ralph disse que só a perdoaria se ela promettesse telefonar-lhe a cada dois dias, para informá-lo do que estava acontecendo.

De volta ao pavilhão de isolamento, Marissa retomou os prontuários. As duas últimas admissões tinham sido uma certa Carol Montgomery e um dr. Brian Cester. Ambos foram acometidos de febre alta, dor de cabeça lancinante e violentas câibras abdominais. Embora os sintomas parecessem inespecíficos, a intensidade com que ocorreram dava motivos suficientes para apreensão. Não havia referência alguma a viagens ou a contatos com animais em ambos os prontuários.

Após reunir o material necessário para colher amostras do vírus, Marissa vestiu-se com a indumentária protetora e visitou o primeiro caso. A paciente era uma mulher um ano mais velha do que ela. Marissa encontrou dificuldade para não se identificar com a paciente, uma advogada que trabalhava para uma das maiores firmas associadas da cidade. Embora estivesse lúcida e capaz de falar, era evidente que estava gravemente enferma.

Marissa perguntou-lhe se havia feito alguma viagem recentemente. A resposta foi negativa. Marissa perguntou se ela conhecia o dr. Zabriski. Carol disse que sim, que ele era seu oftalmologista. Ela o havia visto ultimamente? A resposta foi afirmativa: consultara-o quatro dias atrás.

Marissa obteve as amostras de vírus e saiu do quarto com o coração oprimido. Odiava quando fazia um diagnóstico e depois não conseguia tratar da doença. O fato de ter sido capaz de descobrir informações que repetiam a epidemia anterior era uma pequena compensação. Contudo, a informação fez com que se lembrasse de uma dúvida que a atormentava em Los Angeles: por que alguns dos pacientes do dr. Richter haviam contraído a doença e outros não?

Após colocar novas roupas protetoras, Marissa visitou o dr. Brian Cester. Fez as mesmas perguntas e obteve as mesmas respostas, com exceção do fato de que o dr. Cester não era um dos pacientes do dr. Zabriski.

— Não — disse o dr. Cester, depois que um espasmo de dor abdominal cessou. — Nunca fui a um oftalmologista.

— O senhor trabalha com o dr. Zabriski? — perguntou Marissa.

— Esporadicamente, aplico anestesia para ele — disse o dr. Cester, e seu rosto contorceu-se novamente de dor. Ao se recuperar, acrescentou: — Jogo tênis com ele mais frequentemente do que trabalhamos juntos. Na verdade, jogamos há apenas quatro dias.

Após obter suas amostras, Marissa deixou o homem; estava mais confusa do que nunca. Ela começara a pensar que um contato bem íntimo — principalmente com uma membrana mucosa — era necessário para que a doença fosse transmitida. Jogar tênis com alguém não parecia encaixar-se neste modelo.

Após despachar a segunda série de amostras de vírus, Marissa voltou ao prontuário do dr. Zabriski. Leu o histórico minuciosamente e iniciou o mesmo tipo de diário que redigira para o dr. Richter. Juntou o material que recebera da sra. Zabriski e da

secretária, tendo consciência de que teria que voltar a ambos. Embora este tipo de trabalho não tivesse resultado na descoberta do depósito do vírus na epidemia de Los Angeles, Marissa alimentava a esperança de que, adotando o mesmo procedimento com o dr. Zabriski, poderia descobrir algum elemento comum, além do fato de ambos os médicos terem comparecido à mesma conferência em San Diego.

Já passava da meia-noite quando Dubchek, Vreeland e Layne chegaram. Marissa sentiu-se aliviada ao vê-los, particularmente porque o estado clínico do dr. Zabriski continuara a piorar. O médico que o estava atendendo havia requerido que fossem feitos alguns exames de sangue rotineiros, a fim de determinar as condições de hidratação do paciente, e Marissa se viu entre a conflitante necessidade de tratar do paciente e proteger o hospital. Finalmente, ela permitiu que se efetuassem os exames que pudessem ser feitos no quarto do paciente.

Após cumprimentos rápidos, os médicos do CCD quase ignoraram Marissa, enquanto lutavam para colocar em funcionamento o laboratório móvel de isolamento e para melhorar o isolamento dos pacientes. O dr. Layne introduzira alguns exaustores, enquanto o dr. Vreeland desceu imediatamente até o local da administração para discutir a melhoria da quarentena.

Marissa voltou aos prontuários, mas logo esgotou todas as informações que eles podiam fornecer. Levantou-se e foi até o laboratório de isolamento. Dubchek tinha tirado o paletó e arregaçado as mangas enquanto trabalhava com os dois técnicos do CCD. Algum tipo de defeito elétrico havia surgido na parte de química automática do laboratório.

— Há algo que eu possa fazer? — perguntou Marissa.

— Nada que me ocorra — disse Dubchek, sem levantar os olhos, e imediatamente iniciou conversa com um dos técnicos, sugerindo que fossem mudados os eletrodos dos sensores.

— Gostaria que você me concedesse um minuto para examinarmos o que eu consegui descobrir — protestou Marissa, ansiosa para discutir o fato de o dr. Zabriski ter comparecido ao mesmo congresso médico de San Diego a que comparecera o dr. Richter.

— Isto vai ter que esperar — disse Dubchek, friamente. — Colocar este laboratório em funcionamento tem prioridade sobre teorias epidemiológicas.

Voltando ao posto de enfermagem, Marissa fervia de raiva. Ela não esperava, nem merecia, o sarcasmo de Dubchek. Se a intenção dele fora menosprezar sua colaboração, conseguira. Sentada à escrivaninha, Marissa ponderava sobre suas opções. Poderia ficar ali, esperando que ele lhe concedesse dez minutos quando lhe aprouvesse, ou então ir embora e dormir um pouco. O sono saiu vencedor. Colocou seus papéis na pasta e desceu até o primeiro andar para apanhar sua maleta.

A telefonista acordou Marissa às sete horas. Enquanto tomava banho e se vestia, descobriu que sua raiva contra Dubchek havia se dissipado. Afinal de contas, ele estava sob muita pressão. Se o Ebola escapasse de controle, era o pescoço dele que estava na corda, não o dela.

Quando chegou ao pavilhão de isolamento, um dos técnicos do laboratório do CCD disse-lhe que Dubchek havia voltado para o hotel às cinco da manhã. Ele não sabia onde se encontravam Vreeland e Layne.

No posto de enfermagem as coisas estavam um pouco caóticas. Outros cinco pacientes haviam dado entrada durante a noite com suspeita de febre hemorrágica Ebola. Marissa reuniu os prontuários, mas, quando os colocava em ordem, descobriu que o de Zabriski havia sumido. Perguntou à enfermeira de dia onde estava o prontuário.

— O dr. Zabriski morreu um pouco depois das quatro da manhã.

Embora já esperasse por isso, Marissa sentia-se triste. Inconscientemente, ela havia estado à espera de um milagre. Sentou-se e colocou o rosto entre as mãos. Após um instante, forçou-se a examinar os novos prontuários. Era mais fácil manter-se ocupada. Intuitivamente, levou a mão ao pescoço, à procura de alguma inflamação. Havia uma região sensível. Poderia ser um nódulo linfático inflamado?

Ficou satisfeita em ser interrompida pelo dr. Layne, o diretor do Programa de Doenças Hospitalares Contagiosas do CCD. Os círculos escuros sob os olhos, o rosto encovado, a barba por fazer tornavam evidente que ele virara a noite. Marissa sorriu, gostando de sua aparência ligeiramente cansada, amarrotada, que o fazia parecer, aos olhos dela, um jogador de futebol aposentado. O dr. Layne sentou-se pesadamente, massageando a fronte, e comentou:

— Está parecendo que isto vai ser tão ruim quanto Los Angeles. Temos mais um paciente subindo e outro na sala de emergência. — Estava começando a dar uma olhada nos novos prontuários — disse Marissa, subitamente sentindo-se culpada por ter saído na noite anterior.

— Bem, posso lhe dizer uma coisa — falou o dr. Layne. — Parece que todos os novos pacientes contraíram a doença no hospital. Isto é que está me perturbando tanto.

— Todos eles são pacientes do dr. Zabriski? — perguntou Marissa.

— Estes são — esclareceu o dr. Layne, apontando para os prontuários que estavam em frente a Marissa. — Todos estiveram com Zabriski recentemente. Ao que parece, ele os contaminou durante os exames. Os novos casos são ambos pacientes do dr. Cester. Ele foi o anestesiológico, sempre que tiveram cirurgia nos últimos dez dias.

— E sobre o dr. Cester? — perguntou Marissa. — Você acha que ele contraiu a doença da mesma forma que o dr. Zabriski?

O dr. Layne negou com a cabeça.

— Não. Conversei um bocado com o homem, e descobri que ele e Zabriski eram parceiros de tênis.

Marissa anuiu, perguntando:

— Mas este tipo de contato conta?

— Cerca de três dias antes que o dr. Zabriski ficasse doente, o dr. Cester pediu sua toalha emprestada entre os sets. Acho que aí está a explicação. A transmissão parece depender de contatos reais com os fluidos do corpo. Acho que Zabriski é outro caso inicial, tal e qual o dr. Richter.

Marissa sentiu-se uma idiota. Ela havia parado de interrogar o dr. Cester apenas uma pergunta antes de descobrir um fato crucial. Esperava não cometer o mesmo erro novamente.

— Se ao menos soubéssemos como o Ebola se introduziu no hospital pela primeira vez... — disse dr. Layne, retoricamente.

Dubchek, aparentando cansaço, mas de barba feita e bem vestido como sempre, chegou ao posto de enfermagem. Marissa ficou surpresa ao vê-lo. Se ele havia saído às cinco, mal tivera tempo de tomar um banho e trocar de roupa, muito menos dormir.

Antes que Dubchek pudesse enredar-se em uma conversa com Layne, Marissa rapidamente contou a ambos que Zabriski comparecera à mesma conferência médica em San Diego que o dr. Richter, e que se haviam hospedado no mesmo hotel.

— Foi há muito tempo para ser significativo — disse Dubchek, dogmático. — Aquela convenção acabou faz seis semanas.

— Mas parece ser a única associação entre os dois médicos — protestou Marissa. — Acho que devo seguir por este caminho.

— Como você quiser — disse Dubchek. — Enquanto isso, quero que desça até a Patologia e se assegure de que tomem todas as precauções ao autopsiar Zabriski esta manhã. E diga-lhes que queremos amostras congeladas do fígado, coração, cérebro e baço para o isolamento do vírus.

— E dos rins? — interpelou Layne.

— É, dos rins também — disse Dubchek.

Marissa se afastou sentindo-se como uma reles mensageira. Imaginava se algum dia conseguiria reconquistar o respeito de Dubchek; depois, lembrando-se da razão pela qual o perdera, sua depressão cedeu lugar a uma onda de raiva.

Na Patologia, um lugar movimentado àquela hora do dia, Marissa foi encaminhada às salas de autópsia, onde sabia que iria encontrar o dr. Rand. Lembrando-se de suas maneiras afetadas e arrogantes, não estava nem um pouco ansiosa para falar com ele.

As salas de autópsia eram construídas com azulejos brancos e aço inoxidável brilhante. Havia um aroma penetrante de formol que fez brotar lágrimas dos olhos de Marissa. Um dos técnicos disse-lhe que a autópsia de Zabriski estava programada para a sala três.

— Se você pretende ir, é melhor vestir-se adequadamente. É um caso nojento.

Com seu temor usual de contrair Ebola, Marissa sentiu-se mais do que feliz em concordar. Quando entrou na sala, encontrou o dr. Rand prestes a começar. Ele levantou os olhos da mesa de instrumentos. O cadáver do dr. Zabriski ainda estava guardado em um grande e limpo saco de plástico. Seu corpo era de um branco pastoso na parte de cima e de um púrpura pálido na parte de baixo.

— Oi! — disse Marissa, vivamente.

Decidira que poderia mostrar-se alegre também. Não recebendo resposta, ela transmitiu as exigências do CCD ao patologista, que concordou em fornecer as amostras. Marissa então sugeriu o uso de óculos especiais.

— Diversos casos, tanto aqui como em Los Angeles, foram aparentemente contaminados através da membrana conjuntival — explicou ela.

O dr. Rand soltou um grunhido, depois sumiu. Quando voltou, estava usando um par de óculos de plástico. Sem proferir palavra,

entregou um a Marissa.

— Mais uma coisa — acrescentou ela. — O CCD recomenda que se evite a utilização de serras elétricas neste tipo de caso, porque causa uma formação significativa de partículas em suspensão.

— Não tenho intenção alguma de usar qualquer ferramenta elétrica — disse dr. Rand. — Embora possa lhe parecer surpreendente, já lidei com casos contagiosos durante minha carreira.

— Então acredito que não preciso avisar-lhe sobre não cortar seus dedos — disse Marissa. — Um patologista morreu de febre hemorrágica viral após fazer exatamente isso.

— Eu me lembro — disse o dr. Rand. — Febre de Lassa. Será que ainda deseja nos conceder alguma outra sugestão?

— Não — disse Marissa.

O patologista cortou o saco plástico e expôs o corpo de Zabriski ao ar. Marissa ficou em dúvida se devia permanecer ali ou ir embora. A indecisão resultou em ausência de ação. Ficou.

Falando em um microfone colocado por sobre sua cabeça e ativado por meio de um pedal, o dr. Rand iniciou a descrição das marcas externas do corpo. Sua voz adquirira aquele tom monótono, peculiar, que fazia Marissa recordar-se do tempo da faculdade de medicina. Foi trazida de volta ao presente, abruptamente, ao ouvir Rand descrever um corte esfolado que fora suturado. Era um fato novo. Não constava do prontuário, como também não constavam o corte no cotovelo direito ou a mancha roxa circular na coxa direita, uma mancha do tamanho de uma moeda.

— As manchas ocorreram antes ou depois da morte?

— Antes — respondeu ele, não esboçando tentativa alguma no sentido de dissimular sua irritação por ser interrompido.

— Acha que elas são antigas? — perguntou Marissa, ignorando seu tom e inclinando-se para a frente, a fim de poder observá-las mais cuidadosamente.

— Têm cerca de uma semana, eu diria — replicou o dr. Rand. — Uns dias a mais ou a menos. Estaríamos aptos a precisar, caso tivéssemos examinado as partes ao microscópio. Contudo, em vista do estado do paciente, penso que elas são de somenos importância. Agora, se não se importa, eu gostaria de voltar ao trabalho.

Obrigada a recuar, Marissa pensou sobre esta evidência de trauma. Haveria, provavelmente, alguma explicação banal; talvez o dr. Zabriski tivesse caído, quando jogava tênis. O que aborrecia Marissa é que as contusões e o corte não haviam sido mencionados no prontuário do homem. Onde ela fizera sua formação, qualquer descoberta física seria registrada.

Assim que Rand terminou e Marissa havia visto "que as amostras de tecido estavam sendo obtidas corretamente, ela decidiu tentar descobrir as causas dos machucados.

Usando o telefone da Patologia, tentou localizar a secretária de Zabriski, Judith. Deixou o telefone tocar vinte vezes. Não houve resposta. Relutando em incomodar a sra. Zabriski, Marissa pensou em procurar o dr. Taboso, mas, em vez disso, decidiu checar o consultório do dr. Zabriski, imaginando que deveria ficar bem ali no hospital. Foi até lá e encontrou Judith de volta à sua mesa.

Judith era uma jovem frágil, de uns 25 anos. Estava com os olhos muito maquiados, e Marissa podia jurar que ela estivera chorando. Mas a moça estava mais do que triste: estava apavorada.

— A sra. Zabriski está doente — foi dizendo, de modo precipitado, assim que Marissa se apresentou. — Falei com ela há pouco. Está lá embaixo, na sala de emergência, mas vai dar entrada no hospital. Eles acham que ela tem a mesma coisa que o marido teve. Meu Deus, será que vou pegar também? Quais são os sintomas?

Com certa dificuldade, Marissa acalmou a moça o suficiente para conseguir explicar que, na epidemia de Los Angeles, as secretárias dos médicos não haviam contraído a enfermidade.

— De qualquer forma, eu vou embora daqui — disse Judith.

Abrindo uma gaveta lateral de sua mesa e tirando um agasalho, jogou-o em uma caixa de papelão. Era evidente que estava de mudança.

— E eu não sou a única a querer sair — acrescentou. — Conversei com vários funcionários que também estão de partida.

— Entendo como se sente.

Marissa se questionava se todo o hospital deveria entrar de quarentena. Na clínica Richter, este fora um pesadelo logístico.

— Vim até aqui para lhe perguntar uma coisa.

— Pergunte, então — disse Judith, continuando a esvaziar as gavetas de sua mesa.

— O dr. Zabriski tinha algumas contusões e um corte na cabeça, como se tivesse caído. Você sabe algo acerca disso?

— Não foi nada — disse Judith, fazendo um gesto de pouco caso com as mãos. — Ele foi assaltado há cerca de uma semana, num shopping center, enquanto procurava um presente de aniversário para a esposa. Perdeu sua valise e seu Rolex de ouro. Acho que o atingiram na cabeça.

Tanto pior para a misteriosa questão do trauma, pensou Marissa. Por alguns minutos ela permaneceu observando Judith arremessar suas coisas na caixa, tentando pensar em alguma outra pergunta. Não conseguia pensar em nenhuma naquele momento, então despediu-se e saiu, dirigindo-se para o pavilhão de isolamento. Sob muitos aspectos, sentia-se tão apavorada quanto Judith.

O pavilhão de isolamento havia perdido sua antiga tranquilidade. Com todos os novos pacientes, estava funcionando a todo vapor, com enfermeiros cumprindo horas extras. Encontrou o dr. Layne escrevendo em diversos prontuários.

— Bem-vinda ao caos — disse ele. — Temos mais cinco casos, inclusive a sra. Zabriski.

— Já ouvi falar — disse Marissa, sentando-se ao lado do dr. Layne.

Se ao menos Dubchek a tratasse como merecia, como uma colega de trabalho...

— Tad Schockley telefonou — disse o dr. Layne. — É Ebola.

Um calafrio percorreu a espinha de Marissa.

— Estamos aguardando a chegada do secretário estadual de Saúde a qualquer momento, a fim de ordenar quarentena — continuou o dr. Layne. — Parece que diversos funcionários do hospital estão abandonando o local: enfermeiras, técnicos, até mesmo alguns médicos. O dr. Taboso teve a maior dificuldade para arranjar pessoal para este pavilhão. Já leu o jornal local?

Marissa negou com a cabeça. Estava com vontade de dizer que também não queria ficar, se isto significasse estar exposta.

— A manchete principal é "A Peste Volta a Atacar!". — O dr. Layne fez uma expressão de aversão. — A imprensa consegue ser tão diabolicamente irresponsável! Dubchek não quer que ninguém fale à imprensa. Exige que todas as perguntas sejam encaminhadas a ele.

O ruído da porta do elevador dos pacientes abrindo-se chamou a atenção de Marissa, que ficou observando quando uma maca surgiu, coberta por uma tenda de isolamento de plástico transparente. Quando passou por ela, pôde reconhecer a sra. Zabriski. Ela estremeceu outra vez, perguntando-se se o jornal local havia realmente exagerado em sua manchete.

¹ Do nome próprio Mary Mallon, cozinheira irlandesa que, conforme foi descoberto, era agente transmissor de febre tifoide. (N. da T.)

6

10 de abril

Marissa deu mais uma garfada na sobremesa, que era do tipo a que ela somente se permitia em raras ocasiões. Era a sua segunda noite de volta a Atlanta, e Ralph a levava a um aconchegante restaurante francês. Após cinco semanas de pouco sono, engolindo refeições na lanchonete de um hospital, o jantar requintado fora um verdadeiro prazer. Ela percebeu que, não tendo tomado um drinque sequer desde que deixara Atlanta, o vinho lhe havia subido rapidamente à cabeça. Sabia que estava muito falante, mas Ralph parecia satisfeito em ficar apenas ouvindo-a.

Para concluir a conversa, Marissa desculpou-se por tagarelar tanto sobre seu trabalho, apontando para o copo vazio como desculpa.

- Não há necessidade de se desculpar — insistiu Ralph.
- Eu poderia escutá-la a noite toda; estou encantado com o que você conseguiu realizar, tanto em Los Angeles como em St. Louis.
- Mas eu mantive você informado, enquanto estive fora — protestou Marissa, referindo-se a suas frequentes conversas telefônicas.

Enquanto estivera em St. Louis, Marissa adquirira o hábito de telefonar quase que diariamente. Conversar com Ralph fora um

apoio significativo para suas teorias, bem como uma maneira de amenizar sua frustração diante da insistência de Dubchek em ignorá-la. Em ambos os casos, Ralph fora compreensivo e tolerante.

— Gostaria que você me contasse mais sobre a reação da comunidade — disse ele. — De que modo os administradores e a equipe médica do hospital tentaram controlar o pânico, considerando-se que desta vez houve 37 mortes?

Fazendo a vontade de Ralph, Marissa tentou descrever o tumulto no hospital de St. Louis. O corpo médico e os pacientes estavam furiosos com a quarentena forçada, e o dr. Taboso lhe havia dito, com tristeza, que achava que o hospital iria fechar as portas, quando a quarentena fosse suspensa.

— Você sabe, eu ainda estou preocupada em contrair a doença — admitiu Marissa, rindo envergonhada. — Toda vez que tenho dor de cabeça, penso logo: "Será que peguei a famigerada?" E, embora ainda não tenhamos a menor ideia da origem do vírus, a posição de Dubchek é que o depósito está de alguma forma associado com a equipe médica, o que não me traz nenhum conforto.

— Você acredita nisto? — perguntou Ralph.

Marissa riu.

— Suponho que sim — disse. — E, caso seja verdade, então você deve se considerar particularmente ameaçado. Ambos os casos iniciais eram oftalmologistas.

— Não diga isso — riu Ralph. — Eu sou supersticioso.

Marissa recostou-se enquanto o garçom servia uma segunda rodada de café. O gosto estava ótimo, mas ela suspeitava que mais tarde ia se arrepender, quando tentasse dormir.

Depois que o garçom se retirou com os pratos da sobremesa, Marissa continuou:

— Se a posição de Dubchek está correta, então, de alguma forma, ambos os oftalmologistas mantiveram contato com o depósito misterioso. Quebrei minha cabeça com isto durante semanas, sem

chegar a uma única explicação. O dr. Richter esteve em contato com macacos; na verdade, ele foi mordido uma semana antes de ficar doente, e macacos foram associados com um vírus chamado Marburg. Mas o dr. Zabriski não teve contato algum com qualquer tipo de animal.

— Pensei que você me tivesse dito que o dr. Richter havia estado na África — disse Ralph. — Me parece que é este o fato crucial. Afinal, é na África que este vírus é endêmico.

— É verdade — disse Marissa. — Mas o quadro da duração está todo errado. Seu período de incubação teria sido de seis semanas, quando todos os outros casos registram apenas de dois a cinco dias. Também temos que levar em consideração o problema da associação das duas epidemias. O dr. Zabriski não esteve na África, mas o único ponto de ligação é que os dois médicos compareceram à mesma conferência em San Diego. E mais, isto ocorreu seis semanas antes de Zabriski ficar doente. É uma loucura!

Marissa fez um gesto com a mão, como se estivesse entregando os pontos.

— Ao menos fique contente por ter conseguido controlar a epidemia tão bem como conseguiu. Pelo que sei, foi muito pior quando este vírus apareceu na África.

— Isto é verdade — concordou Marissa. — Na epidemia no Zaire, em 1976, cujo caso inicial pode ter sido um estudante de uma faculdade americana, houve 318 casos e 280 mortes.

— Aí está — disse Ralph, sentindo que a estatística animaria Marissa.

Ele dobrou seu guardanapo e o colocou sobre a mesa, sugerindo:

— Que tal darmos uma parada em minha casa para um último drinque?

Marissa olhou para Ralph, espantada com o bem-estar que ele lhe proporcionava. O mais espantoso é que o relacionamento deles havia se aprofundado através do telefone.

— Um último drinque parece ótimo — disse ela, sorrindo.

Ao saírem do restaurante, Marissa deu-lhe o braço. Quando chegaram ao carro, Ralph abriu a porta para ela, que pensou que bem poderia se acostumar com este tipo de tratamento.

Ralph tinha orgulho de seu carro. Isto ficava evidente pela maneira como ele tocava os instrumentos e o volante. O carro era um Mercedes 300 SDL. Marissa apreciou seu conforto ao instalar-se no assento de couro, mas carros nunca haviam significado muito para ela. Também não conseguia entender por que as pessoas compravam carros a diesel, já que produziam um barulho desagradável ao se dar a partida e quando paravam.

— São econômicos — disse Ralph.

Marissa olhou em volta para todo o equipamento. Ela ficava admirada que alguém pudesse se enganar achando que um Mercedes tão caro fosse econômico.

Eles permaneceram calados por algum tempo, e Marissa se perguntava se ir à casa de Ralph, àquela hora da noite, era uma boa ideia. Mas confiava em Ralph e tinha vontade de deixar o relacionamento entre eles avançar um pouco mais. Voltou-se para olhá-lo à meia-luz. Ele possuía um perfil forte, com um nariz proeminente como o do pai de Marissa.

Depois que estavam instalados no sofá da sala de visitas, com suas doses de conhaque na mão, Marissa mencionou algo que tinha estado temerosa de especificar para Dubchek, em seu humor condescendente atual.

— Há algo acerca de dois casos Iniciais que eu acho curioso. Os dois homens foram assaltados apenas alguns dias antes de adoecer.

Marissa ficou esperando uma reação.

— Muito suspeito — disse Ralph, com uma piscadela. — Você está sugerindo que existe uma "Ebola Mary" que rouba as pessoas e espalha a doença?

Marissa riu.

— Sei que parece bobagem. Por isso é que não falei nada sobre isto com mais ninguém.

— Mas você tem que pensar em tudo — acrescentou Ralph. — Sua formação na velha faculdade de medicina ensinou-lhe a perguntar tudo, inclusive o que o bisavô materno fazia para ganhar a vida nos velhos tempos.

Deliberadamente, Marissa mudou a conversa para o trabalho de Ralph e sua casa, os dois assuntos prediletos dele. Com o passar do tempo, percebeu que ele não esboçava qualquer movimento em sua direção, e ficou pensando se a causa para tal atitude teria alguma coisa a ver com ela, como o fato de ter estado exposta ao Ebola. Então, para piorar ainda mais a situação, ele a convidou a passar a noite no quarto de hóspedes.

Marissa sentiu-se insultada. Talvez tão insultada quanto se ele houvesse tentado arrancar-lhe o vestido pela cabeça, no momento em que passaram pela porta da frente. Agradeceu-lhe, mas disse que não queria passar a noite no quarto de hóspedes dele; preferia passá-la em sua própria casa, com seu cachorro. A última parte tencionava ser uma afronta, mas passou despercebida a Ralph. Ele apenas continuou falando sobre os planos que tinha para redecorar o primeiro andar da casa, agora que já morava lá havia tempo suficiente para saber o que queria.

Na verdade, Marissa não sabia o que teria feito, caso Ralph houvesse tentado qualquer avanço físico. Ele era um bom amigo, mas, mesmo assim, ela não o achava romanticamente atraente. Com relação a isso, considerava a aparência de Dubchek claramente mais excitante.

Pensar em Cyrill fê-la lembrar-se de algo:

— Como é que você e o dr. Dubchek se conheceram?

— Eu o conheci quando ele fez a residência em oftalmologia no Hospital Universitário — disse Ralph. — Alguns dos vírus mais raros, como o Ebola e até mesmo o vírus da AIDS, foram localizados

em lágrimas e humor aquoso. Alguns deles causaram até mesmo uma uveíte anterior.

— Ah — disse Marissa, balançando a cabeça afirmativamente, como se compreendesse. Na verdade, ela não tinha a menor ideia do que fosse "uveíte anterior", mas resolveu que era uma ocasião tão boa quanto qualquer outra para pedir a Ralph que a levasse para casa.

Durante os dias seguintes, Marissa adaptou-se a uma vida mais normal, embora, cada vez que o telefone tocasse, ficasse com uma certa expectativa de que fosse ser chamada para investigar uma nova investida do Ebola. Lembrando-se da resolução que tomara, ela realmente fizera uma maleta e a mantinha aberta em seu closet, pronta para receber sua bolsa de maquiagem. Poderia estar fora de casa numa questão de minutos, se a ocasião surgisse.

No trabalho, as coisas estavam melhorando. Tad ajudou-a a aperfeiçoar suas habilidades no laboratório de vírus e elaborou com ela a redação de uma proposta de pesquisa sobre o Ebola. Incapaz de abordar uma hipótese de trabalho de um possível depósito para o Ebola, em vez disso Marissa concentrou-se na questão da transmissão. A partir da enorme quantidade de dados que conseguiu reunir em Los Angeles e St. Louis, ela havia construído mapas elaborados de cada caso, a fim de demonstrar a disseminação da enfermidade de uma pessoa para outra. Ao mesmo tempo, compilou perfis minuciosos das pessoas que tinham sido contatos primários, mas que não haviam contraído a enfermidade. Como sugerira o dr. Layne, era necessário contato pessoal íntimo, presumivelmente contato viral com uma membrana mucosa, embora, ao contrário da AIDS, a transmissão sexual tivesse sido um fator apenas entre o dr. Richter e a secretária dos registros médicos e entre o dr. Zabriski e a esposa. Assumindo-se o fato que a febre hemorrágica poderia disseminar-se entre estranhos que houvessem compartilhado a mesma toalha, ou através do contato íntimo mais

casual, o Ebola fazia com que o pânico em relação à AIDS parecesse uma tempestade em copo d'água.

O que Marissa queria fazer era validar sua hipótese utilizando porquinhos da índia. Naturalmente, um trabalho como este exigia a utilização do laboratório de máxima restrição, e ela ainda não obtivera a permissão.

— Estarrecedor! — exclamou Tad uma tarde, quando Marissa demonstrou a técnica que inventara para resgatar culturas de vírus contaminadas por bactérias. — Não posso imaginar que Dubchek recuse sua proposta agora.

— Eu posso — respondeu Marissa.

Ela ficou em dúvida se deveria contar a Tad o que ocorrera no hotel em Los Angeles, mas, mais uma vez, decidiu não contar. Não iria acrescentar coisa alguma e poderia causar problemas no relacionamento de Tad com Cyril.

Acompanhou o amigo até seu consultório. Enquanto relaxavam com um cafezinho, Marissa disse:

— Tad, você me falou, quando estivemos no laboratório de máxima restrição, que lá estavam armazenados todos os tipos de vírus, inclusive o Ebola.

— Possuímos amostras de todas as epidemias. Temos até, congeladas e armazenadas, amostras de suas duas epidemias.

Marissa não estava bem certa de como se sentia sobre as pessoas se referirem às recentes epidemias como "dela". Mas guardou este pensamento para si mesma, dizendo, em vez disso:

— Há algum outro lugar em que o vírus Ebola esteja armazenado, que não seja o CCD?

Tad pensou por um momento.

— Não estou bem certo. Você quer dizer aqui nos Estados Unidos?

Marissa fez que sim.

— O Exército provavelmente tem algum no Forte Detrick, no Centro para o Combate Biológico. O sujeito que administra o lugar costumava vir aqui no CCD e tinha muito interesse em febres hemorrágicas virais.

— O Exército possui um laboratório de máxima restrição?

Tad assobiou.

— Menina, eles têm tudo!

— E você está dizendo que o administrador do Forte Detrick tem interesse em febres hemorrágicas virais?

— Ele foi uma das pessoas enviadas para a cobertura da epidemia inicial do Ebola no Zaire.

Marissa bebeu seu café, pensando que esta era uma coincidência interessante. Estava também começando a desenvolver o embrião de uma ideia, e tão desagradável que ela sabia não poder considerá-la uma hipótese racional.

— Um momento, madame — disse o sentinela uniformizado, com um sotaque acentuado do Sul.

Marissa estava parada no portão principal do Forte Detrick. Apesar de ter passado vários dias tentando convencer-se a abandonar a suspeita de que o Exército poderia, de alguma forma, ter sido responsável pela liberação do Ebola sobre um público insuspeito, ela finalmente decidira usar seu dia de folga para investigar pessoalmente. Aqueles dois assaltos continuavam a martelar-lhe o cérebro.

Havia sido apenas uma hora e meia de voo para Maryland e um pequeno trajeto em um carro de aluguel. Marissa alegara sua experiência de campo com o Ebola como desculpa para dialogar com qualquer pessoa que tivesse familiaridade com um vírus tão raro, e o coronel Woolbert havia reagido ao seu pedido com entusiasmo.

O sentinela voltou até o carro de Marissa.

— A senhora está sendo aguardada no prédio de número 18.

Ele entregou-lhe um passe para ser usado na lapela do casaco, e em seguida surpreendeu-a com uma saudação calorosa. À sua frente, o portão preto e branco ergueu-se e ela entrou na base.

O prédio 18 era uma estrutura de concreto, sem janelas, com um telhado reto. Um homem de meia-idade, em trajes civis, acenou quando Marissa saltou do carro. Era o coronel Woolbert.

Para Marissa, ele parecia mais um professor universitário do que um oficial do Exército. Era amigoso, até mesmo espirituoso, e estava descaradamente satisfeito com a visita de Marissa. Ele foi logo dizendo que ela era a menor e mais bonita funcionária do Serviço de Investigação em Epidemiologia que já conhecera.

Marissa decidiu encarar isto como um elogio.

O prédio parecia uma trincheira. Chegava-se à entrada através de uma série de portas de aço corrediças, ativadas por controle remoto. Havia pequenas câmeras de TV sobre cada porta. O laboratório propriamente, contudo, tinha a aparência de qualquer outra dependência de um hospital moderno, completada com a onipresente jarra de café sobre o bico de Bunsen. A única diferença era a ausência de janelas.

Depois de um rápido giro, durante o qual a presença de um laboratório de máxima restrição não foi mencionada, o coronel Woolbert levou Marissa até a lanchonete da base, que não passava de uma série de máquinas automáticas. Ele lhe trouxe uma rosca e uma Pepsi, e eles sentaram-se a uma mesinha.

Sem que Marissa sugerisse, o coronel Woolbert explicou que começara no CCD como funcionário do Serviço de Investigação em Epidemiologia, no final dos anos 50, e tornara-se cada vez mais interessado em microbiologia e, ultimamente, em virologia. Na década de 70, ele voltara à universidade, às expensas do governo, para conseguir um doutorado.

— Foi muitíssimo melhor do que examinar gargantas inflamadas e ouvidos purgando — disse o coronel.

— Não me diga que o senhor era pediatra! exclamou Marissa.

Eles riram quando ficaram sabendo que ambos haviam feito sua formação no Hospital Infantil de Boston. O coronel Woolbert continuou com sua explanação sobre como acabara chegando ao Forte Detrick. Ele contou a Marissa que havia ocorrido um intercâmbio entre o Detrick e o CCD, e que o Exército chegara até ele com uma oferta que não podia recusar. Explicou que o laboratório e o equipamento ali eram soberbos e, o melhor de tudo, que não precisava rastejar para conseguir verba.

— O objetivo final do trabalho não o aborrece? — perguntou Marissa.

— Não — disse o coronel. — Você precisa entender que três quartos do trabalho aqui são dedicados à defesa dos Estados Unidos contra um ataque biológico. Assim, a maior parte de meus esforços é direcionada no sentido de neutralizar vírus como o Ebola.

Marissa concordou. Ela não havia pensado nisto.

— Além do mais — continuou o coronel Woolbert —, me é dada total liberdade. Posso trabalhar no que quer que me interesse.

— E o que é que lhe interessa no momento? — perguntou Marissa inocentemente.

Houve uma pausa. Os olhos azuis do coronel cintilaram.

— Acho que não estou violando nenhum segredo militar contando-lhe, já que venho publicando uma série de artigos sobre os resultados que tenho obtido. Durante os últimos três anos meu interesse tem sido o vírus da gripe.

— Não o Ebola? — perguntou Marissa.

O coronel Woolbert negou.

— Não, minha última pesquisa sobre o Ebola foi há alguns anos.

— Alguém daqui está trabalhando com o Ebola? — perguntou Marissa.

O coronel Woolbert hesitou. Então disse:

— Acho que posso contar-lhe, já que houve um ensaio político sobre o assunto, publicado em Strategic Studies, no ano passado. A resposta é não. Não há pessoa alguma trabalhando com o Ebola, incluindo os soviéticos, principalmente porque não há vacina nem tratamento contra ele. Uma vez iniciada, é sentimento geral que a febre hemorrágica Ebola se espalharia como um incêndio, tanto em campo amistoso como em campo hostil.

— Mas isto não ocorreu — lembrou Marissa.

— Eu sei — disse o coronel, suspirando. — Eu li com grande interesse sobre as duas últimas epidemias. Algum dia teremos que rever nossa avaliação do organismo.

— Por favor, não por minha conta — disse Marissa.

A última coisa que queria fazer era encorajar o Exército a trabalhar com o Ebola. Ao mesmo tempo, sentia-se aliviada em saber que o Exército não estava brincando com o vírus justamente agora.

— Eu soube que o senhor fez parte da equipe internacional que foi enviada a Yambuku em 1976 — disse ela.

— O que me faz apreciar o que você está fazendo. Uma coisa posso lhe dizer: quando estive na África eu fiquei apavorado.

Marissa sorriu. Gostava daquele homem, ele lhe inspirava confiança.

— O senhor é a primeira pessoa a admitir que ficou com medo — disse ela. — Eu mantive uma luta acirrada com meu medo, desde o primeiro dia em que fui enviada a Los Angeles.

— E com toda a razão — disse o coronel Woolbert. — O Ebola é um fantasma desconhecido. Muito embora pareça que pode ser desativado com certa facilidade, é extremamente contagioso, o que significa que apenas um par de organismos tem que dar entrada para produzir a doença. Isto está em oposição marcante a algo como a AIDS, onde bilhões de vírus têm de ser introduzidos e mesmo assim há uma baixa chance estatística de que o indivíduo seja contaminado.

— E sobre o depósito? — perguntou Marissa. — Eu sei que a posição oficial é que não foi descoberto depósito algum na África. Mas o senhor tem alguma opinião a respeito?

— Acho que é uma doença animal — disse o coronel Woolbert. — Creio que logo será isolada em algum macaco da África equatorial, e que é, portanto, uma doença de animais vertebrados que ocasionalmente é transmitida ao homem.

— Então o senhor concorda com a atual posição oficial do CCD sobre estas epidemias recentes nos Estados Unidos? — perguntou Marissa.

— Naturalmente — disse o coronel. — Existe alguma outra posição?

Marissa deu de ombros.

— Os senhores têm algum Ebola por aqui?

— Não — disse o coronel Woolbert. — Mas sei onde podemos consegui-lo.

— Eu também sei — disse Marissa.

Bem, isto não era bem verdade, ela pensou. Tad lhe havia dito que o vírus estava no laboratório de máxima restrição, mas exatamente onde, Marissa não sabia. Quando da visita clandestina, ela esquecera de perguntar.

7

17 de abril

O telefone devia estar tocando fazia algum tempo, antes de Marissa finalmente virar-se para pegar o fone. A telefonista do CCD imediatamente desculpou-se por acordá-la de seu sono profundo. Enquanto tentava sentar-se, Marissa ficou sabendo que havia sido feita uma chamada de Phoenix, no Arizona, e que a telefonista queria permissão para fazer a conexão. Marissa concordou imediatamente.

Enquanto esperava que o telefone tocasse outra vez, enfiou-se no roupão e deu uma olhada nas horas. Quatro da manhã. Isto significava que eram duas da manhã em Phoenix. Quase não havia dúvida em sua mente de que alguém descobrira outro caso suspeito de Ebola.

O telefone tocou outra vez, com seu ruído desagradável.

— Dra. Blumenthal — disse Marissa.

A voz do outro lado do fio era tudo, menos tranquila. A pessoa apresentou-se como dr. Guy Weaver, encarregado do Serviço de Epidemiologia do Estado do Arizona.

— Sinto muitíssimo por telefonar a uma hora dessas — disse ele —, mas fui chamado para atender um caso grave no Hospital

Medica, em Phoenix. Acredito que esteja familiarizada com o Hospital Medica.

— Não posso dizer que esteja.

— Faz parte de uma cadeia de hospitais beneficentes que têm contrato com o Grupo Médico Medica, para fornecer atendimento pleno, com pagamento adiantado, nesta parte do Arizona. Estamos apavorados de que o hospital possa ter sido atingido pelo Ebola.

— Acredito que já tenham isolado o paciente disse Marissa. — Descobrimos que...

— Dra. Blumenthal — interrompeu o dr. Weaver. — Não é apenas um paciente. São 84 casos.

— Oitenta e quatro! — exclamou ela, incrédula.

— Exatamente: 42 médicos, 13 enfermeiras, 11 auxiliares de enfermagem, quatro técnicos de laboratório, seis pessoas do quadro administrativo, seis do serviço de nutrição e dois homens da manutenção.

Todos de uma só vez? — perguntou Marissa.

— Todos esta noite — disse o epidemiologista.

Àquela hora da noite, não havia um serviço adequado para Phoenix, embora a Delta promettesse o voo mais direto disponível. Assim que acabou de vestir-se, Marissa telefonou para o funcionário de serviço no CCD, para dizer que estava partindo para Phoenix imediatamente, e que ele fizesse o favor de resumir para o dr. Dubchek o que ocorrera, assim que ele chegasse ao Centro.

Após escrever um bilhete para os Judsons, pedindo-lhes o favor de recolher Taffy e apanhar sua correspondência, Marissa pegou o carro e partiu para o aeroporto. O fato de a nova epidemia ter começado com 84 casos alarmava-a. Ela esperava que Dubchek e sua equipe chegassem ao anoitecer.

O voo foi tranquilo, apesar das duas escalas, e não estava lotado. Quando aterrissou, Marissa foi abordada por um homem baixo,

roliço, que nervosamente apresentou-se como Justin Gardiner, diretor assistente do Hospital Medica.

— Permita-me carregar sua mala — disse ele.

As mãos do homem, porém, tremiam tanto, que a mala caiu no chão. Abaixando-se para recuperá-la, ele desculpou-se, dizendo que estava meio perturbado.

— Eu posso compreender — disse Marissa. — Houve mais algum caso?

— Muitos, e o hospital está em pânico — disse o sr. Gardiner enquanto passavam pelo saguão.

— Os pacientes começaram a se retirar... o pessoal do hospital também... Até que o secretário estadual de Saúde declarou quarentena. Eu mesmo só pude vir encontrá-la porque estava de folga ontem e não fiquei preso no hospital.

A boca de Marissa tornou-se seca de medo, quando ficou sabendo em que estava se metendo. Pediatria começava a parecer muito mais atraente do que tudo isto.

O hospital era mais uma dessas estruturas modernas elaboradas. Ocorreu a Marissa que o Ebola parecia preferir construções modernas como aquela. As linhas puras, quase estéreis, do prédio nem de longe aparentavam ser o cenário ideal para tão mortal epidemia.

Apesar de ainda ser cedo, a rua em frente ao hospital estava apinhada de caminhões de TV e repórteres. Em frente a eles, alongava-se uma fila de policiais uniformizados, alguns dos quais estavam mesmo usando máscaras cirúrgicas. A luz da aurora, a cena, como um todo, tinha uma aparência surrealista.

O sr. Gardiner parou atrás de um caminhão de TV.

— A senhorita vai ter que entrar e achar o diretor — disse ele. — Minhas ordens são para ficar aqui fora e tentar controlar o pânico. Boa sorte!

Enquanto andava em direção à entrada, Marissa pegou seu cartão de identificação. Mostrou-o a um dos policiais, mas ele teve que mandar chamar seu sargento para perguntar se poderia deixá-la passar. Um grupo de repórteres ouvindo que ela era do CCD, cercou-a em busca de uma declaração.

— Por enquanto, ainda não tive contato direto com a situação — disse Marissa, ao sentir-se sufocada por um número cada vez maior de repórteres.

Ficou agradecida ao policial que afastou a imprensa e depois abriu uma das barricadas para deixá-la passar.

Infelizmente, a situação no interior do hospital era ainda mais caótica. O saguão de entrada estava entulhado de gente, e assim que Marissa entrou foi outra vez cercada. Aparentemente, ela era a primeira pessoa a passar, quer para dentro, quer para fora do prédio, havia horas.

Uma parte das pessoas que a imprensavam era de pacientes, vestidos com pijamas e roupões. Estavam todos, ao mesmo tempo, fazendo perguntas e exigindo respostas.

— Por favor! — gritou alguém à direita de Marissa. — Por favor! Deixem-me passar.

Um homem grandalhão, de sobrancelhas grossas, abriu caminho até Marissa.

— Dra. Blumenthal?

— Sim — disse Marissa, com alívio.

O homem grandalhão pegou-a pelo braço, ignorando o fato de ela estar carregando uma maleta e uma pasta. Abrindo caminho de volta, em meio à multidão, conduziu-a através do saguão até uma porta, que trancou atrás de si. Estavam em um corredor comprido e estreito.

— Sinto muito por toda essa confusão — disse o homem. — Eu sou Lloyd Davis, diretor do hospital, e parece que temos que lidar com pessoas um pouco em pânico.

Marissa acompanhou o sr. Davis até seu escritório. Entraram por uma porta lateral e ela observou que a porta principal estava obstruída pelo lado de dentro por uma cadeira de espaldar alta, fazendo-a acreditar que "um pouco em pânico" havia sido uma distorção da verdade.

— O corpo médico está esperando uma palavra sua — disse o sr. Davis, apanhando os pertences de Marissa e colocando-os ao lado da mesa.

Ele respirou pesadamente, como se o esforço de curvar-se o houvesse fatigado.

— E os pacientes com suspeita de Ebola? — perguntou Marissa.

— Por enquanto eles vão ter que esperar — disse o diretor, fazendo um sinal para que Marissa voltasse ao corredor.

— Mas nossa prioridade maior tem de ser o isolamento adequado dos pacientes.

— Eles estão devidamente isolados — assegurou-lhe o sr. Davis.

— O dr. Weaver já providenciou isto.

Ele pressionou a mão contra as pequenas costas de Marissa, empurrando-a em direção à porta.

— Naturalmente, seguiremos qualquer outra sugestão que a senhorita nos dê, mas, no momento, gostaria que falasse com o pessoal, antes que eu me veja às voltas com um motim.

— Espero que as coisas não estejam assim tão ruins — disse Marissa.

Uma coisa era os pacientes internos estarem perturbados, outra, bem diferente, o corpo profissional também estar histérico.

O sr. Davis fechou a porta de seu escritório e mostrou o caminho por um outro corredor.

— Muitas pessoas estão aterrorizadas por serem forçadas a permanecer no hospital.

— Quantos prováveis casos adicionais foram diagnosticados desde que foi chamado o CCD?

— Dezesseis. Nenhum mais do corpo médico; todos os novos casos são assinantes do plano de saúde do Medica.

Este fato insinuava que o vírus já estava em sua segunda geração, tendo sido disseminado pelos médicos que haviam sido inicialmente contaminados. Pelo menos, fora isto que acontecera nas duas epidemias anteriores. A própria Marissa estremecia com a ideia de ser trancafiada no prédio onde havia um contágio deste nível, fazendo com que ela se questionasse sobre as palavras de conforto que seria capaz de oferecer ao corpo médico. Com tantas pessoas contaminadas, ela se perguntava se seriam capazes de conter o problema como haviam feito em Los Angeles e St. Louis. O horror do pensamento de o Ebola passar para a comunidade em geral estava além da compreensão humana.

— Sabe se algum dos casos iniciais foi assaltado recentemente? — perguntou Marissa, mais para passar o tempo do que na esperança de uma resposta positiva. O sr. Davis apenas a olhou e ergueu as sobrancelhas, como se ela estivesse louca. Esta parecia ser a reação esperada, pelo mérito que se podia dar à questão. Tanto pior para esta observação, pensou Marissa lembrando-se da reação de Ralph.

Pararam em frente a uma porta trancada. O sr. Davis pegou sua chave, destrancou a porta e introduziu Marissa no palco do auditório do hospital. Não era uma sala grande: deviam caber ali aproximadamente 150 pessoas sentadas. Marissa notou que todos os lugares estavam ocupados, e havia mais um grande número de pessoas de pé, na parte de trás da sala. Ouvia-se o burburinho de diversas conversas simultâneas. As vozes foram se calando à medida que Marissa, nervosa, encaminhava-se para o tablado, na parte da frente do palco, todos os olhares sobre ela. Um homem alto, extremamente magro, levantou-se de uma cadeira que estava atrás do tablado e cumprimentou-a. O sr. Davis o apresentou como o dr. Guy Weaver, o homem com quem Marissa falara ao telefone.

— Dra. Blumenthal — disse o dr. Weaver, a voz grave contrastando fortemente com o físico mirrado —, não faz ideia da felicidade que sinto em vê-la.

Marissa experimentou aquela sensação desagradável de ser uma impostora. E a situação piorou. Após tamborilar sobre o microfone para se certificar de que estava ligado, o dr. Weaver começou a apresentar Marissa.

Ele fez a apresentação em termos tão inflamados, que ela foi se sentindo cada vez mais constrangida. A partir dos comentários do dr. Weaver deduzia-se que ela era o próprio CCD, e que todos os sucessos do Centro eram seus sucessos. Finalmente, com um largo gesto do braço comprido, ele passou o microfone a Marissa.

Sem ter jamais se sentido à vontade ao falar para um grupo grande de pessoas sob as melhores circunstâncias, Marissa estava totalmente embaraçada na situação presente. Não fazia a menor ideia do que estavam esperando dela, muito menos do que falar. Assim, aproveitou os poucos momentos necessários para descer o microfone, adaptando-o à sua altura, para pensar.

Dando uma olhada geral no público, Marissa notou que mais ou menos a metade estava usando máscara cirúrgica. Também notou que uma boa parte das pessoas, tanto homens como mulheres, possuía semelhança étnica, com feições e coloração diferentes. Havia também uma variedade grande de idades, o que fez com que Marissa chegasse à conclusão de que o que o sr. Davis queria dizer por "corpo médico" era qualquer pessoa que trabalhasse no hospital, não apenas médicos. Todos a observavam com expectativa, Marissa gostaria de ter mais confiança em sua capacidade de lidar com tudo o que estava ocorrendo no hospital.

Por fim, com a voz alguns tons acima do seu normal, iniciou:

— A primeira coisa que faremos é estabelecer o diagnóstico. À medida que continuou falando, sem ter muita certeza de que direção tomar, seu tom de voz foi se normalizando. Ela se apresentou em

termos mais racionais, explicando sua real função no CCD. Também tentou assegurar ao auditório, embora ela mesma não estivesse muito segura, que a epidemia seria controlada por meio de um isolamento rigoroso dos pacientes, incomunicabilidade total e uma racional conduta de quarentena.

— Nós todos vamos ficar doentes? — gritou uma mulher do fundo da sala.

Um murmúrio percorreu o auditório. Esta era a preocupação principal de todos.

— Eu estive envolvida em duas epidemias recentes — disse Marissa — e não fui contaminada, embora tenha estado em contato com pacientes contaminados.

Ela não mencionou seu próprio medo, que persistia.

— Já ficou estabelecido — prosseguiu — que é necessário um contato pessoal íntimo para transmitir o Ebola. Aparentemente, a contaminação não se faz através do ar.

Marissa notou que algumas pessoas no auditório retiraram suas máscaras. Ela deu uma olhada na direção do dr. Weaver, que lhe fez um sinal encorajador, com o polegar para cima.

— Torna-se realmente necessário que permaneçamos dentro das dependências do hospital? — perguntou um homem da terceira fila, vestido com um guarda-pó branco comprido, de médico.

— Pelo menos por enquanto — disse Marissa, diplomaticamente. — A conduta de quarentena que adotamos nas epidemias anteriores abrangia a divisão dos contatos em grupos primários e secundários.

Marissa prosseguiu descrevendo, em pormenores, o que haviam feito em Los Angeles e St. Louis. E concluiu dizendo que ninguém que tivesse ficado de quarentena havia contraído a doença, a não ser que já houvesse tido um contato direto, estreito, com alguma pessoa infectada.

Marissa então encarou uma série de perguntas acerca dos sintomas iniciais e da trajetória clínica da febre hemorrágica Ebola. A

trajetória clínica ou aterrorizou o auditório, fazendo-o calar-se, ou satisfizesse sua curiosidade — Marissa não conseguiu discernir —, mas o fato é que não houve mais perguntas.

Enquanto o sr. Davis se levantava para falar ao seu pessoal, o dr. Weaver conduzia Marissa para fora do auditório. Assim que atingiram o corredor estreito, ela lhe disse que queria examinar um dos casos iniciais, antes de telefonar para o CCD. O dr. Weaver disse que já esperava que ela pedisse isso e ofereceu-se para levá-la pessoalmente. No caminho, explicou que haviam colocado todos os casos em dois dos andares do hospital, retirando os outros pacientes e isolando o sistema de ventilação. Ele tinha todas as razões para acreditar que haviam tornado o local uma área totalmente restrita. O dr. Weaver explicou também que a equipe empregada para administrar os andares isolados fora treinada, especificamente, pelo seu pessoal, que os trabalhos de laboratório haviam sido restringidos ao que pudesse ser feito em uma unidade instalada às pressas, em um dos andares do isolamento, e que qualquer coisa usada pelos pacientes estava sendo lavada com hipoclorito de sódio antes de ser imediatamente incinerada.

Com respeito à situação da quarentena, ele contou a Marissa que colchões haviam sido trazidos lá de fora e que o ambulatório fora transformado em um enorme dormitório, separando contatos primários e secundários. Toda alimentação e água também estava sendo trazida de fora. Foi a esta altura que Marissa soube — que o dr. Weaver havia sido um funcionário do Serviço de Investigação em Epidemiologia do CCD, seis anos atrás.

— Por que me apresentou como uma expert? perguntou Marissa, recordando-se de seus constrangedores exageros. Era evidente que ele sabia tanto ou mais do que ela sobre uma conduta de quarentena.

— Para causar impacto — admitiu o dr. Weaver. — O pessoal do hospital precisava de algo em que acreditar.

Marissa lamentou-se, aborrecida por ter sido apresentada de modo errado, mas impressionada com a eficiência do dr. Weaver. Antes de entrar no andar, eles vestiram as roupas protetoras. Depois, antes de entrar em um dos quartos, vestiram mais uma roupa protetora e mais gorro, óculos especiais, máscaras, luvas e botas.

O paciente que o dr. Weaver levava Marissa para ver era um dos cirurgiões gerais da clínica. Ele era indiano, originário de Bombaim. Todo o medo de Marissa em relação a se expor ao vírus voltou de supetão, quando olhou para o paciente. O homem parecia moribundo, muito embora estivesse doente fazia apenas 24 horas. O quadro clínico refletia a fase terminal dos casos de Los Angeles e St. Louis. Havia febre alta acompanhada de baixa pressão sanguínea, e a típica erupção na pele, com sinais de hemorragia nas membranas mucosas. Marissa sabia que o homem não duraria outras 24 horas.

Para ganhar tempo, ela recolheu amostras de vírus imediatamente, e o dr. Weaver providenciou para que fossem acondicionadas adequadamente e despachadas, durante a noite, para Tad Schockley.

Uma olhada no prontuário do homem mostrou que o histórico estava razoavelmente dentro do esquema, mas com 84 casos em menos de seis horas dificilmente poderia esperar por um relatório minucioso. Ela não viu alusão a viagens ao exterior, macacos ou contatos com as epidemias de Los Angeles e St. Louis.

Ao deixar o andar, Marissa primeiro solicitou o acesso a um telefone, depois disse que queria todos os médicos voluntários que fosse possível conseguir, para ajudá-la a entrevistar os pacientes. No caso de muitos dos doentes estarem em estado tão grave quanto o médico indiano, eles teriam que trabalhar depressa, se quisessem conseguir alguma informação.

Foi oferecido a Marissa o telefone do escritório do sr. Davis. Já eram mais de 11 horas em Atlanta, e Marissa entrou em contato com Dubchek imediatamente. O problema é que ele estava irritado.

— Por que não me telefonou assim que o pedido de ajuda chegou? Eu não tomei conhecimento de que você havia partido, até chegar ao meu consultório.

Marissa se conteve. A verdade era que ela havia dito para as telefonistas do CCD que deveria ser chamada diretamente, quando chegasse algum telefonema que sugerisse uma epidemia de Ebola. Ela achava que Dubchek poderia ter feito o mesmo, caso quisesse ser chamado imediatamente, mas certamente não iria contrariá-lo mais, destacando este fato.

— Parece Ebola?

— Parece — disse Marissa, antecipando a reação de Dubchek à sua próxima bomba. — A diferença principal é o número de pessoas contaminadas. Esta epidemia já atinge cem casos, até o momento.

— Espero que você tenha estabelecido o isolamento adequado — foi a única resposta de Dubchek.

Marissa se sentiu frustrada. Ela esperava que Dubchek fosse mostrar-se confuso.

— Não ficou surpreso com o número de casos? — perguntou ela.

— O Ebola é um vírus relativamente desconhecido — disse Dubchek. — A esta altura, nada poderia me surpreender. Estou mais preocupado é com o modo de controlá-lo. E o isolamento?

— Está bem executado — informou Marissa.

— Ótimo — disse Dubchek. — O laboratório móvel está pronto e vamos partir dentro de uma hora. Assegure-se de ter amostras de vírus para Tad, o mais rápido possível.

Marissa descobriu-se prestando contas a um telefone mudo. O cretino havia desligado. Ela nem mesmo tivera oportunidade de avisá-lo que o hospital inteiro estava sob quarentena — que, se ele conseguisse entrar, não poderia sair.

— Vai ser bem-feito para ele! — disse, alto, ao se levantar da mesa.

Quando saiu do escritório, descobriu que o dr. Weaver reunira 11 médicos para ajudá-la a conseguir os históricos: cinco mulheres e seis homens. Todos alegaram o mesmo motivo: já que tinham que ficar confinados no hospital, poderiam muito bem trabalhar.

Marissa sentou-se e explicou o que queria: bons históricos do maior número possível de casos iniciais, entre os 84 casos. Ela explicou que, tanto em Los Angeles quanto em St. Louis, houvera um caso inicial ao qual todos os outros pacientes poderiam ser relacionados. Era óbvio que aqui em Phoenix a coisa se processava de forma diferente. Com tantos casos simultâneos, havia a sugestão de uma contaminação pela comida ou pela água.

— Se a fonte fosse a água, não haveria mais gente contaminada?
— perguntou uma das mulheres.

— Isto se todo o fornecimento do hospital estivesse envolvido — disse Marissa. — Mas talvez uma determinada fonte fornecedora de água... — Sua voz foi sumindo. — O Ebola nunca foi um vírus transmissível pela água ou pela comida — admitiu. — Tudo aqui é muito misterioso, e serve apenas para ressaltar a necessidade de históricos completos para tentarmos descobrir um ponto em comum. Todos os pacientes eram do mesmo turno? Todos tomaram café da mesma cafeteira, comeram a mesma comida, estiveram em contato com o mesmo animal?

Empurrando sua cadeira para trás, Marissa foi até um quadro-negro e começou a relacionar uma sequência de perguntas que poderiam ser feitas aos pacientes. Os outros médicos responderam bem ao desafio, e começaram a dar sugestões. Quando tinham acabado, Marissa acrescentou, como uma reflexão tardia, que eles poderiam perguntar se algum dos pacientes havia estado na conferência sobre cirurgia ocular em San Diego, que ocorrera havia três meses, mais ou menos.

Antes que o grupo se dispersasse, Marissa lembrou a todos para adotarem, cuidadosamente, todas as técnicas de isolamento. Depois

agradeceu-lhes novamente e foi revisar o material que já estava disponível.

Como fizera em Los Angeles, Marissa tomou posse da sala de prontuários que ficava atrás do posto de enfermagem em um dos andares do isolamento, fazendo dali seu posto de comando. À medida que os outros médicos iam terminando a compilação dos dados, eles iam trazendo suas anotações para Marissa, que dera início à fatigante tarefa de confrontá-las. Os dados não trouxeram nada de novo, a não ser o fato de que todos os pacientes trabalhavam no Hospital Medica, algo que já era bem conhecido.

Por volta de meio-dia, 14 casos novos deram entrada, o que fez com que Marissa ficasse bastante temerosa de que estivessem lidando com uma epidemia descontrolada. Todos os novos pacientes, com exceção de um, eram assinantes do plano de saúde do Medica, e tinham sido tratados por um dos 42 médicos que haviam contraído a doença, antes que estes apresentassem os sintomas. O outro caso novo era o de um técnico de laboratório que havia feito exames para os primeiros casos, antes da suspeição de Ebola.

No momento em que o turno da noite estava entrando de serviço, Marissa soube que os outros médicos do CCD haviam chegado. Aliviada, ela foi procurá-los. Encontrou Dubchek ajudando a instalar o laboratório móvel.

— Você bem que podia ter me contado que a droga do hospital estava de quarentena — disse ele, em tom repreendedor, assim que a viu.

— Você não me deu oportunidade — disse ela, contornando o fato de ele ter desligado na sua cara. Marissa desejava que houvesse algo que pudesse fazer para melhorar o relacionamento entre eles, que parecia estar piorando em vez de melhorar.

— Bem, Paul e Mark não estão muito contentes — disse Dubchek.
— Quando souberam que nós três ficaríamos presos durante o

tempo que durasse a epidemia, eles deram meia-volta e retornaram para Atlanta.

— E o dr. Layne? — perguntou Marissa, sentindo-se culpada.

— Ele já está tendo um encontro com Weaver e a administração do hospital. Depois ele vai ver se o secretário estadual de Saúde pode modificar a quarentena para o pessoal do CCD.

— Presumo que eu não deva falar com você, até que coloque o laboratório em funcionamento — disse Marissa.

— Ao menos você tem boa memória — disse Dubchek, abaixando-se para retirar uma centrífuga de sua caixa de madeira. — Depois que eu acabar aqui e tiver falado com Layne sobre os processos de isolamento, darei uma olhada em suas descobertas.

Enquanto Marissa voltava para sua sala ia pensando acerca de diversas respostas ofensivas que poderia ter dado, e que só teriam piorado as coisas. Fora por isso que não havia dito coisa alguma.

Após fazer uma refeição do tipo das que são servidas em viagens aéreas, numa área do ambulatório reservada para o pessoal em contato direto com os supostos pacientes de Ebola, Marissa voltou ao seu trabalho com os prontuários. Agora ela possuía históricos da maioria dos primeiros 84 casos.

Encontrou Dubchek folheando suas anotações. Ele endireitou-se ao vê-la.

— Não estou bem certo se foi uma boa ideia usar o corpo médico do hospital para conseguir estes históricos.

Marissa foi pega desprevenida.

— Havia tantos casos... — disse defensivamente. — Eu provavelmente não conseguiria entrevistar todos a tempo. Sete pessoas estavam muito doentes para falar, e três morreram logo após.

— Ainda não vejo razão suficiente para expor médicos que não sejam epidemiologistas formados. O Departamento de Saúde do Estado do Arizona formou pessoal que deveria ter sido utilizado. Se

algun desses médicos que você recrutou cair doente, o CCD pode ser julgado responsável.

— Mas eles... — protestou Marissa.

— Basta! — interrompeu Dubchek. — Não estou aqui para discutir. O que você ficou sabendo?

Marissa tentou organizar seus pensamentos e controlar suas emoções. Era verdade que ela não havia levado em consideração as implicações legais, mas não estava convencida de que havia algum tipo de problema. Os médicos sob quarentena já eram considerados contatos. Sentou-se à mesa e procurou a página do resumo de suas descobertas. Quando a achou, começou a lê-la num tom monótono, sem olhar para Dubchek:

— Um dos pacientes iniciais é um oftalmologista que compareceu à mesma conferência, em San Diego, a que compareceram os drs. Richter e Zabriski. Outro dos casos iniciais, um cirurgião ortopedista, foi a um safári no leste da África há dois meses. Dois dos casos iniciais utilizaram macacos em suas pesquisas, porém não foram mordidos recentemente.

Como um grupo, todos os 84 casos apresentaram sintomas dentro de um período de seis horas, o que sugere que todos estiveram expostos ao mesmo tempo. A gravidade dos sintomas iniciais insinua que todos receberam uma dose massacrante do agente contaminador. Todos trabalhavam no Hospital Medica, mas não no mesmo local, o que sugere que o sistema de ar-condicionado provavelmente não foi a causa. Parece que estamos lidando com uma contaminação através da comida ou da água, e, com respeito a isso, o único ponto comum que apareceu nos dados é que todas as 84 pessoas utilizaram a lanchonete do hospital. Na verdade, até onde posso ter certeza, todas as 84 pessoas almoçaram lá há três dias.

Marissa finalmente levantou o olhar até Dubchek, que estava olhando fixo para o teto. Quando ele se deu conta de que ela acabara de falar, disse:

— E a respeito de contatos com qualquer um dos pacientes dos episódios de Los Angeles ou St. Louis?

— Nenhum — disse Marissa. — Pelo menos, nenhum que tivéssemos descoberto.

— Você enviou amostras de sangue para Tad?

— Sim — disse Marissa.

Cyrill dirigiu-se à porta.

— Acho que deveria redobrar seus esforços no sentido de associar esta epidemia com uma das outras duas. Tem que haver uma ligação.

— E sobre a lanchonete? — perguntou Marissa.

— Isto é por sua conta. O Ebola nunca foi disseminado por meio de alimentos. Assim, não vejo como a lanchonete possa ter alguma ligação... — Ele abriu a porta. — De qualquer forma, a coincidência é curiosa e eu suponho que você seguirá seus próprios instintos, não importa o que eu recomende. Apenas certifique-se de que sejam esgotadas todas as possibilidades de uma ligação com Los Angeles ou St. Louis.

Por um instante Marissa olhou fixamente para a porta fechada. Então olhou de novo para a sua folha de resumo e a enorme pilha de históricos. Era deprimente.

Quase como se as últimas palavras de Cyrill tivessem sido um desafio, ela resolveu visitar a lanchonete, que fora construída como uma ala separada, no pátio do jardim. As portas duplas, que davam entrada à grande sala, estavam fechadas, e na da direita havia sido pregada uma nota que dizia: FECHADA POR ORDEM DO SECRETÁRIO ESTADUAL DE SAÚDE. Marissa experimentou a porta. Estava destrancada.

Lá dentro, a sala estava totalmente limpa e mobiliada com aço inoxidável e plástico modulado. Bem à frente de Marissa estava o balcão térmico, com pilhas de bandejas numa ponta e uma caixa registradora na outra.

Um segundo par de portas, com pequenas janelas redondas, estava localizado atrás do balcão térmico e dava passagem à cozinha. No momento em que Marissa estava decidindo se passava por elas ou não, as portas se abriram e uma mulher de meia-idade, corpulenta mas atraente, apareceu e avisou que a lanchonete estava fechada. Marissa apresentou-se e perguntou se poderia fazer algumas perguntas.

— Naturalmente — respondeu a mulher.

Com um leve sotaque escandinavo, disse que seu nome era Jana Beronson e que era a gerente da lanchonete. Marissa a acompanhou até seu escritório, um cubículo sem janelas, cujas paredes estavam cobertas de horários e cardápios.

Depois de conversarem um pouco, Marissa pediu para ver o cardápio do almoço de três dias atrás. A srta. Beronson pegou-o no arquivo e Marissa examinou a página. Era um cardápio comum de lanchonete, com três entradas, duas sopas e algumas sobremesas.

— É esta toda a comida oferecida?

— Estes são todos os pratos especiais — respondeu a srta. Beronson. — Naturalmente, sempre oferecemos uma variedade de sanduíches, bem como saladas e bebidas.

Marissa perguntou se poderia ficar com uma cópia do cardápio, e a srta. Beronson pegou o papel e deixou o escritório para providenciá-la. Marissa resolveu que voltaria a cada um dos casos iniciais e perguntaria o que haviam comido no almoço de três dias atrás. Também interrogaria um grupo de controle, formado por pessoas que tivessem consumido o mesmo cardápio mas não houvessem ficado doentes.

A srta. Beronson voltou com a cópia. Enquanto dobrava o papel, Marissa disse:

— Uma de suas empregadas adoeceu, não é mesmo?

— Maria Gonzales — disse a srta. Beronson.

— Qual era a função dela aqui?

— Trabalhava tanto no balcão térmico como na parte de saladas — respondeu a srta. Beronson.

— Poderia me dizer em que ela estava trabalhando no dia em questão?

Levantando-se, a srta. Beronson foi até um dos grandes quadros de horário que estavam na parede. Após consultá-lo, falou:

— Sobremesas e saladas.

Marissa imaginava se teriam que testar todo o pessoal da lanchonete para anticorpos do Ebola. Embora Ralph estivesse brincando quando sugerira uma "Ebola Mary", talvez fosse possível, embora este não tivesse sido o caso na África.

— Gostaria de ver nossas dependências? — perguntou a srta. Beronson, tentando ser de alguma ajuda.

Durante os trinta minutos seguintes, Marissa fez uma grande inspeção pela lanchonete, incluindo a cozinha e o restaurante. Na cozinha, ela viu o frigorífico, desses do tipo em que se entra, o local de preparação dos alimentos e a enorme fileira de bicos de gás. No restaurante, andou ao longo do balcão térmico, espiando para dentro das caixas onde estavam os utensílios de prata e erguendo as tampas dos recipientes com molhos de salada.

— Gostaria de ver a despensa? — perguntou, por fim, a srta. Beronson.

Marissa recusou e decidiu que já era hora de começar a verificação, para ver o que os pacientes iniciais do Ebola haviam escolhido do cardápio que estava em sua bolsa.

Marissa inclinou-se para trás na cadeira giratória e esfregou os olhos. Eram onze horas da manhã de seu segundo dia em Phoenix, e só conseguira dormir durante quatro horas na noite anterior. Ela havia escolhido uma cama de exames na clínica de ginecologia-obstetrícia, e cada vez que alguém passava por ali, era acordada.

Atrás de si, Marissa ouviu a porta abrindo-se. Virou-se e viu Dubchek segurando, no alto, a primeira página de um jornal local. A

manchete principal dizia: CCD ACREDITA QUE EXISTE UMA FONTE OCULTA DO EBOLA, NOS EUA. Olhando a expressão dele, Marissa adivinhou que estava, como sempre, zangado.

— Eu lhe disse para não falar à imprensa.

— Eu não falei.

Dubchek deu um tapa no jornal.

— Diz bem aqui que a dra. Blumenthal, do CCD, declarou que existe um depósito de Ebola nos Estados Unidos, e que a epidemia de Phoenix foi transmitida por água ou comida contaminada.

Marissa, não me importo nem um pouco em lhe comunicar que está em péssimos lençóis!

Marissa pegou o jornal e leu o artigo rapidamente. Era verdade que seu nome fora mencionado, mas apenas secundariamente. A fonte da informação era Bill Freeman, um dos médicos que a ajudara na coleta dos históricos dos pacientes. Ela ressaltou este fato para Dubchek.

— Se você falou diretamente à imprensa ou a um intermediário que falou à imprensa, é irrelevante. O efeito é o mesmo. Faz parecer que o CCD apoia suas opiniões, o que não é o caso. Não temos evidência alguma de um problema relacionado com comida, e a última coisa que desejamos é causar histeria da massa.

Marissa mordeu o lábio inferior. Parecia que toda vez que o homem se dirigia a ela, era para acusá-la de algum erro. Se ao menos tivesse sido capaz de manipular mais diplomaticamente o episódio ocorrido no quarto de hotel em Los Angeles, talvez ele não ficasse tão zangado. Afinal de contas, o que Dubchek esperava? Que ela não falasse com ninguém? Qualquer esforço de equipe significava comunicação.

Controlando o próprio gênio, Marissa entregou a Dubchek um papel.

— Acho que deveria dar uma olhada nisto.

— O que é? — perguntou ele, irritado.

— É o resultado de uma segunda pesquisa junto aos pacientes inicialmente contaminados. Pelo menos os que foram capazes de responder. Você observará que um fato se destaca. Com exceção de duas pessoas que não conseguiram lembrar-se, todos os pacientes comeram creme na lanchonete do hospital há quatro dias. Você deve estar lembrado de que, em minha primeira pesquisa, o almoço na lanchonete, naquele dia, era o único ponto em comum. Também vai observar que um grupo de 21 pessoas, que também fez refeições na lanchonete no mesmo dia mas não comeu o creme, continuou saudável.

Dubchek colocou o papel sobre o balcão.

— Isto é um ótimo exercício para você, mas está se esquecendo de um detalhe importante: o Ebola não é transmissível por alimentos.

— Eu sei disso — disse Marissa. — Mas você não pode ignorar o fato de que esta epidemia começou com uma avalanche de casos, e que depois caiu para um mínimo, com o isolamento.

Dubchek respirou fundo.

— Escute — disse ele, de maneira condescendente, o dr. Layne confirmou sua descoberta de que um dos pacientes iniciais esteve na conferência de San Diego com Richter e Zabriski. Este fato forma a base da posição oficial: Richter trouxe o vírus de seu habitat endêmico na África e disseminou-o a outros médicos em San Diego, incluindo o infeliz oftalmologista aqui do Medica.

— Mas esta posição ignora o período de incubação conhecido para febre hemorrágica.

— Eu sei que há problemas — admitiu Dubchek cansado —, mas no momento é nossa posição oficial. Eu não me importo que você continue seguindo a possibilidade de contaminação por comida, mas, pelo amor de Deus, pare de fazer comentários sobre isso. Lembre-se de que está aqui numa posição oficial. Eu não quero que

você transmita suas opiniões pessoais a ninguém, principalmente à imprensa. Entendido?

Marissa acquiesceu.

— E há algumas coisinhas que eu gostaria que fizesse — continuou Dubchek. — Queria que você entrasse em contato com o escritório do secretário de Saúde e pedisse para eles decretarem como de posse do Estado os restos de algumas das vítimas. Gostaríamos que algumas amostras compactas fossem congeladas e enviadas para Atlanta.

Marissa acquiesceu mais uma vez. Dubchek dirigiu-se para a porta, depois hesitou. Olhando para trás, disse mais gentilmente:

— Talvez lhe interesse saber que Tad já começou a comparar o Ebola das epidemias de Los Angeles, St. Louis e Phoenix. Seu trabalho preliminar sugere que são todos da mesma linhagem. Este fato confirma a opinião de que esta é uma epidemia inter-relacionada.

Marissa fechou os olhos e pensou no que poderia fazer. Infelizmente, não havia sobrado creme do almoço fatal. Isto tornaria tudo muito fácil. Para compensar, ela decidiu coletar sangue de todo o pessoal encarregado da alimentação, a fim de testar os anticorpos para o Ebola. Também resolveu enviar amostras dos ingredientes do molho para Tad, a fim de testar a contaminação de vírus. Contudo, algo lhe dizia que, mesmo que o creme estivesse comprometido, ela não conseguiria saber nada a partir dos ingredientes. O vírus era conhecido como extremamente sensível ao calor; assim, só poderia ter sido introduzido no molho após ter esfriado. Mas como se dera isso? Marissa ficou olhando para suas pilhas de papel. A dica que faltava tinha que estar lá. Se ela ao menos tivesse um pouco mais de experiência, talvez fosse capaz de enxergá-la.

8

16 de maio

Já se passara quase um mês e Marissa estava, finalmente, de volta a Atlanta, em seu pequeno escritório no CCD. A epidemia em Phoenix fora, finalmente, contida, e ela, Dubchek e os outros médicos do CCD que estavam no hospital haviam recebido permissão para sair, ainda sem uma resposta definitiva quanto à causa da epidemia ou se se conseguiria evitar que ela ocorresse de novo.

Quando a epidemia ficou sob controle, Marissa foi ficando cada vez mais aflita para voltar para casa e para o trabalho no Centro. Contudo, agora que voltara, não se sentia feliz. Com os olhos cheios d'água, devido a uma mistura de desânimo e raiva, ela estava com o olhar fixo no memorando, que começava assim: "Sinto informá-la..."

Mais uma vez, Dubchek recusara sua proposta de trabalhar com o Ebola, no laboratório de máxima restrição, ignorando seus esforços, cada vez maiores, no sentido de desenvolver habilidade laboratorial em relação ao manuseio de vírus e culturas de tecido. Desta vez sentiu-se realmente desanimada. Ela continuava achando que a epidemia em Phoenix tinha ligação com o creme da sobremesa, e desejava, desesperadamente, justificar seu posicionamento, através de métodos de experimentação em animais.

Pensava que, se pudesse compreender o processo de transmissão, poderia desenvolver um enfoque pessoal com relação à origem primeira do vírus.

Marissa deu uma olhada nas grandes folhas de papel que registravam a transmissão do vírus Ebola de uma geração a outra, em todas as três epidemias americanas. Ela também havia construído diagramas, menos completos, porém semelhantes, relativos à transmissão do Ebola nas primeiras duas epidemias de 1976. Ambas haviam ocorrido quase simultaneamente, uma em Yambuku, Zaire, e a outra em Nzara, Sudão. Ela obteve o material a partir dos dados que não haviam sido desenvolvidos, arquivados no CCD.

Uma coisa que despertou sua atenção, em particular, acerca das experiências africanas, foi o fato de nunca terem descoberto um depósito. Mesmo a descoberta de que o vírus causador da febre hemorrágica de Lassa encontrava-se numa determinada espécie de camundongo doméstico não ajudou na localização do depósito do Ebola. Mosquitos, percevejos, macacos, ratos, camundongos — todos os tipos de animais eram suspeitos e, afinal, rejeitados. Tratava-se de um mistério na África, da mesma forma que nos Estados Unidos.

Marissa jogou o lápis sobre a mesa, com um sentimento de frustração. Ela não se surpreendeu com o memorando, principalmente porque Dubchek a havia, progressivamente, afastado do trabalho dele, em Phoenix, e a mandara de volta a Atlanta no mesmo dia em que a quarentena fora suspensa. Ele parecia determinado a manter a posição de que o vírus Ebola havia sido trazido da África pelo dr. Richter, que, então, o transmitira a seus colegas oftalmologistas, na conferência de cirurgia de pálpebras em San Diego. Dubchek estava convicto de que a incubação por um período tão longo era uma aberração.

Num impulso, Marissa pôs-se de pé e foi procurar Tad. Ele a havia ajudado a redigir a proposta, e ela estava confiante de que Tad

permitiria que ela chorasse em seu ombro, agora que a proposta havia sido rejeitada.

Depois de algum protesto, Marissa conseguiu arrastá-lo do laboratório de virologia para almoçar, um pouco antes da hora.

— Você tem apenas que tentar de novo — disse Tad, quando ela, imediatamente, lhe contou as más notícias.

Marissa sorriu. Já se sentia melhor. A ingenuidade de Tad era enternecedora. Atravessaram a passagem para o prédio principal. Uma das vantagens de se comer cedo era que não havia fila na lanchonete.

Como se fosse de propósito, para atormentar Marissa ainda mais, uma das sobremesas do dia era creme de caramelo. Quando arranjaram uma mesa e começaram a descarregar suas bandejas, Marissa perguntou se Tad havia tido chance de testar os ingredientes do creme que ela enviara do Arizona.

— Nada de Ebola — ele disse, lacônico.

Marissa sentou-se, pensando em como seria simples achar que uma empresa fornecedora de comida de hospital fosse a culpada. Teria explicado a razão de o vírus ter aparecido repentinamente em ambientes hospitalares.

— E sobre o sangue do pessoal do serviço de alimentação? — Nenhum anticorpo ao Ebola — disse Tad. — Mas devo avisá-la: Dubchek descobriu este trabalho, por acaso, e ficou uma fera. Marissa, o que está havendo com vocês dois? Aconteceu alguma coisa em Phoenix?

Ela sentiu-se tentada a contar-lhe tudo, mas novamente concluiu que isto só iria piorar o que já estava péssimo. Como resposta à pergunta de Tad, explicou que havia sido a fonte involuntária de uma história publicada em um jornal, e que diferia da posição oficial do CCD.

Tad deu uma dentada no sanduíche.

Foi aquele negócio de que havia um depósito oculto do Ebola aqui nos Estados Unidos?

Marissa concordou.

— Tenho certeza de que o Ebola estava no creme. E estou convencida de que vamos enfrentar novas epidemias.

Tad encolheu os ombros.

— Meu trabalho parece corroborar a posição de Dubchek. Estive isolando o RNA e a cápside do vírus de todas as três epidemias, e, por mais espantoso que possa parecer, são todas idênticas. Significa que exatamente a mesma linhagem do vírus está envolvida, o que, por sua vez, significa que tudo o que estamos passando é apenas uma epidemia. Normalmente, o Ebola apresenta variações, ainda que pequenas. Até mesmo as duas epidemias originais africanas, em Yambuku e Nzara, que ficavam a 850 quilômetros de distância uma da outra, envolveram linhagens levemente diferentes.

— Mas, e o período de incubação? — protestou Marissa. — Durante cada epidemia, o período de incubação de novos casos foi sempre de dois a quatro dias. Passaram-se três meses entre a conferência em San Diego e o problema em Phoenix.

— Concordo — disse Tad. — Mas este não é um empecilho maior do que imaginar a maneira pela qual o vírus foi introduzido no creme, e em tamanha quantidade.

— Foi por isso que eu enviei os ingredientes a você.

— Mas, Marissa — disse Tad —, o Ebola fica inativado até mesmo a sessenta graus centígrados. Ainda que ele estivesse nos ingredientes, o processo de cozimento o teria tornado inofensivo.

— A moça que serviu a sobremesa ficou doente. Talvez ela tenha contaminado o creme.

— Formidável! — disse Tad, revirando seus olhos azuis. — Mas como essa moça contraiu um vírus que só existe na África Negra?

— Eu não sei — admitiu Marissa. — Mas estou certa de que ela não compareceu ao congresso de San Diego.

Comeram mergulhados em um silêncio exasperador, por alguns minutos.

— Há apenas um lugar, que eu saiba, onde a moça que trabalha na lanchonete pode ter contraído o vírus — disse Marissa, finalmente.

— E que lugar é esse?

— Aqui no CCD.

Tad largou o que sobrava de seu sanduíche e olhou para Marissa com olhos arregalados.

— Bom Deus!... Você sabe o que está insinuando?

— Não estou insinuando coisa alguma — disse Marissa. — Estou apenas citando um fato. O único depósito conhecido do Ebola está em nosso próprio laboratório de máxima restrição.

Ele balançou a cabeça, incrédulo.

— Tad — disse Marissa, com um tom decidido —, gostaria de lhe pedir um favor. Você poderia me arranjar uma cópia, no Departamento de Biossegurança, de todas as pessoas que tiveram acesso ao laboratório de máxima restrição, nos últimos dois anos?

— Não estou gostando disso — disse Tad, recostando-se.

— Ora, que é que há? — disse Marissa. — Pedir uma cópia não vai machucar ninguém. Tenho certeza de que você pode encontrar uma justificativa para uma solicitação dessas.

— A cópia não é problema — disse Tad. — Já pedi cópias outras vezes. O que eu não gosto é de dar força à sua teoria paranoica, muito menos de me colocar entre você e a administração, especialmente Dubchek.

— Não diga besteira — disse Marissa, impaciente. — O pedido de uma cópia dificilmente colocaria você entre mim e Dubchek. Além do mais, como é que ele vai ficar sabendo? Como qualquer pessoa ficará sabendo?

— Tá certo — disse Tad, relutante. — Desde que você não mostre a lista a ninguém.

— Tudo bem — concordou Marissa, como se o assunto estivesse encerrado. — Eu passo no seu apartamento hoje à noite para pegá-la. O que acha?

— Combinado.

Marissa sorriu para ele. Era mesmo um amigo maravilhoso, e ela tinha a sensação confortadora de que Tad faria quase tudo por ela, o que seria confirmado, porque Marissa ainda tinha um outro favor para pedir. Ela queria voltar ao laboratório de máxima restrição.

Depois de puxar bem forte o freio de mão, Marissa desceu de seu Honda vermelho. A inclinação da rua era íngreme e ela teve a precaução de virar as rodas contra o meio-fio. Embora ela e Tad tivessem saído diversas vezes, Marissa nunca tinha ido ao apartamento dele. Subiu os degraus da frente e tentou fazer pouco barulho. Afinal, já eram quase nove da noite.

No instante em que viu Tad, soube que o amigo havia conseguido o que ela queria, pela maneira como ele sorriu, ao abrir a porta.

Marissa acomodou-se rapidamente no sofá mal estofado e esperou ansiosa, enquanto a enorme gata de Tad esfregava-se, sensualmente, em sua perna.

Com um sorriso convencido, ele apresentou a cópia de computador.

— Eu disse a eles que estávamos fazendo uma verificação interna de frequência de visitas — contou Tad. — Não fizeram uma só pergunta.

Virando a primeira página, Marissa observou que havia um registro para cada visita feita ao laboratório de máxima restrição, com nome, hora de entrada e hora de saída, tudo devidamente anotado. Ela percorreu a lista com o dedo indicador, reconhecendo apenas alguns dos nomes. O que aparecia com maior frequência era o de Tad.

— Todos sabem que eu sou o único que trabalha no CCD — disse, dando uma risada.

— Eu não podia imaginar que a relação fosse tão extensa — queixou-se Marissa, folheando as páginas. — Alguém que esteja nesta lista ainda tem acesso?

Tad debruçou-se sobre os ombros de Marissa e olhou as páginas.

— Volte ao principio... Este cara — disse Tad, apontando para o nome —, Gaston Dubois, não tem mais acesso. Ele era da Organização Mundial de Saúde, e esteve na cidade apenas para uma breve visita. E este outro — Tad apontou para o registro de um certo Harry Longford — era um aluno formado por Harvard, e teve acesso apenas para um projeto específico.

Marissa notou o nome do coronel Woolbert aparecendo diversas vezes, bem como o de um homem chamado Heberling, que parecia ter visitado o laboratório bastante regularmente até setembro. Depois disso seu nome desaparecera. Marissa perguntou sobre ele.

— Heberling trabalhava aqui — explicou Tad. — Ele arranhou outro emprego, seis meses atrás. Houve algumas mudanças na virologia acadêmica ultimamente, em decorrência de enormes concessões geradas pelo medo da AIDS.

— Para onde ele foi? — perguntou Marissa, virando a página.

Tad encolheu os ombros.

— Não faço ideia. Acho que queria ir para o Forte Detrick, mas ele e Woolbert nunca se entenderam. Heberling é inteligente, mas não um cara de trato muito fácil. Houve um boato de que ele queria o lugar de Dubchek. Estou contente de que não o tenha conseguido. Ele podia ter tornado a minha vida um inferno.

Marissa folheou a lista até o mês de janeiro e apontou para um nome que aparecia diversas vezes, em um período de duas semanas: Gloria French.

— Quem é ela? — perguntou Marissa.

— Gloria é de Doenças Parasitárias. Ela utiliza o laboratório uma vez ou outra, para trabalhar em problemas virais ocasionados por transmissores.

Marissa enrolou a lista.

— Satisfeita? — perguntou Tad.

— É um pouco maior do que eu esperava — admitiu ela —, mas agradeço o seu empenho. Só que há uma outra coisa...

— Ah, não... — lamentou-se Tad.

— Calma. Você me falou que os Ebola de Los Angeles, St. Louis e Phoenix eram todos da mesma linhagem, não foi? Pois eu gostaria muito de ver como, exatamente, chegou a essa conclusão.

— Mas todos os dados estão no laboratório de máxima restrição — disse Tad, debilmente.

— E daí? — provocou Marissa.

— Mas você não conseguiu a permissão — Tad lembrou-lhe. Ele sabia o que estava por vir.

— Não tenho permissão para fazer um estudo — disse Marissa.

— Isto significa que eu não posso entrar lá sozinha. Mas as coisas ficam diferentes, se eu estiver com você, principalmente se não houver mais ninguém lá. Não deu problema algum após a minha última visita, deu?

Tad tinha que concordar, não houvera problema algum. Então por que não fazê-lo outra vez? Nunca lhe haviam dito, especificamente, que não podia levar outras pessoas da equipe lá no laboratório; assim, ele sempre poderia alegar ignorância. Embora soubesse que estava sendo manipulado, era difícil resistir ao charme de Marissa. Além disso, ele se orgulhava de seu trabalho e queria mostrá-lo. Tinha certeza de que Marissa ficaria impressionada.

— Está bem — disse ele. — Quando você quer ir?

— Que tal agora mesmo?

Tad olhou o relógio.

— Acho que é uma hora tão boa quanto outra qualquer — concordou ele.

— Mais tarde podemos tornar um drinque — disse Marissa. — Você é meu convidado.

Marissa pegou a bolsa e observou que as chaves de Tad e seu cartão de acesso estavam na mesma prateleira, perto da porta.

A caminho do laboratório, no carro de Marissa, Tad começou a fazer uma descrição complicada de seu trabalho mais recente. Marissa ouvia, mas sem prestar atenção. Tinha outros interesses no laboratório.

Como da outra vez, eles se registraram na entrada da frente do CCD e pegaram os elevadores principais, como se fossem para o escritório de Marissa. Saltaram no andar dela, desceram um lance de escadas e então atravessaram a passagem para o prédio da Virologia. Antes que Tad tivesse tempo de abrir a pesada porta de aço, Marissa repetiu seu número de código: 43-23-39.

Tad olhou-a com respeito.

— Puxa, que memória!

— Como você falou: tudo para minha proteção — disse Marissa.

Tad bufou.

Quando ele acendeu as luzes e os compressores na área da plataforma externa, Marissa sentiu a mesma inquietação que experimentara quando de sua primeira visita. Havia um quê de assustador acerca do laboratório. Era como algo saído de um filme de ficção científica. Entraram no vestiário e vestiram-se em silêncio, primeiro colocando os macacões surrados de algodão, depois os de plástico volumoso. Seguindo as instruções de Tad, Marissa prendeu sua mangueira de ar ao conector múltiplo.

— Você está agindo como uma velha profissional — disse Tad, ao acender as luzes do interior do laboratório; depois fez sinal para Marissa desprender sua mangueira e entrar na câmara seguinte.

Enquanto esperava por Tad, na pequena sala onde tomariam sua chuva de desinfetante fenólico quando estivessem saindo, Marissa experimentou uma sensação desagradável de claustrofobia. Ela lutou contra a sensação, que diminuiu ao entrarem no laboratório principal, mais espaçoso. O trabalho prático que Marissa vinha realizando com vírus ajudou, uma vez que grande parte do equipamento já lhe era mais familiar. Agora ela reconhecia os incubadores de cultura de tecido e até mesmo as unidades cromatográficas.

— Aqui — disse Tad, depois que se engataram em um conector múltiplo adequado.

Ele a levou até uma das bancadas do laboratório, onde havia uma instalação complicada de vidros exóticos, e começou a explicar como ele estava isolando o RNA e a cápside do vírus Ebola.

O pensamento de Marissa estava longe. O que realmente queria ver era onde eles armazenavam o Ebola. Ela olhou para uma porta estanque. Se tivesse que adivinhar, apostaria em algum lugar lá dentro. Assim que Tad fez uma pausa, perguntou a ele se lhe mostraria onde o guardavam.

Ele hesitou por um instante.

— Ali — disse, apontando na direção da tal porta.

— Posso ver? — perguntou Marissa.

Tad deu de ombros. Depois fez um sinal para que ela o acompanhasse. Ele se balançou para a lateral do aposento e apontou para um utensílio ao lado de um dos incubadores de cultura de tecido. Ele não estava apontando para a porta de isolamento.

— Ali? — perguntou Marissa, surpresa e desapontada.

Ela esperava um recipiente mais adequado, que estivesse seguramente trancado atrás de uma porta aferrolhada.

Marissa comentou:

— Parece igualzinho ao freezer de meus pais.

— E é. Apenas fizemos uma modificação para que pudesse abrigar um resfriador de nitrogênio líquido. — Ele apontou para as mangueiras de entrada e de escape. — Mantemos a temperatura a setenta graus centígrados negativos.

Em volta do freezer e através da maçaneta havia uma corrente de elos presa por um cadeado de combinação. Tad ergueu o cadeado e girou o mostrador.

— Quem quer que tenha instalado isto tinha senso de humor. A sequência mágica é 6-6-6.

— Não me parece muito seguro disse Marissa.

Tad deu de ombros.

— Quem vai entrar aqui, a moça da limpeza?

— Estou falando sério — disse Marissa.

— Ninguém pode entrar no laboratório sem um cartão de acesso — disse Tad, abrindo a fechadura e retirando a corrente.

Grande coisa, pensou Marissa.

Tad ergueu a tampa do freezer, e Marissa deu uma olhada lá dentro, meio esperando que alguma coisa lhe saltasse em cima. O que viu, através de uma neblina gélida, foram milhares e milhares de frascos diminutos com tampas plásticas, em bandejas de metal.

Com sua mão envolta em plástico, Tad limpou a camada de gelo que havia pelo lado de dentro da tampa do freezer, revelando um gráfico com a localização dos diversos vírus. Ele encontrou o número da bandeja do Ebola, então remexeu no freezer como um consumidor procurando por peixe congelado.

— Aqui está o seu Ebola — disse ele, selecionando um frasco e fingindo atirá-lo para Marissa.

Em pânico, ela esticou as mãos para pegar o frasco. Ouviu a risada de Tad, que soou cavernosa e distante, de dentro de seu macacão. Marissa sentiu uma pontada de irritação. Aquele era o tipo de lugar inadequado para tamanha tolice.

Segurando o frasco com o braço esticado, Tad disse a Marissa para pegá-lo, mas ela balançou a cabeça em negativa, tomada de um pavor irracional.

— Olhando assim, nem parece — disse ele, apontando a pequena quantidade de material congelado —, mas há cerca de um bilhão de vírus aqui dentro.

— Bom, agora que eu já vi, acho que você bem pode guardá-lo.

Ela não falou coisa alguma enquanto ele recolocava o frasco na bandeja de metal, fechava o freezer e retrancava o cadeado de bicicleta. Marissa então deu uma olhada pelo laboratório. Era um ambiente alienígena, mas cada peça do equipamento, individualmente, parecia relativamente comum.

— Há algo aqui que não se encontre em qualquer laboratório convencional?

— Laboratórios convencionais não possuem fechaduras a ar e um sistema de pressão negativa — disse ele.

— Não, eu me refiro a equipamento efetivamente científico.

Tad olhou em volta. Seus olhos repousaram sobre as mangueiras protetoras, que estavam em cima das bancadas de trabalho no centro da sala.

— Aqueles equipamentos são únicos — disse ele, apontando. — São chamados sistemas de filtragem tipo 3 HEPA. É a isso que você se referia?

— Só são utilizados em laboratórios de máxima restrição? — perguntou Marissa.

— Certamente. Eles são construídos por encomenda.

Marissa caminhou até a coifa colocada sobre o equipamento de Tad. Parecia um exaustor gigante sobre um fogão.

— Quem os fabrica?

— Você pode ver — disse Tad, tocando um rótulo de metal afixado na lateral, que dizia: "Engenharia para Laboratórios, South Bend, Indiana".

Marissa ficou imaginando se alguém haveria encomendado coifas semelhantes, ultimamente. Ela sabia que a ideia que estava lá no fundo de sua mente era louca, mas desde que decidira que o episódio de Phoenix tinha relação com o creme, não fora capaz de parar de pensar na possibilidade de alguma das epidemias ter sido causada deliberadamente. Ou, em caso negativo, se algum médico estivera fazendo alguma pesquisa sobre a qual perdera o controle.

— Ei, pensei que você estivesse interessada em meu trabalho — reclamou Tad de repente.

— E estou — disse Marissa. — É que me sinto um pouco sufocada por este lugar.

Após uma hesitação, enquanto tentava lembrar-se de onde havia parado em sua palestra, Tad recomeçou. O pensamento de Marissa estava longe. Ela fez uma anotação mental para escrever para a firma Engenharia para Laboratórios.

— E então? O que acha? — perguntou Tad quando, finalmente, terminou.

— Estou impressionada — disse Marissa ...e com muita sede. Agora vamos àqueles drinques.

No caminho de volta, Tad a levou até seu pequeno escritório e mostrou-lhe como a totalidade dos seus resultados finais combinava entre si, e de forma bem próxima, insinuando que todas as epidemias eram, na verdade, uma única.

— Já comparou as linhagens americanas com as africanas? — ela lhe perguntou.

— Ainda não — Tad admitiu.

— Você possui o mesmo tipo de gráficos ou mapas para elas?

— Claro que sim — disse Tad.

Ele caminhou até seu arquivo e puxou a última gaveta. Estava tão cheia que ele teve problemas para conseguir retirar várias pastas de papel manilha.

— Aqui está o do Sudão e aqui o do Zaire.

Tad empilhou as pastas sobre a mesa e sentou-se. Marissa abriu a primeira. Os mapas pareciam iguais para ela, mas Tad mostrou diferenças significativas em quase todas as seis proteínas do Ebola. Depois Marissa abriu o segundo impresso. Tad inclinou-se para a frente e apanhou um dos mapas do Zaire e o colocou ao lado dos que havia acabado de completar.

— Eu não acredito nisto. — Ele apanhou diversos outros mapas e os colocou numa fileira, sobre sua Mesa.

— Em quê? — perguntou Marissa.

— Vou ter que passar todos eles espectrofotômetro amanhã, apenas para me certificar.

— Certificar de quê?

— Há uma homologia estrutural quase que completa aqui — disse Tad.

— Por favor — disse Marissa. — Fale claro! O que você está dizendo?

— A linhagem do Zaire 76 é exatamente igual à linhagem de suas três epidemias.

Marissa e Tad entreolharam-se por alguns instantes. Finalmente, Marissa falou:

— Isto significa que houve apenas uma epidemia, desde 1976, no Zaire, até 1987, em Phoenix.

— É impossível — disse Tad, olhando de novo os mapas.

— Mas é isso que você está dizendo.

— Eu sei. Acho que é apenas um fenômeno estatístico. — Ele balançou a cabeça, os olhos azuis voltados novamente para Marissa.

— Espantoso, é só o que eu posso dizer.

Após atravessarem a passagem para o prédio principal, Marissa fez Tad esperar em seu escritório, enquanto sentava-se e batia à máquina uma pequena carta.

— Quem é tão importante que você tenha que lhe escrever esta noite? — perguntou Tad.

— Eu só queria aproveitar enquanto estava fresco em minha memória. — Marissa puxou a carta da máquina de escrever e colocou-a em um envelope. — Pronto. Não demorou muito, demorou?

Procurou um selo na bolsa. O destinatário era "Engenharia para Laboratórios, South Bend, Indiana".

— Por que cargas-d'água você está escrevendo para eles? — perguntou Tad.

— Eu quero umas informações sobre o sistema de filtragem tipo 3 HEPA.

Tad parou.

— Por quê? — perguntou com um olhar de preocupação. Ele sabia que Marissa era impulsiva, e se perguntava se levá-la de novo ao laboratório de máxima restrição havia sido um erro.

— Deixa pra lá — riu Marissa. — Se Dubchek continuar a me recusar a autorização para a utilização do laboratório de máxima restrição, eu terei que construir o meu próprio.

Tad começou a dizer alguma coisa, mas Marissa agarrou-o pelo braço e puxou-o até os elevadores.

9

17 de maio

Marissa levantou-se cedo, com um espírito objetivo. Era uma manhã radiante de primavera e ela aproveitou-se disso para ir dar uma corrida com Taffy. Até o cachorro parecia sentir prazer com o tempo bom, descrevendo círculos em volta de Marissa, enquanto passeavam pela vizinhança.

De volta a casa, Marissa tomou um banho, assistiu a uma parte do Today Show enquanto se vestia, e estava a caminho do Centro às oito e meia. Entrando em seu escritório, guardou a bolsa no arquivo e sentou-se em sua mesa de trabalho. Sua intenção era ver se havia informação suficiente disponível sobre as proteínas do Ebola, para que ela pudesse calcular a probabilidade estatística da linhagem americana ser a mesma que a linhagem do Zaire 76. Caso as chances fossem tão infinitesimais quanto ela achava que eram, então teria uma base científica para suas crescentes suspeitas.

Mas Marissa não foi muito longe. Bem em cima de seu livro de ocorrências havia um memorando interno. Ao abri-lo, encontrou uma mensagem concisa, que lhe dizia para ir ao escritório de Dubchek imediatamente.

Ela atravessou até o prédio da Virologia. À noite, a passagem fechada fizera com que Marissa se sentisse segura, mas à luz do sol a

tela de arame dava-lhe a sensação de estar aprisionada. A secretária de Dubchek ainda não havia chegado, então Marissa bateu na porta aberta.

O médico estava em sua mesa de trabalho, debruçado sobre a correspondência. Quando olhou para cima, disse a ela para fechar a porta e sentar-se. Marissa agiu como ele mandara, consciente todo o tempo de que os olhos negros de Dubchek acompanhavam cada movimento seu.

O escritório estava desorganizado como sempre, com pilhas de cópias de artigos científicos por todo lado. Era evidente que o estilo de Dubchek era a desordem, muito embora ele sempre estivesse impecavelmente vestido.

— Dra. Blumenthal. — começou ele, com voz baixa e controlada —, eu soube que estive no laboratório de máxima restrição, ontem à noite.

Marissa nada disse. Dubchek não estava lhe fazendo uma pergunta, estava afirmando um fato.

— Pensei que tivesse ficado claro que não está autorizada a entrar lá, até que lhe seja concedida permissão oficial. Achei seu desprezo por minhas ordens um transtorno, para dizer apenas o mínimo, principalmente depois de fazer com que Tad executasse estudos não autorizados em amostras de comida do Hospital Medica.

— Estou tentando executar meu trabalho da melhor maneira possível — disse Marissa.

Sua ansiedade estava rapidamente se transformando em raiva. Parecia que Dubchek não tinha a menor intenção de esquecer que ela lhe dera o fora em Los Angeles.

— Então, o seu melhor não é, evidentemente, bom o bastante — retrucou Dubchek, de modo agressivo. — E acho que você não reconhece a extensão da responsabilidade que o CCD tem para com o público, principalmente devido à atual histeria sobre a AIDS.

— Bem, acho que você está errado — disse Marissa, devolvendo o olhar raivoso de Dubchek. — Eu levo muito a sério a nossa responsabilidade em relação ao público e acho que minimizar a ameaça do Ebola é um desserviço. Não há razão científica alguma para acreditar que chegamos ao fim das epidemias de Ebola, e estou me esforçando ao máximo para descobrir a fonte, antes que enfrentemos mais uma.

— Dra. Blumenthal, não é você quem manda aqui.

— Estou bem a par deste fato, dr. Dubchek. Se fosse eu, certamente, não assumiria a posição oficial de que o dr. Richter trouxe o Ebola da África e então passou por um período de incubação, sem precedentes, de seis semanas. E se o dr. Richter não trouxe o vírus, a única fonte conhecida do Ebola está aqui, no CCD!

— É exatamente este tipo de conjectura irresponsável que eu não tolerarei!

— Você pode chamar de conjectura — disse Marissa, pondo-se de pé. — Eu chamo a isto de fato. Nem mesmo o Forte Detrick possui Ebola algum. Somente o CCD possui o vírus, e ele está armazenado em um freezer fechado com um cadeado ordinário de bicicleta. Grande proteção contra o vírus mais mortal conhecido pelo homem! E se você pensa que o laboratório de máxima restrição é seguro, apenas lembre-se de que até mesmo eu fui capaz de entrar lá.

Marissa ainda tremia quando entrou no Hospital Universitário, algumas horas mais tarde, e perguntou onde ficava a lanchonete. Enquanto caminhava pelo corredor, admirava-se de si mesma, perguntando-se onde conseguira forças. Ela nunca fora capaz de enfrentar qualquer autoridade, como acabara de fazer. Contudo, sentia-se horrível, ao lembrar-se da expressão de Dubchek quando a expulsara de seu escritório. Sem saber bem o que fazer, mas certa de que sua carreira como funcionária do Serviço de Investigação em Epidemiologia havia terminado, Marissa deixara o Centro e dirigira

sem rumo, até que se lembrou de Ralph e resolveu pedir seu conselho. Ela o alcançara entre duas cirurgias e ele concordara em encontrá-la para o almoço.

A lanchonete do Hospital Universitário era um local agradável, com mesas de tampo amarelo e chão azulejado de branco. Marissa viu Ralph acenando de uma mesa de canto.

Em seu estilo típico, ele se levantou quando Marissa se aproximou, e puxou a cadeira para ela. Embora à beira das lágrimas, Marissa sorriu. Os modos galantes de Ralph pareciam não ter nada a ver com as roupas surradas que ele estava usando.

— Obrigada por ter achado tempo para me ver — disse ela. — Sei o quanto você é ocupado.

— Bobagem — disse Ralph. — Sempre tenho tempo para você. Diga-me o que há de errado. Parecia realmente transtornada ao telefone.

— Vamos comer primeiro — decidiu Marissa.

A interrupção ajudou; Marissa já estava com maior controle sobre suas emoções quando eles voltaram com as bandejas.

— Estou tendo problemas no CCD — ela confessou.

Contou a Ralph sobre o comportamento de Dubchek em Los Angeles e o incidente no quarto de hotel.

— Daquele dia em diante, as coisas têm sido difíceis. Talvez eu não tenha sabido lidar com os fatos tão bem quanto poderia, mas não acredito que a responsabilidade tenha sido só minha. Afinal de contas, foi uma espécie de ataque sexual...

— Isto não parece uma atitude de Dubchek — disse Ralph, franzindo as sobrancelhas.

— Você realmente acredita em mim, não acredita? — perguntou Marissa.

— Certamente — assegurou-lhe Ralph. — Mas, ainda assim, não estou bem certo de que você possa culpar aquele episódio infeliz por

todos os seus problemas. Deve se lembrar de que o CCD é um órgão do governo, mesmo que as pessoas tem-tem ignorar este fato.

Ralph fez uma pausa para dar uma mordida em seu sanduíche. Então disse:

- Deixe-me perguntar-lhe uma coisa.
- Claro — concordou Marissa.
- Você acredita que eu seja seu amigo e que me preocupe, de todo o coração, com os seus problemas?

Marissa disse que acreditava, tentando imaginar o que estava por vir.

— Então posso falar francamente — prosseguiu Ralph. — Um passarinho me contou que algumas pessoas do CCD não estão satisfeitas com você porque não tem seguido a conduta oficial. Eu sei que você não está pedindo o meu conselho, mas eu o estou dando assim mesmo. Em um sistema burocrático, cada um tem que guardar sua opinião pessoal para si mesmo, até que chegue a hora certa. Para falar mais vulgarmente: você tem que aprender a ficar de bico calado. Eu sei, porque passei algum tempo no Exército.

— Evidentemente — disse Marissa, na defensiva — você está se referindo à minha posição sobre o Ebola.

Embora soubesse que Ralph estava certo, o que ele acabara de dizer doera. Marissa achava que, no todo, vinha executando um bom trabalho.

— Sua posição em relação ao Ebola é apenas parte do problema, Marissa. Você simplesmente não tem agido como integrante do time.

- Quem lhe disse isto? — perguntou ela, desafiadoramente.
- Contar-lhe não vai solucionar coisa alguma — desconversou Ralph.

— O meu silêncio também não. Eu não posso aceitar a posição do CCD em relação ao Ebola. Há muitos fatos inconsistentes e perguntas sem respostas, uma das quais eu só fiquei sabendo a noite

passada, durante a visita não autorizada ao laboratório de máxima restrição.

— E qual é ela?

— É sabido que o Ebola varia constantemente. Contudo, temos que encarar o fato de que as três linhagens americanas são idênticas; e, mais espantoso ainda, elas são as mesmas que a linhagem de uma epidemia no Zaire, em 1976. A mim não parece que a doença esteja se disseminando naturalmente.

— Você pode até estar certa — disse Ralph. — Mas está em uma situação política e deve agir de acordo. E, mesmo que haja uma outra epidemia, o que espero não aconteça, tenho total confiança em que o CCD será capaz de controlá-la.

— Este é um grande ponto de interrogação — disse Marissa. — As estatísticas de Phoenix não foram encorajadoras. Você ficou sabendo que houve 347 mortes e apenas 13 sobreviventes?

— Eu conheço as estatísticas — disse Ralph. — Mas, com 84 casos iniciais, acho que vocês realizaram um trabalho soberbo.

— Não estou bem certa se você acharia assim tão soberbo, se a epidemia tivesse ocorrido em seu hospital.

— Acho que você está certa — concordou Ralph. — A ideia de outras epidemias de Ebola me apavora. Talvez seja por isso que eu prefira acreditar na posição oficial. Se ela estiver correta, a ameaça pode ter se acabado.

— Droga! — disse Marissa, com súbita veemência. — Estive tão preocupada comigo mesma que esqueci completamente de Tad. Dubchek deve saber que foi Tad quem me levou até o laboratório de máxima restrição. É melhor eu voltar e averiguar sobre ele.

— Permito que você vá, mas sob uma condição — disse Ralph. — Amanhã é sábado. Deixe-me levá-la para jantar.

— Você é um amor. Jantarmos juntos amanhã será um prazer.

Marissa inclinou-se para a frente e beijou a testa de Ralph. Ele era tão gentil! Ela gostaria de achá-lo mais atraente.

Enquanto dirigia de volta ao CCD, Marissa percebeu que sua raiva contra Dubchek havia sido substituída por medo de perder o emprego e culpa por seu comportamento. Ralph estava indubitavelmente certo: ela não vinha agindo como parte do time.

Encontrou Tad no laboratório de virologia, de volta ao trabalho, em um novo projeto sobre AIDS. AIDS ainda era a prioridade maior do Centro. Quando ele viu Marissa, protegeu o rosto com os braços, numa cômica posição de defesa.

— Foi assim tão ruim? — perguntou Marissa.

— Pior — disse Tad.

— Sinto muito. Como Dubchek descobriu?

— Ele me perguntou.

— E você lhe contou?

— Claro. Eu não ia mentir. Ele também perguntou se eu estava mantendo encontros com você.

— E você também lhe contou sobre isto? — perguntou Marissa, vexada.

— Por que não? Ao menos, isto serviu para tranquilizá-lo, mostrando que eu não levo qualquer um que esteja passando ao laboratório de máxima restrição.

Marissa deu um suspiro profundo. Talvez fosse melhor colocar tudo às claras. Ela pôs as mãos nos ombros de Tad:

— Realmente, sinto muito ter-lhe causado problemas. Posso tentar melhorar as coisas, preparando seu jantar hoje à noite?

O rosto de Tad iluminou-se:

— Por mim; está ótimo.

Às seis horas Tad veio até o escritório de Marissa e então seguiu-a, no carro dele, até o supermercado. Tad escolheu duas costeletas de carneiro e ficou esperando enquanto o açougueiro as cortava, deixando Marissa pegar as batatas e as verduras para a salada.

Quando as mercadorias estavam acomodadas no porta-malas de Marissa, Tad insistiu em parar para comprar um vinho. Ele disse que

a reencontraria na casa dela, dando-lhe uma chance de ir adiantando os preparativos.

Começara a chover, mas à medida que Marissa ouvia o ritmo dos limpadores de para-brisa, sentia-se mais esperançosa do que se sentira durante todo o dia. Era decididamente melhor ter tudo às claras, e a primeira coisa que faria na segunda-feira seria falar com Dubchek e desculpar-se. Como dois adultos, certamente conseguiriam ajeitar tudo.

Ela parou em uma padaria do bairro e pegou dois pãezinhos. Depois, manobrando atrás de sua casa, deu ré em direção à porta da cozinha, a fim de ficar o mais perto possível para descarregar as mercadorias. Ela estava contente por ter conseguido dobrar Tad. O sol ainda não havia se posto, mas estava tão escuro como se isso já tivesse ocorrido. Marissa teve trabalho para conseguir colocar a chave certa na fechadura. Acendeu a luz da cozinha com o cotovelo, antes de depositar as duas grandes sacolas marrons sobre a mesa da cozinha. Enquanto desativava o alarme, perguntava-se por que Taffy não havia corrido para recebê-la. Ela chamou pelo cachorro, imaginando se os Judsons o haviam pego, por qualquer razão. Chamou de novo, mas a casa permaneceu quieta, ao contrário do habitual.

Andando pelo pequeno corredor até a sala de estar, ela tropeçou no abajur que ficava ao lado da poltrona.

— Taffy! tornou a chamar.

Correu em direção às escadas, achando que, talvez, inadvertidamente, o cachorro tivesse se trancado por dentro em um dos quartos de cima, como ela própria já fizera. Foi aí que Marissa viu; Taffy estava estendido no chão, perto da janela, a cabeça caída em um ângulo estranho e alarmante.

— Taffy! — gritou, desesperada.

Correu até o cachorrinho e caiu de joelhos. Mas antes que pudesse tocar o animal, foi agarrada por trás e teve a cabeça puxada

para cima com um tranco tão forte que o quarto girou. Instintivamente, ela procurou e agarrou o braço que a envolvia, observando que este parecia de madeira, sob o tecido do terno. Mesmo usando de toda a sua força, não conseguia fazer mais do que sacudir o aperto do homem em seu pescoço. Houve um barulho característico quando seu vestido, rasgou. Ela tentou virar-se para ver seu atacante, mas não conseguiu.

O controle remoto do sistema de alarme estava em seu bolso. Ela o alcançou e manipulou-o com os dedos, tentando, desesperadamente, comprimir o botão. Assim que conseguiu, um golpe em sua cabeça fez Marissa se esparramar no chão. Ouvindo o barulho ensurdecedor do alarme, lutou para colocar-se de pé. Então, ouviu a voz de Tad gritando com o intruso. Ela virou-se, grogue, e o viu lutando com um homem alto e corpulento.

Tapando as orelhas contra o barulho incessante do alarme, Marissa correu até a porta da frente e a abriu, berrando pelos Judsons. Correu pelo gramado e através dos arbustos que dividiam as propriedades. Quando se aproximou da casa dos vizinhos, viu o sr. Judson abrindo a porta da frente. Ela gritou para ele chamar a polícia, mas não esperou para explicar. Deu meia-volta e retornou correndo para casa. O som do alarme ecoava através das árvores que delimitavam a rua. Subindo os degraus da frente de dois em dois, Marissa voltou a sua sala de estar, mas encontrou-a vazia. Em pânico, correu até a cozinha. A porta de trás estava entreaberta. Alcançando o painel, ela desligou o alarme.

— Tad! — gritou, voltando à sala de estar e depois olhando dentro do quarto de hóspedes do primeiro andar. Não havia sinal dele.

O sr. Judson entrou correndo pela porta da frente, que estava aberta, brandindo um atizador. Juntos eles passaram pela cozinha e pela porta dos fundos.

— Minha mulher está telefonando para a polícia — disse o sr. Judson.

— Havia um colega comigo — falou, ofegante, Marissa, com uma crescente ansiedade. — Não sei onde ele está.

— Vem vindo alguém — disse o sr. Judson, apontando.

Marissa viu um vulto aproximar-se por entre as sempre-vivas. Era Tad. Aliviada, correu até ele e atirou os braços em volta de seu pescoço, perguntando-lhe o que tinha acontecido.

— Infelizmente, eu fui derrubado — ele contou, tocando o lado da cabeça. — Quando me levantei, o cara estava do lado de fora. Havia um carro esperando por ele.

Marissa levou Tad para dentro da cozinha e limpou-lhe o lado da cabeça com uma toalha molhada. Era apenas uma contusão superficial.

— O braço do sujeito parecia um porrete — disse Tad.

— Você teve sorte de não ter sido mais machucado. Não devia tê-lo seguido de jeito nenhum. E se ele tivesse uma arma?

— Eu não estava planejando ser herói — disse Tad. — Tudo o que ele levava era uma pasta.

— Uma pasta? Que tipo de ladrão carrega uma pasta?

— Ele estava bem vestido, tenho que dizer isto em seu favor.

— Você pôde ter uma boa visão dele a ponto de identificá-lo? — perguntou o sr. Judson.

Tad deu de ombros.

— Duvido muito. Tudo aconteceu tão rápido...

A distância, eles ouviram o som de uma sirene de polícia aproximando-se.

O sr. Judson olhou para o seu relógio.

— Que atendimento rápido!

— Taffy! — gritou Marissa, lembrando-se de repente do cãozinho e correndo de volta à sala de estar, com Tad e o sr. Judson logo atrás.

O cachorro não se movera. Marissa ajoelhou-se e, cuidadosamente, ergueu-o. A cabeça de Taffy pendeu, molemente. Seu pescoço tinha sido quebrado.

Até aquele momento, Marissa havia mantido total controle de suas emoções. Mas agora começou a chorar histericamente. O sr. Judson finalmente conseguiu convencê-la a largar o cachorro. Tad colocou os braços em volta dela, tentando confortá-la da melhor forma possível.

O carro da polícia manobrou com as luzes piscando. Dois policiais entraram na casa. A favor dos policiais deve-se dizer que Marissa achou-os sensíveis e eficientes. Eles encontraram o lugar por onde o ladrão tinha entrado — a janela quebrada da sala de estar — e explicaram a Marissa a razão pela qual o alarme não tocara inicialmente: o intruso havia quebrado o vidro e entrado, sem levantar a janela de guilhotina.

Depois, de maneira metódica, a polícia coletou toda a informação relevante sobre o incidente. Infelizmente, nem Marissa nem Tad podiam dar uma descrição muito boa do homem, a não ser o seu braço rígido. Quando lhe foi perguntado se tinha dado falta de alguma coisa, Marissa teve que declarar que ainda não havia checado. E quando contou aos policiais sobre Taffy, começou a chorar de novo.

Os guardas perguntaram-lhe se gostaria de ir até um hospital, mas ela recusou. Então, depois de dizerem que manteriam contato, retiraram-se.

O sr. Judson também se retirou, dizendo a Marissa para chamar se precisasse de alguma coisa, e que não se preocupasse com os despojos de Taffy. Ele também disse que iria providenciar o conserto da janela, no dia seguinte.

De repente, Marissa e Tad acharam-se a sós, sentados à mesa da cozinha, com as mercadorias ainda nas sacolas.

— Sinto muito tudo isto — disse Marissa, esfregando a cabeça machucada de Tad.

— Não seja boba — protestou ele. — Por que não vamos jantar fora, simplesmente?

— Eu realmente não tenho a menor vontade de ir a um restaurante. Mas também não quero ficar aqui. Você se importa se prepararmos o jantar no seu apartamento?

— De maneira alguma. Vamos.

— Me dê só um minuto para eu me trocar — disse Marissa.

10

20 de maio

Era segunda-feira de manhã e Marissa estava dominada por um sentimento de medo. Não havia sido um bom fim de semana. Sexta-feira fora o pior dia de sua vida, a começar com o episódio com Dubchek, depois sendo atacada e perdendo Taffy. Logo após o assalto, ela havia minimizado o impacto emocional, apenas para pagar por ele mais tarde. Fizera o jantar para Tad e ficara na casa dele, mas a noite fora tumultuada, cheia de medos e raiva contra o intruso que matara seu cachorrinho.

O sábado a encontrou igualmente transtornada, apesar dos esforços, primeiro de Tad e depois dos Judsons, para reanimá-la. Sábado à noite ela saíra com Ralph, como estava combinado, e ele lhe sugerira pedir uma licença. Até se oferecera para levá-la ao Caribe por alguns dias, pois achava que umas pequenas férias serviriam para dar tempo a que as coisas esfriassem no CCD. Quando Marissa insistira que voltaria ao trabalho, ele tinha sugerido que ela se concentrasse em outra coisa que não o Ebola, mas Marissa também se recusara.

— Bem, pelo menos se cuide — aconselhara Ralph.

Na opinião dele, Dubchek era basicamente um homem bom, que ainda estava se recuperando da perda da mulher, que adorava.

Marissa deveria dar-lhe outra chance. Com este ponto, ao menos, Marissa concordava.

Temendo um outro confronto com Dubchek, mas decidida a fazer o melhor que pudesse para uma reparação, Marissa se dirigiu para seu próprio escritório, onde logo deparou com outro memorando esperando por ela sobre a mesa. Pensou que fosse de Dubchek, mas, quando pegou o envelope, viu que era do dr.

Carbonara, o administrador de programas do Serviço de Investigação em Epidemiologia, e, portanto, o verdadeiro chefe de Marissa. Com o coração batendo forte, ela abriu o envelope e leu a nota que dizia para ir vê-lo imediatamente. Aquilo não soava bem.

O escritório do dr. Carbonara era no segundo andar, e Marissa usou as escadas para ir até lá, imaginando se estava prestes a ser despedida. O escritório era grande e confortável, com uma das paredes tomada por um enorme mapa-múndi, com pequeninos alfinetes vermelhos que indicavam o local onde, atualmente, funcionários do SIE estavam trabalhando. O dr. Carbonara era um homem de ar paternal, de fala macia, com uma vasta cabeleira grisalha desalinhada. Ele fez sinal para Marissa sentar-se, enquanto terminava de falar ao telefone. Quando desligou, sorriu afetuosamente. O sorriso fez com que Marissa relaxasse um pouco. Ele não agia como se estivesse prestes a mandá-la embora. Em seguida surpreendeu-a ao comiserar-se dela por causa do assalto e da morte de seu cachorro. Com exceção de Tad, Ralph e os Judsons, Marissa pensava que ninguém mais soubesse.

— Estou disposto a oferecer-lhe um período de férias — continuou o dr. Carbonara. — Depois de uma experiência tão perturbadora, uma mudança de cenário poderia lhe fazer bem.

— Aprecio sua consideração — disse Marissa. — Mas, para lhe dizer a verdade, eu prefiro continuar trabalhando. Manterá minha mente ocupada, e estou convencida de que as epidemias não terminaram.

O dr. Carbonara pegou um cachimbo e cumpriu o ritual de acendê-lo. Quando estava queimando como ele queria, disse:

— Infelizmente, há algumas dificuldades relativas à situação do Ebola. A partir de amanhã, você estará sendo transferida do Departamento de Virologia para o Departamento de Bacteriologia. Poderá manter o mesmo escritório. Na verdade, fica mais perto do seu novo encargo do que do antigo. Tenho certeza de que você achará esta nova colocação tão desafiadora quanto a anterior.

Ele deu baforadas vigorosas em seu cachimbo, lançando no ar nuvens de fumaça cinza em espiral.

Marissa estava desolada. Em sua mente, a transferência era o mesmo que ser despedida.

— Suponho que eu poderia lhe dizer um monte de mentiras — disse o dr. Carbonara —, mas a verdade da questão é que o chefe do CCD, dr. Morrison, solicitou pessoalmente que você fosse retirada da Virologia e afastada do problema do Ebola.

— Eu não engulo essa! — rebateu Marissa. — Foi o dr. Dubchek!

— Não, não foi o dr. Dubchek — disse o dr. Carbonara, com ênfase. Depois acrescentou: — ...embora ele não tenha sido contrário à decisão.

Marissa apenas riu, sarcasticamente.

— Marissa, eu estou a par de que houve um desagradável choque de personalidades entre você e o dr. Dubchek, mas...

— Perseguição sexual é mais correto — interveio Marissa.

— O homem procurou me dificultar a vida desde que eu lhe pisoteei o ego, resistindo às suas investidas.

— Sinto muito ouvir isso — disse o dr. Carbonara calmamente.

— Talvez fosse melhor para o interesse geral se me contasse a história toda. Veja você, o dr. Morrison recebeu um telefonema do senador Calvin Markham, que é um membro antigo do Subcomitê de Verbas Orçamentárias para o Departamento de Serviços Humanos e da Saúde. Como você sabe, este subcomitê manipula as

verbas orçamentárias anuais do CCD. Foi o senador quem insistiu que você fosse retirada da equipe do Ebola, não o dr. Dubchek.

Marissa estava novamente sem fala. A ideia de um senador dos Estados Unidos telefonando para o chefe do CCD para mandar que ela fosse afastada da investigação do Ebola parecia inacreditável.

— O senador Markham usou o meu nome especificamente?

— perguntou Marissa, quando recuperou a fala.

— Sim — disse o dr. Carbonara. — Acredite-me, eu também duvidei.

— Mas por quê? — perguntou Marissa.

— Não houve explicação — disse o dr. Carbonara. — E foi mais uma ordem do que um pedido. Por motivos políticos, não tivemos escolha. Acho que você pode entender.

Marissa negou com a cabeça.

— Este é o ponto: eu não entendo. Mas isto faz com que eu mude de ideia sobre a oferta de férias. Acho que preciso mesmo de um tempo, afinal de contas.

— Esplêndido! — disse o dr. Carbonara. — Vou providenciar tudo para que você se libere imediatamente. Após um bom descanso, poderá recomeçar com a cabeça fresca. Quero reafirmar que não temos queixa alguma do trabalho que você vem realizando. Na verdade, ficamos impressionados com seu desempenho. Aquelas epidemias de Ebola nos aterrorizaram a todos. Você será um acréscimo significativo ao grupo que trabalha com bactéria entérica, e estou certo de que vai gostar da mulher que comanda a divisão, dra. Harriet Samford.

Marissa dirigiu-se para casa, a mente em turbulência. Ela contava com o trabalho para distraí-la da morte brutal de Taffy, e durante o tempo em que pensara que ia ser despedida, nunca lhe passara pela cabeça que fossem lhe conceder férias. Um pensamento lhe ocorreu: deveria perguntar a Ralph se ele estava falando sério sobre a viagem ao Caribe? Contudo, tal ideia tinha suas desvantagens. Por mais que

gostasse dele como amigo, ela não estava bem certa se estava pronta para algo mais.

Sua casa vazia se achava silenciosa, sem a acolhida esfuziante de Taffy. Marissa sentiu uma vontade irresistível de ir para a cama e puxar as cobertas sobre a cabeça, mas sabia que isto significaria ceder à depressão, contra a qual estava decidida a lutar. Ela não aceitara totalmente a história do dr. Carbonara, como desculpa para enxotá-la do caso Ebola. Normalmente, uma recomendação casual de um senador não produzia resultados assim tão rápidos. Marissa tinha certeza de que, se averiguasse, descobriria que Markham era amigo de Dubchek. Olhando sua cama com os travesseiros fofinhos e tentadores, ela resolveu não ceder ao seu modelo habitual de resignação. A última depressão reativa, depois que Roger partira, estava muito fresca em sua mente. Em vez de apenas desistir e aceitar a situação, que fora o que havia feito naquela ocasião, disse a si mesma que tinha de fazer algo. A questão era: o quê?

Pondo ordem em sua roupa suja, com a intenção de usar a lavagem da roupa como terapia, Marissa desfez a maleta que mantinha sempre pronta. Parecia uma premonição.

Impulsivamente, pegou o telefone e chamou a Delta, a fim de fazer uma reserva no próximo voo para a cidade de Washington.

— Há um balcão de informações logo depois da entrada — disse o bem informado motorista do táxi, enquanto apontava a escadaria do Edifício Cannon, que abrigava os escritórios dos senadores.

Uma vez lá dentro, Marissa passou por um detector de metais, enquanto um guarda uniformizado averiguava o conteúdo de sua bolsa. Quando perguntou pelo escritório do senador Markham, disseram-lhe que ficava no quinto andar. Seguindo as indicações um tanto complicadas — parecia que o elevador principal ia somente até o quarto andar —, Marissa se achava surpresa com a predominância de cores escuras no interior do prédio. As paredes do elevador estavam completamente rabiscadas, vítimas dos grafiteiros.

Apesar do itinerário tortuoso, ela não teve dificuldade para encontrar o escritório. A porta exterior estava entreaberta, e Marissa entrou sem ser anunciada, esperando que um elemento de surpresa funcionasse a seu favor. Infelizmente, o senador não estava.

— Ele só estará de volta de Houston dentro de três dias. Gostaria de marcar uma audiência?

— Não sei bem — disse Marissa, sentindo-se meio boba, depois de ter vindo desde Atlanta sem se preocupar ao menos em averiguar se o homem estaria na cidade, quanto mais se a receberia.

— Não quer falar com o sr. Abrams, assistente administrativo do senador?

— Acho que sim — disse Marissa.

Para dizer a verdade, ela não estava bem certa de como enfrentar o senador Markham. Se simplesmente perguntasse se ele havia tentado fazer um favor a Dubchek, ao encontrar um modo de afastá-la do caso Ebola, o homem obviamente negaria. Enquanto ainda estava nessas conjecturas, um jovem de aspecto sério aproximou-se dela e apresentou-se como Michael Abrams.

— Em que posso ajudá-la? — perguntou ele, estendendo a mão.

Aparentava uns 25 anos, tinha cabelos escuros, quase pretos, e exibía um largo sorriso, o qual, Marissa suspeitava, poderia não ser tão sincero quanto parecia à primeira impressão.

— Há algum lugar em que possamos conversar em particular? Marissa perguntou a ele, uma vez que estavam bem na frente da mesa da secretária.

— Certamente — disse Michael.

Ele a conduziu para o interior do escritório do senador, uma sala grande, de teto elevado, com uma colossal mesa de trabalho de mogno, guarnecida por uma bandeira americana de um lado e uma bandeira do Estado do Texas do outro. As paredes eram revestidas de fotos emolduradas do senador cumprimentando diversas celebridades, inclusive todos os últimos presidentes.

— Eu sou a dra. Blumenthal — começou Marissa, assim que se sentou. — Este nome significa algo para o senhor?

Michael negou com a cabeça.

— Deveria? — perguntou ele, de maneira amistosa.

— Talvez — disse Marissa, insegura quanto à maneira como deveria continuar.

— A senhorita é de Houston? — perguntou Michael.

— Sou de Atlanta — disse Marissa. — Do CCD.

Ela observou para ver se haveria alguma reação estranha. Não houve.

— Do CCD — repetiu Michael. — Está aqui em missão oficial?

— Não — admitiu Marissa. — Estou interessada na ligação do senador com o Centro. O CCD é de interesse particular do senador Markham?

— Não estou bem certo de que "particular" seja a palavra correta — disse Michael, cautelosamente. — Ele tem interesse em todas as áreas relativas a cuidados de saúde. Na verdade, o senador Markham colocou em votação mais legislação na área de saúde do que qualquer outro senador. Ele, recentemente, foi o responsável por projetos de lei que limitam a imigração de médicos formados em escolas estrangeiras, um projeto de lei em favor da arbitragem compulsória de casos de mau procedimento, um projeto de lei que estabelece um teto federal para indenizações referentes a negligência médica, e um projeto de lei limitando o subsídio federal para o desenvolvimento da Organização de Manutenção da Saúde...

Michael fez uma pausa para recuperar o fôlego.

— Impressionante — disse Marissa. — É evidente que o senador tem um interesse verdadeiro pela medicina na América.

— É verdade — concordou Michael. — O pai dele era clínico geral, e dos bons.

— Mas, até onde o senhor sabe continuou Marissa ele não possui interesse particular algum em qualquer projeto específico do CCD?

— Não, que eu saiba — disse Michael.

— E acho que não acontece muita coisa por aqui que o senhor não saiba, não é?

Michael sorriu.

— Bem, obrigada pelo tempo que me cedeu — disse Marissa, levantando-se. Intuitivamente, ela sabia, que não ficaria sabendo de mais nada através de Michael Abrams.

Voltando à rua, sentiu-se novamente desanimada. A intenção que tivera, de fazer algo de positivo quanto à sua situação, falhara. Ela não tinha a menor ideia se deveria perambular por Washington durante três dias, aguardando a volta do senador Markham, ou se deveria voltar imediatamente a Atlanta.

Vagou sem destino até o Capitólio. Ela já havia se registrado em um hotel em Georgetown, então por que não ficar? Poderia visitar alguns museus e galerias de arte. Mas, enquanto contemplava a impressionante abóbada branca do Capitólio, não pôde deixar de se perguntar qual a razão para um homem da posição de Markham incomodar-se com ela, mesmo que ele fosse amigo de Dubchek. De repente, teve o vislumbre de uma ideia. Sinalizou para um táxi, entrou nele rapidamente, e disse:

— Agência Eleitoral Federal. Sabe onde fica isso?

O motorista era um negro bem-apessoado, que se virou para ela e disse:

— Moça, se existe algum lugar nesta cidade que eu não conheça, eu a levarei lá de graça.

Satisfeita, Marissa ajeitou-se no assento e deixou que o homem a conduzisse. Quinze minutos mais tarde, eles pararam em frente a um edifício de escritórios, cinzento, meio moderno, localizado numa parte suja do centro de Washington. Um guarda uniformizado deu pouca atenção a Marissa, apenas a suficiente para lhe dizer que tinha que se registrar antes de entrar. Sem muita certeza acerca de qual departamento queria, Marissa acabou por ir até um escritório no

primeiro andar. Quatro mulheres estavam batendo à máquina, ativamente, atrás de mesas de metal cinza.

Quando Marissa se aproximou, uma olhou para ela e perguntou-lhe se podia ser de alguma ajuda.

— Talvez — disse Marissa, com um sorriso. — Estou interessada nas finanças da campanha de um senador. Pelo que sei, isto faz parte dos registros públicos, não é?

— Faz sim — concordou a mulher, levantando-se. — Está interessada em contribuições ou em desembolsos?

— Contribuições, acho — disse Marissa, encolhendo os ombros. A mulher lançou-lhe um olhar zombeteiro.

— Qual é o nome do senador?

— Markham — disse Marissa. — Calvin Markharn.

A mulher andou até uma mesa redonda, coberta de livros pretos de folhas soltas. Ela achou o adequado e abriu-o na letra M, explicando que os números que acompanhavam o nome do senador referiam-se aos cassetes de microfilme correspondentes. Depois ela conduziu Marissa até uma enorme prateleira de cassetes, apanhou o que interessava e o colocou no projetor de microfilme.

— Em qual eleição está interessada? — perguntou a mulher, pronta para digitar os números do documento.

— Na última, eu acho.

Marissa ainda não sabia bem o que estava procurando. Queria apenas algum modo de relacionar Markham com Dubchek ou com o CCD.

A máquina deu sinal de vida, com documentos sendo projetados tão rápido na tela, que apareciam como um borrão contínuo. Então a mulher apertou um botão e mostrou a Marissa como regular a velocidade.

— Custa cinco centavos a cópia, caso queira alguma. Coloca-se o dinheiro aqui. — Ela apontou para uma ranhura, onde se colocavam as moedas. — Se tiver algum problema, é só gritar.

Marissa estava intrigada com o aparato, bem como com a informação disponível. Enquanto revia os nomes e endereços de todos os que haviam contribuído para os consideráveis cofres de reeleição de Markham, Marissa notou que ele obtivera apoio financeiro em escala nacional, não apenas de sua jurisdição no Texas. Ela não achava que isto fosse comum, exceto talvez com relação ao presidente da Assembleia Legislativa ou ao diretor do Departamento de Recursos da Assembleia Legislativa. Também reparou que a grande maioria dos doadores era de médicos, o que fazia sentido, à luz dos antecedentes de Markham relativos à legislação na área de saúde.

Os nomes estavam dispostos em ordem alfabética e, embora tenha procurado minuciosamente em toda a letra D, não conseguiu achar o nome de Dubchek. Havia sido mesmo uma ideia muito louca, pensou. Onde Cyrill conseguiria o dinheiro para influenciar um senador tão poderoso? Ele poderia ter alguma influência sobre Markham, mas não na área financeira. Marissa riu. E pensar que ela havia considerado Tad ingênuo!

Mesmo assim, fez uma cópia de todos os contribuintes, decidindo que repassaria a lista com calma. Ela notou que um médico com seis filhos havia doado a quantia máxima permitida, por ele e por cada um dos membros de sua família. Isto é que era apoio! No final da relação de contribuintes individuais, havia uma lista dos colaboradores coletivos. Um chamava-se Comitê de Ação Política Physicians' Action Congress, e havia doado mais dinheiro do que qualquer companhia de petróleo do Texas. Voltando à eleição anterior, Marissa encontrou o mesmo grupo. Evidentemente, tratava-se de uma organização sólida, e que tinha Markham em elevada estima.

Após agradecer à mulher a ajuda, Marissa saiu e chamou um táxi. Enquanto o táxi seguia lentamente através do trânsito vagaroso da hora do rush, ela deu mais uma olhada na lista de nomes

individuais. De repente, quase deixou as folhas caírem. O nome do dr. Ralph Hempston saltava do centro da página. Era uma coincidência, com certeza, e fez com que ela sentisse como esse mundo era pequeno. Mas, pensando bem, não estava tão surpresa assim. Uma das coisas que sempre a haviam preocupado, em relação a Ralph, fora seu conservadorismo. Era bem do seu feitio apoiar um senador como Markham.

Eram cinco e meia quando Marissa atravessou o agradável saguão do hotel em que se hospedara. Ao passar pela pequena banca de jornais, viu a manchete do *Washington Post*: EBOLA ATACA NOVAMENTE.

Como ferro reagindo a um ímã, Marissa foi atraída da sala até a banca, onde agarrou um jornal e leu o subtítulo: "NOVO FLAGELO ATERRORIZA A CIDADE DO AMOR FRATERNAL".

Catando trocado no fundo da bolsa para pagar o jornal, continuou a ler, enquanto se encaminhava para os elevadores. Havia três casos presumíveis de Ebola no Hospital das Clínicas Berson, em Abington, Pensilvânia, nas vizinhanças de Filadélfia. O artigo descrevia pânico generalizado na cidade.

Enquanto apertava o botão do seu andar, Marissa viu que Dubchek estava sendo citado como tendo declarado que acreditava que a epidemia seria rapidamente contida e que não havia necessidade de preocupação, pois o CCD aprendera muito sobre o controle do vírus, com as três epidemias anteriores.

Peter Carbo, um dos líderes do movimento Direitos dos Gays de Filadélfia, era citado como tendo declarado que esperava que as autoridades tivessem notado que não havia notícias de um único homossexual que houvesse contraído esta nova e bem mais perigosa doença, que viera da mesma parte da África que a AIDS.

De volta a seu quarto, Marissa virou a página para uma seção interna de fotografias. A imagem de uma barricada da polícia à entrada do Hospital Berson fez com que ela se lembrasse de Phoenix.

Terminou de ler o artigo e colocou o jornal sobre a cômoda, olhando-se no espelho. Embora estivesse de férias e oficialmente fora do caso Ebola, sabia que tinha que conseguir os detalhes de primeira mão. Seu envolvimento com o problema do Ebola a deixou com pouca escolha. Ela racionalizou sua decisão, principiando por dizer a si mesma que Filadélfia era praticamente vizinha a Washington; poderia ir até de trem. Virando-se do espelho para o quarto, Marissa começou a reunir seus pertences.

Deixando a estação em Filadélfia, Marissa pegou um táxi para Abington, o que acabou sendo um passeio bem mais caro do que ela previra. Por sorte, possuía alguns cheques de viagem escondidos na carteira, e o motorista teve boa vontade em aceitá-los. Do lado de fora do Hospital Berson, deparou com a barricada policial mostrada no jornal. Antes de fazer alguma tentativa no sentido de transpô-la, perguntou a um repórter se o hospital estava sob quarentena.

O repórter, que estivera tentando entrevistar um médico que havia acabado de passar apressado, disse que não, e que a polícia estava lá para o caso de ainda acabar sendo ordenada mesmo uma quarentena. Marissa mostrou rapidamente seu cartão de identidade do CCD a um dos guardas, que a deixou passar sem perguntas.

O hospital era uma construção bonita e nova, muito parecida com os locais onde haviam ocorrido as epidemias de Ebola em Los Angeles e Phoenix. Enquanto se dirigia para o balcão de informações, Marissa se perguntava por que o vírus parecia atingir estas estruturas novas e elegantes, em vez de os hospitais sujos do interior da cidade, em Nova York ou Boston.

Havia muitas pessoas circulando pelo vestíbulo, mas nada parecido com o caos que ela presenciara em Phoenix. As pessoas pareciam ansiosas, mas não aterrorizadas. O homem do balcão de informações disse que os casos estavam na unidade de isolamento do hospital, no sexto andar. Marissa já ia em direção aos elevadores quando o homem gritou:

— Sinto muito, mas não são permitidas visitas!

Ela mostrou de novo, bem rápido, seu cartão do CCD.

— Desculpe, doutora... Pegue o último elevador. É o único que vai até o sexto.

Quando Marissa saiu do elevador, uma enfermeira pediu-lhe para vestir imediatamente a roupa protetora. Ela não fez perguntas a Marissa, como, por exemplo, por que estava ali. Marissa sentia-se particularmente feliz em colocar a máscara, que lhe dava ao mesmo tempo anonimato e proteção.

— Com licença... Há algum médico do CCD livre? — perguntou, assustando as duas mulheres que estavam cochilando atrás do posto de enfermagem.

— Desculpe... não a ouvimos chegar — disse a mais velha das duas.

— O pessoal do CCD saiu há cerca de uma hora — falou a outra.

— Acho que disseram que iam até lá embaixo, ao escritório do administrador. Podia tentar lá.

— Não importa — disse Marissa. — Como estão os três pacientes?

— São sete agora — disse a primeira mulher, que em seguida pedia a Marissa para identificar-se.

— Sou do CCD — disse ela, não dando seu nome, propositadamente. — E vocês?

— Infelizmente, somos as enfermeiras de dia. Normalmente trabalhamos nesta unidade, mas estamos acostumadas a isolar pacientes com baixa resistência a doenças, não casos de doença contagiosa fatal. Sentimo-nos felizes por vocês estarem aqui.

— É realmente um pouco assustador, a princípio — compadeceu-se Marissa, ao entrar, ousadamente, no posto de enfermagem. — Mas, caso sirva de conforto, eu estive envolvida com as três epidemias anteriores e não passei por qualquer tipo de problema.

Marissa não admitia isto perante seu próprio medo. — Os prontuários estão aqui ou nos quartos?

— Aqui — disse a enfermeira mais velha, apontando para uma prateleira no canto.

— Como estão indo os pacientes?

— Pessimamente. Eu sei que isto não parece muito profissional, mas nunca vi pessoas tão doentes. Tomamos todas as precauções, mantendo-os aos cuidados de enfermeiras especializadas durante as 24 horas do dia, mas, a despeito do que quer que tentemos, eles continuam piorando.

Marissa entendia bem a frustração da enfermeira. Pacientes terminais geralmente deprimem o corpo médico.

— Alguma de vocês sabe qual o paciente que deu entrada primeiro?

A enfermeira mais velha veio até onde Marissa estava sentada e espalhou os prontuários de forma barulhenta, antes de pegar um e entregá-lo a Marissa.

— O dr. Alexi foi o primeiro. E estou surpresa de que ele ainda esteja resistindo.

Marissa abriu o prontuário. Lá estavam todos os sintomas familiares, mas nenhuma referência a viagens ao exterior, experiências com animais ou contato com qualquer uma das três epidemias anteriores. Mas ela ficou sabendo que o dr. Alexi era o chefe da oftalmologia! Marissa estava estupefata; afinal de contas, será que Dubchek tinha razão?

Sem saber ao certo por quanto tempo ousaria permanecer ali naquela unidade, Marissa optou por ver o paciente de imediato. Vestindo mais uma camada de roupa protetora, incluindo óculos especiais descartáveis, ela entrou no quarto.

— O dr. Alexi está consciente? — perguntou à enfermeira de serviço, cujo nome era Marie.

O homem estava deitado de costas, em silêncio, a boca aberta, o olhar fixo no teto. Sua pele já apresentava aquela coloração amarelada e textura macilenta, que Marissa aprendera a associar com a proximidade da morte.

— Às vezes sim, às vezes não — disse a enfermeira. — Em um instante ele está falando, no instante seguinte não apresenta a menor reação. Sua pressão sanguínea vem caindo novamente. Disseram-me que ele é um "sem classificação".

Marissa engoliu em seco, nervosa. Ela sempre se sentia mal, com a ordem de não ressuscitar.

— Dr. Alexi — chamou Marissa, tocando, com cuidado, o braço do homem.

Vagarosamente, ele virou a cabeça para olhá-la. Ela notou uma grande contusão, sob o olho direito.

— O senhor pode me ouvir, dr. Alexi?

O homem fez que sim.

— O senhor esteve na África, recentemente?

O dr. Alexi balançou a cabeça, negando. — O senhor compareceu a uma conferência de cirurgia de pálpebra em San Diego, há alguns meses?

O homem balbuciou a palavra "sim".

Talvez Dubchek estivesse realmente certo. Era muita coincidência: a vítima inicial de cada epidemia era um oftalmologista que havia comparecido àquele congresso em San Diego.

— Dr. Alexi — começou Marissa, escolhendo cuidadosamente as palavras —, o senhor possui amigos em Los Angeles, St. Louis ou Phoenix? Esteve com eles recentemente?

Mas antes que ela tivesse terminado, ele voltara ao estado de inconsciência.

— É assim que ele tem se comportado — disse a enfermeira, dirigindo-se ao outro lado da cama, para fazer mais uma leitura da

pressão sanguínea.

Marissa hesitou. Talvez devesse esperar um pouco e tentar interrogá-lo novamente. Sua atenção voltou à contusão sob o olho do homem, e ela perguntou à enfermeira se sabia como ele a conseguira.

— Sua esposa me contou que ele foi assaltado — disse a enfermeira. Depois acrescentou: — Sua pressão sanguínea está ainda mais baixa. — Ela balançou a cabeça, com desânimo, ao tirar o estetoscópio.

— Ele foi assaltado um pouco antes de ficar doente? — perguntou Marissa, que desejava certificar-se de que ouvira corretamente.

— Sim. Acho que o assaltante o atingiu no rosto, mesmo ele não tendo oposto resistência.

Um interfone deu sinal de vida, com um som sibilante.

— Marie, há uma médica do CCD em seu quarto?

A enfermeira olhou do aparelho para Marissa, depois para o aparelho outra vez.

— Sim, há.

Através do barulho contínuo de estática, que indicava que a linha ainda estava aberta, Marissa pôde ouvir uma mulher dizendo:

— Ela está no quarto do dr. Alexi.

Uma outra voz disse:

— Não diga coisa alguma! Eu vou descer e falar com ela.

A pulsação de Marissa acelerou-se. Era Dubchek! Feito uma louca, ela olhou em volta, como se quisesse esconder-se. Pensou em perguntar à enfermeira se não havia outra saída, mas sabia que pareceria ridículo, e já era tarde demais. Ela podia ouvir passos no corredor.

Cyrill entrou, endireitando seus óculos protetores.

— Marie? — ele perguntou.

— Sim — disse a enfermeira.

Marissa disparou para a porta. Dubchek agarrou-a pelo braço. Marissa gelou. Era ridículo ter um confronto desta natureza na presença de um homem à morte. Ela estava apavorada com a reação de Dubchek, consciente do número de regras que havia, provavelmente, infringido. Ao mesmo tempo, ela estava chateada em ser forçada a cometer estas infrações.

— Que diabo você pensa que está fazendo? — grunhiu Dubchek. Ele não soltava o braço dela.

— Tenha algum respeito pelo paciente, já que não tem por mais ninguém — disse Marissa, finalmente libertando-se e saindo do quarto.

Dubchek estava bem atrás dela, que arrancou os óculos especiais, o gorro e a túnica, depois as luvas, e colocou-os todos no recipiente próprio. Dubchek fez o mesmo.

— Você está se especializando em burlar a autoridade? — ele perguntou, mal controlando sua fúria. — Toda esta situação não passa de um tipo de jogo, para você?

— Prefiro não falar sobre isto — disse Marissa.

Ela podia dizer que Dubchek, no momento, estava acima de qualquer discussão racional. Marissa partiu em direção aos elevadores.

— O que você quer dizer com "prefiro não falar sobre isto"? — esbravejou Dubchek. — Quem você pensa que é?

Ele agarrou o braço de Marissa outra vez e deu-lhe um puxão, para que ela o encarasse.

— Acho que devemos esperar até que você esteja um pouco menos transtornado. — Marissa conseguiu dizer, da maneira mais calma que podia.

— Transtornado? — explodiu Dubchek. — Escute aqui, mocinha, a primeira coisa que farei de manhã será telefonar para o dr. Morrison a fim de exigir que ele a faça tirar uma licença compulsória em vez de férias. Se ele recusar, vou exigir uma audiência formal.

— Por mim, está ótimo — disse Marissa, mantendo um débil controle. — Há algo de extraordinário sobre estas epidemias de Ebola, e acho que você não quer encará-lo. Talvez uma audiência formal seja do que estamos precisando.

— Saia daqui antes que eu a jogue lá fora! — retrucou Dubchek.

— Com prazer — disse Marissa.

Quando saiu do hospital, Marissa percebeu que estava tremendo. Ela detestava confrontos, e mais uma vez estava dividida entre uma raiva justa e uma humilhação culposa. Tinha certeza de que estava perto da verdadeira causa das epidemias, mas ainda não conseguia formular, claramente, suas suspeitas — nem para sua própria satisfação, quanto mais para a de qualquer outra pessoa.

Marissa tentou pensar sobre o assunto, no caminho para o aeroporto, mas a única coisa que lhe vinha à cabeça era a cena pavorosa com Dubchek. Não conseguia tirá-la do pensamento. Sabia que se arriscara ao entrar no Hospital Berson, uma vez que estava especificamente desautorizada a fazê-lo. Cyrill tinha todo o direito de estar enfurecido. Ela apenas gostaria de ter sido capaz de falar a ele sobre o estranho fato de cada um dos casos iniciais ter sofrido um assalto pouco antes de ficar doente.

Enquanto esperava seu avião de volta a Atlanta, Marissa foi até um telefone particular telefonar para Ralph. Ele atendeu prontamente, dizendo que estivera tão preocupado com Marissa, que havia ido até a casa dela, quando não atendera aos chamados telefônicos. Perguntou onde Marissa tinha andado, fingindo estar indignado por ela ter deixado a cidade sem dizer-lhe.

— Washington e agora Filadélfia — explicou Marissa. — Mas estou a caminho de casa.

— Você foi até Filadélfia por causa da nova epidemia de Ebola?

— Sim — disse Marissa. — Muita coisa aconteceu desde a última vez em que conversamos. É uma longa história, mas a manchete principal é que eu não deveria ter ido lá, e quando Dubchek me

flagrou, ficou louco. Eu talvez tenha perdido meu emprego. Você conhece alguém que possa empregar uma pediatra?

— Sem problemas — disse Ralph. — Eu poderia arranjar-lhe um emprego bem aqui no Hospital Universitário. Qual é o número de seu voo? Vou apanhá-la no aeroporto. Gostaria de ouvir sobre o que foi tão importante, a ponto de fazê-la viajar sem ao menos me dizer que estava partindo.

— Obrigada, mas não é necessário — disse Marissa. — Meu Honda está à minha espera.

— Então dê uma parada aqui, no caminho para casa.

— Pode ser tarde — disse Marissa, pensando que deveria estar mais agradável na casa de Ralph do que em sua própria casa, tão vazia. — Estou planejando parar no CCD. Há uma coisa que gostaria de fazer enquanto Dubchek está fora da cidade.

— Não está me parecendo uma boa ideia — disse Ralph. — O que você tem em mente?

— Acredite-me, nada demais — disse Marissa. — Apenas quero fazer mais uma visitinha ao laboratório de máxima restrição.

— Pensei que você não tivesse autorização.

— Posso dar um jeito nisto... eu acho — disse ela.

— Meu conselho é que você fique longe do CCD — disse Ralph. — Visitar aquele laboratório foi, a princípio, a causa da maioria de seus problemas.

— Eu sei — admitiu Marissa. — Mas eu vou assim mesmo. Este caso do Ebola está me deixando louca.

— Faça o que achar melhor, mas passe por aqui depois. Estarei acordado até tarde.

— Ralph — disse Marissa, reunindo coragem para formular a pergunta. — Você conhece o senador Markham?

Houve uma pausa.

— Já ouvi falar dele.

— Você alguma vez já contribuiu para os fundos de sua campanha?

— Que pergunta estranha... Principalmente para uma chamada interurbana...

— Já? — persistiu Marissa.

— Sim — disse Ralph. — Diversas vezes. Gosto da sua posição no que se refere a vários assuntos médicos.

Depois de prometer-lhe outra vez que o veria naquela noite, Marissa desligou, sentindo-se aliviada. Estava contente por ter levantado o assunto referente a Markham, e mais feliz ainda por Ralph ter sido tão franco sobre suas contribuições.

Contudo, tão logo o avião decolou, a sensação de desconforto voltou. A teoria, ainda não desenvolvida, que estava lá no fundo da mente de Marissa era tão aterradora, que ela tinha medo de tentar levá-la adiante.

Mais horripilante ainda é que ela estava começando a imaginar que o arrombamento de sua casa e a morte de seu cachorro haviam sido algo mais do que o ataque casual que ela imaginara.

20 de maio — Noite

Marissa deixou o aeroporto e foi direto para a casa de Tad. Não havia telefonado, achando que seria melhor chegar de surpresa, muito embora já fossem quase nove horas.

Ela estacionou em frente à casa dele, contente em ver luzes acesas na sala de estar.

— Marissa — disse Tad abrindo a porta da frente com uma publicação de medicina na mão. — O que você faz por aqui?

— Gostaria de falar com o homem da casa — disse Marissa. — Estou fazendo uma pesquisa doméstica sobre as preferências relativas a manteiga de amendoim.

— Você está brincando.

— Claro que estou brincando! — disse Marissa, com irritação. — Vai me convidar a entrar ou vamos passar a noite parados aqui?

Este novo comportamento tão decidido de Marissa surpreendia até mesmo a ela própria.

— Desculpe — disse Tad, chegando para o lado. — Entre.

Ele havia deixado a porta do apartamento aberta, então Marissa entrou na frente dele. Dando uma olhada na prateleira do vestíbulo, ela viu que o seu cartão de acesso ao laboratório estava lá.

— Telefonei para você o dia todo — disse Tad. — Onde esteve?

— Fora disse Marissa, vagamente. — Foi mais um dia muito interessante.

— Contaram-me que você tinha sido transferida de Patogenias Especiais — disse Tad. — Depois ouvi um boato de que estava de férias. O que está acontecendo?

— Quem me dera saber — disse Marissa, atirando-se no fundo do sofá de Tad. O gato dele materializou-se, vindo não se sabe de onde, e pulou no colo de Marissa. — O que você sabe sobre Filadélfia? É Ebola?

— Temo que sim — disse Tad, sentando-se a seu lado. — A chamada chegou no domingo. Recebi amostras esta manhã e estão carregadas com o vírus.

— É a mesma linhagem?

— Não vou saber isso, por enquanto — disse Tad.

— Você ainda acha que a origem de tudo é aquele congresso oftalmológico em San Diego?

— Não sei — disse Tad, com um pouco de rispidez na voz. — Sou um virologista, não um epidemiologista.

— Não fique zangado — disse Marissa. — Mas você não precisa ser um epidemiologista para reconhecer que algo estranho está acontecendo. Faz alguma ideia da causa da minha transferência?

— Eu pensei que Dubchek a houvesse pedido.

— Não — disse Marissa. — Foi um senador do Texas, chamado Markham. Telefonou ao dr. Morrison diretamente. Ele ocupa uma cadeira no comitê de verbas orçamentárias que decide sobre a verba do CCD, assim Morrison tinha que concordar. Mas isto é bastante misterioso, não é? Quero dizer, eu sou apenas uma funcionária do SIE.

— Acho que é — concordou Tad, que estava ficando cada vez mais nervoso.

Marissa aproximou-se e colocou a mão sobre seu ombro.

— Qual é o problema, Tad?

— Tudo isto me preocupa. Eu gosto de você, Marissa. Mas problemas parecem estar sempre acompanhando você, e eu não quero ser envolvido em tudo isto. Acontece que gosto do meu trabalho.

— Eu não quero envolver você, mas preciso de sua ajuda, apenas uma vez mais. Foi por isso que vim até aqui tão tarde.

Tad afastou a mão dela.

— Por favor, não me peça para infringir mais regulamento algum.

— Eu tenho que voltar ao laboratório de máxima restrição — disse Marissa. Apenas por alguns minutos.

— Não! — disse Tad decidido. — Eu simplesmente não posso correr o risco. Sinto muito.

— Dubchek está fora da cidade — disse Marissa. — Não haverá ninguém lá, a esta hora.

— Não — disse Tad. — Eu não vou fazer isto.

Marissa viu que ele estava inflexível, e disse:

— Está bem. Eu compreendo.

— É mesmo? — Tad estava surpreso por ela ter desistido tão facilmente.

— Compreendo, sim. Mas, se você não pode me levar até o laboratório, ao menos podia me arranjar algo para beber.

— Claro — disse Tad, ansioso por agradecer. — Cerveja? Vinho branco? O que você prefere?

— Uma cerveja estaria ótimo — disse Marissa.

Tad desapareceu cozinha adentro. Quando ela ouviu o barulho da geladeira se abrindo, levantou-se e foi, na ponta dos pés, até a porta da frente. Olhando para a prateleira, ficou contente em ver que Tad possuía dois cartões de acesso. Talvez ele nem notasse que ela havia tomado um emprestado, pensou consigo mesma, enquanto enfiava um deles no bolso do casaco. Ela estava de volta à poltrona antes que Tad retornasse com as cervejas.

Tad entregou a Marissa uma garrafa de Rolling Rock, ficando com outra para ele. Também arranjara um saco de batatas fritas, que abriu e colocou sobre a mesa do café. Para animá-lo, Marissa perguntou sobre sua mais recente pesquisa, mas, era óbvio que ela não estava prestando a menor atenção no que ele estava falando.

— Você não gosta de Rolling Rock? — perguntou Tad, notando que ela mal havia tocado a cerveja.

— Está ótima — disse Marissa, bocejando. — É que acho que estou com mais cansaço do que sede. Suponho que já é hora de ir andando...

— Você é bem-vinda para passar a noite — disse Tad.

Marissa colocou-se de pé.

— Obrigada, mas eu realmente devo ir para casa.

— Sinto muito sobre o laboratório — disse Tad, inclinando-se para beijá-la.

— Eu compreendo — disse Marissa, dirigindo-se para fora antes que ele pusesse os braços à sua volta.

Tad esperou até ouvir a porta externa fechar, antes de voltar para dentro de seu apartamento. Por um lado, ele estava feliz por ter tido o bom senso de resistir à manipulação dela. Por outro, sentia-se péssimo por tê-la desapontado.

De onde estava, Tad olhava diretamente para a prateleira onde deixara seu cartão de acesso e as chaves. Ainda pensando em Marissa, ele se deu conta que um de seus cartões de acesso havia sumido. Ele procurou, cuidadosamente, no meio de toda aquela sucata que retirou dos bolsos, e depois verificou na prateleira de cima e na de baixo. O cartão sobressalente se fora.

— Droga! — disse Tad.

Deveria ter esperado algum tipo de truque, quando ela desistira tão facilmente. Abrindo a porta, correu escada abaixo, até a calçada, na esperança de alcançar Marissa, mas a rua estava deserta. Não

havia sequer um sopro de ar na noite úmida. As folhas das árvores estavam imóveis.

Tad voltou ao seu apartamento, tentando decidir o que fazer. Olhou as horas, depois foi até o telefone. Gostava de Marissa, mas ela havia ido longe demais. Ele pegou o fone e começou a discar.

Enquanto dirigia seu carro até o Centro, Marissa torcia para que Dubchek não tivesse avisado aos guardas que ela não trabalhava mais na virologia. Mas quando mostrou rapidamente seu cartão de identidade, o guarda de serviço apenas sorriu e disse:

— Trabalhando tarde outra vez?

Até agora, tudo bem; mas, como precaução, Marissa foi primeiro até o seu próprio escritório, para o caso de o homem decidir segui-la. Acendeu a luz e sentou-se atrás de sua mesa de trabalho, aguardando, mas não ouviu passos no corredor.

Havia algumas cartas sobre o seu livro de ocorrências: duas propagandas de laboratórios farmacêuticos e uma terceira de Engenharia de Laboratórios, de South Bend. Marissa abriu a terceira. Um vendedor lhe agradecia a consulta relativa às suas coifas restritoras tipo 3 HEPA, e continuava dizendo que tal equipamento só era fabricado a pedido do cliente. Caso ela estivesse interessada, deveria contratar uma firma de arquitetura especializada em construções para a área da saúde. Finalizava respondendo à pergunta que havia motivado sua carta: a firma Engenharia de Laboratórios havia construído apenas um sistema no último ano, e fora para uma instituição chamada Professional Labs, de Grayson, Geórgia.

Marissa olhou para um mapa dos Estados Unidos, que o ocupante anterior de seu escritório havia deixado pendurado e que ela nunca havia se preocupado em retirar. Examinando o Estado da Geórgia, tentava achar Grayson. Não encontrou. Procurou em suas gavetas, com a impressão de que tinha um mapa rodoviário da Geórgia por ali, em algum lugar. Finalmente achou-o em seu

arquivo. Grayson era uma cidadezinha algumas horas a leste de Atlanta. Que diabos estariam fazendo com uma coifa restritora tipo 3 HEPA?

Após guardar o mapa rodoviário de volta no arquivo e a carta em seu bolso, Marissa deu uma olhada no corredor. Achava-se tranquilo e o elevador ainda estava em seu andar, não fora utilizado. Ela resolveu que essa era a hora certa para agir.

Usando a escada para descer um andar, Marissa deixou o prédio principal e atravessou, pela passagem de ferro, até o prédio da Virologia. Sentiu-se contente em não ver qualquer luz acesa em nenhum dos escritórios. Quando passou pela porta de Dubchek, ela mostrou a língua. Era infantil, mas gratificante. Dobrando o corredor, deparou com a porta de segurança impermeável ao ar. Involuntariamente, suspendeu a respiração ao inserir o cartão de Tad e digitar o número de acesso: 43-23-39. Houve um dique mecânico ressonante e a pesada porta abriu-se. Marissa foi surpreendida por uma lufada do familiar desinfetante fenólico.

Sentiu seu pulso acelerar-se. Ao cruzar a soleira, teve a sensação desagradável de estar entrando numa casa dos horrores. O espaço cavernoso, de dois andares, fracamente iluminado, ocupado por um emaranhado de tubos e suas respectivas sombras, dava a impressão de uma gigantesca teia de aranha.

Da mesma forma que vira Tad fazer, em suas duas visitas anteriores, Marissa abriu o pequeno armário que ficava perto da entrada e ligou as chaves, acendendo as luzes e ativando os compressores e o equipamento de ventilação. O ruído das máquinas era bem mais alto do que recordava-se, enviando vibrações através do chão.

Sozinha, o laboratório futurista era bem mais intimidador do que Marissa lembrava-se. Precisou reunir toda a sua coragem para continuar, sabendo, além disso, que estava violando regras, uma vez

que já se achava sob suspeita. A cada segundo, temia que alguém a descobrisse.

Com as palmas das mãos suando, agarrou a roda que abria a porta estanque, dando passagem para o vestiário, e tentou girá-la. A roda nem se mexeu. Finalmente, usando de toda a sua força, conseguiu girá-la. O lacre da porta se rompeu, com um ruído sibilante, e a porta se abriu para fora. Ela entrou, ouvindo a porta fechar-se atrás de si, com um baque sinistro.

Sentiu seus ouvidos estalando, enquanto se metia em uma série de roupas usadas. A segunda porta abriu-se mais facilmente, mas, quanto menos problemas ela encontrava, mais se preocupava com os riscos reais que estava correndo.

Localizando um pequeno macacão plástico de isolamento, entre os vinte ou mais que estavam dependurados na câmara, Marissa achou bem mais difícil entrar nele sem a ajuda de Tad. Ela estava suando, quando conseguiu fechá-lo com o zíper.

No painel de controle, acendeu apenas as luzes do laboratório principal, o resto era desnecessário. Ela não tinha a intenção de visitar a área dos animais. Então, carregando sua mangueira de ar, atravessou a câmara de desinfecção e passou pela última porta estanque, chegando à parte principal do laboratório.

Sua primeira tarefa era prender-se a um conector múltiplo adequadamente posicionado e deixar o ar fresco desanuviar sua máscara. Ela acolheu de bom grado o som sibilante. Sem ele, o silêncio teria sido sufocante. Orientando-se em relação a todo o equipamento de alta tecnologia, ela reconheceu o freezer. Já arrependida por não ter acendido todas as luzes. As sombras, lá no final do laboratório, criavam um sinistro pano de fundo para os vírus mortais, aumentando o medo de Marissa.

Mantendo as pernas bem afastadas a fim de acomodar o desajeitado macacão de isolamento, Marissa dirigiu-se para o freezer, novamente admirando-se de que, com todo o resto do

equipamento tão moderno, eles tivessem optado por um utensílio doméstico comum.

Sua presença no laboratório de máxima restrição era tão descabida quanto uma velha máquina de somar numa convenção de computadores.

A alguns passos do freezer, Marissa parou, olhando a porta de isolamento lacrada, à sua esquerda. Depois de ficar sabendo que os vírus não eram guardados atrás dela, Marissa tentara adivinhar o que, afinal, a porta protegia. Nervosa, ela a alcançou e destravou o ferrolho.

Uma nuvem de fumaça desprendeuse, quando ela abriu a porta e entrou. Por um instante, sentiu como se tivesse entrado em uma nuvem congelante. Então a pesada porta fechou de encontro à sua mangueira de ar, mergulhando-a na escuridão.

Quando seus olhos se acostumaram, ela reconheceu o que esperava que fosse um interruptor de luz e o apertou. Umas luzes no teto acenderam-se, deixando ver um termômetro ao lado do interruptor. Marcava 51 graus centígrados negativos.

— Meu Deus! — exclamou Marissa, compreendendo a origem da fumaça: assim que o ar, à temperatura ambiente, entrara em contato com um frio tão intenso, a unidade que havia nele transformara-se em gelo.

Virando-se, Marissa moveu-se mais para o interior da sala. Quase que imediatamente, uma figura macabra tornou-se visível. Ela gritou, o som de seu grito ecoando horrivelmente dentro do macacão. A princípio, pensou que estivesse vendo fantasmas. Depois descobriu que, mais tenebroso ainda, estava encarando uma fileira de cadáveres, congelados e nus, apenas parcialmente visíveis através da envolvente névoa. A princípio, pensou que eles estivessem sustentando-se sozinhos, de pé, dispostos em fila, mas acabou por descobrir que estavam pendurados como os cadáveres de um curso de anatomia — com dispositivos tipo paquímetro

transpassados pelos canais auriculares. Aproximando-se um pouco mais, Marissa reconheceu o primeiro corpo. Por um instante pensou que fosse desmaiar: era o médico indiano que ela examinara em Phoenix, seu rosto congelado em uma agonizante máscara de morte.

Havia, pelo menos, meia dúzia de corpos. Marissa não contou. À direita, ela viu carcaças de macacos e ratos, congelados em posições igualmente grotescas. Embora pudesse compreender que este tipo de congelamento fosse, provavelmente, necessário para o estudo dos vírus de espécimes de grande porte, ela estava totalmente despreparada para tal visão. Não era de admirar que Tad a tivesse desencorajado de entrar.

Marissa saiu da sala, de costas, desligando a luz e fechando e aferrolhando a porta. Ela tremia, tanto devido à aversão como a um calafrio verdadeiro.

Punida pela sua curiosidade, Marissa voltou a atenção para o freezer. Apesar da falta de jeito causada pelo macacão plástico e pela sua própria tremedeira, ela manipulou a combinação do cadeado de bicicleta e o retirou com relativa facilidade. A corrente era outra história. Estava atada com nós e ela teve que lutar para conseguir retirá-la. Demorou mais tempo do que gostaria, mas finalmente soltou-se, e ela ergueu a tampa.

Esfregando a camada de gelo da parte interna da tampa, Marissa tentou decifrar o código de classificação. Os vírus estavam em ordem alfabética. "Ebola, Zaire 76" vinha seguido por "97, E11-E48, FI-F12". Marissa achava que o primeiro número referia-se à bandeja apropriada e que as letras e números subsequentes localizavam o vírus dentro da bandeja. Cada bandeja continha, pelo menos, mil amostras, o que significava que havia cinquenta frascos individuais da linhagem do Zaire 76.

Com o máximo de cuidado possível, Marissa ergueu a bandeja 97 e a colocou sobre um balcão próximo, enquanto examinava as aberturas. Cada uma estava ocupada com um pequeno frasco de

tampa preta. Marissa sentia-se não só aliviada, mas também desapontada. Ela localizou a linhagem Zaire 76 e ergueu a amostra E11. A pequenina bola congelada que estava lá dentro parecia inócua, mas Marissa sabia que ali estavam contidos milhões de pequeninos vírus, cada um ou dois dos quais, quando descongelados, eram capazes de matar um ser humano.

Recolocando o frasco de volta na abertura, Marissa ergueu o seguinte, verificando se a bola de gelo parecia intacta. Ela continuou neste processo sem ver coisa alguma suspeita, até que, finalmente, chegou ao frasco E39. O frasco estava vazio!

Rapidamente, Marissa percorreu o resto das amostras: todas estavam como deveriam estar. Ela segurou o frasco E39 contra a luz, forçando a vista através da máscara facial para certificar-se de que não estava cometendo um erro. Não restava, porém, a menor dúvida: efetivamente, nada havia naquele frasco. Embora um dos cientistas pudesse ter colocado uma amostra em local errado, Marissa não conseguia lembrar de qualquer justificativa para que um frasco estivesse vazio. Todos os seus temores inarticulados, quanto às epidemias terem se originado na má utilização, acidental ou até mesmo deliberada, de um frasco do CCD contendo um vírus africano, pareciam estar confirmados.

Um movimento repentino chamou a atenção de Marissa. A roda da porta que dava para a câmara de desinfecção estava girando! Alguém vinha entrando!

Marissa foi acometida por um pânico paralisante. Por um instante, permaneceu apenas olhando, impotente. Quando conseguiu recuperar-se o suficiente para mover-se, repôs o frasco vazio de volta na bandeja, recolocou-a no freezer e fechou a tampa. Pensou em correr, mas não havia para onde ir. Talvez pudesse se esconder. Olhou na direção da parte escura, perto das gaiolas dos animais. Mas não havia mais tempo. Ouviu o lacre da porta abrir-se e duas pessoas entraram no laboratório, vestidas anonimamente,

com macacões plásticos de isolamento. O menor dos dois parecia familiarizado com o laboratório, mostrando a seu companheiro maior onde este deveria encaixar sua mangueira de ar.

Aterrorizada, Marissa permaneceu onde estava. Ainda havia a débil possibilidade de eles serem cientistas do CCD, verificando alguma experiência em andamento. Esta esperança desapareceu rapidamente quando ela percebeu que estavam vindo direto em sua direção. Foi aí que Marissa notou que o indivíduo menor estava segurando uma seringa. Os olhos deste piscaram para o companheiro, que se moveu para a frente com certa dificuldade, o cotovelo parado em um estranho ângulo, reavivando uma lembrança desagradável.

Marissa tentou ver-lhes o rosto, mas o reflexo das viseiras tornou isto impossível.

— Blumenthal? — perguntou o menor dos dois com uma voz masculina e áspera.

Ele avançou rudemente e virou a máscara de Marissa contra a luz. Aparentemente a reconheceu, porque fez um sinal afirmativo para o companheiro, que tentou abrir o zíper do macacão de Marissa.

— Não! — gritou ela.

Entendera que esses dois homens não eram da segurança. Estavam prestes a atacá-la, da mesma forma como fora atacada em casa. Desesperada, ela arrancou o cadeado de bicicleta do freezer e o arremessou. A confusão deu a Marissa tempo suficiente apenas para desencaixar sua mangueira de ar e correr em direção à área dos animais.

O homem maior estava atrás dela em menos de um segundo, mas quando ele já ia agarrá-la, foi puxado abruptamente por sua própria mangueira de ar, como um cachorro na coleira.

Marissa se moveu, o mais rápido que pôde, para os corredores escuros, entre as gaiolas empilhadas dos animais, ouvindo a

balbúrdia de macacos, ratos, galinhas e Deus sabe o quê. Sem saída, nos confins do laboratório, ela estava desesperada. Esperando ganhar tempo, ela começou a abrir as gaiolas dos macacos. Imediatamente, os animais que não estavam muito doentes para se mover escaparam. Logo a respiração de Marissa começou a ficar difícil.

Encontrando um conector múltiplo de ar, o que não foi fácil na escuridão, ela encaixou sua mangueira, bendizendo a lufada de ar frio e seco. Era evidente que o homem maior não estava habituado ao laboratório, mas Marissa, na verdade, não via como este fato lhe daria alguma vantagem. Ela passou por entre as fileiras de gaiolas e foi para onde pudesse ver a parte principal do laboratório. Com a silhueta delineada contra a luz, o grandalhão estava se movendo em sua direção. Ela não tinha a menor ideia se ele podia vê-la ou não, mas permaneceu imóvel, solicitando mentalmente que o homem seguisse por um outro corredor. Mas ele estava inabalável e caminhava direto na direção dela. Os cabelos da nuca de Marissa ficaram em pé.

Levantando-se, ela desencaixou sua mangueira de ar e tentou chegar até a outra ponta da fileira de gaiolas. Antes que conseguisse, foi agarrada pelo braço esquerdo.

Marissa olhou para o rosto do homem. Tudo que conseguiu ver foi o leve brilho de sua viseira. A força do aperto tornava qualquer resistência inútil, mas sobre os ombros do sujeito ela vislumbrou uma alavanca vermelha onde se lia: SÓ UTILIZE EM CASO DE EMERGÊNCIA.

Em desespero, Marissa alcançou a alavanca com a mão que estava livre e a puxou para baixo. Instantaneamente, soou um alarme e um súbito jato de desinfetante fenólico ensopou todo o laboratório, enviando nuvens de fumaça para o ar e reduzindo a visibilidade a zero. Surpreso, o homem soltou o braço de Marissa. Ela caiu no chão. Descobrimo que podia escorregar para debaixo da

fileira de gaiolas, engatinhou para longe do homem, com a esperança de que estivesse indo em direção do laboratório principal. Pôs-se de pé e encaminhou-se para a frente, às apalpadelas. O jato desinfetante, ao que parecia, iria continuar até que alguém recolocasse a alavanca na posição original. Sua respiração estava se tornando dolorosamente difícil. Ela precisava de ar fresco.

Algo pulou à sua frente e ela quase gritou. Mas era apenas um dos macacos, torturado pela atmosfera letal. O animal segurou-se nela por um instante, depois escorregou pelo seu ombro coberto por plástico e desapareceu.

Ofegante, Marissa alcançou os tubos e passou as mãos por eles. Tocando um conector múltiplo de ar, ela fez a conexão.

Por sobre o barulho do alarme, Marissa ouviu uma agitação no corredor ao lado, depois gritos abafados. Imaginou que seu perseguidor não conseguia achar um conector de ar.

Apostando que o segundo homem iria em auxílio do cúmplice, Marissa desencaixou sua própria mangueira de ar e moveu-se em direção à luz, com os braços esticados para a frente, como um cego. Logo a iluminação estava uniforme e ela achava que havia chegado à parte principal do laboratório. Caminhando em direção à parede, colidiu com o freezer, e recordou-se de ter visto um conector bem por cima dele. Fez a conexão e deu diversas respiradas rápidas. Então procurou o caminho até a porta. No instante em que a descobriu, soltou o lacre e empurrou-a, abrindo-a. Um minuto depois, estava na sala de desinfecção.

Como já havia sido ensopada com desinfetante fenólico, não esperou pelo banho habitual. Na sala seguinte, tirou o macacão com dificuldade, então correu até a sala do outro lado, onde inclinou as fechaduras, mantendo as roupas usadas em cima, contra a porta de pressão. Ela não pensava que aquilo evitaria que a porta fosse aberta, mas poderia atrasar um pouco seus perseguidores.

Enfiando-se de qualquer jeito em suas roupas comuns, desligou todas as chaves, mergulhando até mesmo os vestiários em completa escuridão, e desligou também o sistema de ventilação.

Uma vez do lado de fora do laboratório de máxima restrição, Marissa correu toda a extensão do prédio da virologia, atravessou a passagem de ferro e alcançou as escadas para o andar principal, descendo dois degraus de cada vez. Respirando fundo, tentou parecer relaxada quando passou pelo vestíbulo da frente. O guarda de segurança estava sentado à sua mesinha, à esquerda. Ele falava ao telefone, explicando a alguém que um alarme biológico havia disparado, não um alarme comum de segurança.

Mesmo duvidando que seus perseguidores solicitassem ajuda aos seguranças, depois de terem tentado matá-la, ela tremia violentamente enquanto assinava sua saída. Ouviu o guarda desligar, depois de explicar à pessoa com quem estava falando que as telefonistas se achavam ocupadas, à procura do chefe do departamento de virologia.

— Ei! — berrou o guarda, quando ela já se dirigia à porta.

O coração de Marissa subiu-lhe à boca. Por um instante pensou em fugir; estava a apenas alguns passos da porta da frente. Então ouviu o guarda dizer:

— A senhora esqueceu de colocar a hora.

Marissa recuou e, cumprindo sua obrigação, preencheu as lacunas. Um segundo depois, estava do lado de fora, correndo até seu carro.

Já se achava a meio caminho da casa de Ralph antes de conseguir parar de tremer e de pensar sobre sua terrível descoberta. A bola desaparecida do Ebola congelado não podia ter sido uma coincidência. Era da mesma linhagem de cada uma das últimas epidemias que haviam assolado o país. Alguém estava usando o vírus, e, quer intencionalmente, quer por acidente, a doença mortal

estava contagiando médicos e hospitais em diferentes áreas, em diferentes épocas.

A amostra sumida do frasco E39 era o misterioso depósito para as epidemias de Ebola nos Estados Unidos — esta era a única explicação que respondia às perguntas propostas pelos períodos de incubação aparentemente longos, e ao fato de que, embora o vírus tivesse tendência a mutações, todas as epidemias envolviam a mesma linhagem. E, o que era pior: alguém não queria que esta informação fosse divulgada. Tal era a razão para ela ter sido afastada da equipe do Ebola e para ter quase sido morta. A descoberta que a amedrontava mais era que somente alguém com acesso ao laboratório de máxima restrição — presumivelmente, alguém da equipe do CCD — podia tê-la achado lá. Marissa se maldisse por não ter tido a presença de espírito de olhar no livro de presenças diárias, quando assinara ao sair, e ver quem havia registrado entrada.

Ela já dobrara na rua de Ralph, ansiosa por lhe contar seus receios, quando chegou a conclusão de que não era justo envolvê-lo. Já havia tirado vantagem da amizade de Tad, e no dia seguinte, quando ele visse seu nome no livro de presenças, ela seria um pária completo. Seu único conforto era que os dois que a haviam atacado não lhe delatariam a presença no laboratório, já que, se o fizessem, seriam implicados na tentativa contra sua vida. Mesmo assim, quem lhe garantiria que os homens não inventariam uma mentira plausível sobre o que havia acontecido? Seria a palavra deles contra a dela, e no dia seguinte a palavra dela não significaria coisa alguma para o CCD. Disso Marissa estava certa. Por tudo que sabia, a polícia de Atlanta poderia estar à sua procura pela manhã.

Lembrando-se de que sua maleta ainda estava no porta-malas do carro, Marissa partiu para o motel mais próximo. Assim que chegou ao quarto que lhe foi designado, fez uma chamada para Ralph. Ele respondeu sonolento, no quinto toque.

— Fiquei acordado até quando aguentei — ele explicou. — Por que você não apareceu aqui?

— É uma longa história — disse Marissa. — Não posso explicar agora, mas estou metida em problemas muito graves. Posso até precisar de um bom advogado criminal. Você conhece algum?

— Bom Deus! — disse Ralph, não mais sonolento. — Acho que é melhor você me contar o que está acontecendo.

— Não quero metê-lo nisso — disse Marissa. — Tudo o que posso dizer é que toda a situação tornou-se decididamente grave e que por enquanto não estou pronta para procurar as autoridades. Acho que sou uma fugitiva. — Marissa riu cavernosamente.

— Por que você não vem para cá? — disse Ralph. — Aqui estaria segura.

— Ralph, estou falando sério quando lhe digo que não quero envolvê-lo. Mas eu realmente necessito de um advogado. Você pode me arranjar um?

— Claro — disse Ralph. — Vou ajudar você de todas as maneiras que puder. Onde você está?

— Mantereí contato — disse, evasiva. — E obrigada por ser meu amigo.

Marissa cortou a ligação. Tentou então reunir coragem para chamar Tad e desculpar-se — antes que ele descobrisse de alguma outra fonte — por haver pego seu cartão de acesso. Respirando fundo, ela discou. Não havendo resposta após cinco toques, perdeu a paciência e decidiu não acordá-lo.

Marissa retirou do bolso a carta da firma Engenharia para Laboratórios e alisou-a. Grayson seria sua próxima parada.

21 de maio

Embora estivesse exausta, Marissa dormiu mal, torturada por pesadelos de estar sendo perseguida através de paisagens alienígenas. Quando a luz do amanhecer, que entrava por sua janela, acordou-a, foi um alívio. Olhou pela janela e viu um homem abastecendo a banca automática de jornais. Assim que ele saiu, ela correu até lá e comprou o Atlanta Journal.

Não encontrou sequer uma linha sobre o CCD, mas, lá pela metade do noticiário matutino da TV, o comentarista disse que havia ocorrido um problema no Centro. O laboratório de máxima restrição não foi mencionado, mas deu que um técnico havia sido medicado no Emory University Hospital, após inalar desinfetante fenólico, tendo recebido alta em seguida. O segmento mostrou ainda uma entrevista telefônica com o dr. Cyrill Dubchek. Marissa inclinou-se para a frente e aumentou o volume.

O técnico medicado foi a única baixa."

A voz de Cyrill soava metálica. Marissa imaginava se ele estava em Filadélfia ou Atlanta.

"— Um sistema de segurança de emergência foi acionado acidentalmente. Tudo já se encontra sob controle e estamos

procurando pela dra. Marissa Blumenthal, relacionada com o incidente."

O apresentador finalizou o segmento com um comentário pedindo a qualquer pessoa que soubesse do paradeiro da dra. Blumenthal para notificar a polícia de Atlanta. Por cerca de dez segundos, eles mostraram uma fotografia de Marissa que acompanhava a sua inscrição no CCD.

Ela desligou a TV. Não havia considerado a possibilidade de ter atingido gravemente seus perseguidores, e estava perturbada, apesar de o homem ter tentado machucá-la. Tad tinha razão quando lhe disse que problemas pareciam sempre acompanhá-la.

Embora Marissa houvesse brincado com o fato de ser fugitiva, ela o mencionara de modo figurado. Agora, tendo ouvido o apresentador de TV solicitar informações sobre o seu paradeiro, conscientizou-se de que a brincadeira havia se tornado algo sério: era mesmo uma pessoa procurada, ao menos pela polícia de Atlanta.

Juntando suas coisas rapidamente, Marissa foi pedir a conta do motel. Durante todo o tempo em que aguardou no escritório, sentia-se nervosa, uma vez que seu nome estava lá, preto no branco, à vista do funcionário. Mas tudo o que ele disse foi:

— Tenha um bom dia.

Ela engoliu um cafezinho e uma rosca numa lanchonete, e foi ao banco, que, para sua sorte, abria cedo naquele dia. Embora tentasse ocultar o rosto atrás da janela do drive-in, para o caso de o caixa ter assistido ao noticiário matutino, o homem parecia tão desinteressado como de hábito. Marissa sacou quase todas as suas economias, um total de 4.650 dólares.

Com o dinheiro na bolsa, ela relaxou um pouco. Dirigindo pelo declive que ia dar na autoestrada Interstate 78, ligou o rádio. Estava a caminho de Grayson, na Geórgia.

A estrada era boa, embora a viagem fosse mais longa do que esperava e nem um pouco interessante. A única paisagem digna de

nota era a curiosidade geológica chamada Stone Mountain. Era uma protuberância de granito liso que se projetava das montanhas arborizadas da Geórgia, como uma verruga num bumbum de bebê. Depois da cidade de Snellville, Marissa dobrou em direção nordeste na 84 e a paisagem tornou-se cada vez mais rural. Finalmente ela passou por uma tabuleta que dizia: BEM-VINDO A GRAYSON. Infelizmente a tabuleta estava cheia de buracos, como se alguém a tivesse usado para praticar tiro ao alvo, o que diminuía a sinceridade da mensagem.

A cidade propriamente dita era exatamente como Marissa imaginara. A rua principal era margeada por um punhado de prédios de tijolo e madeira. Havia um cinema falido, e o maior estabelecimento comercial era a loja de ferragens. Em uma esquina, um banco com fachada de granito ostentava um enorme relógio com algarismos romanos. Obviamente, era exatamente o tipo de cidade que necessitava de uma coifa restritora tipo 3 HEPA!

As ruas estavam quase desertas enquanto Marissa vagarosamente as cruzava. Ela não viu estruturas comerciais recentes e chegou à conclusão de que a Professional Labs ficava, provavelmente, um pouco afastada do centro da cidade. Teria que perguntar, mas de quem podia aproximar-se? Não tinha vontade de ir à polícia local.

No final da rua, ela pegou um retorno e voltou. Havia um entreposto que também ostentava um letreiro que dizia: "Agência dos Correios dos EUA".

— Professional Labs? Sim, fica lá em Bridge Road disse o proprietário, que estava na seção de secos, mostrando rolos de algodão a um cliente. — Vire e pegue à direita, nos bombeiros. Então, depois de Parsons Creek, dobre à esquerda que você vai logo encontrar. É a única coisa que existe por aquelas bandas, além das vacas.

— O que é que fazem nessa Professional Labs? — perguntou Marissa.

— Não tenho a menor ideia, moça — disse o lojista. — E não dou a mínima. Só sei que os camaradas de lá são bons fregueses e pagam as contas em dia.

Seguindo as informações do homem, Marissa dirigiu para fora da cidade. Ele estava certo, quando disse que não havia nada ali além de vacas. Depois de Parsons Creek, a estrada não era sequer pavimentada, e Marissa começou a imaginar se estaria perdendo tempo. Foi então que a estrada entrou por uma floresta de pinheiros e logo adiante ela pôde ver um prédio.

Com um tranco, o Honda de Marissa atingiu o asfalto no ponto em que a estrada se alargava, formando uma área de estacionamento. Havia mais dois veículos: um caminhão branco, com "Professional Labs, Inc." escrito na lateral, e um Mercedes creme.

Marissa estacionou ao lado do caminhão. O edifício tinha o teto pontiagudo e muitos vidros espelhados, que refletiam o atraente cenário de árvores. O cheiro perfumado do pinho a envolveu enquanto se encaminhava para a entrada. Puxou a porta, mas esta não se moveu. Tentou empurrar, mas era como se estivesse trancada com ferrolho. Dando um passo atrás, procurou uma campainha, mas não havia. Bateu algumas vezes, mas percebeu que não estava fazendo barulho suficiente para que alguém a pudesse ouvir lá dentro. Desistindo da porta da frente, Marissa começou a andar ao redor do prédio. Quando alcançou a primeira janela, pôs as mãos em concha ao lado dos olhos e tentou olhar através do vidro espelhado. Era impossível.

— Sabe que está invadindo propriedade alheia? — disse uma voz nada amistosa.

As mãos de Marissa caíram, culposamente, ao longo do corpo.

— Esta é uma propriedade privada disse o dono da voz, um homem troncudo, de meia-idade, vestido de macacão azul.

— É que... — disse Marissa, tentando, desesperadamente, pensar em uma desculpa para sua presença. Com o corte escovinha dos cabelos grisalhos e a aparência corada, o homem lembrava exatamente o estereótipo do red neck¹ dos anos 50. — Você não viu as tabuletas? — perguntou o homem, apontando para o aviso na área de estacionamento.

— Bem... sim, vi — admitiu Marissa. — Mas, veja, eu sou médica...

Ela hesitou. O fato de ser médica não lhe dava o direito de violar a privacidade de alguém. Rapidamente, continuou:

— Já que vocês tem um laboratório viral aqui, eu estava interessada em saber se executam trabalhos de diagnósticos virais.

— O que a faz pensar que isto seja um laboratório viral? — perguntou o homem.

— Disseram-me que era — falou Marissa.

Bem, você ouviu errado. Aqui nós fazemos biologia molecular. Com a preocupação da espionagem industrial, temos que ser muito cuidadosos. Desta forma, acho melhor você ir saindo, a não ser que queira que eu chame a polícia.

— Não, isto não será necessário — disse Marissa. Envolver a polícia era a última coisa que ela queria. — Eu realmente peço desculpa. Não tinha a intenção de incomodar. Entretanto, eu gostaria de ver o laboratório. Não há uma maneira de ajeitarmos isso?

— Fora de questão — disse o homem, taxativo.

Ele conduziu Marissa de volta ao carro, suas passadas fazendo ruído sobre o caminho de saibro.

— Existe alguém que eu possa contatar para conseguir uma visita? — perguntou ela, enquanto se esgueirava para trás do

volante.

— Eu sou o chefe — disse o homem, simplesmente. — E acho melhor você ir embora.

Ele recuou, esperando que Marissa partisse.

Não conseguindo lembrar-se de alguma ideia brilhante, Marissa deu a partida. Tentou dar um sorriso de despedida, mas o rosto do homem permaneceu carrancudo enquanto ela dirigia de volta a Grayson.

Ele continuou esperando até que o pequeno Honda sumisse entre as árvores. Então, com um movimento irritado de cabeça, virou-se e caminhou de volta ao prédio. A porta da frente abriu-se automaticamente.

O interior era tão contemporâneo quanto o exterior. O homem seguiu por um corredor azulejado e entrou em um pequeno laboratório. Em uma das extremidades havia uma escrivaninha; na outra, uma porta estanque de aço, igual à que conduzia ao laboratório de máxima restrição do CCD. Atrás da porta estanque havia uma bancada de laboratório equipada com um sistema de filtragem 3 HEPA.

Havia outro homem sentado à escrivaninha, torturando um clipe de papel nas formas mais grotescas. Ele ergueu o olhar:

— Por que diabos você não me deixou cuidar dela?

O ato de falar fê-lo tossir violentamente, enchendo seus olhos de lágrimas. Ele levou um lenço à boca.

— Porque não sabemos quem tinha conhecimento de que ela estava aqui — disse o homem de macacão azul. — Use um pouco de bom senso, Paul. Às vezes, você me assusta.

Ele ergueu o fone e discou o número que queria, com uma força desnecessária.

— Escritório do dr. Jackson — respondeu uma voz clara e jovial.

— Quero falar com o doutor.

— Sinto muito, mas ele está com um paciente.

— Meu bem, eu não me importo nem que ele esteja com Deus. Apenas coloque-o no aparelho.

— A quem eu devo anunciar? — perguntou a secretária, friamente.

— Diga-lhe que é o presidente do Comitê de Ética Médica. Eu não me importo, apenas coloque-o na linha!

— Um momento, por favor.

Virando-se para a escrivaninha, ele disse:

— Paul, pegue o meu café ali na bancada.

Paul jogou o clipe na cesta de papéis, e depois, com certo esforço, levantou-se da cadeira. Erguer-se exigiu um pouco de esforço porque ele era um homem grande e seu braço esquerdo estava paralisado na junta do cotovelo. Havia sido atingido com um tiro dado por um policial, quando era garoto.

— Quem está falando? indagou, autoritário, o dr. Joshua Jackson do outro lado da linha.

— Heberling — disse o homem de macacão azul. — Dr. Arnold Heberling. Lembra-se de mim?

Paul deu a Arnold seu café, depois voltou à escrivaninha, pegando outro clipe na gaveta do meio. Bateu no peito, limpando a garganta.

— Heberling! — disse o dr. Jackson. Eu lhe disse para nunca me telefonar para o consultório!

— A garota Blumenthal esteve aqui — disse Heberling, ignorando o comentário de Jackson. — Apareceu, bela e fagueira, em um carro vermelho. Apanhei-a espiando pelas janelas.

— Como diabos ela descobriu sobre o laboratório?

— Não sei e não quero saber — disse Heberling. — O fato é que esteve aqui, e eu estou indo até a cidade para ver você. Isto não pode continuar. Algo tem de ser feito em relação a ela.

— Não, não venha — disse Jackson, nervoso. — Eu vou até aí.

— Está bem — disse Heberling. — Mas tem que ser hoje.

— Estarei aí lá pelas cinco disse Jackson, batendo o telefone.

Marissa resolveu parar em Grayson para almoçar. Estava faminta e talvez alguém lhe dissesse algo sobre o laboratório. Ela parou em frente à drugstore, entrou e sentou-se junto ao balcão de refrescos estilo antigo. Pediu um hambúrguer, que veio num pão quentinho e com uma generosa fatia de cebola, e um copo de Coca-Cola.

Enquanto comia, Marissa refletia sobre suas opções. Eram bastante escassas. Não podia voltar ao CCD ou ao Hospital Berson. Tentar descobrir o que a Professional Labs estava fazendo com um sofisticado sistema de filtragem 3 HEPA era um último recurso, mas as chances de conseguir entrar pareciam bastante reduzidas, pois o local era construído como uma fortaleza. Talvez fosse hora de telefonar para Ralph e perguntar se ele achara um advogado, a não ser que...

Marissa deu uma mordida no hambúrguer. Fechou os olhos e mentalizou os dois veículos que estavam no estacionamento do laboratório. O caminhão branco tinha "Professional Labs, Inc." impresso na lateral. Era o "Inc." que a interessava.

Após terminar sua refeição, Marissa andou pela rua até um prédio de escritórios por onde se recordava de ter passado. A porta era de vidro fosco, e nela estava gravado, em letras douradas: "RONALD DAVIS. ADVOGADO E CORRETOR DE IMÓVEIS". Soou uma campainha quando Marissa entrou. Havia uma escrivaninha desarrumada, mas nenhuma secretária.

Um homem usando camisa branca, gravata-borboleta e suspensórios vermelhos surgiu de uma sala interior. Embora não aparentasse mais de trinta anos, usava óculos de aros de metal que mais pareciam de seu avô.

— Posso lhe ser útil? — perguntou ele, com um sotaque carregado do sul.

— É o sr. Davis? — perguntou Marissa.

— Sim — o homem passou os polegares pelos suspensórios.

— Tenho algumas perguntas simples — disse Marissa. — Sobre legislação de associações. O senhor acha que pode respondê-las?

— Talvez — disse o sr. Davis, fazendo um sinal para Marissa entrar.

O cenário parecia uma locação para um filme de 1930, completado pelo tampo da escrivaninha, que subia e descia suavemente, farfalhando os papéis. O sr. Davis sentou-se e se recostou, colocando as mãos atrás da cabeça. Então disse:

— O que é que deseja saber?

— Quero saber acerca de uma determinada associação — começou Marissa. — Se um negócio é associado, pode alguém como eu descobrir os nomes dos proprietários?

O sr. Davis inclinou-se para a frente, pousando os cotovelos sobre a escrivaninha.

— Talvez sim, talvez não — disse ele, sorrindo.

Marissa suspirou. Parecia que uma conversa com o sr. Davis não a levaria a nada. Mas antes que ela pudesse reformular a pergunta, ele continuou:

— Se a companhia em questão for uma associação pública, será difícil descobrir todos os acionistas, especialmente se grande parte das ações está sob tutela, com a procuração delegada a uma terceira parte. Mas se a companhia for uma sociedade, então será fácil. De qualquer forma, é sempre possível descobrir o nome do representante de serviço, se tiver a intenção de instalar algum tipo de litígio. É isso que pretende?

— Não — disse Marissa. — Apenas informação. Como eu poderia vir a saber se uma companhia é uma sociedade ou uma associação pública?

— Fácil — disse o sr. Davis, recostando-se mais uma vez. — Tudo o que tem a fazer é ir ao Palácio do Governo, em Atlanta, visitar o escritório do secretário de Estado e perguntar pela divisão de associações. É só dizer ao funcionário o nome da companhia e ele

pode procurá-la. É uma questão de registro público, e se a companhia for associada na Geórgia, estará relacionada lá.

— Muito obrigada — disse Marissa, enxergando alguma luz no final do túnel. — Quanto lhe devo?

O sr. Davis ergueu as sobrancelhas, estudando o rosto de Marissa.

— Vinte dólares estaria bom, a não ser que...

— Aqui está — disse Marissa, puxando uma nota de vinte dólares e entregando-a a ele.

Marissa voltou para o carro e dirigiu de volta a Atlanta. Ela estava feliz por ter uma meta, mesmo que as chances de descobrir alguma informação significativa não fossem lá muito boas.

Dirigiu no limite de velocidade. A última coisa que queria era ser parada pela polícia. Fez um bom tempo e estava de volta à cidade às quatro da tarde. Estacionou em uma garagem e foi a pé até o Palácio do Governo.

Evidentemente pouco à vontade na presença da polícia de segurança do prédio, Marissa suava de nervoso ao subir as escadas da frente, certa de que seria reconhecida.

— Dra. Blumenthal — chamou uma voz.

Por uma fração de segundo, Marissa pensou em fugir. Em vez disso, voltou-se e viu uma das secretárias do CCD, uma jovem alegre, em torno dos vinte anos, andando em sua direção.

Alice MacCabe, do consultório do dr. Carbonara. Lembra-se de mim?

Marissa lembrava-se, e nos sufocantes minutos seguintes foi forçada a entabular conversa. Por sorte, a srta. MacCabe não estava a par do fato de Marissa ser uma pessoa "procurada".

Assim que pôde, Marissa disse adeus e entrou no edifício. Mais do que nunca, ela queria apenas conseguir qualquer informação e partir. Infelizmente, havia uma longa fila na Divisão de Associações. Com pouca paciência, Marissa esperou sua vez, metendo uma das

mãos sobre o rosto, com a noção errônea de que isto poderia evitar que fosse reconhecida.

— Em que posso ajudá-la? — perguntou o funcionário de cabelos brancos, quando finalmente chegou a vez de Marissa.

— Gostaria de obter informações sobre uma associação chamada Professional Labs.

— Onde fica? — perguntou o funcionário, colocando os bifocais para alimentar o terminal de computador.

— Grayson, Geórgia — disse Marissa.

— Tudo bem — disse o funcionário. — Aqui está. Associou-se no ano passado. O que você gostaria de saber?

— É uma sociedade privada ou associação pública? — perguntou Marissa, tentando lembrar-se do que o sr. Davis havia dito.

— Sociedade limitada, subcapítulo S.

— O que isto significa? — perguntou Marissa.

— É relacionado com impostos. Os sócios podem deduzir as perdas da associação, caso haja alguma, de sua receita individual.

— Os nomes dos sócios estão relacionados? — perguntou Marissa, deixando a excitação sobrepujar a ansiedade, naquele momento.

— Aqui está — disse o funcionário. — Há um Joshua Jackson, um Rodd Becker...

— Só um instante — disse Marissa. Deixe-me anotar isto.

Ela pegou uma caneta e começou a escrever.

— Vejamos — disse o funcionário, olhando para a tela do computador. — Jackson, Becker... Anotou estes?

— Anotei.

— Continuando: Sinclair Tieman, Jack Krause, Gustave Swenson, Duane Moody, Trent Goodridge e o Physicians ' Action Congress.

— Qual foi este último? — perguntou Marissa, escrevendo desenfreadamente.

O funcionário repetiu. Ela perguntou:

— Uma organização pode ser um sócio limitado?

Ela havia visto o nome Physicians' Action Congress na lista dos contribuintes de Markham.

— Não sou advogado, moça, mas acho que sim. Bem, deve poder, ou não estaria aqui. Há mais: uma firma de advocacia chamada Cooper, Hodges, McQuinllin & Hanks.

— São sócios também? — perguntou Marissa, começando a escrever os nomes.

— Não — disse o funcionário. — São os representantes legais.

— Não preciso destes — disse Marissa. — Não estou interessada em acionar a companhia.

Ela apagou os nomes de Cooper e Hodges.

Agradecendo ao funcionário, bateu rapidamente em retirada e voltou depressa para o estacionamento. Uma vez dentro do carro, abriu a pasta e retirou as fotocópias da lista de contribuintes de Markham. Tal e qual havia se lembrado, o Physicians' Action Congress (PAC) estava lá. Por um lado, era sócio limitado de um empreendimento econômico, por outro, contribuinte de campanha de reeleição de um político conservador.

Curiosa, Marissa deu uma olhada para ver se algum dos outros sócios da Professional Labs estava na lista de Markham. Para sua surpresa, todos estavam lá. Mais espantoso ainda era que, como os contribuintes de Markham, os sócios eram provenientes de diversas partes do país. A partir da lista de Markham, Marissa tinha todos os seus endereços.

Ela colocou a chave na ignição, depois hesitou. Olhando de novo a lista de Markham, notou que o Physicians' Action Congress estava relacionado sob o título de "promotores associados". Por mais que detestasse dar chance ao azar, passando novamente pela segurança do Palácio do Governo, forçou-se a sair do carro e voltar lá. Esperou na fila pela segunda vez, para falar com o mesmo funcionário, e

perguntou-lhe o que ele podia lhe dizer sobre o Physicians' Action Congress.

O funcionário digitou o nome no terminal, esperou um instante, depois virou-se para Marissa:

- Não posso lhe dizer coisa alguma. Não tem registro.
- Isto significa que não está associado?
- Não necessariamente. Significa que não está associado na Geórgia.

Marissa tornou a agradecer ao homem e, novamente, saiu rápido do prédio. Seu carro parecia seu santuário. Sentou-se por alguns minutos, tentando decidir o que fazer em seguida. Na verdade, não dispunha de grande quantidade de informação, e estava era se distanciando das epidemias de Ebola. Mas sua intuição lhe dizia que, de algum modo misterioso, tudo de que havia tomado conhecimento tinha relação com o Ebola. E se este fosse o caso, então o PAC era a chave. Mas como poderia ela investigar uma organização da qual nunca ouvira falar?

Seu primeiro pensamento foi visitar a biblioteca da Emory Medical School. Talvez alguma das bibliotecárias pudesse saber onde procurar. Mas depois, lembrando-se do encontro casual que tivera com Alice MacCabe, chegou à conclusão de que a chance de ser reconhecida era muito grande. Faria bem melhor saindo da cidade por alguns dias. Mas para onde iria?

Colocando o carro em movimento, Marissa teve uma inspiração: Associação Médica Americana! Se não conseguisse obter informação sobre uma organização médica na AMA, então era porque esta não existia. E Chicago parecia seguro. Dirigiu-se para o aeroporto, esperando que o pequeno suprimento de roupas que havia em sua mala fosse suficiente.

O pesado sedã de Joshua Jackson passou como um raio sobre a ponte de madeira atravessando Parsons Creek, depois virou bruscamente para a esquerda, com os pneus cantando. A

pavimentação acabou e o carro salpicou de seixos as laterais da estrada, ao passar em alta velocidade pela viela cercada de árvores. Dentro do carro, a raiva de Jackson aumentava a cada quilômetro percorrido. Ele não queria visitar o laboratório, mas não tinha a menor intenção de ser visto na cidade com Heberling. O homem estava ficando cada vez menos digno de confiança, e, pior ainda, imprevisível. Solicitado para criar uma confusão de pequeno porte, ele recorrera à guerra atômica. Escondê-lo tinha sido uma decisão terrível, mas agora não havia muita coisa que qualquer um deles pudesse fazer em relação ao fato.

Chegando ao laboratório, Jackson estacionou transversalmente ao Mercedes de Heberling. Sabia que Heberling o havia comprado com parte do dinheiro que lhe fora dado para equipamento técnico. Que desperdício!

Jackson caminhou até a frente do prédio. Era uma construção imponente, e Jackson, talvez mais do que ninguém, sabia o quanto aquilo tudo havia custado. O PAC construía para o dr. Arnold Heberling um monumento pessoal, e o que conseguira? Um inferno de problemas, porque Heberling era um doido.

Houve um dique, a porta se abriu e Jackson entrou.

— Estou na sala de conferências! — gritou Heberling.

Jackson sabia a qual sala Heberling estava se referindo, e só com muito boa vontade ela poderia ser considerada como tal. Jackson parou na porta, observando o teto alto, a parede de vidro e a mobília austera. Duas poltronas chippendale, de frente uma para a outra, repousavam em cima de um grande tapete chinês. Não havia outros móveis. Heberling estava em uma das poltronas. Jackson sentou-se na outra e disse, tomando a iniciativa:

— Espero que seja importante.

Os dois homens encararam-se. Fisicamente, não podiam ser mais diferentes: Heberling corpulento, com um rosto inchado e feições grosseiras; Jackson magro e alto, com um rosto quase ascético. Suas

roupas ajudavam a aumentar o contraste: Heberling de macacão; Jackson de terno risca de giz, típico de um banqueiro.

— A garota Blumenthal esteve bem aqui no pátio — disse Heberling, apontando por sobre o próprio ombro, para impressionar. — Evidentemente, ela não viu coisa alguma, mas apenas o fato de ter estado aqui sugere que ela sabe de algo. Tem que ser afastada.

— Você teve a sua chance — replicou Jackson. — Duas vezes! E, em cada uma delas, você e seus comparsas arruinaram tudo. Primeiro na casa dela, e depois ontem à noite, no CCD.

— Então íamos tentar de novo. Mas você cancelou.

— E cancelei mesmo! Descobri que você ia aplicar-lhe o Ebola.

— Por que não? — disse Heberling. — Ela já esteve exposta ao vírus. Não haveria perguntas.

— Não quero uma epidemia de Ebola em Atlanta! — gritou Jackson. — O assunto me aterroriza. Eu tenho minha própria família. Deixe a mulher conosco. Nós daremos um jeito nela.

— Ah, claro! — zombou Heberling. — Foi isso que você disse quando conseguiu sua transferência para Patogenias Especiais. Bem, ela ainda é uma ameaça para todo o projeto, e eu tenciono arranjar para que seja eliminada.

— Não é você quem manda aqui! — disse Jackson, ameaçadoramente. — E no que se refere a determinar culpas, nenhum de nós estaria metido nesta confusão se você tivesse se fixado ao plano original de usar o vírus da gripe. Temos todos estado em pânico, desde que soubemos que você decidiu, por conta própria, utilizar o Ebola.

— Ah, já vamos voltar à mesma reclamação? — disse Heberling, com tédio. — Bem que vocês gostaram quando ficaram sabendo que a Clínica Richter estava fechando as portas. E se o PAC queria minar a cada vez maior confiança do público em clínicas com planos de saúde de pagamento adiantado, não poderia ter feito melhor. A

única diferença do plano original é que eu tive que levar a cabo alguma pesquisa de campo que poupará anos de pesquisas em laboratórios.

Jackson estudou a fisionomia de Heberling. Ele pensou: o homem parecia um psicopata, e, desprezível como era, uma vez o projeto começado, não havia maneira alguma de pará-lo. E pensar que o plano parecera tão simples quando o comitê executivo do PAC o havia sugerido pela primeira vez...

Jackson respirou fundo, sabendo que tinha de manter o controle, apesar da raiva.

— Infelizmente, o PAC não está satisfeito; ao contrário, está aterrado com o número de mortes. Este nunca foi o nosso objetivo, e sabe disso dr. Heberling!

— Merda! — gritou Heberling. — Teria havido mortes com gripe, devido às linhagens que precisaríamos utilizar. Quantas mortes vocês teriam tolerado? Uma centena? E o que me diz das mortes que vocês, médicos ricos, causam quando autorizam cirurgias desnecessárias ou permitem que médicos incompetentes mantenham seus privilégios hospitalares?

— Nós não autorizamos cirurgias desnecessárias ou incompetência — rebateu Jackson.

Ele já havia tolerado tanto deste psicopata quanto era possível.

— Vocês não fazem nada para impedi-los — disse Heberling, com repugnância. — Não acreditei em nenhuma destas baboseiras que você e o PAC me contaram sobre sua preocupação com a direção negativa que a medicina americana está tomando, afastando-se de seus valores tradicionais. Convenhamos, tudo não passa de uma tentativa de justificar seus próprios interesses econômicos! De repente, há muitos médicos e poucos pacientes. A única razão para eu ter colaborado com vocês foi terem construído este laboratório para mim. — Heberling fez um gesto com a mão, imitando uma vassoura. — Vocês queriam manchar a imagem dos planos de saúde

com pagamento adiantado, e eu providenciei isto. A única diferença é que fiz a coisa a meu modo, por minhas próprias razões.

— Mas nós mandamos você parar! — gritou Jackson. — Logo após a epidemia da Clínica Richter.

— Sem muita convicção, devo acrescentar — disse Heberling. — Vocês ficaram satisfeitos com os resultados. Não apenas a Clínica Richter fechou suas portas, como também o índice de novos assinantes de planos de saúde na Califórnia caiu pela primeira vez em cinco anos. O PAC sente uma dor de consciência ocasional, mas, basicamente, vocês todos estão felizes. E eu justifiquei minha crença quanto a ser o Ebola a mais importante arma biológica, apesar da ausência de vacina e tratamento. Demonstrei que pode-se introduzi-lo facilmente, é relativamente fácil de conter e devastadoramente contagioso para pequenas populações. Dr. Jackson, estamos ambos conseguindo o que queríamos. Apenas temos de dar um jeito nesta mulher, antes que ela cause um problema realmente sério.

— Estou lhe dizendo de uma vez por todas — falou Jackson. — Não queremos mais que você utilize o Ebola. Isto é uma ordem! Heberling riu.

— Dr. Jackson disse ele, inclinando-se para a frente. — Eu tenho a distinta impressão de que está ignorando os fatos. O PAC não se acha mais em condições de me dar ordens. Já imaginou o que aconteceria a suas carreiras se a verdade viesse à tona? E estou lhe dizendo que ela virá, a não ser que vocês me deixem lidar com a Blumenthal do meu próprio modo.

Por um instante, Jackson lutou com sua consciência. Ele desejava agarrar Heberling pelo pescoço e estrangulá-lo. Mas sabia que o homem tinha razão: o PAC estava de mãos atadas.

— Está bem — disse, relutante. — Faça o que bem entender com a dra. Blumenthal, apenas não me conte nada a respeito e não use Ebola em Atlanta.

— Ótimo! Heberling sorriu. — Se isso faz com que se sinta melhor, eu lhe dou minha palavra de honra em relação a ambos os assuntos. Afinal de contas, sou um homem muito razoável.

Jackson levantou-se.

— Mais uma coisa. Não quero que você telefone para o meu consultório. Chame-me em casa, no meu número particular, se tiver que entrar em contato.

— O prazer será meu — disse Heberling.

Uma vez que a rota Atlanta-Chicago oferecia muitos voos, Marissa teve que esperar apenas meia hora para o próximo voo disponível. Ela comprou um romance de Dick Francis, mas não conseguiu concentrar-se. Finalmente, decidiu telefonar para Tad e, ao menos, tentar uma desculpa. Não estava bem certa do quanto contar a ele a respeito de suas suspeitas cada vez maiores, mas decidiu que na hora seu instinto lhe diria até onde ir. Discou para o laboratório e, como suspeitava, ele estava trabalhando até mais tarde.

— Aqui é Marissa — disse, quando ele atendeu. — Você está zangado comigo?

— Estou furioso.

— Tad, sinto muito...

— Você pegou um de meus cartões de acesso.

— Tad, sinceramente sinto muito. Quando eu encontrar com você, explicarei tudo.

— Você realmente estive no laboratório de máxima restrição, não estive? — disse Tad, com a voz estranhamente rude.

— Bem, sim.

— Marissa, você sabe que o laboratório está em ruínas, todos os animais estão mortos e que alguém teve que ser tratado no Emory Emergency?

— Dois homens entraram no laboratório e me atacaram.

— Atacaram você?

— Sim — disse Marissa. — Você tem que acreditar em mim.
— Eu não sei em que acreditar. Por que tudo acontece a você?
— Por causa das epidemias de Ebola. Tad, você sabe quem se machucou?

— Presumo que seja um dos técnicos de outro departamento.
— Por que não tenta descobrir? E talvez você também possa descobrir quem mais esteve no laboratório a noite passada.

— Acho que isto não vai ser possível. Ninguém vai me dizer coisa alguma agora, porque eles sabem que somos amigos. Onde você está?

— Estou no aeroporto — disse Marissa.
— Se o que diz sobre ser atacada é verdade, então você devia voltar aqui e explicar. Não devia estar fugindo.

— Eu não estou fugindo — insistiu Marissa. — Estou indo à AMA, em Chicago, para pesquisar uma organização chamada Physicians' Action Congress. Já ouviu falar deles? Acredito que estejam envolvidos, de alguma forma.

— Marissa, acho que você devia voltar imediatamente para o Centro. Você está em maus lençóis, se é que não sabe.

— Eu sei, mas por enquanto o que estou fazendo é mais importante. Será que você não pode, por favor, perguntar ao escritório de biossegurança quem mais esteve no laboratório de máxima restrição a noite passada?

— Marissa, não estou disposto a ser manipulado.

— Tad, eu...

Marissa parou de falar. Tad havia desligado. Devagar, ela recolocou o fone no gancho. Não podia realmente culpá-lo.

Deu uma olhada no relógio. Faltavam cinco minutos para o embarque. Tomando uma decisão, discou o número da casa de Ralph.

Ele atendeu no terceiro toque. Ao contrário de Tad, ele estava preocupado, não zangado.

— Meu Deus, Marissa, o que está acontecendo? Seu nome está no jornal da noite. Você está com problemas sérios, a polícia de Atlanta anda à sua procura!

— Posso imaginar — disse Marissa. Fora esperta, pensou, usando um nome falso e pagando em dinheiro, ao comprar sua passagem de avião. — Ralph, já arranhou um bom advogado?

— Sinto muito. Quando você me pediu, eu não imaginei que fosse uma emergência.

— Está se tornando uma emergência — disse Marissa. — Mas eu estarei fora da cidade por um ou dois dias. Assim, se você puder ver isto amanhã, eu ficarei muito agradecida.

— O que está havendo, Marissa? O jornal não deu detalhes.

— Como eu disse ontem à noite, não quero envolvê-lo.

— Eu não me importo — insistiu Ralph. Por que você não vem até aqui? Podemos conversar e eu posso arranjar-lhe um advogado pela manhã.

— Você já ouviu falar de uma organização chamada Physicians' Action Congress? — perguntou Marissa, ignorando a oferta de Ralph.

Não — disse ele. — Marissa, por favor, venha até aqui. Eu acho que seria melhor encarar este problema, seja ele qual for. Fugir dá má impressão.

Marissa ouviu a chamada para seu voo. — Estou indo para a AMA, a fim de descobrir a respeito da organização que acabei de mencionar — disse rapidamente. — Eu ligo para você amanhã. Tenho que correr.

Desligou, pegou a pasta e o livro, e embarcou.

22 de maio

Chegando em Chicago, Marissa decidiu se dar o prazer de um bom hotel e ficou feliz ao descobrir que o Palmer House tinha um quarto. Arriscou-se ao utilizar seu cartão de crédito, e foi direto para a cama.

Na manhã seguinte, pediu frutas frescas e café ao serviço de quarto. Enquanto esperava, ligou a TV no Today Show e foi para o banheiro tomar um banho. Estava secando o cabelo quando ouviu o apresentador mencionar o Ebola. Correu para o quarto, esperando ver o comentarista do noticiário dar uma versão atualizada sobre a situação em Filadélfia. Em vez disso, ele estava descrevendo uma nova epidemia. Era na Clínica Rosenberg, na parte de cima da Quinta Avenida, na cidade de Nova York. Um médico chamado Girish Mehta havia sido diagnosticado como portador da doença. A notícia vazara para a imprensa e um pânico generalizado havia tomado conta da cidade.

Marissa estremeceu. A epidemia de Filadélfia ainda estava acontecendo, e uma outra já havia começado. Fez a maquiagem, acabou de pentear o cabelo e tomou o café da manhã. Pegara o endereço da AMA e dirigiu-se para a Rush Street.

Um ano atrás, se alguém lhe tivesse dito que ela estaria visitando a associação, não teria acreditado de forma alguma. Mas lá estava ela, entrando pela porta da frente.

A mulher do balcão de informações a encaminhou até o escritório de relações públicas. O diretor, um tal de James Frank, apareceu por acaso, enquanto Marissa tentava explicar o que queria a uma das secretárias. Ele a convidou para o seu escritório.

O homem fez com que Marissa se lembrasse de seu guia-conselheiro dos tempos de ginásio. O sr. Frank era de idade indeterminada, estava um pouco acima do peso e ficando careca, mas seu rosto tinha um ar amistoso que inspirava amizade e sinceridade. Os olhos eram brilhantes e ele ria muito. Marissa gostou do sr. Frank de imediato.

— Physicians' Action Congress — ele repetiu quando Marissa perguntou sobre a organização. — Nunca ouvi falar. Onde foi que encontrou esse nome?

— Na lista de contribuintes de um senador — disse Marissa.

— É engraçado... Eu juraria que conheço todos os comitês de ação política em atividade. Deixe-me ver o que diz o computador.

O sr. Frank digitou o nome. Houve uma pequena demora, então a tela deu sinal de vida.

— Você tem razão! Está bem aqui! — Ele apontou para a tela. — Comitê de Ação Política Physicians' Action Congress. Está registrado em separado. O seu PAC é uma organização de sociedade associada que financiou, legalmente, um comitê para distribuir capital como contribuições para a campanha. Vejamos quem eles têm apoiado.

— Posso lhe dizer o nome de um candidato — disse Marissa. — Calvin Markham.

O sr. Frank concordou.

— Eis aqui o nome de Markham, juntamente com diversos outros de candidatos conservadores. Ao menos sabemos a tendência política da organização.

— Direita — disse Marissa.

— Provavelmente ultradireita disse o sr. Frank. — Acho que eles estão tentando derrubar os grupos de Diagnósticos Comparados, limitar a imigração de médicos formados no estrangeiro, parar com os convênios e coisas do gênero. Deixe-me ligar para alguém que conheço no Departamento Eleitoral Federal.

Após um pouco de bate-papo, ele perguntou a seu amigo a respeito do Physicians' Action Congress. Balançou a cabeça afirmativamente enquanto escutava, depois desligou e virou-se para Marissa.

— Ele também não sabe muita coisa a respeito do PAC, a não ser que está associado em Delaware, segundo verificou no Relatório de Organizações.

— Por que Delaware? — perguntou Marissa.

— Lá é mais barato associar-se.

— Quais são as chances de descobrir mais sobre a organização? — perguntou Marissa.

— Como o quê? Quem são os secretários, onde fica o escritório central, este tipo de coisa?

— Sim — concordou Marissa.

Pegando novamente o fone, ele disse:

— Vejamos o que conseguimos saber de Delaware.

O sr. Frank foi bem-sucedido. Embora, no começo, um funcionário do Palácio do Governo de Delaware lhe tivesse dito que teria que ir pessoalmente para obter a informação, ele conseguiu entrar em contato com um supervisor, que tornou o regulamento mais flexível.

O sr. Frank esteve falando ao telefone durante quase 15 minutos, escrevendo enquanto escutava. Quando acabou, entregou a Marissa uma lista da junta de diretores. Ela leu: presidente, Joshua Jackson (médico) vice-presidente, Rodd Becker (médico); tesoureiro, Sinclair Tieman (médico); secretário, Jack Krause (médico); diretores,

Gustave Swenson (médico), Duane Moody (médico) e Trent Goodridge (médico).

Abrindo sua pasta, ela retirou a lista dos sócios da Professional Labs. Os nomes eram os mesmos! Marissa deixou a AMA com a cabeça dando voltas. A pergunta que assomava em sua mente era quase excessivamente estapafúrdia para ser levada em consideração: o que uma organização de médicos ultraconservadora tinha a ver com um laboratório que possuía equipamento sofisticado, utilizado apenas para a manipulação de vírus mortais? Propositadamente, Marissa não respondeu a sua própria pergunta.

Com a mente a mil, começou a andar na direção de seu hotel. Outros pedestres esbarraram nela, mas Marissa não deu a menor atenção.

Tentando encontrar lacunas em sua própria teoria, destacou os fatos significativos: cada uma das epidemias de Ebola havia ocorrido nas dependências de um grupo particular que possuía plano de saúde com pagamento adiantado; a maior parte dos pacientes iniciais tinha nomes estrangeiros, e em cada caso em que houvera um paciente inicial, ele havia sido assaltado pouco antes de ficar doente. A única exceção era a epidemia de Phoenix, que ela ainda acreditava ter tido origem na contaminação alimentar.

Com o canto do olho, viu uma vitrine de sapatos de Charles Jourdan — sua única fraqueza. Parando abruptamente para dar uma olhada, assustou-se quando um homem que vinha logo atrás quase a atropelou. Ele lançou-lhe um olhar de raiva, mas Marissa o ignorou. Um plano estava se delineando em sua mente. Caso suas suspeitas tivessem algum fundamento, e as epidemias anteriores não houvessem ocorrido por acaso, então o paciente inicial em Nova York provavelmente trabalhava para uma clínica que mantinha plano de saúde com pagamento adiantado e teria sido assaltado alguns dias antes de ficar doente. Marissa resolveu que precisava ir a Nova York.

Olhando em volta, tentou descobrir onde estava, em relação ao hotel. Ela podia ver o trilho do trem elevado à sua frente, e recordava-se de que o trem descrevera uma volta completa perto do Palmer House.

Começou a andar decidida quando foi repentinamente dominada pelo medo. Não era de admirar que tivesse sido atacada em casa. Não era de admirar que o homem que a agarrara no laboratório de máxima restrição houvesse tentado matá-la. Não era de admirar que Markham tivesse exigido sua transferência. Se seus temores estivessem corretos, então havia uma conspiração de enormes proporções, e ela estava correndo um extremo perigo.

Até aquele momento, Marissa havia se sentido segura em Chicago. Agora, para qualquer lado que olhasse, enxergava fisionomias suspeitas. Havia um homem fingindo fazer compras e que ela estava certa de que a estava observando através do reflexo. Atravessou a rua, esperando que o homem a seguisse. Mas ele não o fez. Marissa enfiou-se em uma lanchonete e pediu uma xícara de chá, para acalmar-se. O homem que a havia assustado saiu da loja com uma sacola de compras e chamou um táxi. Tanto melhor. Foi neste momento que ela viu o homem de negócios. O modo como ele carregava a pasta foi que chamou a atenção de Marissa: o braço do homem formava um ângulo estranho, como se ele não conseguisse dobrar o cotovelo.

Com a rapidez de um raio, Marissa estava de volta à sua casa, lutando desesperadamente com a figura oculta, cujo braço parecia imobilizado na junta... E depois acontecera o pesadelo no laboratório...

Enquanto Marissa observava, o homem pegou um cigarro e o acendeu, tudo com uma das mãos, a outra sem largar a pasta em momento algum. Ela se recordava que Tad havia dito que o intruso em sua casa carregava uma pasta.

Cobrindo o rosto com as mãos, Marissa rezou para que estivesse imaginando coisas. Ficou ali sentada, esfregando os olhos por um minuto, e, quando olhou novamente, o homem se fora.

Após terminar seu chá, Marissa pediu informações sobre como chegar ao Palmer House. Caminhava rápido, nervosamente trocando sua própria pasta de uma das mãos para a outra. Na primeira esquina, olhou por sobre o ombro: o mesmo homem caminhava em sua direção.

Mudando imediatamente de rumo, Marissa atravessou a rua. Pelo canto do olho, observou o homem continuar até o meio do quarteirão e então atravessar atrás dela. Com um sentimento de pânico cada vez maior, procurou um táxi, mas a rua estava deserta. Em vez disso, virou-se e correu de volta ao trem elevado. Apressadamente, subiu as escadas, misturando-se a um grande grupo de pessoas. Queria se perder na multidão.

Chegando à plataforma, sentiu-se melhor. Havia diversas pessoas por perto, e Marissa andou até ficar bem longe da entrada. Seu coração ainda batia forte, mas ao menos podia pensar. Seria realmente o mesmo homem? Ele a estava seguindo?

Como resposta a essas perguntas, o homem surgiu em seu campo de visão. Tinha uma complexão forte e a pele grosseira. Seus dentes eram quadrados e bastante espaçados. Ele tossiu na mão cerrada.

Antes que ela pudesse se mover, o trem chegou à estação, e a multidão, como uma onda, agitou-se para a frente, levando-a no meio dela. Marissa perdeu o homem de vista, enquanto era arrastada para o vagão.

Lutando para conseguir ficar perto da porta, Marissa tinha esperanças de saltar no último instante, como vira fazerem em filmes de espionagem, mas o aperto das pessoas a enredou e as portas fecharam-se antes que Marissa as alcançasse. Virando-se, observou os rostos a seu redor, mas não viu o homem.

O trem avançou com um balanço brusco, forçando-a a procurar um balaústre onde se segurar. Assim que o encontrou, viu o homem outra vez. Achava-se bem a seu lado, segurando-se no mesmo balaústre com a mão de seu braço bom. Estava tão perto, que Marissa podia sentir o cheiro de sua colônia. Ele se virou e seus olhares se encontraram. Um leve sorriso formou-se nos cantos da boca do homem, que largou o balaústre, tossiu e meteu a mão no bolso do paletó.

Perdendo o controle, Marissa gritou. Freneticamente, tentou afastar-se do homem, mas estava outra vez embaraçada pelo aperto das pessoas. Seu grito cessou e ninguém se moveu ou proferiu palavra. As pessoas apenas olharam fixamente para ela. As rodas do trem guincharam, ao fazerem uma curva muito fechada, e Marissa e o homem tiveram que se agarrar ao balaústre para não caírem. Suas mãos tocaram-se.

Marissa soltou o balaústre como se este estivesse em brasa. Então, para seu total alívio, um policial que se achava por perto conseguiu abrir caminho até ela em meio à multidão.

— Está tudo bem com a senhora? — gritou o policial, tentando ser ouvido apesar do barulho do trem.

— Este homem está me seguindo — disse Marissa, apontando. O policial olhou para o homem.

— Isto é verdade?

O homem negou com a cabeça.

— Nunca a vi antes. Não sei do que ela está falando.

O policial virou-se novamente para Marissa, enquanto o trem começava a diminuir a marcha.

— A senhora deseja apresentar queixa?

— Não! — gritou Marissa. — Com a condição de que ele me deixe em paz.

O ruído das rodas e dos freios a ar tornou impossível ouvir-se algo, até que o trem parou. As portas abriram-se instantaneamente.

— Terei prazer em sair, se isto fizer com que esta senhora se sinta melhor — disse o homem.

Algumas pessoas saíram. As outras apenas permaneceram olhando. O policial evitou com o corpo que a porta se fechasse e olhou interrogativamente para Marissa.

— Eu me sentiria melhor — disse ela, repentinamente insegura quanto a suas reações.

O homem encolheu os ombros e saiu. Quase que imediatamente, as portas se fecharam e o trem avançou mais uma vez.

— Sente-se melhor agora? — perguntou o policial.

— Bem melhor — disse Marissa.

Sentia-se aliviada com a saída do homem, mas temia que o guarda lhe pedisse para identificar-se. Agradeceu a ele e olhou para o outro lado. O policial entendeu a deixa e se retirou.

Tendo consciência de que ainda era o centro de atenção de todos os olhares ao redor, Marissa sentia-se extremamente embaraçada. Assim que o trem parou na estação seguinte, ela desceu. Chegando à rua, e com um medo irracional de que o homem tivesse encontrado um modo de segui-la, pegou o primeiro táxi que passou e pediu para levá-la ao Palmer House.

Na segurança do interior do táxi, Marissa conseguiu recuperar um pouco do controle. Ela sabia que estava ultrapassando os limites, mas não tinha a menor ideia de que autoridade procurar. Estava pressupondo uma conspiração, mas não fazia ideia de suas dimensões. E o pior de tudo era que não tinha provas; nada — apenas alguns fatos altamente significativos.

Resolveu que poderia também seguir até Nova York. Caso suas suspeitas sobre aquela epidemia fossem confirmadas, ela decidiria lá com quem entraria em contato. Por enquanto, o que esperava era que Ralph lhe tivesse arranjado um bom advogado. Talvez este conseguisse resolver todo o problema.

Assim que chegou ao hotel, Marissa subiu diretamente para o quarto. Com sua paranoia atual, ela queria sair o mais rápido possível, criticando-se por ter usado um cartão de crédito e, conseqüentemente, seu próprio nome. Havia utilizado um nome falso e pago em dinheiro vivo pelo voo de Atlanta a Chicago, e deveria ter feito o mesmo no hotel.

Enquanto subia pelo elevador, decidiu que arrumaria suas poucas coisas e iria logo para o aeroporto. Abriu a porta e foi direto até o banheiro, atirando a bolsa e a pasta sobre a escrivaninha. Pelo canto do olho, percebeu movimento e abaixou a cabeça automaticamente. Mesmo assim, foi atingida por um golpe tão forte que a arremessou para a frente, sobre a primeira das duas camas, indo estatelar-se no chão, entre ambas. Olhando para cima, viu o homem do trem vindo em sua direção.

Freneticamente, tentou rastejar para baixo de uma das camas, mas o homem a segurou pela saia com seu braço bom e deu-lhe um puxão para trás.

Marissa rolou sobre si mesma, dando violentos pontapés. Algo caiu da mão do homem e atingiu o chão com um baque metálico. Uma arma, pensou Marissa aterrorizada.

O homem curvou-se para reaver a arma e Marissa deslizou para baixo da cama que ficava mais perto da porta. O homem voltou, procurando-a primeiro sob uma cama, depois sob a que Marissa estava aninhada. Sua enorme mão tateou à procura. Quando viu que não conseguia agarrá-la, ele se ajoelhou e deu um bote para baixo da cama, pegando Marissa por um dos tornozelos e puxando-a em sua direção.

Pela segunda vez naquele dia, Marissa gritou. Deu chutes novamente e escapou da garra do homem. Num segundo, estava de volta embaixo da cama.

Cansado do cabo de guerra, ele deixou a arma cair sobre a cama e foi atrás dela. Mas Marissa rolou e saiu pelo outro lado. Rastejou até

conseguir ficar de pé e correu para porta. Ela mal havia conseguido abri-la com um puxão, quando o homem pulou sobre a cama e pegou-a pelo cabelo. Virou-a violentamente e jogou-a contra a cômoda com tal força, que o espelho caiu com um estrondo.

O homem deu uma olhada rápida no corredor, depois fechou e trancou a porta. Marissa correu para o banheiro apanhando, na cama mais distante, o que pensava ser uma arma. Havia quase conseguido fechar a porta do banheiro, antes que o homem chegasse até ela.

Marissa colocou-se entre a pia e tentou evitar que seu atacante abrisse mais a porta. Mas, aos poucos, a maior força do homem prevaleceu. A porta abriu-se com um estalo, permitindo que ele colocasse o braço do cotovelo duro enganchado em volta do umbral.

Marissa viu o interfone na parede, mas não conseguiria alcançá-lo sem tirar os pés da porta. Olhou para a arma em sua mão, tentando imaginar se, caso desse um tiro na parede, isto assustaria o homem. Foi aí que se deu conta de que estava segurando uma pistola de ar, própria para vacinação, do tipo utilizado para a inoculação de grande número de pessoas em sua velha clínica pediátrica.

A porta havia aberto o suficiente para o homem mover o braço com mais liberdade. Ele tateou às cegas até que conseguiu agarrar um dos tornozelos de Marissa. Sentindo que tinha poucas chances, Marissa comprimiu a pistola de vacinação contra o antebraço do homem e disparou-a. O homem gritou. O braço foi retirado e a porta fechada com uma batida.

Ela pôde ouvi-lo correr pelo quarto, abrir a porta e sair disparado pelo corredor. Voltando ao quarto, Marissa deu um suspiro de alívio, mas logo foi assaltada por um forte cheiro de desinfetante fenólico. Virando a pistola em sua própria direção, com a mão trêmula, examinou o orifício circular por onde saía o disparo. Intuitivamente, sentiu que a pistola continha o vírus Ebola e que o cheiro de desinfetante fazia parte de um mecanismo para evitar que

a pessoa que disparasse a pistola fosse exposta. Agora Marissa estava realmente aterrorizada. Ela não apenas havia possivelmente matado um homem, como também poderia ter desencadeado uma nova epidemia. Forçando-se a permanecer calma, colocou cuidadosamente a pistola em um saco plástico, que apanhou na cesta de papéis, e então pegou outro saco, da cesta que ficava sob a escrivaninha, e colocou-o sobre o primeiro, fechando com nós. Por um instante, hesitou, perguntando-se se devia chamar a polícia. Então decidiu que não havia coisa alguma que a polícia pudesse fazer. O homem já estava longe a essa hora, e se a pistola de vacinação realmente contivesse Ebola, não havia maneira alguma de encontrá-lo, se ele não quisesse ser encontrado.

Marissa verificou o corredor. Estava deserto. Colocou na porta o cartaz de "Favor Não Incomodar", depois levou seus pertences, inclusive o saco plástico com a pistola, para o alojamento da limpeza. Não havia ninguém da limpeza à vista. Encontrou uma garrafa de Lysol e desinfetou o exterior do saco de plástico. Depois lavou e desinfetou as mãos. Não conseguia pensar em qualquer outra coisa que ajudasse na profilaxia.

No vestíbulo, onde havia gente bastante para fazer com que Marissa se sentisse razoavelmente fora de perigo, ela telefonou para o encarregado do Serviço de Epidemiologia do Estado de Illinois. Sem identificar-se, explicou que o quarto 2.410 do Palmer House poderia ter sido contaminado com o vírus Ebola. Antes que o homem pudesse formular qualquer pergunta, ela desligou.

Em seguida, ligou para Tad. Toda esta atividade permitia que ela evitasse de pensar sobre o que acabara de acontecer. O gelo inicial de Tad derreteu-se quando ele percebeu que Marissa estava à beira da histeria.

— Mas afinal, o que é que está acontecendo agora? — ele perguntou. — Marissa, você está bem?

— Tenho que lhe pedir dois favores. Depois de todo o problema que causei, eu havia jurado que não voltaria a incomodá-lo. Mas não tenho escolha. Primeiro, preciso de um frasco de soro convalescente da epidemia de Los Angeles. Você poderia enviá-lo pelo serviço noturno de remessa, para "Carol Bradford, Plaza Hotel, Nova York"?

— Quem diabos é Carol Bradford?

— Por favor, não faça perguntas — disse Marissa, lutando para evitar que desandasse a chorar. — Quanto menos você souber no momento, melhor.

Carol Bradford havia sido colega de quarto de Marissa; fora o nome que usara no voo de Atlanta para Chicago.

— O outro favor diz respeito a um pacote que estou lhe enviando. Por favor, não o abra. Leve-o até o laboratório de máxima restrição e esconda-o.

Marissa parou de falar.

— Isto é tudo? — perguntou Tad.

— É, é tudo. Você vai me ajudar, Tad?

— Acho que sim. Parece razoavelmente inócuo.

— Obrigada — disse Marissa. — Poderei explicar-lhe tudo dentro de poucos dias.

Ela desligou, ligou para o número de reservas do Westin Hotel e fez a reserva de um quarto no Plaza para aquela noite sob o nome de Carol Bradford. Tendo resolvido isto, examinou o vestíbulo do Palmer House. Ninguém parecia estar prestando a menor atenção nela. Acreditando que o hotel enviaria a conta para o cartão de crédito, Marissa não se preocupou em passar pelo balcão.

A primeira parada foi em um escritório da Federal Express. As pessoas foram extremamente amáveis quando ela lhes contou que aquilo era uma vacina especial, necessária em Atlanta no dia seguinte. Ajudaram-na a embalar os sacos de plástico em uma caixa de metal inviolável e até mesmo colaram a etiqueta do endereço, quando perceberam o quanto a mão de Marissa estava tremendo.

De volta à rua, ela pegou um táxi para O'Hare. Assim que se sentou, começou a checar seus nódulos linfáticos e testar a garganta, procurando por alguma sensibilidade. Ela já havia estado perto do Ebola antes, mas nunca assim tão perto. Estremeceu, ao pensar que o homem tinha a intenção de contaminá-la com o vírus. Era uma ironia cruel que a única maneira que ela tivera de escapar fora contaminando-o. Esperava que ele percebesse que o soro convalescente tinha um efeito protetor, se administrado antes da aparição dos sintomas. Talvez fosse esta a razão para o homem ter saído tão precipitadamente.

Durante o longo percurso até o aeroporto, ela começou a acalmar-se, até conseguir pensar logicamente. O fato de ter sido atacada novamente deu um crédito maior a suas suspeitas. E, se ficasse confirmado que a pistola de vacinação realmente continha o Ebola, ela teria sua primeira prova incontestável.

O motorista de táxi deixou Marissa no terminal da American Airlines e explicou que eles tinham voos de hora em hora para Nova York. Tendo comprado sua passagem, passado pela vistoria da segurança e caminhado o longo percurso até o portão de embarque, descobriu que teria que esperar mais meia hora. Decidiu telefonar para Ralph. Estava precisando imensamente ouvir uma voz amiga e também queria saber sobre o advogado.

Marissa passou alguns minutos lutando com a secretária de Ralph, que o guardava como se ele fosse o Papa, implorando à mulher que ao menos o fizesse saber que ela estava na linha. Finalmente, Ralph atendeu.

— Espero que você já esteja de volta a Atlanta — disse ele, antes que Marissa pudesse dizer alô.

— Em breve prometeu ela.

Explicou que estava no terminal da American, em Chicago, a caminho de Nova York, mas que, provavelmente, estaria de volta a

Atlanta no dia seguinte, principalmente se ele lhe tivesse arranjado um bom advogado.

— Fiz algumas investigações discretas — disse Ralph — e acho que tenho o homem certo. Seu nome é McQuinllin. Possui uma grande firma aqui em Atlanta.

— Espero que ele seja esperto — disse Marissa —, pois vai ter um bocado de coisas para resolver.

— É tido como um dos melhores.

— Você acha que ele vai exigir muito dinheiro adiantado?

— As probabilidades são de que peça mesmo algum tipo de adiantamento — disse Ralph. — isto será problema para você?

— Poderia ser — disse Marissa. — Depende da quantia.

— Bem, não se preocupe. Ficarei feliz em lhe dar uma ajuda.

— Eu não poderia pedir isto a você — disse Marissa.

— E não está pedindo. Eu é que estou oferecendo. Mas, em troca, gostaria que você parasse esta viagem louca. O que é tão importante em Nova York? Espero que não seja a nova epidemia de Ebola. Você não quer que se repita o que ocorreu em Filadélfia, não é? Por que simplesmente não pega um avião e volta para Atlanta? Estou preocupado com você.

— Breve — disse ela. — Prometo.

Após desligar, Marissa manteve a mão sobre o fone. Falar com Ralph sempre fazia com que se sentisse bem. Ele se preocupava.

Como a maioria dos homens de negócios, ou seja, 90% dos passageiros do voo, Marissa pediu um drinque. Ela ainda estava um feixe de nervos. A vodca a acalmou consideravelmente, e ela chegou até a enredar -se numa conversa do tipo "De onde você é?", "O que faz?", com um bonito jovem operador da Bolsa de Chicago, chamado Danny. Acabou sabendo que ele tinha uma irmã que era médica no Havaí. O rapaz conversava tão entusiasmado, que Marissa finalmente teve que fechar os olhos e se fingir adormecida, para conseguir ter tempo de colocar seus pensamentos em ordem.

A pergunta que se delineava em sua mente era: como o homem do braço duro havia tomado conhecimento de que ela estava em Chicago? E, considerando-se que fosse o mesmo homem, como ele soubera que ela estava no laboratório de máxima restrição? Para responder a ambas as perguntas, o pensamento de Marissa, relutantemente, voltou-se para Tad. Quando ele descobrira que um dos cartões estava desaparecido, devia ter chegado à conclusão de que ela iria usá-lo aquela noite. Talvez então tivesse avisado a Dubchek, para evitar que ele mesmo se metesse em apuros. Tad também havia ficado sabendo que ela estaria voando para Chicago, mas Marissa simplesmente não podia acreditar que ele tivesse, intencionalmente, colocado um assassino em seu encalço. E por mais que ela estivesse sentida com Dubchek, respeitava-o como um cientista dedicado. Era difícil ligá-lo ao PAC, a organização direitista subvencionadora.

Inteiramente confusa, sem conseguir distinguir o que seria uma dedução inteligente do que seria uma ilusão paranoica, Marissa desejava não ter deixado que a pistola de vacinação escapasse de suas mãos. Se Tad estivesse, de alguma forma, envolvido, então ela teria perdido sua única prova concreta, desde que o teste de Ebola desse positivo.

Enquanto seu avião aterrissava no aeroporto de La Guardia, Marissa decidiu que, se a epidemia de Nova York confirmasse suas teorias sobre a origem das outras, ela iria diretamente ao advogado de Ralph e deixaria que ele e a polícia tirassem as conclusões. Não iria mais se arriscar. Não contra um grupo de homens que não tinha o menor escrúpulo em colocar em risco toda uma população.

Quando o avião parou e o aviso para apertar os cintos apagou-se, indicando que haviam chegado ao portão de desembarque, Marissa levantou-se e retirou, com dificuldade, sua mala da prateleira superior. Danny insistiu em ajudá-la até a saída, mas, quando se despediram, Marissa jurou que seria mais cuidadosa no futuro. Não

haveria mais conversas com estranhos e não diria a pessoa alguma seu nome verdadeiro. Na verdade, ela resolveu não se registrar no Plaza como "Carol Bradford". Em vez disso, passaria a noite no Essex House, que ficava perto, usando o nome de sua velha companheira de ginásio, Lisa Kendrick.

George Valhala estava de pé, ao lado do balcão da Avis Rent-a-Car, e examinava casualmente as pessoas na área de bagagem. Seus empregados o haviam apelidado de "Sapo", não em decorrência de alguma característica física, mas principalmente porque possuía uma paciência incomum, que lhe permitia permanecer sentado imóvel por horas, em uma das portas de saída, como um sapo esperando por um inseto.

Mas este trabalho não ia solicitar muito de seu talento especial. Ele estava no aeroporto havia pouco tempo e sua informação fora de que a moça chegaria no voo das cinco ou no das seis horas, proveniente de Chicago. O das cinco havia acabado de aterrissar e alguns passageiros estavam começando a aparecer em torno da esteira rotativa de bagagens.

O único pequeno problema antevisto por George era que a descrição que lhe fora fornecida era vaga: uma mulher bonitinha, baixa, de uns trinta anos, com os cabelos castanhos. Normalmente ele trabalhava com uma foto, mas, neste caso, não tinha havido tempo para conseguir uma.

Então ele a viu. Tinha de ser ela. Era bem uns trinta centímetros mais baixa do que qualquer outro dos passageiros que carregavam pastas executivas e formigavam na área de bagagem. E George notou que ela estava desviando-se da esteira rotativa, aparentando ter trazido sua mala junto com ela, dentro do avião.

Abandonando o balcão da Avis, George caminhou em direção a Marissa, a fim de fixar bem sua aparência. Ele a seguiu até o exterior, onde ela entrou na fila do táxi.

Era bonitinha, sem dúvida, e também não havia dúvida de que era baixa. George perguntava-se como diabos ela conseguira sobrepujar Paul em Chicago. A ideia de que fosse algum tipo de perita em artes marciais passou por seu pensamento. De qualquer modo, George sentia certo respeito por esta pequena embusteira. Ele sabia que Al também sentia, caso contrário não estaria tendo todos estes problemas.

Após dar uma olhada nela bem de perto, George atravessou a rua em frente ao terminal e entrou em um táxi, aguardando do lado oposto da fila do táxi.

O motorista virou-se, olhando para George.

— Você a viu?

Ele era um sujeito magro, com a aparência de um pássaro, um contraste e tanto com a obesidade de George, que mais parecia uma pera.

Jake, eu lá tenho cara de idiota? Ligue o carro. Ela está na fila do táxi.

Jake agiu conforme estava sendo mandado. Ele e George trabalhavam para Al havia quatro anos, e se entendiam bem, a não ser quando George começava a dar ordens. Mas isso não acontecia com muita frequência.

— Ali está ela — disse George, apontando Marissa, que estava entrando em um táxi. — Saia devagar e deixe que o carro dela nos ultrapasse.

— Ei, sou eu quem dirige! — disse Jake. — Você observa, eu dirijo.

Mesmo assim, engatou a marcha e o carro começou a se deslocar, vagarosamente.

George observava pela janela detrás, e, notando que o táxi de Marissa tinha o teto dentado, disse:

— Assim será mais fácil de seguir.

O táxi passou pelo lado direito deles e Jake foi atrás. Ele deixou que um carro ficasse entre os dois carros, antes de entrarem na autoestrada de Long Island.

Não havia problemas para manter o táxi de Marissa à vista, mesmo quando o motorista pegou a ponte Queensborough, que estava cheia com o tráfego da hora do rush. Após quarenta minutos, eles a observaram descer em frente ao Essex House. Jake parou junto ao meio-fio, uns 15 metros adiante do hotel.

— Bem, agora sabemos onde ela está hospedada — disse Jake.

— Apenas para ter certeza, vou entrar e ver se ela se registrou — disse George. — Volto em um segundo.

14

23 de maio

Marissa não dormira bem. Após o incidente no quarto do Palmer House, talvez nunca mais ela fosse se sentir bem em um hotel. Qualquer barulho no corredor a fazia tremer, pensando que alguém iria tentar abrir a porta e entrar. E havia uma série de barulhos, como pessoas voltando tarde e pedindo serviço de quarto.

Ela também continuava imaginando sintomas. Não conseguia esquecer a sensação da pistola de vacinação em sua mão, e, cada vez que acordava, tinha certeza de que estava com febre ou coisa parecida.

Na manhã seguinte, achava-se completamente exausta. Pediu frutas frescas e café, que vieram junto com o New York Times. A primeira página trazia um artigo sobre as epidemias de Ebola. Em Nova York, o número de casos havia aumentado para 11, com uma morte, enquanto que em Filadélfia os números indicavam 36 casos, com 17 mortes. A única morte de Nova York era o caso inicial, o dr. Girish Mehta.

A partir das dez, Marissa telefonou repetidas vezes para o Plaza Hotel, a fim de perguntar sobre um pacote para Carol Bradford. Pretendia continuar ligando até a meia-noite: as transportadoras noturnas geralmente garantiam entregas até esta hora. Se o pacote

chegasse, ela ficaria menos cautelosa com relação à possibilidade de Tad traí-la e depois iria até a Clínica Rosenberg. Um pouco depois das onze, recebeu comunicado de que o pacote estava lá e que seria guardado até a chegada da hóspede.

Enquanto Marissa se preparava para deixar o hotel, não sabia se ficava surpresa por Tad ter enviado o soro ou não.

Naturalmente, o pacote poderia estar vazio, ou sua chegada ser apenas um ardil para fazer com que ela revelasse o seu paradeiro. Infelizmente, não havia modo de ter certeza, e Marissa desejava o soro o bastante para transformar suas dúvidas em mera retórica. Teria que se arriscar.

Levando apenas sua bolsa, Marissa tentava encontrar um modo de pegar o pacote que envolvesse o menor risco possível. Infelizmente, ela não teve nenhuma ideia brilhante, a não ser deixar o táxi esperando e certificar-se de que havia muitas pessoas por perto.

George Valhala estava no vestibulo do Essex House desde cedo. Este era o tipo de situação que ele adorava. Tomara café, lera os jornais e paquerara algumas gatinhas. No cômputo geral, ele passara bons momentos e nenhum dos detetives da casa o havia incomodado, vestido da maneira como se encontrava, com um terno italiano e sapatos de crocodilo legítimo.

Ele estava pensando em ir até o banheiro dos homens quando viu Marissa sair do elevador. Largou seu New York Post e a seguiu pela porta giratória. Esquivando-se das pessoas que lotavam a rua 59, ele foi andando até o táxi onde Jake aguardava e sentou no banco dianteiro.

Jake avistara Marissa e já havia ligado o motor.

— Ela parece mais bonita à luz do dia — disse, preparando-se para fazer o retorno.

— Você tem certeza de que aquela é a Blumenthal? perguntou o homem que estivera esperando no banco traseiro.

Seu nome era Alphonse Hicktman, mas poucas pessoas o chamavam pelo seu primeiro nome, tratavam-no apenas por Al, a seu pedido. Ele havia crescido na Alemanha Oriental e escapara para a ocidental por sobre o muro de Berlim. Seu rosto era enganadoramente jovem. Tinha cabelo louro e o usava curto, cortado no estilo Júlio César. Seus pálidos olhos azuis eram tão frios quanto um céu de inverno.

— Ela se registrou sob o nome de Lisa Kendrick, mas corresponde à descrição — disse George. — É ela, com certeza.

— Ou ela é tremendamente boa ou tremendamente sortuda — disse Al. — Temos que tirá-la do caminho sem a menor sombra de erro. Heberling diz que ela pode fazer com que a transação vá toda pelos ares.

Eles ficaram observando, enquanto Marissa pegava um táxi e dirigia-se para o leste.

Apesar do tráfego, Jake fez o retorno e depois conseguiu colocar-se em uma posição apenas dois carros atrás do táxi de Marissa.

— Escute aqui, moça: tem que me dizer para onde quer ir — disse o motorista de Marissa, olhando-a pelo espelho retrovisor.

Ela estava virada para trás, ainda observando a entrada do Essex House. Não saiu ninguém que parecesse a estar seguindo. Virando-se para a frente, disse ao motorista para dar a volta no quarteirão. Ainda tentava encontrar uma maneira segura de pegar o soro.

O motorista resmungou algo ininteligível enquanto ia dobrando à direita na esquina. Marissa olhou para a entrada do Plaza que ficava na Quinta Avenida. Havia um monte de carros e o pequeno estacionamento em frente ao hotel estava apinhado de gente. Formosos cabriolés puxados a cavalo alinhavam-se no meio-fio. Existiam ali até diversos policiais montados a cavalo, com capacetes brilhantes azuis e pretos. Marissa sentiu-se encorajada. Não havia como alguém surpreendê-la em tal ambiente.

Quando voltaram pela rua 59, Marissa disse ao motorista que queria que ele parasse no Plaza e esperasse enquanto ela ia lá dentro.

— Moça, eu acho...

— Eu vou demorar só um minuto — disse Marissa.

— Há muitos táxis — mostrou em volta o motorista. — Por que não pega outro?

— Eu lhe dou cinco dólares além do que marcar o taxímetro — disse Marissa. — E prometo que não demoro.

Marissa dirigiu ao homem o melhor sorriso que pôde conseguir, naquelas circunstâncias.

O motorista deu de ombros. Suas reservas pareciam ter sido superadas adequadamente pela gorjeta de cinco dólares e pelo sorriso. Ele estacionou no Plaza. O porteiro do hotel abriu a porta do carro e Marissa saiu.

Ela estava extremamente nervosa, esperando o pior a qualquer momento. Ficou observando enquanto seu táxi estacionava a uns dez metros da entrada. Satisfeita, ela entrou.

Como esperava, havia grande movimento no suntuoso vestíbulo. Sem hesitar, Marissa atravessou até uma vitrine de joalheria e fingiu estar absorta. Examinando o reflexo no vidro, procurou sinais de que alguém a estivesse observando. Parecia que ninguém a havia notado.

Atravessando o vestíbulo outra vez, aproximou-se do balcão da portaria e esperou, com o coração acelerado.

— Posso ver alguma identificação — perguntou o homem atrás do balcão, quando Marissa solicitou o pacote.

Momentaneamente confusa, ela disse que não estava com documento algum.

— Então a chave de seu quarto servirá — disse o homem, tentando ser — Mas eu ainda nem me registrei... — disse Marissa.

O homem sorriu. — Por que a senhora não se registra e depois pega seu pacote? Espero que entenda. Nossa responsabilidade é grande.

— Claro — disse Marissa, com a confiança abalada.

Era óbvio que ela não havia esquematizado as coisas tão cuidadosamente quanto deveria. Reconhecendo que não tinha escolha, encaminhou-se para o balcão de registros.

Até mesmo este procedimento tornou-se complicado, quando disse que não queria fazer uso de seu cartão de crédito. O funcionário fez com que ela fosse até o caixa, para deixar um depósito considerável em dinheiro, antes de lhe dar a chave de um quarto. Finalmente, mostrando a chave, ela conseguiu obter o pacote da Federal Express.

Enquanto caminhava ia rasgando o embrulho, e logo ergueu o frasco e o examinou. Parecia autêntico. Jogou a embalagem em uma lata de lixo e guardou o soro no bolso. Até agora, tudo bem.

Ao sair pela porta giratória, Marissa hesitou, enquanto seus olhos se acostumavam à claridade do meio-dia. Seu táxi estava ainda no mesmo local onde o vira pela última vez. O porteiro do hotel perguntou se ela queria transporte e Marissa sorriu, balançando a cabeça negativamente.

Olhou para um lado e para o outro da rua 59. A única diferença que se notava era que o trânsito aumentara. Na calçada, centenas de pessoas se acotovelavam, como se estivessem todas atrasadas para um importante encontro. Era um dia de sol forte e de muita agitação. Satisfeita, Marissa desceu os degraus que levavam à rua e correu os poucos metros que a separavam do seu táxi.

Chegando ao carro e agarrando a maçaneta da porta traseira, deu uma última olhada por sobre o ombro em direção à entrada do Plaza. Ninguém a seguia. Seus temores em relação a Tad não tinham fundamento.

Já ia entrando no carro quando deu de cara com a boca de uma arma, segura por um homem louro que, aparentemente, estivera recostado no banco traseiro. O homem começou a falar, ruas Marissa não lhe deu tempo. Pulou para trás, afastando-se do táxi, e bateu a

porta. A arma disparou, emitindo um barulho sibilante. Era algum tipo de pistola de ar comprimido sofisticada. A janela do táxi despedaçou-se, mas Marissa não estava mais olhando. Ela disparou a correr, como nunca correria antes. Com o canto do olho notou que o motorista do táxi saía do carro como um raio e estava correndo em direção oposta à dela. Da segunda vez que olhou por sobre os ombros, viu o homem louro indo direto em sua direção, abrindo caminho no meio da multidão.

A calçada apresentava uma série de obstáculos: pessoas, bagagens, carrocinhas de ambulantes, carrinhos de bebê e cachorros. O homem louro havia colocado sua arma no bolso, mas Marissa não estava mais convencida de que a multidão fornecia a proteção que ela esperava. Quem iria notar o suave som da pistola de ar? Marissa apenas cairia ao chão e seu atacante escaparia, antes que qualquer outra pessoa tomasse conhecimento de que ela fora atingida.

As pessoas gritavam à medida que Marissa ia colidindo com elas, mas ela continuava em frente. A confusão que causou atrapalhou o avanço do homem louro, mas não o suficiente. Ele estava levando vantagem sobre ela.

Correndo pela calçada a leste do Plaza, Marissa esquivava-se de táxis e limusines, alcançando a beira do pequeno parque com seu chafariz central. Ela estava totalmente em pânico, sem rumo. Mas sabia que tinha que fazer alguma coisa. Foi naquele momento que viu o cavalo da polícia montada. Estava frouxamente atado à cerca de correntes que limitava o pequeno terreno de grama do parque. Enquanto Marissa corria em direção ao cavalo, procurava desesperadamente pelo policial. Ela sabia que ele tinha que estar por perto, mas havia tão pouco tempo! Podia ouvir o barulho dos saltos do homem louro batendo na calçada, depois parando. Ela havia chegado ao passeio, que separava o parque do hotel.

Alcançando o cavalo, Marissa agarrou as rédeas e meteu-se embaixo do animal, que, nervosamente, sacudia a cabeça. Olhando

para trás, Marissa viu que o homem estava na rua, contornando uma limusine.

Freneticamente, os olhos de Marissa varreram o pequeno parque. Havia inúmeras pessoas, muitas das quais olhavam em sua direção, mas nenhum policial. Desistindo, virou-se e começou a correr pelo parque. Não havia chance de se esconder. Seu perseguidor estava perto demais.

Um grande grupo de pessoas estava sentado perto do chafariz, observando-a com estudada indiferença. Os nova-iorquinos, estavam acostumados a qualquer tipo de excesso, inclusive fugas repletas de terror.

Enquanto Marissa circundava o lado do chafariz, o homem louro estava tão perto que ela podia ouvir sua respiração. Virando-se novamente, Marissa chocou-se com as pessoas que passeavam pelo parque. Aos empurrões, ela forçou passagem por entre os pedestres, ouvindo-os resmungarem "Ei, você!", "Que ousadia!" e coisas piores.

Chegando a um lugar desimpedido, pensou que estivesse livre, até que percebeu que estava no centro de um círculo formado por centenas de pessoas. Três negros musculosos dançavam o break ao som de um rádio gravador. O olhar desesperado de Marissa encontrou-se com o dos jovens. Ela viu apenas raiva: havia estragado a apresentação deles.

Antes que alguém pudesse mexer-se, o homem louro caiu no meio do círculo, ficando numa posição desequilibrada. Começou a erguer sua pistola de ar, mas não foi muito longe. Com um pontapé certeiro, um dos dançarinos enraivecidos fez com que a arma descrevesse um arco baixo e fosse cair no meio da multidão. As pessoas começaram a se afastar quando o perseguidor de Marissa revidou, dando também um chute. O dançarino foi atingido no antebraço e caiu no chão.

Três dos seus amigos, que haviam permanecido apenas observando de longe, deram um salto e ficaram de pé, investindo

sobre o homem louro pelas costas.

Marissa não esperou. Misturou-se com a multidão que havia se afastado do alvoroço repentino. A maior parte das pessoas estava atravessando a Quinta Avenida e ela fez o mesmo. Uma vez ao norte da rua 59, fez sinal para um táxi e disse ao motorista que queria ir para a Clínica Rosenberg. Quando o táxi dobrou na 59, Marissa pôde ver uma multidão considerável perto do chafariz. O policial estava finalmente de volta a seu cavalo e ela esperava que ele mantivesse o homem louro ocupado por várias semanas.

Mais uma vez, Marissa olhou para a entrada do Plaza. Não havia qualquer atividade fora do comum, até onde podia ver. Recostou-se e fechou os olhos. Em vez de medo, achava-se subitamente dominada pelo ódio. Estava furiosa com todos, particularmente com Tad. Não podia haver dúvida, agora, de que ele estava contando aos seus perseguidores o seu paradeiro. Até mesmo o soro, pelo qual ela passara por tantos problemas, era inútil. Com suas atuais suspeitas, não havia a menor chance de injetar-se com ele. Em vez disso, teria que correr o risco, esperando que a pistola de vacinação tivesse sido projetada para proteger adequadamente quem a utilizasse.

Por um curto período de tempo, pensou em desistir da visita à Clínica Rosenberg, mas a importância de provar, ao menos para si própria, que o Ebola estava sendo, deliberadamente, disseminado, venceu. Ela precisava ter certeza. Além disso, depois do último ataque, tão elaborado, não haveria ninguém esperando-a.

Marissa pediu para o táxi deixá-la um pouco longe da clínica e percorreu a pé os quarteirões que faltavam. O local, certamente, não era difícil de ser encontrado. Tratava-se de uma estrutura de bom gosto, reformada, que ocupava quase todo o quarteirão. Um caminhão de TV e vários carros de polícia estavam estacionados em frente. Alguns policiais perambulavam pelos degraus de granito. Marissa teve que mostrar seu cartão de identificação do CCD, antes que a deixassem entrar.

O vestíbulo apresentava o mesmo estado de confusão que os outros hospitais que haviam passado por uma epidemia de Ebola. Enquanto passava através daquele monte de gente, começou a perder sua determinação. A raiva que sentira no táxi fora cedendo lugar ao velho temor de expor-se ao Ebola. Também, o contentamento por ter escapado do perseguidor desapareceu. Em seu lugar ficara a realidade de ter sido enredada numa perigosa teia de conspiração e intriga. Parou e olhou para a saída. Por um instante, pensou em ir embora, mas decidiu que sua única esperança era ter absoluta certeza. Tinha que afastar qualquer dúvida que ela própria tivesse, antes que pudesse convencer alguém mais.

Pensou em primeiro verificar a informação mais fácil. Foi até o escritório da administração, onde encontrou uma mesa com uma tabuleta dizendo: "Novos Assinantes". Embora desocupada, a mesa estava abarrotada de impressos. Demorou poucos minutos para que ela descobrisse que a Clínica Rosenberg era uma clínica com plano de saúde, tal qual suspeitara.

As respostas para as perguntas seguintes seriam mais difíceis de serem conseguidas, uma vez que o paciente inicial já morrera. Voltando ao vestíbulo principal, Marissa ficou observando o fluxo de pessoas, que iam e vinham, até que descobriu onde ficava o vestiário dos médicos. Calculando sua aproximação, Marissa chegou à porta juntamente com um médico do hospital, que parou para fazer sinal ao homem do balcão de informações. A porta do vestiário abriu-se e Marissa entrou atrás do médico.

Lá dentro, conseguiu arranjar uma túnica branca e comprida. Vestiu-a e arregaçou as mangas. Havia uma etiqueta na lapela que dizia dra. Ann Elliott. Marissa a retirou e colocou-a no bolso lateral da túnica.

Voltando ao vestíbulo, assustou-se ao ver o dr. Layne. Virando-se, ficou só esperando ouvir um grito de reconhecimento.

Felizmente, quando deu uma olhada para trás, o dr. Layne estava deixando o hospital.

Vê-lo fez com que Marissa ficasse mais nervosa do que nunca. Estava apavorada com o fato de encontrar-se casualmente com Dubchek, como ocorrera em Filadélfia, mas sabia que tinha que descobrir mais a respeito do caso inicial, que morrera.

Relendo o quadro de informações, viu que o Departamento de Patologia ficava no quarto andar. Pegou o elevador seguinte. A Clínica Rosenberg era um local que impressionava. Marissa teve que andar através do laboratório de química para chegar aos consultórios dos patologistas. Pelo caminho, notou que possuíam o mais recente e caro equipamento automatizado.

Passando por um par de portas duplas, encontrou-se rodeada por secretárias que datilografavam atarefadas, a partir de ditafones. Aqui era o escritório central do Departamento de Patologia, onde todos os relatórios eram preparados.

Uma das moças retirou seu aparelho do ouvido, quando Marissa se aproximou.

— Posso lhe ser útil?

— Sou uma das médicas do CCD — disse Marissa, de modo amistoso. — Você sabe se algum dos meus colegas está aqui?

— Acho que não — disse a secretária, começando a levantar-se.

— Posso perguntar ao dr. Stewart. Ele está em seu consultório.

— Estou bem aqui — disse um homem alto e corpulento, com uma grande barba. — E, para responder à sua pergunta, o pessoal do CCD está lá embaixo, no terceiro andar, em nossa ala de isolamento.

— Bom, talvez o senhor possa me ajudar — disse Marissa, evitando de propósito apresentar-se. — Estou lidando com as epidemias de Ebola desde o início, mas, infelizmente, atrasei-me para chegar a Nova York. Fiquei sabendo que o primeiro caso, um certo dr. Mehta, já faleceu. Os senhores fizeram autópsia?

— Hoje, pela manhã.

— O senhor se importaria se eu lhe fizesse algumas perguntas?

— Não fui eu quem fez a autópsia — disse o dr. Stewart. Depois, virando-se para a secretária, pediu — Helen, veja se consegue encontrar Curt.

Conduziu Marissa até um pequeno consultório, mobiliado com uma escrivaninha moderna e uma bancada de laboratório de fórmica branca, na qual estava colocado um microscópio binocular Zeiss com duas cabeças, novinho em folha.

— O senhor conhecia o dr. Mehta? — perguntou Marissa.

— Bastante — disse Stewart, confirmando com a cabeça. — Ele era nosso diretor médico, e sua morte será uma grande perda.

O dr. Stewart continuou a descrever as contribuições do dr. Mehta para fundar a Clínica Rosenberg e sua enorme popularidade, tanto junto ao corpo médico como entre os pacientes.

— O senhor sabe onde ele fez sua formação? — perguntou Marissa.

— Não estou bem certo do local onde ele frequentou a faculdade de medicina — disse Stewart. — Acho que foi em Bombaim. Mas sei que fez a residência em Londres. Por que pergunta?

— Estava apenas curiosa se ele era formado por uma escola de medicina estrangeira — disse Marissa.

— Isto faz alguma diferença? — perguntou Stewart, erguendo as sobrancelhas.

— Talvez — disse Marissa vagamente. — Há uma grande percentagem de médicos formados no estrangeiro que fazem parte do corpo médico desta clínica?

— Naturalmente — disse Stewart. — Todas as clínicas com plano de saúde iniciaram contratando um grande número de médicos formados no exterior. Os formados americanos querem clínicas particulares. Mas isto está mudando. Hoje em dia, podemos recrutar diretamente os melhores residentes.

A porta abriu-se e um jovem entrou.

— Este é Curt Vandermay — disse o dr. Stewart.

Relutantemente, Marissa deu seu próprio nome.

— A dra. Blumenthal tem algumas perguntas sobre a autópsia — explicou o dr. Stewart.

Ele afastou uma cadeira de sua bancada de microscópio para o dr. Vandermay, que se sentou e cruzou as pernas.

— Ainda não processamos as partes — explicou o dr.

Vandermay. — Portanto, espero que os resultados do todo sirvam.

— Na verdade, estou interessada em seu exame externo — disse Marissa. — Havia alguma anormalidade?

— Com certeza — disse o dr. Vandermay. — Ele tinha extensas lesões hemorrágicas na pele.

E quanto a traumatismos? — perguntou Marissa.

— Como adivinhou? — disse o dr. Vandermay, surpreso. — Ele estava com o nariz quebrado. Havia me esquecido disso.

— Fratura de quanto tempo atrás? — perguntou Marissa.

— Uma semana, dez dias, mais ou menos.

— O prontuário mencionava a causa?

— Para dizer a verdade, eu não olhei — disse o dr. Vandermay.

— Saber se ele havia morrido de febre hemorrágica Ebola era prioritário. Não parei para pensar sobre o nariz quebrado.

— Compreendo — disse Marissa. — E o prontuário? Suponho que esteja aqui na Patologia. Posso vê-lo?

— Certamente — disse Vandermay, pondo-se de pé. — Por que não vem até o local da autópsia, lá embaixo? Tenho algumas fotos do nariz quebrado, se lhe interessa ver.

— Eu gostaria muito — disse Marissa.

O dr. Stewart desculpou-se, dizendo que tinha que ir a um encontro, e Marissa acompanhou o dr. Vandermay, enquanto este explicava que o corpo fora desinfetado e depois ensacado duas vezes em recipientes especiais, a fim de evitar a contaminação. A família

solicitara que o corpo fosse enviado para a Índia, mas esta permissão fora recusada. Marissa compreendia por quê.

O prontuário não estava tão completo quanto ela teria gostado, mas havia referência ao nariz quebrado. Fora tratado por um dos colegas do dr. Mehta, um cirurgião otorrinolaringologista. Marissa também ficou sabendo que o próprio dr. Mehta era otorrino, um fato aterrador, devido ao modo como a doença se alastrara nas epidemias anteriores. Quanto à causa de o nariz estar quebrado, não havia referência alguma.

Vandermay sugeriu que eles telefonassem para o médico que tratara do dr. Mehta. Enquanto ele fazia a ligação, Marissa examinou o resto do prontuário. O paciente não possuía histórico referente a viagem recente, contato com animais ou ligação com qualquer das outras epidemias de Ebola.

— O coitado foi vítima de assalto — disse o dr. Vandermay, desligando o telefone. — Esmurrado e roubado em sua própria entrada de carro. Você pode acreditar nisto? Em que mundo nós vivemos!

Se você apenas soubesse, pensou Marissa, agora, completamente certa de que as epidemias de Ebola vinham sendo causadas deliberadamente. Uma onda de terror a assolou, mas ela forçou-se a continuar a interrogar o patologista.

— Notou, por acaso, alguma lesão numular na coxa do dr. Mehta?

— Não me lembro — disse o dr. Vandermay — mas há todas as fotografias.

Ele espalhou um punhado de fotos, como se estivesse dando as cartas em um jogo de pôquer.

Marissa olhou para a primeira. Retratava brutalmente o cadáver nu, deitado na mesa de autópsia de aço inoxidável. Apesar da profusão de lesões hemorrágicas, Marissa conseguiu destacar a

mesma lesão circular que vira na coxa do dr. Richter. Seu tamanho correspondia à boca de uma pistola de vacinação.

— Seria possível eu levar uma destas fotos? — perguntou Marissa.

O dr. Vandermay deu uma olhada para elas.

— Vá em frente. Nós temos muitas.

Marissa colocou a foto no bolso. Não era prova tão boa quanto a pistola de vacinação, mas já era alguma coisa. Agradeceu ao dr. Vandermay e levantou-se para partir.

— Não vai me contar sobre suas suspeitas? — perguntou ele, exibindo um leve sorriso, como se soubesse que havia algo por trás de tudo.

Um sistema de comunicação interna deu sinal de vida, informando ao dr. Vandermay que havia uma chamada telefônica para ele, na linha seis. Ele atendeu e Marissa o ouviu dizer:

— Mas que coincidência, dr. Dubchek! Estou falando com a dra. Blumenthal neste momento...

Isto era tudo que Marissa precisava ouvir. Levantou-se e correu para os elevadores. O dr. Vandermay chamou-a, mas ela não parou. Passou pelas secretárias procurando caminhar normalmente e depois disparou pelas portas duplas, prendendo as canetas no bolso da túnica branca, para evitar que caíssem.

De frente para os elevadores e para a escada de incêndio, resolveu arriscar o elevador. Caso Dubchek estivesse no terceiro andar, provavelmente, pensaria que a escada seria um caminho mais rápido. Apertou o botão para descer. Um técnico de laboratório estava aguardando, com sua bandeja de coletores. Ele observou Marissa apertar energicamente, e por diversas vezes, o botão do elevador, que já estava aceso.

— Emergência? — ele perguntou, quando seus olhares se encontraram.

Um elevador parou e Marissa entrou de supetão. Parecia que as portas não iam se fechar jamais, e ela esperava ver Dubchek surgir a qualquer momento e correr para pará-las. Mas, finalmente, começaram a descer e Marissa principiava a relaxar quando percebeu que estavam parando no terceiro andar. Enfiou-se mais para o fundo do elevador, desta vez apreciando sua baixa estatura. Desde o lado de fora, teria sido difícil vê-la lá dentro.

Quando o elevador começou a mover-se novamente, ela perguntou a um técnico de cabelos grisalhos onde ficava a lanchonete. Ele lhe disse para virar à direita quando saísse do elevador e seguir pelo corredor principal.

Marissa saltou e fez como lhe fora indicado. Logo que entrou no corredor, começou a sentir cheiro de comida. O resto do trajeto ela fez pelo olfato.

Decidira que era muito perigoso arriscar a entrada da frente da clínica. Dubchek podia ter dito à polícia para interceptá-la. Em vez disso, Marissa correu para a lanchonete, que estava cheia de gente almoçando. Dirigiu-se diretamente para a cozinha. O pessoal lançou-lhe alguns olhares indagadores, mas ninguém a interrogou. Como imaginara, havia uma entrada de carga, e Marissa saiu imediatamente por ela, dando a volta em um caminhão de laticínios que estava fazendo uma entrega.

Pulando até o nível da entrada de carros, ela caminhou rapidamente até sair na Madison Avenue. Após ir em direção norte durante meio quarteirão, virou para o leste em uma rua calma, margeada de árvores. Havia poucos pedestres, o que deu a Marissa a convicção de que não estava sendo seguida. Quando chegou a Park Avenue, fez sinal para um táxi.

Para ter certeza de que ninguém a estava seguindo, Marissa desceu na Bloomingdale's, atravessou a loja a pé até a Terceira Avenida e fez sinal para um segundo táxi. Quando chegou ao Essex

House, tinha confiança de que estava fora de perigo, ao menos no momento.

Do lado de fora de seu quarto, a porta ainda com a tabuleta de "Favor Não Incomodar". Marissa vacilou. Embora ninguém soubesse que ela estava registrada sob um nome falso, a lembrança de Chicago a perseguia. Abriu a porta cuidadosamente, examinando as acomodações antes de entrar. Então manteve a porta aberta com uma cadeira, e, cautelosamente, deu uma busca pelo quarto. Olhou embaixo das camas, no armário e no banheiro. Estava tudo como deixara. Satisfeita, Marissa fechou e trancou sua porta, usando todos os ferrolhos e correntes disponíveis.

1

Membro da classe rural trabalhadora, do sul dos EUA. (N. da T.)

23 de maio — Continuação

Marissa comeu algumas frutas, do sortido desjejum que pedira ao serviço de quarto aquela manhã. Descascou uma maçã, com a faca bem afiada que viera com a comida. Agora que suas suspeitas pareciam ser verdadeiras, não sabia bem qual o próximo passo a dar. A única coisa em que conseguia pensar era ir até o advogado de Ralph e contar a ele as suas crenças: que um pequeno grupo de médicos de direita estava introduzindo o Ebola em clínicas particulares para desgastar a confiança do público nos planos de saúde. Poderia entregar-lhe a escassa evidência que possuía e deixar que ele se preocupasse com o resto das provas. Talvez o advogado sugerisse mesmo um lugar seguro, onde ela pudesse esconder-se até que as coisas estivessem resolvidas.

Largando a maçã, foi até o telefone. Sentia-se bem melhor após ter tomado uma decisão. Discou o número de Ralph e ficou agradavelmente surpresa em ser posta em contato com ele tão prontamente.

— Eu dei à minha secretária instruções específicas — explicou Ralph. — Caso ainda não saiba, eu me preocupo com você.

— Você é um amor — disse Marissa.

Repentinamente, foi tocada pela solidariedade de Ralph. Ele conseguia minar o frouxo controle que ela estava conseguindo manter sobre as próprias emoções. Por um instante, sentiu-se como a criança que não chorou ao cair, mas somente quando avistou a mãe.

— Você volta para casa hoje?

— Isto depende — disse Marissa, mordendo os lábios e respirando fundo. — Você acha que posso falar com aquele advogado hoje?

A voz dele oscilou:

— Não... Telefonei para o escritório dele esta manhã. Disseram que estava fora da cidade, mas que era esperado de volta amanhã.

— Isto é mau — disse Marissa, com a voz começando a tremer.

— Marissa, você está bem? — perguntou Ralph.

— Já estive melhor — admitiu ela. — Passei por algumas experiências pavorosas.

— O que aconteceu?

— Não posso falar agora — disse Marissa, tendo consciência de que, se tentasse explicar, desandaria a chorar.

— Escute-me — disse Ralph. — Quero que você venha para cá imediatamente. Desde o começo eu não queria que você fosse a Nova York. Encontrou com Dubchek novamente?

— Pior — disse Marissa.

— Bom, isto decide tudo — assegurou Ralph. — Pegue o próximo voo para casa. Eu vou buscá-la no aeroporto.

A ideia era tremendamente atraente e ela estava a ponto de dizer isto, quando ouviu uma batida na porta. Marissa gelou.

A batida foi repetida.

— Alô... Marissa?...

— Espere um instante — disse ela ao telefone. -- Há alguém na porta. Espere na linha.

Colocou o fone sobre a mesinha de cabeceira e, com cautela, aproximou-se da porta.

Quem é?

— Uma encomenda para a srta. Kendrick.

Marissa abriu um pouco a porta, mas manteve o trinco de segurança. Um dos camareiros uniformizados estava ali, de pé, segurando um grande pacote embrulhado em papel branco.

Perturbada, disse ao rapaz para esperar, enquanto voltava ao telefone. Contou a Ralph que havia alguém em sua porta e que telefonaria novamente, assim que soubesse qual o voo que pegaria de volta a Atlanta, aquela noite.

— Você promete? — perguntou Ralph.

— Prometo! — garantiu Marissa.

Voltando à porta, ela deu uma olhada no corredor, outra vez. O rapaz estava encostado na parede em frente, ainda com a encomenda na mão. Quem poderia ter enviado flores para a "srta. Kendrick", quando, até onde Marissa tinha conhecimento, sua amiga morava feliz na costa oeste.

Voltando ao telefone, chamou a portaria e perguntou se lhe haviam enviado flores. O funcionário disse que sim, e que já estavam subindo.

Marissa sentiu-se um pouco melhor, mas não o suficiente para retirar a corrente. Em vez disso, desculpou-se pela fresta:

— Sinto muitíssimo, mas será que você pode deixar as flores aí? Eu as pego num instante.

— Pois não, senhorita.

O entregador colocou o embrulho no chão, tocou o chapéu e desapareceu pelo corredor.

Retirando a corrente, Marissa apanhou rapidamente a cesta e trancou de novo a porta. Rasgou o papel e deparou com um arranjo espetacular de flores primaveris. Em uma varinha verde, enfiada na base de espuma, havia um envelope endereçado a Lisa Kendrick.

Pegando-o, Marissa tirou de dentro um cartão dobrado, endereçado a Marissa Blumenthal! Seu coração parou, quando ela

começou a ler:

*"Cara dra. Blumenthal,
Parabéns por seu desempenho esta manhã. Ficamos bastante
impressionados. Naturalmente, teremos que fazer uma visita de
retribuição, a não ser que esteja disposta a ser razoável. Obviamente,
sabemos onde está, o tempo todo, mas nós a deixaremos em paz, se
devolver o equipamento médico que tomou emprestado."*

O terror tomou conta de Marissa. Por um momento, permaneceu transfigurada em frente às flores, olhando fixo para elas, não acreditando no que lera. Depois, com uma súbita explosão de atividade, começou a empacotar suas coisas, abrindo as gavetas da cômoda, tirando de dentro o pouco que ali colocara. Mas, então, parou. Não havia coisa alguma que estivesse no mesmo local onde ela havia deixado. Eles tinham estado no quarto, procurando em suas coisas! Ó Deus! Ela precisava sair dali. Entrando apressada no banheiro, foi pegando de qualquer maneira seus cosméticos, atirando-os dentro da bolsa. Então, parou outra vez. As implicações contidas no bilhete finalmente tornaram-se claras para ela. Se eles não tinham a pistola de vacinação, isto significava que Tad não estava envolvido. E nem ele, nem qualquer outra pessoa, sabia que ela estava hospedada no Essex House, sob um nome falso. A única maneira através da qual eles poderiam tê-la achado era seguindo-a desde o aeroporto em Chicago.

Quanto mais rápido ela saísse do Essex House, melhor. Após jogar o resto de suas coisas na mala, descobriu que havia embalado tudo tão mal, que a mala não fechava. Enquanto sentava-se sobre a mala, lutando contra o fecho, seu olhar, impulsivamente, voltou-se para as flores. De repente, entendeu tudo. O propósito deles era

amedrontá-la, fazendo com que ela os conduzisse até a pistola de vacinação, o que, provavelmente, ela teria feito.

Sentou-se na cama e forçou-se a raciocinar calmamente, já que seus adversários sabiam que a pistola não se achava em seu poder, e estavam esperando que os levasse até ela, sentiu que tinha alguma coisa a seu favor. Marissa resolveu não se preocupar em levar a maleta com ela. Encheu a bolsa com as coisas essenciais e retirou da pasta os diversos papéis de que precisava, assim poderia deixá-la ali, também.

A única certeza absoluta que Marissa tinha era que ela seria seguida. Sem dúvida, seus perseguidores esperavam que ela partisse dali em pânico, o que seria bem melhor para eles. Bom, pensou Marissa, eles iriam ter uma surpresa.

Olhando novamente para as belíssimas flores, decidiu que também poderia utilizar-se da mesma estratégia que seus inimigos haviam utilizado. Assim pensando, começou a desenvolver um plano que talvez pudesse dar as respostas e a solução para todo o problema.

Desdobrando a lista de membros do PAC, Marissa confirmou, para si mesma, que o secretário estava radicado em Nova York. Seu nome era Jack Krause e ele morava no número 426 da rua 84 Leste. Marissa resolveu fazer uma visita de surpresa ao homem. Talvez nem todos os médicos soubessem o que estava acontecendo. Era difícil acreditar que um grupo de médicos estivesse, intencionalmente, disseminando uma calamidade. De qualquer modo, o seu aparecimento à porta do dr. Krause deveria desencadear um pânico muito maior do que qualquer ramo de flores.

Enquanto isso, decidiu tomar algumas precauções para proteger sua saída. Indo até o telefone, chamou o gerente do hotel e, com uma voz irritada, reclamou que um funcionário tinha dado o número de seu quarto a seu ex-namorado, e que este a estava importunando.

— Isto é impossível — disse o gerente. — Não damos o número do quarto de nossos hóspedes a estranhos.

— Não tenho a intenção de discutir — replicou Marissa. O fato é que aconteceu. Já que o motivo de eu ter parado de sair com ele foi o seu temperamento violento, estou apavorada.

— O que gostaria que fizéssemos? — perguntou o gerente, sentindo que Marissa tinha algo em mente.

— Acho que, ao menos, poderiam mudar-me para outro quarto — disse ela.

— Providenciarei isso pessoalmente.

— Mais uma coisa — falou Marissa. — Meu namorado é louro, do tipo atlético, fisionomia rude. Talvez pudesse alertar seu pessoal.

— Certamente — disse o gerente.

Alphonse Hicktman deu mais uma tragada no cigarro e jogou-o sobre o muro de granito que separava o Central Park da calçada. Olhando para o táxi, que estava mais atrás, com a bandeira abaixada, Al podia imaginar a fisionomia de George. Ele estava lá, relaxado como sempre. Esperar nunca parecia incomodar o cara. Enquanto olhava para o outro lado da rua, para a entrada do Essex House, Al pedia a Deus que Jake estivesse adequadamente posicionado no vestíbulo do hotel, de modo a que Marissa não pudesse sair por uma entrada nos fundos, sem ser vista.

Antes, Al estava certo de que as flores mandariam a moça para fora do hotel como um raio. Agora, já estava confuso. Ou ela era muito esperta ou muito burra.

Atravessando a rua até o táxi, ele golpeou o teto do carro com a palma da mão, fazendo o barulho de um timbale. Imediatamente, George ficou metade para fora do carro, do lado oposto.

Al sorriu para ele.

— Um pouco tenso, George?

Sua paciência fazia com que a frustração de Al fosse mais difícil de suportar.

— Jesus Cristo! — exclamou George.

Os dois homens entraram no carro.

— Que horas são? — perguntou Al, pegando um outro cigarro. Ele já havia fumado quase um maço, aquela tarde.

— Sete e meia.

Al jogou o fósforo usado pela janela aberta. O serviço não estava indo bem. Já que a pistola de vacinação não estava no quarto de hotel da mulher, suas ordens eram para segui-la até que ela recuperasse a pistola, mas ia se tornando bastante claro que a dra. Blumenthal não estava disposta a ajudá-los, ao menos não imediatamente.

Naquele momento, um grupo de farristas saía atabalhoadamente do Essex House, de braços dados, dançando, rindo e, vulgarmente, fazendo-se de bobos. Evidentemente, tratava-se de membros de alguma convenção, pois trajavam ternos escuros, portavam crachás e estavam usando viseiras onde se lia SANYO.

O porteiro fez um sinal para um grupo de limusines que esperava na rua, um pouco mais acima. Uma a uma, elas vieram até a porta, para apanhar cada qual a sua cota.

Al deu um tapa no ombro de George, apontando, nervoso, para o grupo maior que saía da porta giratória. Dois homens estavam amparando uma mulher, que usava uma viseira Sanyo e parecia excessivamente bêbada para andar.

— É o nosso alvo que está pendurado naqueles caras? — ele perguntou.

George olhou de soslaio e, antes que pudesse responder, a mulher em questão desapareceu para dentro de uma das limusines. Ele virou-se para Al:

— Acho que não. Seu cabelo era diferente. Mas eu não pude ver direito.

— Droga! — disse Al. — Eu também não.

Após um instante de hesitação, Al pulou para fora do táxi, dizendo:

— Se ela sair, siga-a.

Depois Al esquivou-se do trânsito e correu até o outro lado da rua para pegar outro táxi.

Do banco de trás da limusine, Marissa observava a entrada do hotel. Pelo canto do olho, viu alguém sair de um táxi que estava estacionado e atravessar a rua. Bem na hora em que sua limusine parou em frente de um ônibus, bloqueando-lhe a visão, ela viu um homem pegando um outro táxi.

Marissa virou-se para a frente. Tinha certeza de que estava sendo seguida. Diversas eram suas opções, mas, com todo um quarteirão de dianteira, decidiu que seria melhor saltar.

Assim que a limusine dobrou na Quinta Avenida, Marissa surpreendeu seus companheiros ao gritar para o motorista parar.

Ele obedeceu, calculando que Marissa estivesse passando mal, mas antes que qualquer um dos homens soubesse o que estava acontecendo, ela abriu a porta e saltou, dizendo ao motorista para seguir sem ela.

Vendo uma livraria que, felizmente, ficava aberta até tarde, meteu-se lá dentro. Pela vitrine viu o táxi perseguidor passar rápido e conseguiu perceber uma cabeça loura no banco traseiro. O homem estava sentado inclinado para diante, olhando fixamente para a frente.

A casa mais parecia uma fortaleza medieval do que uma mansão típica de Nova York. As janelas principais eram estreitas e revestidas de grades de ferro trabalhado. A porta da frente era protegida por um forte portão de ferro, que seguia o estilo de grades levadiças. O quinto andar ocupava apenas a parte de trás, e o terraço que daí resultava era todo de ameias, como a torre de um castelo.

Marissa olhou para o prédio, desde o outro lado da rua. A visão não era nem um pouco hospitaleira, e por um momento a fez hesitar

se deveria visitar o dr. Krause ou não. Porém, seguramente escondida em seu novo quarto no Essex House, aquela tarde, ela dera alguns telefonemas e ficara sabendo que ele era um proeminente internista de Park Avenue. Ela não podia imaginar que o homem fosse capaz de fazer-lhe mal diretamente. Talvez através de uma organização, como o PAC, mas não com suas próprias mãos.

Marissa atravessou a rua e subiu os degraus da frente. Dando uma última olhada para cima e para baixo da tranquila rua, tocou a campainha. Atrás do portão achava-se uma pesada porta de madeira, com o centro decorado com um emblema de família, entalhado em relevo.

Esperou um minuto e tocou outra vez. De súbito uma luz acendeu-se, cegando-a de tal modo, que ela não podia ver quem estava abrindo a porta.

— Sim? — disse uma voz feminina.

— Gostaria de falar com o dr. Krause — disse Marissa, tentando parecer autoritária.

— Tem um encontro marcado?

— Não — admitiu —, mas diga ao doutor que estou aqui em uma emergência relacionada com os negócios do Physicians' Action Congress. Acho que ele me atenderá.

Marissa ouviu a porta sendo fechada. A forte luz iluminava grande parte da rua. Depois de alguns minutos, a porta foi reaberta.

— O doutor a receberá.

Depois ouviu-se o penoso ruído do portão de ferro, cutias dobradiças necessitavam de óleo, sendo aberto.

Marissa entrou, aliviada por sair daquele clarão. Observou a mulher, que usava um uniforme preto de empregada, fechar o portão e depois dirigir-se a ela:

— Queira me seguir, por favor.

Marissa foi conduzida por uma entrada de mármore e candelabros, depois por um pequeno corredor até uma biblioteca

com paredes de lambris.

— Queira esperar aqui. O doutor a receberá em um minuto — disse a mulher.

Marissa deu uma olhada pela sala que era belamente mobiliada com antiguidades. Estantes de livros adornavam três paredes.

— Sinto tê-la feito esperar — disse uma voz melodiosa.

Marissa virou-se e viu o dr. Krause. Ele possuía um rosto gordo com feições fortes, e quando fez um sinal para ela sentar-se, notou que suas mãos eram incomodamente grandes e quadradas, como as de um trabalhador. Após estarem sentados, pôde vê-lo melhor. Os olhos eram os de um homem inteligente e sensível, fazendo com que ela lembrasse de alguns de seus professores de medicina. Marissa estava espantada que ele pudesse ter-se envolvido em algo como o PAC.

— Sinto incomodá-lo assim tão tarde — começou ela.

— Não há problema — disse o dr. Krause. — Eu estava apenas lendo. Em que posso ajudá-la?

Marissa inclinou-se para a frente a fim de observar o rosto do homem.

— Meu nome é Marissa Blumenthal. Sou médica.

Houve uma pausa, enquanto o dr. Krause esperava que Marissa continuasse. Sua expressão não se alterara. Ou ele era um bom ator, ou seu nome não lhe era familiar.

— Sou funcionária do Serviço de Investigação em Epidemiologia no CCD — acrescentou Marissa.

Os olhos dele se estreitaram, mas muito pouco.

— Minha empregada falou-me que estava aqui para tratar de assuntos do PAC — disse o dr. Krause, com um pouco da hospitalidade desaparecendo de sua voz.

— E estou — disse Marissa. — Talvez eu deva perguntar se o senhor está a par de alguma coisa que o PAC poderia estar fazendo que afetasse o CCD.

Desta vez, as mandíbulas de Krause apertaram-se de modo visível. Ele respirou profundamente, ia começando a falar, depois mudou de ideia. Marissa aguardava, como se tivesse todo o tempo do mundo.

Finalmente, o dr. Krause pigarreou e disse:

— O PAC está tentando resgatar a medicina americana das forças econômicas que estão tentando destruí-la. Este foi sempre o seu objetivo, desde o início.

— Um nobre objetivo — admitiu Marissa. — Mas de que modo o PAC está tentando realizar esta missão?

— Apoiando uma legislação responsável e sensível — disse o dr. Krause.

Ele levantou-se, provavelmente para escapar ao olhar de Marissa.

— O PAC está oferecendo uma oportunidade a elementos mais conservadores de exercerem alguma influência — prosseguiu. — E já é hora; a profissão de médico parece-se com um trem desgovernado.

Afastou-se até a lareira, com o rosto encoberto pela sombra.

— Infelizmente — disse Marissa —, parece que o PAC está fazendo algo mais do que apoiar uma legislação. É isto que diz respeito ao CCD.

— Acho que não temos nada mais para discutir — disse o dr. Krause. — Queira me desculpar...

— Acredito que o PAC seja o responsável pelas epidemias de Ebola — falou precipitadamente Marissa, colocando-se de pé. — Vocês têm a ideia errônea de que disseminar a doença em clínicas que mantêm planos de saúde favorecerá a sua causa.

— Isto é absurdo! — disse o dr. Krause.

— Concordo plenamente — disse Marissa. — Mas tenho papéis que ligam o senhor e os outros membros do PAC à Professional Labs, em Grayson, Geórgia, que recentemente adquiriu equipamento para manipular o vírus. Tenho até a pistola de vacinação utilizada para contaminar os casos iniciais.

— Ponha-se daqui para fora! — ordenou o dr. Krause.

— Com prazer — disse Marissa. — Mas primeiro deixe-me dizer que pretendo visitar todos os membros do PAC. Não posso imaginar que todos tenham concordado com este plano idiota. Na verdade, é difícil para mim imaginar que um médico como o senhor... que qualquer médico possa ter permitido isto.

Mantendo uma calma que não sentia, Marissa andou até a porta. O dr. Krause não se afastou da lareira.

— Obrigada por haver me recebido — disse Marissa. — Sinto muito se o perturbei. Mas tenho confiança que algum dos membros do PAC que eu visite desejará ajudar a parar com este horror, talvez tornando as provas públicas. Poderia ser o senhor. Espero que sim. Boa noite, dr. Krause.

Marissa fez um grande esforço para andar devagar pelo corredor até o vestíbulo. E se ela tivesse julgado mal o homem e ele viesse atrás dela? Felizmente, a empregada materializou-se e a conduziu até a rua. Assim que Marissa ficou fora do alcance da luz, desandou a correr.

Por alguns instantes, o dr. Krause não se mexeu. Era como se o pior de seus pesadelos estivesse se tornando realidade. Ele tinha uma arma lá em cima. Talvez devesse apenas matar-se. Ou poderia telefonar para seu advogado e pedir imunidade em troca de tornar as provas públicas. Mas não tinha a menor ideia do que isto significava, realmente.

O pânico veio logo após a paralisia. Correu até sua escrivaninha, abriu seu livro de endereços e, após procurar um número, fez uma ligação para Atlanta.

O telefone tocou quase dez vezes, antes que atendessem. A voz profunda de Joshua Jackson percorreu seu caminho pelos fios, enquanto ele dizia alô e perguntava quem estava falando.

— Jack Krause — disse o agitado doutor. — O que diabos está acontecendo? Você jurou que, com exceção de Los Angeles, o PAC

nada tinha a ver com as epidemias de Ebola. Que as demais epidemias surgiram de contatos acidentais com os pacientes iniciais. Joshua, você me deu a sua palavra!

— Acalme-se — disse Jackson. — Controle-se.

— Quem é Marissa Blumenthal? — perguntou Krause, já com a voz mais tranquila.

— Assim está melhor — disse Jackson. — Por que você pergunta?

— Porque esta mulher acaba de aparecer à minha porta acusando-me, e ao PAC, de ter dado início a todas as epidemias de Ebola.

— Ela ainda está aí?

— Não, já foi embora — disse Krause. — Mas quem diabos é ela?

— Uma epidemiologista do CCD, que tem muita sorte. Mas não se preocupe, Heberling está cuidando dela.

— Este caso está se tornando um pesadelo — disse Krause. — Devo lembrá-lo de que eu fui contra o projeto, mesmo quando ele envolvia apenas gripe.

— O que a dra. Blumenthal queria com você? perguntou Jackson.

— Queria me assustar — disse Krause. — E realizou um esplêndido trabalho. Ela disse que tem os nomes e endereços de todos os membros do PAC, e deixou implícito que iria visitar cada um deles.

— Ela falou quem seria o próximo?

— É claro que não. Ela não é burra — irritou-se Krause. — Na verdade, é extremamente inteligente. Manipulou-me como a um instrumento perfeitamente afinado. Se ela nos visitar a todos, alguém vai acabar cedendo. Lembra-se de Tieman em São Francisco? Ele era muito mais duramente contra o projeto do que eu próprio.

— Tente relaxar — pediu Jackson. — Compreendo a razão de estar tão perturbado, mas deixe-me lembrá-lo de que não há prova concreta que possa implicar qualquer um de nós. E, como medida de precaução, Heberling limpou todo o laboratório dele, deixando os

estudos bacteriológicos. Direi a ele que a garota planeja visitar os outros membros. Tenho certeza de que isto irá ajudar. Enquanto isso, tomamos cuidados extras no sentido de mantê-la afastada de Tieman.

Krause desligou. Sentia-se um pouco menos ansioso, mas quando se levantou e apagou a luz da escrivaninha, decidiu que telefonaria para seu advogado, pela manhã. Não faria mal algum se ele se informasse a respeito de alguns procedimentos para tornar as provas públicas.

Enquanto seu táxi zunia sobre a ponte Triborough, Marissa ficou magnetizada pelo horizonte noturno de Manhattan. Daquela distância, ele era lindo. Mas logo foi ficando para trás, até sumir da vista, ao mesmo tempo em que o carro descia para- a parte submersa da autoestrada de Long Island. Marissa concentrou-se novamente na lista de nomes e endereços dos membros do PAC que havia tirado da bolsa. Era difícil conseguir ler, com o táxi passando rápido pelas luzes da autoestrada.

Não havia escolha lógica alguma quanto a quem visitar depois de Krause. O que ficasse mais perto seria o mais fácil, mas, também, provavelmente, o mais óbvio para seus perseguidores e, conseqüentemente, o mais perigoso. Pelo bem da segurança, decidiu visitar o homem que morasse mais distante: dr. Sinclair Tieman, em São Francisco.

Inclinando-se para a frente, Marissa disse ao motorista que preferia ir para o Aeroporto Kennedy, em vez do La Guardia. Quando ele perguntou qual terminal, escolheu ao acaso: United. Caso não tivessem vaga em um voo noturno, poderia ir para outro terminal.

Àquela hora da noite havia poucas pessoas no terminal e Marissa foi atendida logo. Estava satisfeita por ter conseguido um voo oportuno para São Francisco, com apenas uma escala, em Chicago. Comprou a passagem com dinheiro vivo, usando outro nome falso,

comprou algo para ler em uma banca e foi para o portão de embarque. Resolveu ocupar o pouco tempo antes de embarcar ligando para Ralph. Conforme previra, ele estava aborrecido por ela não lhe ter telefonado de novo logo, mas ficou satisfeito, a princípio, em saber que ela estava no aeroporto.

— Vou perdoar você pela última vez — ele disse. — Mas somente porque já está vindo para casa.

Marissa escolheu as palavras cuidadosamente.

— Gostaria muito de vê-lo hoje à noite, mas...

— Não me diga que ainda não está a caminho de casa — disse Ralph, simulando raiva para disfarçar seu desapontamento. — Arranjei tudo para encontrar-se com o sr. McQuinllin amanhã ao meio-dia. Você disse que queria vê-lo o mais rápido possível.

— Terá que ser adiado — disse Marissa. — Aconteceu algo. Preciso ir a São Francisco por um ou dois dias. Não posso explicar agora.

— Marissa, em que diabos está se metendo? — disse Ralph, em um tom desesperado. — Pelo pouco que me contou, estou totalmente certo de que deve vir para casa, ver o advogado; depois, se o sr. McQuinllin concordar, você então irá à Califórnia.

— Ralph, sei que está preocupado, e o fato de se inquietar faz com que eu me sinta bem melhor. Mas está tudo sob controle. O que estou fazendo vai apenas facilitar os meus negócios com o sr. McQuinllin. Confie em mim.

— Não posso — desculpou-se Ralph. — Você não está sendo racional.

— Estão chamando o meu voo — disse Marissa. — Ligarei assim que puder.

Marissa recolocou o fone com um suspiro. Ele podia não ser o homem mais romântico do mundo, mas, com toda a certeza, era sensível e atencioso.

Al mandou Jake calar-se. Ele não conseguia suportar a tagarelice incessante do outro. Quando não era sobre beisebol, era sobre cavalos. Nunca parava. Era pior do que o silêncio eterno de George.

Al estava sentado no táxi com Jake, enquanto George ainda esperava no vestíbulo do Essex House. Algo dizia a Al que as coisas não estavam indo bem. Ele havia seguido a limusine, durante todo o percurso, até o restaurante no Soho, mas, então, a garota que ele vira entrar não saía. Voltando ao hotel, ele mandara Jake verificar se a srta. Kendrick ainda estava registrada. Estava, mas quando Al subiu e passou pelo quarto, viu que este estava sendo limpo. Pior ainda, ele havia sido interpelado pelos detetives do hotel, que afirmavam ser ele o namorado da garota e que era melhor que a deixasse em paz. Não era preciso ser um gênio para saber que algo estava errado. Sua intuição profissional dizia-lhe que eles estavam desperdiçando seu tempo, ao permanecer ali, de mãos atadas, no Essex House.

— Você tem certeza de que não quer fazer uma apostazinha no quarto páreo, no Belmont, hoje? — disse Jake.

Al estava a ponto de desferir um par de socos na moleira de Jake quando seu bip tocou. Alcançando-o sob o paletó, desligou-o, praguejando. Ele sabia quem era.

— Espere aqui — disse asperamente.

Saltou do carro e atravessou correndo a rua, até o Plaza, onde se utilizou de um dos telefones públicos, que ficavam no térreo, para ligar para Heberling.

Heberling sequer tentou esconder seu desprezo.

— Pelo amor de Deus, a mulher deve pesar menos de cinquenta quilos! Não é como se eu tivesse pedindo para você se livrar do Rambo. Para que diabos o PAC está pagando a vocês mil dólares por dia?

— A mulher tem tido sorte — disse Al. Ele seria paciente, mas só até certo ponto.

— Não engulo essa — disse Heberling. — Agora me diga: você tem alguma ideia de onde ela possa estar neste momento?

— Não tenho certeza — admitiu Al.

— O que significa que você a perdeu — repreendeu Heberling. — Bom, posso lhe dizer onde ela tem andado: foi ver o dr. Krause e o assustou pra valer. Agora, receamos que ela esteja planejando visitar os outros membros do PAC. O dr. Tieman é o mais vulnerável. Eu me encarrego dos outros médicos, mas quero que você e seus orangotangos sentem o traseiro num avião para São Francisco. Vejam se ela está lá e, façam o que fizerem, não a deixem chegar a Tieman.

24 de maio

Estava começando a amanhecer quando Al acompanhou Jake e George pelo túnel que dava no terminal central de São Francisco. Eles haviam pego um voo da American que primeiro fez escala de uma hora e meia em Dallas, depois atrasou-se em Las Vegas, no que deveria ter sido uma breve descida.

Jake carregava a maleta com a pistola de vacinação que haviam utilizado em Mehta. Al se perguntava se sua aparência estaria tão ruim quanto a de seus colegas. Eles precisavam barbear-se e tomar um banho, e seus ternos, antes impecáveis, agora estavam bastante amarrotados.

Quanto mais Al pensava sobre a atual situação, mais frustrado ele ficava. A mulher poderia estar em qualquer uma de, pelo menos, quatro cidades. E não era uma coisa muito simples. Se realmente a achassem, primeiro teriam que conseguir que ela dissesse onde havia escondido a pistola de vacinação.

Deixando Jake e George encarregados da bagagem, ele alugou um carro, utilizando-se de uma das diversas identidades falsas que sempre trazia consigo. Decidiu que a única coisa que podiam fazer era montar guarda na casa de Tieman. Desta forma, mesmo que não encontrassem a mulher, ela não chegaria até o médico. Após

assegurar-se de que lhe fosse arranjado um carro com telefone, ele abriu o mapa que a garota do Budget lhe havia arranjado. Tieman morava em algum lugar afastado, chamado Sausalito. Ao menos, não haveria muito trânsito; ainda não eram sete horas da manhã.

A telefonista do Fairmont acordou Marissa às sete e meia, como ela pedira. Marissa tivera sorte na noite anterior. Um pequeno grupo de congressistas havia cancelado na última hora, e ela não tivera problema para conseguir um quarto.

Deitada na cama, à espera do café da manhã, ela tentava imaginar como seria o dr. Tieman. Provavelmente, não muito diferente de Krause: um homem egoísta, avaro, cuja tentativa de proteger seu próprio bolso havia escapado ao seu controle.

Levantando-se, ela abriu a cortina, deparando com o cenário magnífico, que incluía a ponte Bay, as montanhas de Marin County, com a ilha de Alcatraz parecendo uma fortaleza medieval, em primeiro plano. Marissa gostaria apenas de estar fazendo esta visita sob circunstâncias mais agradáveis.

Quando ela havia acabado de tomar banho e colocado o felpudo roupão branco fornecido pelo hotel, seu café da manhã chegou, uma grande variedade de frutas frescas e café.

Descascando um pêssgo, reparou que lhe haviam dado uma faca de descascar do estilo antigo — de cabo de madeira e muito afiada. Enquanto comia, observava o endereço de Tieman, e se perguntava se não seria melhor visitá-lo em seu consultório, em vez de ir até a casa dele. Tinha certeza de que alguém havia se comunicado com ele depois de sua visita ao dr. Krause; assim, não poderia surpreendê-lo mais. Sob tais condições, parecia mais seguro ir ao seu consultório.

As Páginas Amarelas estavam em uma das gavetas da escrivaninha. Marissa abriu na seção Médicos e Cirurgiões, encontrou o nome de Tieman e notou que sua prática estava restrita a obstetrícia-ginecologia.

Apenas para certificar-se de que o homem estava na cidade, ela ligou para o seu consultório. A telefonista de plantão disse que o consultório não abriria antes de oito e meia. Isto fora uns dez minutos atrás.

Marissa terminou de se vestir e ligou novamente. Desta vez falou com a recepcionista, que lhe disse que o médico não era esperado antes das três. Hoje era o seu dia de cirurgia no Hospital Geral de São Francisco.

Desligando, Marissa ficou olhando para a ponte Bay, enquanto conjecturava sobre esta nova informação. De certo modo, enfrentar Tieman no hospital poderia ser até melhor do que no seu consultório. Seria, sem dúvida, mais seguro, caso o médico tivesse qualquer ideia no sentido de tentar detê-la pessoalmente.

Olhou-se no espelho. Com exceção da roupa de baixo, ela estava usando as mesmas roupas havia dois dias, e chegou à conclusão de que teria que parar em algum lugar e arranjar roupas novas.

Colocou a tabuleta de "Favor Não Incomodar" quando saiu do quarto, menos nervosa aqui do que em Nova York, já que tinha certeza de estar muito à frente de seus perseguidores.

O local onde estava situado o Hospital Geral de São Francisco era vistoso, mas, uma vez lá dentro, o hospital era igual a qualquer outro grande hospital urbano, com a mesma mistura, sem método, do antigo com o moderno. Havia também aquela sensação dominante de agitação e desorganização, característica de tais instituições. Foi fácil para Marissa andar despercebida até a sala de escaninhos dos médicos.

Enquanto escolhia um jaleco usado, um assistente se aproximou e perguntou:

- Posso lhe ser útil? — Sou a dra. Blumenthal — disse Marissa.
- Estou aqui para assistir o dr. Tieman operando.
- Deixe-me dar-lhe um escaninho — disse o assistente sem hesitação, entregando-lhe uma chave.

Depois de se trocar, com a chave do escaninho alfinetada no jaleco foi até a antessala cirúrgica. Havia cerca de vinte pessoas ali, bebendo café, conversando e lendo jornal.

Passando pela antessala, Marissa foi diretamente para as salas de operação. No vestibulo, colocou um gorro e botas, depois parou em frente ao enorme quadro de horários. O nome de Tieman estava relacionado para a sala 11. O homem já estava na sua segunda histerectomia.

— Sim? — perguntou a enfermeira, de trás da mesa. Sua voz tinha aquele tom inflexível, de uma mulher no comando.

— Estou aqui para observar o dr. Tieman — disse Marissa.

— Entre. Sala 11 — disse a enfermeira, já com a atenção voltada para outro assunto.

— Obrigada — disse Marissa, descendo pelo largo corredor central.

As salas de operação ficavam de ambos os lados e entre elas se situavam as câmaras de vestiários e anestesia. Através das janelas ovais das portas, Marissa percebeu figuras vestidas com túnicas, inclinadas sobre seus pacientes.

Entrando na área de vestiário, entre as salas 11 e 12, Marissa colocou uma máscara e entrou na sala de operação de Tieman.

Havia cinco pessoas, além do paciente. O anestesilogista estava sentado à cabeceira do paciente, dois cirurgiões se achavam de pé, de cada um dos lados da mesa, uma enfermeira auxiliar estava empoleirada em um escabelo e havia uma outra enfermeira. Esta, quando Marissa entrou, estava sentada a um canto, aguardando ordens. Ela levantou-se e perguntou a Marissa o que desejava.

— Quanto tempo ainda de operação? — Três quartos de hora falou a enfermeira. — O dr. Tieman é rápido.

— Qual é o dr. Tieman? — perguntou Marissa.

A enfermeira olhou-a de modo estranho.

— O da direita — disse ela. — Quem é você?

— Uma médica amiga dele, de Atlanta — disse Marissa, sem pensar muito.

Movendo-se até a cabeceira da mesa e olhando para o dr. Tieman, entendeu por que a enfermeira ficara surpresa com a sua pergunta: o homem era negro.

Que estranho, pensou Marissa. Ela suspeitara que todos os membros do PAC fossem da velha geração, brancos, e que provavelmente tinham preconceito racial.

Permaneceu algum tempo observando pela tela o curso da operação. O útero já estava de fora e começavam a restaurá-lo. Tieman era bom. Suas mãos moviam-se com aquela especial economia de movimentos que não podia ser ensinada. Era um talento, um dom de Deus, nada que pudesse ser aprendido, mesmo com muita prática.

De a partida na droga do carro disse Al, desligando o telefone.

Estavam estacionados em frente a um espaçoso chalé de madeira, ligado a encosta do morro que fiava sobre a cidade de Sausalito. Por entre os eucaliptos, podiam ver pedaços azuis da baía.

Jake virou a chave na ignição e perguntou:

— Para onde?

Sabia que Al estava danado da vida, e quando ele estava deste jeito, o melhor era falar o mínimo possível.

— De volta à cidade.

— O que disseram no consultório de Tieman? perguntou George, do banco de trás.

Jake queria dizer a George para calar-se, mas estava com medo de falar.

— Que ele estava operando no Hospital Geral de São Francisco — disse Al, quase branco de ódio. Sua primeira operação estava programada para as sete e meia, e ele não é esperado no consultório antes das três.

— Não é de admirar que o tenhamos perdido disse George com voz de tédio. — O cara deve ter saído de casa uma hora antes de termos chegado aqui. Que perda de tempo! Devíamos ter ido para um hotel, como eu havia dito.

Com uma velocidade assombrosa, Al virou-se para trás, no banco da frente, e agarrou George pela gravata cor-de-rosa. Os olhos de George saltaram das orbitas e seu rosto ficou vermelho.

— Se eu quiser seu conselho, eu peço! Entendido?

Al soltou a gravata e empurrou George de volta ao banco. Jake, encolhendo-se como uma tartaruga em seu casco, arriscou uma olhada na direção de Al.

— E o que você está olhando com essa cara de idiota? perguntou Al.

Jake não proferiu palavra. Depois do que acabara de acontecer, esperava que George tivesse aprendido a sabedoria do silêncio.

Estavam quase na ponte, quando finalmente alguém disse alguma coisa.

Acho que devíamos arranjar outro carro disse Al, com a voz tão calma como se nada houvesse acontecido. — Apenas para o caso de nos depararmos com algum tipo de problema e termos que nos separar. Depois iremos ao Hospital Geral. Quanto mais rápido localizarmos Tieman, melhor.

Com bastante tempo para gastar e sentindo-se confiante em que tido teria problemas para reconhecer o dr. Tieman agora que já o havia visto, Marissa deixou a sala de operação quando o assistente estava fazendo a sutura. Botou novamente suas roupas comuns. Queria estar pronta para partir logo após falar com o homem. Indo até a antessala cirúrgica, encontrou uma cadeira perto da janela. Algumas pessoas sorriram para ela, mas ninguém falou.

Meia hora se passou antes que o dr. Tieman aparecesse, entrando na sala com o mesmo estilo elegante, espontâneo, que caracterizara sua técnica cirúrgica.

Marissa encaminhou-se até ele, que estava tomando uma xícara de café. O seu jaleco de mangas curtas permitia a Marissa observar-lhe os braços musculosos. Sua cor era um marrom forte, como uma noz lustrosa.

— Eu sou a dra. Marissa Blumenthal — disse ela, observando a reação do homem.

Seu rosto era largo, másculo, com um bigode bem aparado e olhos tristes, como se ele já tivesse visto mais na vida do que se importava em saber. Olhou para Marissa com um sorriso. Era óbvio, pela sua expressão, que ele não fazia a menor ideia de quem ela era.

— Posso falar-lhe em particular? — perguntou Marissa.

Tieman deu uma olhada para seu assistente, que acabara de chegar.

— Vejo você na sala de operação — disse Tieman, conduzindo Marissa para fora.

Ele a levou para uma das salas de receituário, que era separada da antessala por duas portas de vaivém. Havia uma cadeira e o dr. Tieman a virou, fazendo um gesto para que Marissa se sentasse. Ele recostou-se em um balcão, segurando o café com a mão direita.

Tendo plena consciência de sua pequena estatura e de sua desvantagem psicológica, Marissa empurrou a cadeira de volta, insistindo para que ele sentasse, já que havia permanecido de pé, operando desde cedo, aquela manhã.

— Está bem, está bem — disse ele com uma curta risada.

— Já estou sentado. Agora, em que lhe posso ser útil?

— Estou surpresa que o senhor não reconheça meu nome — disse Marissa, observando os olhos do homem, que ainda eram indagadores, ainda amigáveis.

— Sinto muito — disse o dr. Tieman.

Ele riu novamente, mas com uma ponta de constrangimento. Estava estudando o rosto de Marissa.

— Na verdade — disse —, eu realmente conheço muitas pessoas...

— O dr. Jack Krause não lhe telefonou para falar sobre mim? — perguntou Marissa.

— Não tenho nem certeza de conhecer um dr. Krause — disse o dr. Tieman, dirigindo a atenção para seu café.

A primeira mentira, pensou Marissa. Respirando profundamente, ela disse ao médico exatamente o que havia dito ao dr. Krause. Do momento em que ela mencionou a epidemia de Ebola em Los Angeles em diante, o dr. Tieman não ergueu mais os olhos. Ela podia dizer que ele estava nervoso. A superfície do café oscilou levemente na xícara que estava em sua mão, e Marissa sentiu-se repentinamente feliz por não ser a próxima paciente do homem.

— Não faço a menor ideia de por que está me dizendo tudo isto — disse o dr. Tieman, começando a levantar-se. E, infelizmente, eu tenho outra operação.

Com um atrevimento nada característico, Marissa gentilmente tocou o peito do homem, fazendo com que ele se sentasse novamente.

— Ainda não terminei — ela disse. — E, quer o senhor perceba isso ou não, está intimamente envolvido. Tenho provas de que o Ebola está sendo deliberadamente disseminado pelo Physicians' Action Congress. O senhor é seu tesoureiro e estou chocada que um homem de sua reputação possa estar ligado a uma coisa tão sórdida.

— Está chocada? — falou o dr. Tieman, finalmente ficando de pé, elevando-se por sobre ela. — Pois eu estou espantado que tenha a coragem de fazer afirmações tão irresponsáveis.

— Poupe seu fôlego — disse Marissa. — É do conhecimento público que o senhor é um dos membros do PAC, bem como um dos sócios de um dos únicos laboratórios do país equipados adequadamente para manipular o Ebola.

— Espero que tenha muitas garantias — avisou o dr. Tieman, erguendo a voz —, porque vai receber notícias de meu advogado.

— Ótimo — disse Marissa, ignorando a ameaça. — Talvez ele o convença de que o melhor procedimento é cooperar com as autoridades.

Ela deu um passo atrás e olhou para cima, em seu rosto.

— Depois de conhecê-lo, não posso acreditar que tenha aprovado a ideia de disseminar uma doença mortal. Será uma dupla tragédia para o senhor, perder tudo por que trabalhou, em decorrência do mau julgamento de outra pessoa. Pense nisto, dr. Tieman. Não tem muito tempo.

Empurrando as portas de vaivém, Marissa deixou um médico atordado dirigindo-se desesperadamente ao telefone. Ela lembrou-se de que havia esquecido de dizer a Tieman que tencionava visitar os outros membros do PAC, mas chegou à conclusão de que não tinha importância. O homem ficara suficientemente aterrorizado.

— Lá está ela — gritou Al, dando um tapa no ombro de Jake.

Eles estavam estacionados do outro lado da rua, em frente à entrada principal do hospital. George esperava atrás deles, no segundo carro. Quando Al se virou para olhar para ele, George sinalizou com o polegar para cima, querendo dizer que também vira Marissa.

— Hoje ela não me escapa — disse Al.

Jake ligou o carro e, quando Marissa pegou um táxi, ele entrou no trânsito, dirigindo-se para o centro da cidade. Al observava enquanto o táxi de Marissa entrava no trânsito atrás deles, seguido de perto por George. Desta vez as coisas estavam funcionando como deveriam.

— Ela deve ter visto Tieman, já que está indo embora — disse Jake.

— E daí? — disse Al. — Nós a pegamos agora.

Depois acrescentou:

— As coisas ficariam bem mais fáceis se ela voltasse pro hotel onde está hospedada.

O táxi de Marissa passou por eles, com George em seu encalço. Jake aumentou a velocidade. Mais à frente, ele viu George ultrapassar Marissa. Continuariam neste jogo até que Marissa chegasse ao seu destino.

Cerca de 15 minutos depois, o táxi de Marissa parou, atrás de uma fila de carros que aguardavam para poder parar na porta do Fairmont.

— Parece que suas preces foram ouvidas — disse Jake, estacionando do outro lado da rua, em frente ao hotel.

— Eu cuido do carro — disse Al. — Você, com esse seu traseiro, entre lá e descubra em que quarto ela está.

Jake saltou, enquanto Al saía cantando pneu. Esquivando-se do trânsito da manhã, Jake chegou à frente do hotel antes mesmo que Marissa tivesse saltado de seu táxi. No vestíbulo, ele pegou um jornal e, dobrando-o à sua frente, posicionou-se de maneira que pudesse ver qualquer pessoa que entrasse no hotel.

Marissa encaminhou-se diretamente ao balcão da recepção. Ele rapidamente colocou-se atrás dela, esperando que pedisse a chave de seu quarto. Mas, em vez disso, ela pediu foi para usar o seu cofre.

Enquanto o recepcionista abria o portão, dando passagem a Marissa até o escritório, que ficava atrás do balcão de recepção, Jake caminhou até o quadro de avisos que anunciava as diversas convenções. Logo Marissa reapareceu, ocupada em fechar sua bolsa a tiracolo. Então, para a consternação de Jake, ela encaminhou-se diretamente em sua direção.

Em um nervoso momento de confusão, Jake pensou que ela o havia reconhecido, mas Marissa passou direto, rumo a um corredor com lojas de suvenires de ambos os lados.

Jake seguiu atrás dela, ultrapassando-a em um corredor onde estavam expostas antigas fotos do terremoto de São Francisco.

Achando que ela se dirigia aos elevadores, assegurou-se de ficar à frente dela, misturando-se com as pessoas que já aguardavam.

Um elevador chegou e Jake entrou antes de Marissa, sabendo que este não estava muito cheio. Ele colocou-se em frente ao painel dos botões. Segurando o jornal como se o estivesse lendo, viu quando Marissa apertou o 11. À medida que os outros passageiros iam entrando, Marissa foi sendo empurrada para o fundo do carro.

Enquanto o elevador subia, parando de vez em quando, Jake continuou com o nariz enfiado no jornal. Quando o carro parou no décimo primeiro andar, ele saltou distraído, ainda concentrado em seu jornal, permitindo que Marissa e outras pessoas o ultrapassassem. Quando ela parou em frente ao quarto 1.127, Jake continuou andando. Não se virou e não retornou ao elevador até ouvir a porta dela se fechar.

De volta à rua, Jake atravessou até o carro de Al.

— E então? — disse Al, momentaneamente preocupado de que algo tivesse ido mal.

— Quarto 1.127 — disse Jake com um sorriso de autossatisfação.

— É melhor que esteja certo — disse Al, saindo do carro. — Espere aqui. Não vou demorar quase nada.

Ele deu um sorriso tão largo que Jake notou, pela primeira vez, que a gengiva de Al retrocedia até quase a raiz de seus dentes da frente.

Al caminhou até o carro de George e encostou-se na janela.

— Quero que você dê a volta e cubra a entrada dos fundos — disse. — Apenas como medida de segurança.

Sentindo-se bem, como não se sentia havia muito tempo, Al atravessou a rua até o elegante vestibulo vermelho e preto.

Ele foi até o balcão de recepção e observou a caixa de correspondência do 1.127. Havia um molho extra de chaves, mas não um número suficiente de pessoas que lhe permitisse fazer com que o

receptionista lhe entregasse as chaves sem fazer perguntas. Assim sendo, ele dirigiu-se aos elevadores.

No décimo primeiro andar procurou pelo carrinho da limpeza. Encontrou-o do lado de fora de uma suíte, com seus apetrechos habituais: lençóis limpos, toalhas e material de limpeza. Pegando uma das toalhas de rosto, dobrou-a cuidadosamente na diagonal, formando uma forte corda. Segurando uma ponta em cada mão, entrou na suíte que estava aberta, onde provavelmente a faxineira se achava trabalhando.

A sala de estar estava vazia. Havia um aspirador de pó no meio do quarto e uma pilha de lençóis no chão, mas ele ainda não havia visto pessoa alguma. Indo até o quarto de vestir, ouviu o barulho de água correndo.

A faxineira estava de joelhos, em frente à banheira, esfregando seu interior. Havia uma lata de saponáceo no chão, perto de seus joelhos.

Sem um segundo de hesitação, Al colocou-se atrás da mulher e, usando a toalha dobrada como se fora um garrote, a estrangulou. A mulher soltou alguns gemidos abafados, mas estes foram encobertos pelo barulho da água da banheira. O rosto dela ficou vermelho, depois roxo. Quando Al parou de puxar as pontas da toalha, a mulher estatelou-se no chão, como uma boneca de trapo.

Al encontrou as chaves mestras no bolso da mulher, em uma argola de latão do tamanho de uma pulseira. De volta ao corredor, ele pendurou uma tabuleta de "Favor Não Incomodar" na maçaneta e fechou a porta da suíte. Depois empurrou o carrinho da limpeza para longe da vista, enfiando-o no vão da escada. Flexionando os dedos, como um pianista que se prepara para um recital, dirigiu-se ao quarto 1.12 7.

24 de maio

Com a faca de cabo de madeira, Marissa descascou a última fruta que restava do café da manhã, deixando a faca e as cascas sobre a mesinha de cabeceira. Ela estava ao telefone, tentando fazer uma reserva para Mineápolis, junto à Northwest Airlines. Chegara a conclusão de que o PAC e quem mais estivesse no encalço dela iriam supor que, provavelmente, desta vez se dirigiria a Los Angeles. Assim Mineápolis era um local tão bom quanto outro qualquer.

O agente de viagens finalmente confirmou uma vaga no voo da tarde. Atirando-se de novo na cama, Marissa começou a conjecturar sobre uma maneira de passar a próxima hora, mas, enquanto estava pensando, a exaustão dominou-a e ela adormeceu.

Foi despertada por um dique metálico. Parecia a porta, mas sabia que havia pendurado a tabuleta de "Favor Não Incomodar". Então viu a maçaneta, silenciosamente, começar a mover-se.

Ela lembrou-se quando fora pega, no quarto de hotel em Chicago, pelo homem com a pistola de vacinação. O pânico a percorreu, como uma corrente elétrica. Recompondo-se, alcançou o telefone.

Antes que Marissa pudesse erguer o fone, a porta abriu-se violentamente, despedaçando parte do umbral quando as garras que

seguravam a corrente de segurança foram arrancadas do batente. Um homem fechou a porta com violência e depois atirou-se sobre Marissa. Agarrou-a pelo pescoço com ambas as mãos e sacudiu-a, como um louco enfurecido. Depois puxou o seu rosto, já acinzentado, para perto dele.

— Lembra-se de mim? — rosnou, furioso.

Marissa se lembrava. Era o louro com o cabelo cortado à Júlio César.

— Você tem dez segundos para dizer onde está a pistola de vacinação — sibilou Al, afrouxando o aperto mortal que aplicava na garganta de Marissa. — Se não fizer isso, eu quebro o seu pescoço.

Para enfatizar o que dizia, deu-lhe uma sacudida violenta na cabeça, fazendo com que uma pontada de dor percorresse a espinha de Marissa.

Respirando com muita dificuldade, ela unhou, sem sucesso, o poderoso pulso do homem. Ele a sacudiu outra vez, batendo com sua cabeça contra a parede. Por puro reflexo, as mãos dela estenderam-se para trás, para proteger o corpo.

O abajur caiu da mesinha de cabeceira e espatifou-se no chão. O quarto rodava, enquanto o cérebro de Marissa clamava por oxigênio.

— Esta é sua última chance — gritou Al. — O que você fez com aquela pistola?

Uma das mãos de Marissa tocou a faca de descascar frotas. Seus dedos fecharam-se ao redor do pequenino cabo. Segurando firmemente a faca, ela a ergueu em direção ao abdome do homem e desferiu um golpe com toda a força que pôde reunir. Não tinha ideia se havia penetrado em alguma coisa, mas Al parou de falar sem terminar a frase, soltou Marissa e oscilou para trás. Seu rosto demonstrava surpresa e incredulidade. Ela mudou a pequena faca para a mão direita, mantendo-a apontada para Al, que parecia confuso ao ver o sangue manchar sua camisa.

Marissa tinha esperança de chegar até a porta e correr, mas antes que a alcançasse, ele pulou sobre ela como um animal enraivecido, fazendo-a correr para o banheiro. Era como se ela estivesse vivendo a mesma situação de havia apenas algumas horas, em Chicago.

Al colocou a mão em volta da porta, antes que ela se fechasse. Marissa desferiu golpes cegamente, sentindo a ponta da faca atingir um osso. Al gritou e puxou a mão para trás, deixando uma nódoa de sangue na almofada da porta. A porta foi fechada com uma batida e Marissa rapidamente a trancou.

Ela estava prestes a discar o telefone do banheiro quando houve um forte estrondo e a porta do banheiro caiu para dentro, inteira. Al forçou Marissa a largar o fone, mas ela agarrou-se à faca, continuando a apunhalá-lo ferozmente. Atingiu seu abdome diversas vezes, mas, se estava surtindo algum efeito, este não era visível.

Ignorando a faca, Al agarrou Marissa pelo cabelo e arremessou-a contra a pia. Ela tentou golpeá-lo outra vez, mas ele agarrou seu pulso e bateu-o de encontro à parede, até que a arma foi se soltando e caiu no chão.

Ele se curvou para apanhá-la, e, quando se encolheu, Marissa agarrou o fone que balançava pelo fio e o atingiu com toda a sua força. Por um breve instante, ela não tinha certeza de quem estava mais machucado, pois o golpe que desferira enviara uma pontada de dor direto até seu ombro.

Por um momento Al permaneceu como se estivesse congelado. Depois seus olhos azuis viraram para cima e ele caiu na banheira, como se em câmera lenta, batendo com a cabeça nas torneiras.

Enquanto Marissa observava, meio esperando que Al se levantasse e investisse contra ela novamente, o ruído de um bip devolveu-lhe instantaneamente a ação. Ela alcançou o telefone e o desligou. Olhando para trás, para a banheira, ficou dividida entre o medo e sua formação médica. O homem tinha um enorme e

profundo talho sobre o nariz, e a parte da frente de sua camisa estava coberta de manchas de sangue. Mas o terror venceu, e Marissa agarrou sua bolsa e correu para fora do quarto. Lembrando-se de que em Nova York o homem não estivera sozinho, ela sabia que tinha de sair do hotel o mais rápido possível.

Descendo ao andar térreo, Marissa evitou a entrada da frente. Em vez disso, desceu um lance de escadas e seguiu as setas que indicavam uma saída pelos fundos. Colocando-se logo atrás da porta, esperou até que um bonde aparecesse. Medindo o tempo para que, ao sair, ficasse o menos exposta possível, saiu correndo do hotel e pulou para dentro do bonde.

Marissa forçou passagem entre as pessoas, até chegar à traseira. Olhou para o hotel quando o carro começou a andar. Ninguém saiu.

George piscou não acreditando. Era a garota. Rapidamente ele discou para o carro de Jake:

— Ela acaba de sair do hotel e entrou num bonde.

— Al está com ela? — perguntou Jake.

— Não — disse George. Ela está sozinha. Parecia que estava mancando um pouco.

— Há algo estranho... — Você a segue — disse George. — O bonde está saindo agora. Eu vou entrar no hotel e verificar o que houve com Al.

— Certo — disse Jake.

Ele sentia-se mais do que feliz em deixar que George cuidasse de Al, pois, quando este descobrisse que a garota havia escapado, ficaria louco de raiva.

Marissa olhou para trás, para o hotel, à procura de algum sinal de que estivesse sendo seguida. Ninguém saiu pela porta, mas, quando o bonde começou a andar, ela viu um homem sair de um carro e entrar correndo no hotel, pela porta dos fundos. O ajustamento do tempo era sugestivo, mas como o homem nem ao menos olhara em sua direção, ela considerou apenas uma

coincidência. Continuou a observar, até que o bonde dobrou uma esquina e não podia mais enxergar o Fairmont. Ela conseguira.

Marissa relaxou até que um forte ruído quase fez com que seu coração saísse pela boca. Partiu para a porta antes de perceber que fora apenas a sineta que o condutor tocava, enquanto recolhia o dinheiro das passagens.

Um homem saltou e Marissa rapidamente pegou o seu lugar. Ela estava tremendo e repentinamente apavorada de que pudesse ter manchas de sangue na roupa. A última coisa que queria era chamar a atenção sobre si mesma.

À medida que seu temor foi diminuindo, ela tornou-se mais consciente da dor no local onde seu quadril havia atingido a pia, e seu pescoço estava excessivamente sensível e provavelmente ficando preto e azulado.

— O dinheiro da passagem, por favor — disse o condutor.

Sem erguer os olhos, Marissa tentou achar algum trocado na bolsa. Foi aí que viu o sangue coagulado nas costas da mão direita. Rapidamente, mudou o modo de segurar a bolsa e utilizou-se da mão esquerda para entregar o dinheiro ao homem.

Quando o condutor se retirou, Marissa tentou adivinhar como eles a haviam encontrado. Tomara tantos cuidados... De repente, sua mente iluminou-se. Eles deviam estar montando guarda a Tieman. Era a única explicação possível.

Com a confiança abalada, Marissa começou a pensar sobre sua fuga do hotel. Talvez houvesse sido mais seguro ter permanecido e encarado a polícia. Contudo, fugir tornara-se um impulso recém-adquirido. Sentia-se como uma fugitiva, e isto fazia com que ela agisse como tal. E pensar que ela se havia suposto capaz de ser mais esperta do que seus perseguidores... Ralph tinha razão. Ela jamais deveria ter ido a Nova York, muito menos a São Francisco. Ele havia dito que ela estava metida em sérias complicações, e isto antes que ela visitasse ambas as cidades. Bom, agora as coisas estavam bem

piores: até onde sabia, havia matado dois homens. Era demais. Ela não iria a Mineápolis. Iria para casa e contaria, exatamente, tudo o que sabia e tudo o que suspeitava para o advogado.

O bonde diminuiu a marcha outra vez. Marissa olhou em volta. Ela estava em algum ponto de Chinatown. O carro parou, e bem na hora em que recomeçava a andar, ela se levantou e saltou. Enquanto corria para a calçada, viu o condutor balançando a cabeça, em desaprovação. Mas ninguém saltou atrás dela.

Marissa respirou profundamente e esfregou o pescoço. Olhando em volta, ficou satisfeita em ver que ambos os lados da rua estavam cheios de gente. Havia vendedores com suas carrocinhas, caminhões fazendo entregas, e diversas lojas com grande parte de sua mercadoria exposta na calçada. Todas as placas estavam escritas em chinês. Ela sentiu como se o pequeno bonde a houvesse transportado, misteriosamente, para o Oriente. Até os odores eram diferentes: uma mistura de peixe e temperos.

Passou por um restaurante chinês e, após hesitar um segundo, entrou. Uma mulher com um vestido de seda vermelha, com gola estilo mandarim e uma abertura até a altura do joelho, apareceu e disse que o restaurante ainda não estava aberto para almoço.

— Daqui a meia hora — ela disse.

— A senhora se importaria se eu usasse a toalete e o telefone? — perguntou Marissa.

A mulher estudou Marissa por um instante, chegou à conclusão de que ela não representava mal algum e a conduziu até os fundos do restaurante. Abriu uma porta e deu um passo para o lado.

Marissa entrou em uma pequena sala, com uma pia de um lado e um telefone público do outro. Havia duas podas na parte de trás, com os dizeres "Damas" em uma e "Cavalheiros" em outra. As paredes estavam recobertas de anos de poeira acumulada.

Marissa primeiro usou o telefone. Ligou para o Fairmont e contou à telefonista que havia um homem no quarto 1.12 7 que

precisava de uma ambulância. A telefonista disse-lhe para aguardar, mas ela desligou. Depois fez uma pausa, para decidir se devia chamar a polícia e explicar tudo. Não, pensou, era muito complicado. Além disso, ela já estava fora de cena. Era melhor voltar a Atlanta e procurar o advogado.

Enquanto lavava as mãos, Marissa olhou-se no espelho. Estava péssima. Pegando o pente, desembaraçou o cabelo e trançou alguns fios, para afastá-los do rosto. Havia perdido sua travessa, quando o homem louro a puxara pelo cabelo. Ao acabar de pentear-se, endireitou o blazer e a gola da blusa. Isto era tudo o que podia fazer.

Jake estava discando para o carro de George pela centésima vez. Na maioria das vezes o telefone não respondera, mas uma vez ou outra ele captara uma gravação que dizia que a pessoa chamada não se achava livre no momento.

Ele não conseguia compreender o que estava acontecendo. Al e George já deveriam estar de volta ao carro havia muito tempo. Jake seguira a garota, praticamente atropelando-a quando ela saltara, inesperadamente, do bonde, e a vira entrar em um restaurante chamado Peking Cuisine. Ao menos não a havia perdido.

Ele encolheu-se todo no assento do motorista. A garota acabara de sair do restaurante e estava sinalizando para um táxi.

Uma hora depois, Jake ficou, impotentemente, observando Marissa entregar sua passagem e embarcar em um voo direto da Delta, para Atlanta. Ele havia pensado em também comprar uma passagem mas desistira da ideia, por não ter o consentimento de Al. A garota passara a última meia hora fechada no banheiro feminino, dando a Jake bastante tempo para tentar o telefone do automóvel pelo menos outras dez vezes, na esperança de obter algumas instruções. Mas ninguém atendera.

Assim que o avião taxiou pela pista, Jake correu de volta a seu carro. Havia um bilhete de estacionamento sob o limpador de para-brisa, mas ele não deu a mínima. Estava feliz porque o carro não

havia sido rebocado. Entrou e pensou que devia voltar ao Fairmont para ver se conseguia achar os outros. Talvez toda a operação houvesse sido cancelada e os dois estivessem num bar, divertindo-se a valer, enquanto ele corria por toda a cidade.

De volta à autoestrada, resolveu chamar o telefone do outro carro uma última vez. Para seu espanto, George atendeu.

— Onde diabos você andou? — perguntou Jake. — Estive ligando pra você durante toda a droga da manhã!

— Houve um problema — disse George, submisso.

— Bem, espero mesmo que tenha acontecido algo — disse Jake.

— A garota está em um avião a caminho de Atlanta. Quase enlouqueci. Não sabia o que fazer.

— Al foi esfaqueado, acho que pela garota. Ele está no Hospital Geral, sendo operado. Não posso me aproximar dele.

— Cristo! — disse Jake, incrédulo, incapaz de imaginar que aquela garota, pouco maior do que uma criança, pudesse ter esfaqueado Al e ido embora.

— Ele não está tão ferido assim — continuou George. — O pior é que, ao que parece, Al se livrou de uma faxineira. Ele estava com as chaves mestras no bolso. Está sendo acusado de assassinato.

— Merda! — disse Jake. As coisas estavam indo de mal a pior.

— Onde você está agora? — perguntou George.

— Bem na autoestrada, saindo do aeroporto.

— Volte — falou George. — Consiga dois lugares para nós no próximo voo para Atlanta. Acho que devemos a Al um mínimo de vingança.

24 de maio

— Algo para ler? — perguntou a sorridente aeromoça.

Marissa aceitou. Precisava de alguma coisa que afastasse seu pensamento da horrível cena do hotel.

— Revista ou jornal? — perguntou a aeromoça.

— Jornal, acho — disse Marissa.

— San Francisco Examiner ou New York Times?

Marissa não estava com disposição para tomar decisões.

— New York Times — disse, finalmente.

O enorme jato ganhou altitude e o aviso para apertar os cintos apagou-se. Marissa olhou pela janela para as montanhas escarpadas que se estendiam pelo deserto árido. Era um alívio ter, finalmente, conseguido embarcar no avião. Quando estava no aeroporto, ficara tão apavorada de ser atacada por um dos amigos do homem louro ou de ser presa, que simplesmente havia se escondido no banheiro feminino.

Desdobrando o jornal, Marissa deu uma olhada no índice.

A cobertura das epidemias de Ebola em Filadélfia e Nova York continuava e estava registrada na página 4. Marissa abriu o jornal nesta página. O artigo dizia que a taxa de mortalidade em Filadélfia já chegava a 58 e em Nova York chegava a 49, mas que muitos outros

casos já haviam sido registrados lá. Marissa não ficou surpresa, já que o caso inicial era um otorrinolaringologista. Também reparou que a Clínica Rosenberg já havia pedido falência.

Na mesma página onde se encontrava o artigo sobre as epidemias, havia uma fotografia do dr. Ahmed Fakkry, titular de epidemiologia da Organização Mundial de Saúde. O artigo que acompanhava a foto dizia que ele estava visitando o CCD com o objetivo de investigar as epidemias de Ebola, porque a OMS temia que o vírus logo atravessasse o Atlântico.

Talvez o dr. Fakkry pudesse ajudá-la, pensou Marissa. Talvez o advogado que Ralph lhe estava arranjando conseguisse arrumar um encontro entre ela e o dr. Fakkry.

Ralph estava ocupado com suas revistas especializadas quando a campainha da porta tocou, às nove e meia da noite. Olhando para o relógio, perguntou-se quem poderia fazer uma visita àquela hora. Olhou por uma das vidraças que havia em ambos os lados da porta, e ficou estarrecido ao dar de cara com o rosto de Marissa.

— Marissa! — disse ele, incrédulo.

Abrindo a porta, pôde ver, atrás dela, um táxi amarelo descendo por sua longa e curvilínea entrada de carros.

Marissa o viu estender os braços e correu para eles, desandando a chorar.

— Pensei que você estivesse na Califórnia disse Ralph. — Por que não telefonou avisando que estava vindo? Eu teria ido buscá-la no aeroporto.

Marissa apenas se mantinha abraçada a ele, chorando. Era tão maravilhoso sentir-se segura!

— O que lhe aconteceu? — perguntou ele.

Mas só o que recebeu como resposta foram soluços ainda mais altos.

— Ao menos, vamos nos sentar, Marissa.

Ajudou-a a chegar até o sofá e, por alguns instantes, apenas deixou-a chorar, dando-lhe tapinhas carinhosos nas costas.

— Tudo bem — disse ele, na falta de outra coisa para dizer.

Olhou para o telefone, desejando que tocasse. Tinha que dar um telefonema, e a esta altura ela jamais o deixaria levantar-se.

— Aceita algo para beber? — ele perguntou. — Que tal um pouco daquele conhaque especial? Talvez faça você sentir-se melhor.

Marissa negou com a cabeça.

— Vinho? Tenho uma ótima garrafa de Chardonnay aberta na geladeira.

Ralph estava ficando sem ideias.

Marissa apenas o abraçou mais forte, porém seus soluços estavam diminuindo, sua respiração tornando-se mais regular.

Cinco minutos se passaram. Ralph suspirou.

— Onde está sua bagagem?

Marissa não respondeu, mas pescou um lenço de papel do bolso e enxugou o rosto.

— Tenho galinha fria na cozinha.

Finalmente Marissa endireitou-se no sofá.

— Talvez daqui a pouco. Fique comigo apenas um pouquinho mais. Tenho andado tão apavorada!

— Então por que você não me ligou do aeroporto? E o que houve com seu carro? Não o havia deixado no aeroporto?

— É uma longa história — disse Marissa. — Mas eu estava com medo de que alguém o estivesse observando. Eu não queria que ninguém soubesse que eu estava de volta a Atlanta.

Ralph ergueu as sobrancelhas.

— Isto significa que você gostaria de passar a noite aqui?

— Se você não se importar... — disse Marissa. — Não estou querendo me convidar, mas você tem sido um amigo tão bom!

— Você gostaria que eu a levasse até sua casa para pegar algumas coisas? — perguntou Ralph.

— Obrigada, mas não quero aparecer por lá, pela mesma razão que tive medo de pegar meu carro. Se eu tivesse que ir a algum lugar esta noite, iria correndo ao CCD e pegaria um pacote que, eu espero, Tad tenha guardado para mim. Mas, para dizer a verdade, acho que tudo isto pode esperar até amanhã de manhã. Até mesmo aquele advogado, que eu torço para que seja capaz de me manter fora da cadeia.

— Nossa! — disse Ralph. — Espero que você não esteja falando sério. Não acha que já é hora de me contar o que está acontecendo?

Marissa pegou a mão de Ralph.

— Eu vou contar. Prometo. Deixe-me apenas acalmar-me um pouco mais. Talvez eu deva comer algo.

— Vou preparar um pouco de galinha para você.

— Pode deixar Ralph. Eu sei onde é a cozinha. Talvez eu apenas frite uns ovos.

— Me junto a você em um minuto. Tenho que dar um telefonema.

Marissa arrastou-se pela casa. Na cozinha, olhou para todos os aparelhos domésticos e o espaço em volta, e pensou que seria um desperdício fazer apenas ovos. Mas era o que parecia melhor. Tirou-os da geladeira, juntamente com um pouco de pão para fazer torradas. Aí ela se lembrou de que não havia perguntado a Ralph se ele gostaria de comer um pouco também. Estava prestes a chamar por ele, mas chegou à conclusão de que não a ouviria.

Colocando os ovos sobre a mesa, foi até o interfone e começou a apertar os botões no console, para ver se Conseguia descobrir como funcionava.

— Alô! Alô! — disse ela, enquanto tentava diferentes combinações. Achando, ao acaso, a sequência correta, de repente ouviu a voz de Ralph:

— Ela não está em São Francisco. Ela está aqui em minha casa.

Pausa.

Jackson, eu não sei o que aconteceu. Ela está histérica. Tudo que falou foi que tem um pacote esperando por ela no CCD. Escute, não posso falar agora. Tenho que voltar para junto dela.

Pausa.

— Vou mantê-la aqui não se preocupe. Mas venha o mais rápido que puder.

Pausa. — Não, ninguém sabe que ela está aqui. Tenho certeza disso. Tchau.

Marissa agarrou-se ao balcão, com medo de que fosse desmaiar. Todo este tempo, Ralph — a única pessoa em que ela confiara totalmente — tinha sido um "deles". E Jackson! Devia ser o mesmo Jackson que ela conhecera no jantar oferecido por Ralph: o chefe do PAC, e estava a caminho dali! Meu Deus!

Sabendo que Ralph estava encaminhando-se para a cozinha, Marissa forçou-se a continuar a preparar a comida. Mas, quando tentou quebrar um ovo na beirada da frigideira, espatifou-o dentro da frigideira, com casca e tudo. Estava com outro ovo na mão, quando Ralph apareceu, com os drinques.

— Está cheirando bem — disse ele, jovialmente.

Colocando o copo dela sobre a mesa, tocou-a de leve nas costas. Marissa deu um pulo.

— Nossa! Você está realmente tensa. Como vamos fazer para que você relaxe?

Marissa não proferiu palavra. Embora não estivesse mais com a mínima fome, passou manteiga na torrada e colocou geleia. Olhando para a cara camisa de seda de Ralph, as pesadas correntes de ouro, as pantufas Gucci com pompons, tudo que se referia a ele, repentinamente, pareceu uma afetação ridícula, da mesma forma que toda a casa primorosamente mobiliada. Tudo isto representava a notável decadência de um médico rico, que agora temia a nova competição médica, a evolução dos tempos, a medicina não sendo mais um mercado para negociantes.

Obviamente, Ralph era um membro do PAC. Com toda a certeza ele apoiava Markham. E fora Ralph, não Tad, que sempre soubera onde ela estava. Enquanto servia os ovos, Marissa pensava que mesmo que ela conseguisse escapar, não havia a quem recorrer. Naturalmente que não poderia ser um advogado que Ralph recomendara. Na verdade, agora que sabia que Ralph estava implicado, lembrou-se por que o nome da firma de advocacia que ele sugerira parecia-lhe familiar.

Cooper, Hodges, McQuinllin e Hanks estavam relacionados como agentes de serviço do PAC.

Marissa sentiu-se na boca do dragão. Os homens que a estavam perseguindo tinham ligações poderosas. Ela não tinha ideia de até onde eles haviam penetrado no CCD. Certamente, a conspiração envolvia o senador que exercia controle sobre a verba orçamentária do Centro.

A mente de Marissa girava. Estava apavorada que ninguém acreditasse nela e plenamente consciente de que a única prova que possuía — a pistola de vacinação — estava guardada em algum lugar dentro do laboratório de máxima restrição, ao qual, ela sabia, à custa de uma experiência dolorosa, seus perseguidores tinham acesso. A única coisa totalmente clara era que ela precisava afastar-se de Ralph antes que Jackson, e talvez outros bandidos, chegasse. Pegando seu garfo, teve uma súbita visão do homem louro arremessando-se banheiro adentro em São Francisco. Deixou cair o garfo, sentindo novamente que estava prestes a desmaiar. Ralph agarrou seu cotovelo e ajudou-a a chegar até a mesa da cozinha. Ele colocou o prato de comida em frente a ela e insistiu para que comesse.

— Você estava indo tão bem um minuto atrás — disse de. — Vai sentir-se melhor se colocar algo no estômago.

Ele apanhou o garfo e jogou-o na pia, depois pegou outro na gaveta de talheres.

Marissa deixou sua cabeça cair entre as mãos. Tinha que conseguir controlar-se. Um tempo precioso estava se escoando.

— Sem fome afinal de contas? — perguntou Ralph.

— É... parece... — admitiu Marissa. O simples cheiro de ovos era suficiente para fazê-la enjoar. Ela estremeceu.

— Talvez você devesse tomar um tranquilizante. Tenho alguns lá em cima. O que acha?

— Tudo bem.

— Volto num minuto disse Ralph, apertando-lhe o ombro.

Esta era a chance pela qual ela rezara. Assim que ele saiu da cozinha, Marissa colocou-se de pé, tirando rápido o fone do gancho. Mas não estava fazendo o ruído de discar. Ralph devia tê-lo desligado, de alguma forma!

Adeus, polícia. Recolocando o fone no gancho, ela percorreu rapidamente a cozinha, procurando as chaves do carro de Ralph. Nada. A seguir tentou a sala íntima adjacente, onde havia uma pequenina urna de mármore com algumas chaves. As do carro não estavam na urna. Passando novamente pela cozinha, Marissa foi até o pequeno vestíbulo perto da porta dos fundos. Havia um quadro informativo de cortiça, uma antiga carteira escolar e uma velha cômoda. Havia também uma porta que conduzia ao banheiro.

Tentando primeiro a carteira, ela ergueu a tampa e vasculhou seu conteúdo. Havia algumas chaves domésticas de formato estranho, mas isto era tudo. Voltando-se para a pequena cômoda, começou a abrir suas gavetas, descobriu uma miscelânea de luvas, cachecóis e acessórios para chuva.

— De que você precisa? — perguntou Ralph, aparecendo, subitamente, atrás dela.

Sentindo-se culpada, Marissa endireitou-se, tentando encontrar um alibi. Ralph esperou, olhando para ela com expectativa. Sua mão direita estava fechada. Na esquerda trazia um copo d'água.

— Pensei que talvez pudesse encontrar um suéter — disse Marissa.

Ralph olhou-a de modo estranho. Quando mais não fosse, a casa estava bastante quente. Afinal, já era quase junho.

— Vou ligar o aquecedor da cozinha — disse ele, levando Marissa de volta à cadeira onde estivera sentada e estendendo a mão direita. — Pegue, tome isto.

Colocou uma cápsula na palma da mão de Marissa. Era vermelha e cor de mármore.

— Dalmane? — perguntou Marissa. — Pensei que você tivesse ido buscar um tranquilizante.

— Isto irá fazer com que você relaxe e lhe proporcionará uma boa noite de sono — explicou Ralph.

Negando com a cabeça e devolvendo a cápsula a Ralph, Marissa disse:

— Preferia um tranquilizante.

— Que tal Valium?

— Ótimo — disse Marissa.

Assim que ouviu seus passos na escada dos fundos, Marissa correu até o vestíbulo da frente. Não havia chaves na mesa de mármore trabalhado ou na única gaveta central. Abrindo o closet, ela rapidamente apalpou os bolsos do paletó. Nada.

Chegou de volta à cozinha, bem a tempo de escutar Ralph descendo a escada dos fundos.

— Aqui está — disse ele, colocando um tablete azul na mão de Marissa.

— Qual é a dose?

— Dez miligramas.

— Não acha que é um pouco demais?

— Você está tão perturbada que não fará o mesmo efeito que faria normalmente — disse Ralph, entregando-lhe um copo d'água.

Marissa aceitou-o, depois fingiu tomar o Valium, só que, em vez disso, deixou-o cair dentro do bolso de sua blusa.

— Agora, vamos tentar a comida outra vez — disse Ralph.

Marissa forçou-se a comer um pouco, enquanto tentava imaginar um jeito de escapar, antes que Jackson chegasse. A comida estava com um gosto horrível e ela largou o garfo após algumas garfadas.

— Ainda sem fome? — disse Ralph.

Marissa fez que sim.

— Bom, vamos para a sala de estar.

Ela ficou feliz por se afastar dos odores culinários, mas, assim que se sentaram, Ralph insistiu para que ela tomasse um drinque.

— Acho que não deveria, depois do Valium.

— Um pouco não fará mal:

— Tem certeza de que não está querendo me embebedar?

— disse Marissa, forçando uma risada. — Talvez seja melhor você me deixar preparar os drinques.

— Por mim está ótimo — disse Ralph, colocando os pés sobre a mesa de centro. — Para mim, um uísque.

Marissa foi direto ao bar e serviu uma dose dupla de uísque para Ralph. Depois, verificando se ele estava distraído, pegou o tablete de Valium, quebrou-o ao meio e jogou os pedaços na bebida.

Infelizmente, eles não se dissolveram. Pescando-os, pulverizou-os com a garrafa de uísque e assoprou o pó para dentro do drinque.

— Precisa de ajuda? — perguntou Ralph.

— Não — disse ela, servindo-se de um pouco de conhaque.

— Aqui está.

Ralph pegou seu drinque e recostou-se no sofá.

Sentando-se ao lado dele, Marissa deu tratos à bola para tentar adivinhar onde ele poderia ter posto as chaves de seu carro. Tentava imaginar o que Ralph diria se ela, de repente, as pedisse, mas achou que seria um risco muito grande. Se ele descobrisse que sabia sobre

ele, poderia retê-la à força. Sendo assim, ainda lhe restava uma chance, mas somente se conseguisse encontrar as chaves.

Um pensamento terrível ocorreu-lhe: ele provavelmente as havia colocado no bolso da calça. Por mais desagradável que fosse, Marissa forçou-se a aninhar-se junto a Ralph.

Provocativamente, colocou a mão nos quadris dele. Como imaginara, podia sentir as chaves através da fina gabardine. E agora? Como ela iria conseguir pegá-las?

Rangendo os dentes, inclinou o rosto para junto do dele, encorajando-o a beijá-la. Enquanto os braços de Ralph envolviam sua cintura, ela deixou os dedos escorregarem para dentro do seu bolso. Respirando com dificuldade, sentiu a beira da argola e puxou. As chaves balançaram um pouco e Marissa começou a beijá-lo freneticamente. Sentindo a reação dele, resolveu que tinha que aproveitar a chance.

Por favor, Deus, por favor, Deus, rezou ela, puxando as chaves para fora e escondendo-as em seu próprio bolso.

Era óbvio que Ralph havia se esquecido que Jackson estava para chegar, ou então ele resolvera que sexo era a melhor maneira de manter Marissa calma. De qualquer modo, já era hora de pará-lo.

— Querido — disse ela. — Detesto fazer isso com você, mas aquela pílula está fazendo efeito. Acho que tenho que ir dormir.

— Descanse aqui. Eu amparo você.

— Eu adoraria, mas depois vai ter que me carregar lá para cima.

Ela desvencilhou-se do abraço e ele, sollicitamente, ajudou-a a subir as escadas até o quarto de hóspedes.

— Não quer que eu fique com você?

— Sinto muito, Ralph. Estou quase apagando. Apenas deixe-me dormir. — Ela forçou um sorriso. — A gente pode continuar, quando passar o efeito do Valium.

Como para evitar qualquer outra conversa, ela deitou-se na cama totalmente vestida.

— Você não quer um pijama? — perguntou ele, esperançoso.
— Não, não. Não consigo manter meus olhos abertos.
— Bom, me chame se precisar de alguma coisa. Estarei logo ali embaixo.

No instante em que Ralph fechou a porta, Marissa aproximou-se dela na ponta dos pés e ouviu-o descer as escadas da frente. Depois foi até a janela e abriu-a. O balcão que havia do lado de fora era tal e qual ela se lembrava. O mais silenciosamente possível, esgueirou-se para a quente noite de primavera. O céu parecia uma tigela cheia de estrelas, virada para baixo. As árvores eram apenas silhuetas escuras. Não havia vento. A distância, um cão latiu. Então, Marissa ouviu um carro.

Rapidamente, ela examinou sua posição. A distância que a separava da entrada de asfalto era de uns cinco metros, mais ou menos. Não havia possibilidade de pular. O balcão era cercado por uma balaustrada baixa, que o separava do telhado inclinado da varanda. À esquerda, o telhado da varanda era limitado por uma torre, e à direita, dobrava a quina do prédio.

Subindo pela balaustrada, Marissa avançou, pouco a pouco, até a quina. O telhado da varanda terminava cerca de cinco metros mais a frente. A chaminé vinha do terceiro andar, mas ficava fora de alcance. Virando-se, ela se encaminhou de volta para o balcão. Estava ali, no meio do caminho, quando o carro que ouvira antes entrou na entrada de carros de Ralph.

Marissa ficou imóvel no telhado inclinado. Ela sabia que estava bem à vista de qualquer um que subisse pela entrada de carros e resolvesse olhar para cima. As luzes do carro brincaram entre as árvores, depois alcançaram a frente da casa, banhando-a de luz, antes que o carro parasse junto às escadas da frente. Ouviu as portas sendo abertas e diversas vozes. Não estavam alteradas; aparentemente, ninguém a vira esparramada sobre o telhado. Ralph

atendeu à porta. Houve mais conversação, e então as vozes desapareceram para dentro da casa.

Marissa fugiu pelo telhado e desceu a balaustrada de volta ao balcão. Meteu-se no quarto de hóspedes e abriu, com facilidade, a porta que dava para o corredor. Caminhando por ele, podia ouvir a voz de Ralph, embora não compreendesse o que estava dizendo. O mais silenciosamente possível, dirigiu-se às escadas dos fundos.

A luz do vestíbulo não iluminava além do segundo cômodo no corredor, e Marissa teve que se virar, passando as mãos pelas paredes. Passou por vários quartos escuros, antes de dobrar uma última quina e ver a luz da cozinha brilhando lá embaixo.

No topo da escada, ela hesitou. Os ruídos da velha casa a estavam confundindo. Ainda ouvia vozes, mas também passos. O problema era que não conseguia dizer de onde eles vinham. Neste instante, avistou uma mão no pilar que sustentava os degraus da escada em caracol.

Ela recuou para cima da escada e chegou à metade do caminho para o terceiro andar, em segundos. Um dos degraus rangeu sob seu pé e ela hesitou, com o coração na mão, escutando a aproximação inexorável de quem subia. Quando a pessoa alcançou o corredor e virou-se em direção à frente da casa, ela respirou novamente.

Marissa continuou subindo as escadas, encolhendo-se a cada ruído. A porta dos aposentos dos empregados, no alto, estava fechada, mas não trancada.

O mais silenciosamente possível, ela passou pela escura sala de estar e pelo quarto que supunha dar para a escada de incêndio.

Após lutar para conseguir erguer a janela, escalou a fina grade de metal. Como jamais gostara de altura teve que reunir toda a sua coragem para ficar ereta. Hesitantemente, começou a descer, dando passos vagarosos, começando com o pé direito. Quando chegou ao segundo andar, ouviu vozes alteradas dentro da casa e o barulho de portas sendo abertas e fechadas com violência. As luzes começaram

a ser acesas, nos quartos escuros. Já haviam descoberto que ela fugira.

Forçando-se a andar rápido, Marissa dobrou a plataforma do segundo andar e foi detida pelo que parecia ser um enorme emaranhado de metal. Tateando, chegou à conclusão de que o último lance de escadas havia sido puxado para cima, a fim de proteger a casa de assaltantes. Desesperada, tentava imaginar como descê-lo. Não parecia haver qualquer mecanismo de desarme. Então ela notou um grande contrapeso atrás de si.

Cautelosamente, colocou o pé no primeiro degrau. Houve um ranger de metal bastante alto. Sabendo que não tinha escolha, Marissa transferiu todo o seu peso para o degrau. Com um estrondo de despedaçar os nervos, a escada atingiu o chão e ela desceu correndo pelos degraus.

Assim que seus pés tocaram o chão, ela correu desesperada para a garagem. Não havia como os homens dentro da casa terem deixado de ouvir a descida da escada de incêndio. Em seguida, estariam atrás dela. Marissa correu em direção a uma porta lateral da garagem, rezando para que não estivesse trancada. Não estava. Enquanto entrava correndo, ouviu a porta dos fundos da casa sendo aberta. Desesperadamente, penetrou no interior escuro, fechando a porta atrás de si. Virando-se, caminhou para a frente, chocando-se, quase que imediatamente, com o sedan 300 SDL de Ralph. Passando a mão pelo carro à procura da porta, abriu-a e meteu-se atrás do volante. Tateou com a chave, até que esta entrou na ignição, e girou-a. Diversas luzes indicadoras acenderam-se, mas o carro não começou a funcionar. Depois lembrou-se da explicação de Ralph, de que se tinha que esperar até que a luz laranja se apagasse, porque a máquina era movida a diesel. Ela girou a chave na ignição no sentido de desligá-la, depois virou-a até a metade. A luz laranja acendeu e Marissa esperou. Ouviu algo erguendo a porta da

garagem; freneticamente, apertou o botão, trancando todas as quatro portas do carro.

— Vamos com isso! — falou irritada, entre dentes.

A luz laranja finalmente apagou-se. Virou a chave e o carro deu sinal de vida quando ela bombeou gasolina. Alguém deu diversas pancadas fortes no vidro. Ela engrenou marcha à ré e pisou no acelerador. Houve um segundo de demora, antes que o grande carro pulasse para trás, e com tal força que Marissa foi arremessada contra o volante. Abraçou-se a ele, enquanto o carro saía da garagem como um dardo, fazendo com que dois homens se atirassem para os lados, para não serem atingidos.

O carro adernava selvagememente, pela entrada de carros. Marissa apertou o freio quando o carro guinchou fazendo uma curva na frente da casa, mas já era tarde. Ela atingiu o carro de Jackson com a traseira do seu. Engrenando primeira, Marissa pensou que estivesse livre, até que um dos homens, aproveitando-se de sua hesitação momentânea, atirou-se sobre o capô. Marissa acelerou. Os pneus giraram, mas o carro não se moveu. Ela estava presa ao carro de Jackson. Engrenando marcha à ré no Mercedes, depois primeira, ela balançou o carro como se estivesse enterrada na neve. Houve um ruído de metal sendo arranhado; então ela disparou para a frente, atirando fora seu atacante, enquanto adernava pela entrada de carros.

— Esqueça — disse Jake, engatinhando de sob o carro de Jackson e limpando a graxa das mãos. — Ela arreventou com seu radiador. Não há refrigeração; assim, mesmo que você consiga dar a partida, não poderá dirigi-lo.

— Droga! — disse Jackson, saindo do carro. — Aquela mulher tem uma sorte desgraçada! — Ele olhou furioso para Heberling. — Isto provavelmente não teria acontecido se eu tivesse vindo aqui diretamente, em vez de ficar esperando que seus comparsas chegassem ao aeroporto.

— Ah, é? — disse Heberling. — E o que você teria feito? Conversado com ela? Você precisava de Jake e George.

— Vocês podem usar o meu 450 SL — ofereceu Ralph. — Mas ele tem apenas dois lugares.

— Ela está com uma dianteira muito grande — disse George. — Nunca a alcançaríamos.

— Não sei como ela escapou — disse Ralph, desculpando-se. — Eu tinha acabado de colocá-la para dormir. Ela havia tomado dez miligramas de Valium, pelo amor de Deus!

Ralph reparou que ele próprio estava um pouco tonto.

— Tem alguma ideia de aonde ela possa ter ido? — perguntou Jackson.

— Não acho que vá à polícia — disse Ralph. — Está apavorada com todos, principalmente agora. Pode ser que tente o CCD. Ela falou qualquer coisa sobre um pacote que está lá.

Jackson olhou para Heberling. Eles tiveram o mesmo pensamento: a pistola de vacinação.

— Podemos, também, enviar Jake e George — disse Heberling. — Temos quase certeza de que ela não vai para casa. E, depois do que ela fez a Al, os rapazes estão loucos por vingança.

A 15 minutos de distância da casa, Marissa começou a acalmar-se, o bastante para preocupar-se em saber onde estava. Tinha dado tantas voltas ao acaso, para despistar quem quer que a pudesse estar seguindo, que perdera totalmente a noção de direção. Até onde sabia, poderia ter estado dando voltas no mesmo lugar.

À frente, viu luminosos e um posto de gasolina. Marissa parou, abaixando o vidro da janela. Um jovem apareceu, vestindo um boné do time de beisebol Atlanta Braves.

— Você poderia me dizer onde estou? — perguntou Marissa.

— Aqui é um posto Shell — disse o jovem, olhando o estrago no carro de Ralph. Sabia que suas duas lanternas traseiras estão amassadas?

— Não me surpreende — disse Marissa. — E a Emory University. Pode me dizer como chegar lá?

— Dona, a senhora parece que acabou de participar de uma corrida de demolição — disse ele, balançando a cabeça com espanto.

Marissa repetiu a pergunta e finalmente o rapaz lhe forneceu algumas informações vagas.

Dez minutos depois, Marissa passou pelo CCD. O prédio parecia tranquilo e deserto, mas, mesmo assim, não estava bem certa sobre o que fazer ou em quem confiar. Ela preferiria ter ido falar com um bom advogado, mas não tinha a menor ideia de como escolher um. Certamente, McQuinnlin estava fora de questão.

A única pessoa de quem ela podia imaginar aproximar-se, era o dr. Fakkry, da Organização Mundial de Saúde. Ele, sem dúvida, estava fora da conspiração, e, convenientemente, achava-se hospedado no Peachtree Plaza. O problema era se ele acreditaria nela ou se simplesmente iria chamar Dubchek, ou outra pessoa do CCD, colocando-a de volta nas mãos de seus perseguidores.

O medo forçou-a ao que ela pensava ser sua única escolha lógica. Tinha que pegar a pistola de vacinação. Sem esta prova, Marissa duvidava que alguém a levasse a sério. O cartão de admissão de Tad ainda estava em seu poder e, se ele não estivesse envolvido com o PAC, o cartão ainda poderia ser utilizado. Naturalmente, ainda havia a possibilidade da segurança não permitir sua entrada no prédio.

Ousadamente, Marissa dobrou na entrada de carros e parou logo depois da entrada do CCD. Ela queria que o carro estivesse à mão, para o caso de alguém tentar interceptá-la.

Olhando para a porta da frente, viu o guarda sentado à mesa, inclinado sobre um livro de bolso. Quando ele a ouviu chegar, ergueu os olhos, com o rosto sem expressão.

Mordendo o lábio inferior, Marissa entrou decidida, tentando esconder o medo. Apanhou a caneta e rabiscou seu nome no livro de

presenças. Depois olhou para cima, esperando algum comentário, mas o homem permaneceu impassível, olhando fixo para ela.

— O que está lendo? — perguntou Marissa, os nervos fazendo com que ela tagarelasse.

— Camus.

Bom, ela não tinha a intenção de perguntar se era A peste. Dirigiu-se para os elevadores principais, consciente do olhar do guarda pregado em suas costas. Apertou o botão de seu andar, virou-se e olhou para ele. Ainda a estava observando. No momento em que as portas se fecharam, ele agarrou o telefone e discou. Assim que alguém respondeu, disse:

— A dra. Blumenthal acaba de assinar. Subiu pelo elevador.

— Muito bem, Jerome — disse Dubchek. Sua voz estava rouca, como se ele estivesse cansado ou doente. — Estamos indo para aí. Não deixe ninguém mais entrar.

— O senhor é quem manda, dr. Dubchek.

Marissa saiu do elevador e ficou imóvel por alguns minutos, observando os indicadores dos andares. Ambos os elevadores permaneceram onde estavam. O prédio se achava silencioso. Convencida de que não estava sendo seguida, encaminhou-se para as escadas e desceu um andar, correndo, depois pegou a passarela de ferro. No prédio da Virologia, apressou-se pelo comprido corredor, dobrou a curva e deparou com a porta de segurança de aço. Retendo a respiração, inseriu o cartão de Tad e digitou seu número.

Houve uma pausa. Por um instante, ela teve medo de que um alarme soasse. Mas tudo que ouviu foi o ruído do ferrolho destrancando-se. A pesada porta abriu e ela entrou.

Após ligar as chaves, com cuidado, girou a roda da porta estanque, entrou na primeira sala e, em vez de vestir um macacão, passou direto para a sala seguinte. Enquanto lutava para conseguir

vestir um macacão plástico, tentava imaginar onde Tad poderia ter escondido a pistola de vacinação contaminada.

Dubchek dirigia imprudentemente, freando nas curvas somente quando era absolutamente necessário e avançando sinais fechados, Dois homens se haviam juntado a ele; John, no banco da frente, abraçava-se à porta; Mark, atrás, tinha maior dificuldade para evitar de ser jogado de um lado para o outro. As expressões, em todos os três rostos, estavam bem pesadas. Estavam temerosos de que chegassem tarde demais.

— Ali está! — disse George, apontando para a placa que dizia Centro para Controle de Doenças. — E ali está o carro de Ralph! — acrescentou, apontando para o Mercedes, parado na entrada de carros semicircular. — Parece que, finalmente, a sorte está do nosso lado.

Tomando uma decisão, ele parou no estacionamento do Sheraton Motor Inn, do outro lado da rua, e sacou sua Magnum S&W 3 56, verificando se estava carregada. Abriu a porta e saiu, segurando a arma ao lado do corpo. A luz refletiu no cano de aço inoxidável.

— Tem certeza de que quer usar esse canhão? — perguntou Jake. — Isso faz um barulho infernal!

— Gostaria de ter estado com ela na mão, quando a garota estava rodando com você em cima do capô — rebateu George. — Vamos!

Jake deu de ombros e saiu do carro Dando um tapinha na própria cintura, sentiu a coronha de sua Beretta automática. Era uma arma bem mais delicada.

Com o tubo de ar na mão, Marissa apressadamente passou pela última porta, que dava para o laboratório de máxima restrição. Fez conexão no conector múltiplo central e deu uma olhada em volta. A confusão que ajudara a criar, naquela outra noite fatídica, havia sido totalmente desfeita, mas a lembrança do episódio inundou seu pensamento com uma clareza horripilante. Marissa estava tremendo. Tudo o que queria era encontrar seu pacote e sair logo dali. Mas era

mais fácil falar do que fazer. Como em todo laboratório, havia uma profusão de locais onde um pacote daquele tamanho poderia ser escondido.

Marissa começou pela direita, indo e vindo, abrindo portas de armários e puxando gavetas. Estava mais ou menos no meio da sala, quando se deteve. Deveria haver uma maneira melhor. Na ilha central, ela foi até a coifa restritora que Tad considerava sua. Nos armários que ficavam embaixo encontrou garrafas de reagentes, toalhas de papel, sacos plásticos de lixo, caixas de vidros novos e muitos outros suprimentos. Mas não havia pacote algum que parecesse o dela. Estava prestes a se retirar quando olhou através do vidro da coifa restritora propriamente. Atrás do equipamento de Tad, podia vislumbrar, muito mal, o verde-escuro de um saco plástico de lixo.

Ligando o ventilador que ficava sobre a coifa, Marissa ergueu a frente de vidro. Depois, com cuidado para não tocar nas coisas de Tad, ergueu e retirou o saco. Dentro deste estava o embrulho da Federal Express. Para ter certeza, verificou o rótulo. Estava endereçado a Tad, com a caligrafia dela. Marissa pôs o embrulho em um novo saco de lixo, fechando-o cuidadosamente. Depois colocou o saco usado de volta, dentro da coifa restritora, e botou o vidro da frente no lugar. Apressadamente, retirou sua mangueira de ar do conector múltiplo central e partiu para a porta. Era hora de descobrir o dr. Fakkry ou outra pessoa com poder, em quem pudesse confiar.

De pé, sob a chuva de desinfetante fenólico, Marissa tentava ser paciente. Havia um dispositivo automático de tempo, assim ela precisava esperar até que o processo fosse concluído, antes de poder abrir a porta. Uma vez na sala seguinte, lutou para sair de dentro de seu macacão plástico, puxando nervosamente o fecho do zíper. Quando finalmente conseguiu sair, suas roupas estavam ensopadas de suor.

Dubchek deu uma parada brusca bem em frente à entrada do CCD. Os três homens saltaram rápido do carro. Jerome já estava segurando aberta uma das portas de vidro.

Dubchek não parou para fazer perguntas, certo de que o guarda avisaria a eles caso Marissa tivesse saído. Ele correu para o elevador com os outros dois homens e apertou o botão para o laboratório de máxima restrição.

Marissa havia começado a atravessar a passagem de ferro quando a porta que dava para o prédio principal abriu-se e três homens apareceram de repente. Dando meia-volta, ela correu de retorno à Virologia.

— Pare, Marissa! — alguém gritou.

Parecia a voz de Dubchek. Oh, Deus, estaria ele também em seu encalço?

Ela trancou a porta atrás de si e procurou por um local onde se esconder. À direita havia um elevador, à esquerda, um patamar de escada. Não havia tempo para conjecturas. Quando Dubchek conseguiu abrir a porta à força, só teve tempo de ver a luz do elevador apontando para baixo. Marissa já estava no vestíbulo quando os três homens começaram a correr escada abaixo.

Ouvindo que eles estavam aproximando-se, ela sabia que não tinha tempo de diminuir o passo, para evitar chamar a atenção do guarda de segurança. A cabeça deste ergueu-se do livro, bem a tempo de vê-la passar como um raio. Ele levantou-se, mas foi só o que fez, e ela já havia ido quando ele chegou à conclusão de que talvez o dr. Dubchek tivesse querido que ele a parasse à força.

Lá fora, ela tateou à procura das chaves do carro de Ralph, mudando o pacote para a mão esquerda. Ouviu gritos e depois as portas do CCD se escancararam com um estrondo. Abrindo com violência a porta do carro, Marissa começou a entrar no carro. Estava tão concentrada na fuga, que levou um minuto até perceber que o banco do co-piloto estava ocupado. Havia alguém no banco de trás,

também. Mas o pior era a visão de um enorme revólver apontado para ela. Marissa tentou inverter sua direção, mas era como se ela tivesse sido capturada por um fluido pesado e viscoso. Seu corpo não obedecia. Viu a arma erguendo-se em sua direção, mas nada podia fazer. Viu um rosto na meia-luz e ouviu alguém começar a dizer "adeus". Mas a arma disparou com um terrível estrondo e o tempo parou.

Quando Marissa recobrou a consciência, estava deitada em algo macio. Alguém dizia seu nome. Abrindo os olhos vagarosamente, deu-se conta de que havia sido carregada para dentro do CCD e colocada no sofá do vestibulo.

Luzes azuis e vermelhas, piscando, varriam o aposento como se estivessem em uma discoteca punk, cheia de luzes. Parecia haver muitas pessoas entrando e saindo da sala. Era tudo muito confuso. Fechou os olhos novamente, e tentou imaginar o que teria acontecido aos homens com as armas.

— Marissa, você está bem?

Suas pálpebras tremeram, abrindo-se, e ela viu Dubchek debruçado sobre ela, com seus olhos escuros quase negros de medo.

— Marissa — repetiu ele. — Você está bem? Fiquei tão preocupado! Quando você finalmente nos fez perceber o que estava acontecendo, ficamos com medo de que eles tentassem matá-la. Mas você não ficou quieta tempo suficiente para que a encontrássemos.

Marissa estava ainda muito chocada para falar.

— Por favor, diga alguma coisa — implorou Dubchek. — Eles a machucaram?

— Pensei que você fizesse parte de tudo. Parte da conspiração — foi tudo o que ela conseguiu balbuciar.

— Eu temia isto — resmungou Dubchek. — Não que eu não merecesse. Eu estava tão ocupado em proteger o CCD, que simplesmente refutei suas teorias. Mas, acredite-me, não tive nada a ver com o que aconteceu.

Marissa procurou a mão dele.

— Acho que eu também nunca lhe dei muita oportunidade para explicação. Eu estava muito ocupada, infringindo o regulamento.

Um enfermeiro de ambulância chegou até eles.

— A senhora deseja ir para um hospital?

— Quer, Marissa? — perguntou Dubchek.

— Acho que sim, mas creio que estou bem.

Quando outro enfermeiro chegou para ajudar a colocá-la em uma maca, ela disse:

— Quando ouvi o primeiro tiro, pensei que tivesse sido baleada.

— Não, um dos homens do FBI que eu havia alertado é que baleou o sujeito que quase matava você.

Marissa estremeceu. Dubchek caminhou ao lado da maca, enquanto a levavam para a ambulância. Ela estendeu a mão e pegou a mão dele.

Epílogo

Marissa estava desfazendo as malas, após uma férias de duas semanas, tiradas por conta da insistência do dr. Carbonara, quando a campainha tocou. Ela havia acabado de voltar da Virgínia, onde sua família fizera tudo o que podia para mimá-la; até lhe deram um novo cachorrinho, ao qual ela imediatamente chamou de Taffy II.

Enquanto descia as escadas, não conseguia imaginar quem estaria chamando. Não havia dito a ninguém a data exata de seu regresso. Ao abrir a portas ficou surpresa em ver Cyrill Dubchek e um estranho.

— Espero que não se importe de aparecermos assim, mas o dr. Carbonara disse que talvez você estivesse em casa, e o dr. Fakkry, da Organização Mundial de Saúde, queria conhecê-la. Hoje é seu último dia na América. Esta noite ele voa de volta a Genebra.

O estranho deu um passo à frente e inclinou a cabeça. Depois olhou diretamente para Marissa. Seus olhos lembraram a ela os de Dubchek: escuros e suaves.

— Estou profundamente honrado — disse o dr. Fakkry, com um sotaque carregado. — Queria agradecer-lhe pessoalmente o brilhante trabalho de investigação.

— E sem a nossa ajuda — admitiu Dubchek.

— Estou lisonjeada — disse Marissa, sem encontrar o que dizer.

Dubchek pigarreou. Ela achou esta nova falta de confiança atraente. Quando ele não estava provocando sua ira, Marissa tinha

que admitir que ele era realmente bastante bonito.

— Pensamos que você gostaria de saber o que tem acontecido — disse ele. — A imprensa tem dado o mínimo de detalhes possível, mas até mesmo a polícia concorda que você esteja dizendo a verdade.

— Adoraria ouvir tudo — disse Marissa. — Mas, por favor, entrem e sentem-se. Querem beber alguma coisa?

Quando eles estavam acomodados, o dr. Fakkry disse:

— Graças a você, quase todos ligados à conspiração do Ebola foram presos. O homem que você apunhalou em São Francisco delatou o dr. Heberling no instante em que recobrou a consciência, após a cirurgia.

— A polícia acha que ele queria ser mandado para a cadeia, para que você não o pudesse encontrar novamente — disse Dubchek, com uma insinuação de seu velho sorriso sarcástico.

Marissa estremeceu, lembrando-se do horrível episódio de esfaquear o homem no banheiro do Fairmont. Por um instante, a imagem dos olhos azuis e gelados daquele homem a paralisou. Depois, refazendo-se, perguntou o que havia acontecido a Heberling.

— Ele enfrentará um grande júri por delitos múltiplos e assassinato premeditado — disse Dubchek. — O juiz recusou-se a estabelecer fiança, não importa quão elevado fosse o valor, alegando que ele era tão perigoso para a sociedade quanto os criminosos de guerra nazistas.

— E o homem a quem eu atingi com a pistola de vacinação? — Marissa estivera temerosa de formular esta pergunta. Ela não queria ser responsável por matar quem quer que fosse ou por disseminar o Ebola.

— Viverá para enfrentar julgamento. Ele chegou a utilizar o soro a tempo, e produziu efeito, mas foi acometido de um caso grave de

doença do soro. Assim que ele melhorar, também estará pronto para ir para a prisão.

— E os outros membros do PAC? — perguntou Marissa.

— Diversos deles ofereceram-se para apresentar provas públicas — disse Dubchek. — O que está tornando a investigação extremamente fácil. Estamos começando a acreditar que os membros regulares da organização pensavam que estavam apoiando apenas uma campanha de lobby comum.

— E o dr. Tieman? Com toda certeza, ele não me pareceu uma pessoa que estaria envolvida em tal tipo de negócio. Ou, ao menos, sua consciência parecia, verdadeiramente, estar incomodando.

— Seu advogado tem conseguido acordos para uma sentença mais leve em troca de sua cooperação. Quanto ao PAC propriamente dito, o grupo está falido. As famílias das vítimas, quase todas, registraram queixa. Também estão processando os médicos individualmente. Os membros, em sua maioria, estão sendo processados como criminosos. Assim, devem permanecer atrás das grades por um bom tempo, principalmente Jackson.

— Ele e o dr. Heberling seriam... acho que a palavra que vocês usam é "linchados", caso o público colocasse as mãos neles — acrescentou o dr. Fakkry.

— Acho que Ralph também vai ser condenado — disse Marissa, vagarosamente. Ela ainda estava tentando admitir para si mesma o fato de que o homem que ela considerava um protetor havia tentado matá-la.

— Ele foi um dos primeiros a cooperar com a demanda em juízo. Conseguirá alguns recessos, mas duvido que fique solto por muito tempo. Além de sua ligação com o PAC, ele está diretamente implicado nos ataques efetuados contra você.

— Eu sei — suspirou Marissa. — Então, está realmente tudo acabado.

— Agradecemos sua persistência — disse Dubchek. — E a epidemia de Nova York está definitivamente sob controle.

— Graças a Deus — disse ela.

— Então, quando é que você vai voltar ao CCD? perguntou Dubchek. — Já lhe arranjamos uma autorização para a entrada no laboratório de máxima restrição. — Desta vez não havia dúvidas quanto a seu sorriso debochado. — Ninguém suporta mais a ideia de ter você, outra vez, tropeçando em tudo por lá, durante a noite.

Mesmo sem querer, Marissa ficou vermelha.

— Ainda não decidi. Na verdade, estou pensando em voltar à pediatria.

— Voltar a Boston? A fisionomia de Dubchek transformou-se.

— Será uma perda para este campo — disse o dr. Fakkry. — Você se tornou uma heroína epidemiológica internacional.

— Vou pensar mais a respeito — prometeu Marissa. — Mas mesmo que eu realmente volte à pediatria, planejo permanecer em Atlanta. — Ela fez festa em seu novo cachorrinho. Houve uma pausa, depois acrescentou: — Mas eu tenho um pedido.

— Se pudermos lhe ser úteis... — disse o dr. Fakkry.

Marissa negou com a cabeça.

— Somente o Cyrill pode ajudar, neste caso. Quer eu vá retornar à pediatria, quer não, eu estava esperando que ele me convidasse para jantar, novamente.

Dubchek foi pego de surpresa. Depois, rindo da expressão aparvalhada de Fakkry, ele inclinou-se e abraçou Marissa, puxando-a para junto dele.

FIM

Digitalização,
Revisão e Formatação



Luis Antonio Vergara Rojas